



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Vivian Orsi

**Metáforas do universo lexical
português e italiano das zonas
erógenas: ânus, nádegas, pênis,
seios, testículos e vulva**

Vivian Orsi

**Metáforas do universo lexical
português e italiano das zonas
erógenas: ânus, nádegas, pênis,
seios, testículos e vulva**

Tese apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientador: Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia

São José do Rio Preto
2009

Orsi, Vivian.

Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva / Vivian Orsi. - São José do Rio Preto: [s.n.], 2009.
225 f.; 30 cm.

Orientador: Claudia Zavaglia
Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Lexicologia. 2. Lexicografia. 3. Erotismo - Lexicografia. 4. Metáfora. I. Zavaglia, Claudia. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU - 81'373

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
Campus de São José do Rio Preto - UNESP

VIVIAN ORSI

Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva

Tese apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientador: Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia

COMISSÃO JULGADORA

TITULARES

Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia – Orientadora
Professor Assistente Doutor
IBILCE - UNESP - Câmpus São José do Rio Preto – SP

Prof^a. Dr^a. Claudia Maria Xatara
Professor Livre Docente
IBILCE - UNESP - Câmpus São José do Rio Preto – SP

Prof^a. Dr^a. Maria Gloria Cusumano Mazzi
Professor Assistente Doutor
FCL - UNESP - Câmpus Araraquara – SP

Prof^a. Dr^a. Marilei Amadeu Sabino
Professor Assistente Doutor
IBILCE - UNESP - Câmpus São José do Rio Preto – SP

Prof^a. Dr^a. Paola Giustina Baccin
Professor Doutor
FFCLH - USP – São Paulo – SP

SUPLENTE

Prof^a. Dr^a. Araguaia Solange de Souza Roque
Professor Assistente Doutor
IBILCE - UNESP - Câmpus São José do Rio Preto

Prof. Dr. Evandro Silva Martins
Professor Doutor Adjunto 4
ILEEL - UFU – Uberlândia – MG

Prof^a. Dr^a. Giliola Maggio
Professor Doutor MS3
FFCLH - USP – São Paulo – SP

São José do Rio Preto
2009

DEDICATÓRIA

A todos que amo, pelo apoio,
amor e compreensão.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

A todos meus familiares, cujo estímulo e paciência foram indispensáveis para o alcance e êxito deste projeto.

À Prof^a. Dr^a. Claudia Zavaglia, por todas as qualidades que fizeram dela uma querida professora, orientadora, amiga e um exemplo constante de dedicação e competência.

À Prof^a. Dr^a. Maria Gloria Cusumano Mazzi, pelo incentivo e pela generosidade de ter me designado a pessoa certa.

Às Prof^{as}. Dr^{as}. Araguaia, Celeste e Marilei, da área de italiano, pela amizade e apoio constantes.

A todos os integrantes da Banca Examinadora, que, gentilmente, aceitaram o convite para avaliar esta tese.

À Prof^a. Dr^a. Ana Mariza Benedetti, pela orientação na Qualificação Especial.

A todos os professores, colegas e funcionários do Ibilce que me acompanharam durante os últimos anos.

À Capes, pela bolsa de estudos.

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1:	20
1. Estudos do léxico	21
1.1. Dicionário onomasiológico especial bilíngue	26
1.2. Teoria da tradução e proposta de equivalentes	30
Capítulo 2:	35
2. Abordagem sociocultural do léxico erótico-obsceno	36
2.1. Aspectos sociais	36
2.2. Aspectos culturais.....	44
2.3. Preconceito.....	50
2.4. Linguagem proibida.....	55
Capítulo 3:	63
3. Semântica, metáfora e eufemismo	64
3.1. Semântica	64
3.2. Metáforas	70
3.3. Eufemismos.....	75
3.4. Metáforas e eufemismos: olhar sobre o universo lexical erótico-obsceno	78
3.4.1. Análise das metáforas e eufemismos	84
Capítulo 4:	142
4. Dicionário das zonas erógenas.....	143
4.1. Estruturação lexicográfica	143
4.2. Verbetes	149
4.2.1. Campo semântico: ânus	150
4.2.2. Campo semântico: nádegas	151
4.2.3. Campo semântico: pênis	152
4.2.4. Campo semântico: seios.....	153

4.2.5. Campo semântico: testículos	154
4.2.6. Campo semântico: vulva	155
Considerações finais	158
Referências bibliográficas	164
Anexos:	174
<i>Corpus</i> relativo ao pênis em língua portuguesa.....	175
<i>Corpus</i> relativo ao pênis em língua italiana	182
<i>Corpus</i> relativo à vulva em língua portuguesa	186
<i>Corpus</i> relativo à vulva em língua italiana.....	211
<i>Corpus</i> relativo às nádegas em língua portuguesa.....	216
<i>Corpus</i> relativo às nádegas em língua italiana	217
<i>Corpus</i> relativo ao ânus em língua portuguesa.....	218
<i>Corpus</i> relativo ao ânus em língua italiana	220
<i>Corpus</i> relativo aos testículos em língua portuguesa.....	221
<i>Corpus</i> relativo aos testículos em língua italiana	222
<i>Corpus</i> relativo aos seios em língua portuguesa.....	223
<i>Corpus</i> relativo aos seios em língua italiana	224

LISTA DE ABREVIATURAS

s.: substantivo/sostantivo;

m.: masculino/maschile;

f.: feminino/femminile;

dim.: diminutivo;

aum.: aumentativo.

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Sememas relativos ao pênis em língua portuguesa;
- Gráfico 2** – Sememas relativos ao pênis em língua italiana;
- Gráfico 3** – Sememas relativos à vulva em língua portuguesa;
- Gráfico 4** – Sememas relativos à vulva em língua italiana;
- Gráfico 5** – Sememas relativos aos seios em língua portuguesa;
- Gráfico 6** – Sememas relativos aos seios em língua italiana;
- Gráfico 7** – Sememas relativos ao ânus em língua portuguesa;
- Gráfico 8** – Sememas relativos ao ânus em língua italiana;
- Gráfico 9** – Sememas relativos às nádegas em língua portuguesa;
- Gráfico 10** – Sememas relativos às nádegas em língua italiana;
- Gráfico 11** – Sememas relativos aos testículos em língua portuguesa;
- Gráfico 12** – Sememas relativos aos testículos em língua italiana.

RESUMO

A língua em uso numa sociedade é produto de uma cultura e reflete o pensamento de um povo. Desse modo, as unidades léxicas, por meio dos significados atribuídos por um grupo social, determinam um olhar específico do universo e um sistema de valores. Com esse embasamento, nosso trabalho centra sua atenção num tipo de item lexical específico: as unidades lexicais que nominam os órgãos referentes às zonas erógenas, dos quais destacamos o pênis, a vulva, as nádegas, o ânus, os testículos e os seios, em língua italiana e em língua portuguesa, variante brasileira, partindo da análise do *corpus* coletado. Intencionamos demonstrar que para a denominação dos órgãos sexuais do corpo humano tende-se a evitar a terminologia anatômica oficial – relegada a contextos de grande formalidade – e adotar outros itens lexicais em situações informais, que possam denominar as referidas partes do corpo com conotação sexual. Muitas das lexias recolhidas não são aceitas em todos os contextos, mas entre pessoas afeiçoadas, encontra-se um emprego mais intenso e que assinala intimidade. Por essa razão usam-se inúmeros sinônimos que servem para suavizar uma determinada unidade lexical, na tentativa de mascarar preconceitos sociais historicamente construídos. Princípios nossa pesquisa examinando os referidos itens lexicais sob a luz da teoria da metáfora conceitual – pois muitos dos itens empregados têm base metafórica e, na maioria das vezes, eufemística. O produto de nossa pesquisa é a amostragem de um dicionário onomasiológico especial bilíngue, abrangendo o mencionado tipo de unidade lexical estudado. Apresentamos, ainda, dentro dos verbetes quais são os semas (unidades mínimas de significação) presentes nas principais metáforas relativas aos mencionados órgãos. O acréscimo destes se mostra uma inovação em meio ao argumento erótico-obsceno, praticamente inexplorado pelos linguistas. Almeja-se com esta pesquisa poder colaborar para desmistificar alguns preconceitos relacionados ao léxico erótico-obsceno, seu uso e sua criação e estimular reflexões sobre o mesmo, cujo exame das metáforas e dos eufemismos que atuam sobre ele nos permite confirmar a riqueza linguística das línguas, demonstrando qual é o seu posicionamento diante da “língua proibida”, tão habitual, porém muito desprestigiada.

Palavras-chave: metáfora; semântica; sema; léxico erótico-obsceno; lexicografia; lexicologia.

ABSTRACT

The language in use in a society is product of a culture and reflects the way a community thinks. Therefore, the lexical units, through the meanings assigned by a social group, establish a specific look of the universe and a system of values. With this basement, our work centers its attention in a specific lexical type: the lexical units that nominates the organs from the erotic zone, that are the penis, the vulva, the buttocks, the anus, the testicles and the breast, in Italian and Portuguese language, Brazilian variety, by analysing our corpus. We intend to demonstrate that for the denomination of the sexual organs of the human body it usual to avoid the official anatomical terminology – relegated to the contexts of great formality – and to adopt other lexical items during informal situations. Many of the collected items are not accepted in all the contexts, but between known people, they may designate familiarity. Thus, innumerable synonymous are used to alleviate one lexical unit, trying to mask social prejudices historically constructed. We begin our research examining the cited lexical items under the light of the theory of the conceptual metaphor – because many of the employed items have a metaphorical and also euphemistics basis. The product of our research is a special onomasiological bilingual dictionary, enclosing part of the mentioned studied of the lexical type. We introduce also in the entries of it semes (minimal meaning unit) present in the main metaphors related to these organs. The addition of these semes reveals an innovation in the study of the erotical-obscene argument, practically unexplored by the linguists. We intend, with this research, to be able to collaborate to demystify some prejudices related to the erotical-obscene lexicon, its use and its creation and to stimulate reflections of it, whose examination of the metaphors and the euphemisms that act on it allows us to confirm the linguistic wealthy of the languages, demonstrating the conception of the “forbidden language”, so habitual but without prestige.

Keywords: metaphor; semantics; seme; erotic-obscene lexicon; lexicography; lexicology.

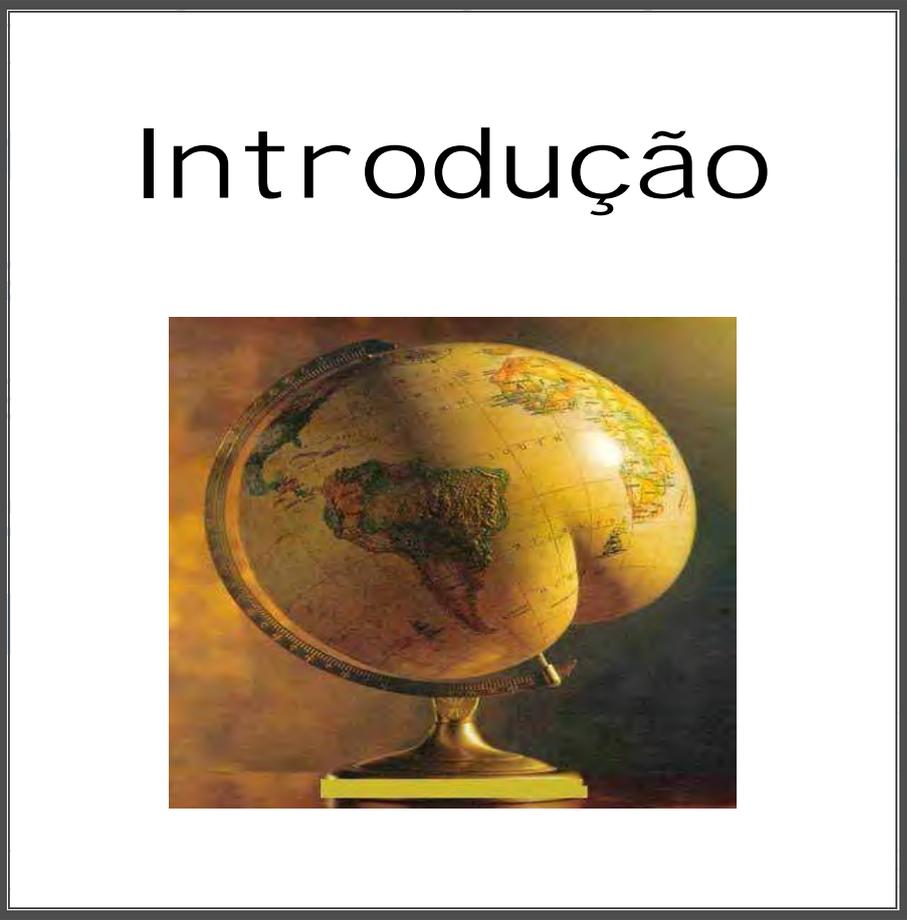
RIASSUNTO

La lingua in uso in una società è prodotta di una cultura e riflette il pensiero di un popolo. In questo modo, le unità lessicali, tramite i significati attribuiti da un gruppo sociale, determinano una visione specifica dell'universo e un suo sistema di valori. Basandoci su questa riflessione, il nostro lavoro centra la sua attenzione su un tipo lessicale specifico: le unità lessicali che nominano gli organi che si riferiscono alle zone erogene, tra i quali, il pene, la vulva, le natiche, l'ano, i testicoli ed i seni, in lingua italiana e in lingua portoghese, varietà brasiliana, partendo dall'analisi del nostro corpus. Intendiamo dimostrare che, per la denominazione degli organi sessuali del corpo umano si usa evitare la terminologia anatomica ufficiale – adoperata in contesti di grande formalità – e adottare altre unità in situazioni confidenziali che possano nominare le parti del corpo con connotazione sessuale. Molte delle lessie prese in considerazione non sono ammesse in tutti i contesti, da altra parte, però, tra persone intime se ne trova un impiego più intenso e pieno di familiarità. Per questa ragione, si usano diversi sinonimi che servono a soavizzare una singola unità lessicale, tentando di nascondere i pregiudizi sociali storicamente costruiti. Abbiamo iniziato la nostra ricerca esaminando i riferiti item lessicali sotto la luce della teoria della metafora concettuale – visto che molti di loro hanno base metaforica e, nella maggior parte delle volte, eufemistica. Il prodotto della nostra ricerca è l'abbozzo di un dizionario onomasiologico speciale bilingue, comprendente il tipo lessicale studiato. Presentiamo l'inserzione, dentro le voci, dei semi (unità significativa minima) presenti nelle principali metafore relative ai suddetti organi. L'aggiunta dei semi dimostra essere un'innovazione tra le ricerche su questo argomento erotico-osceno, quasi inesplorato dai linguisti. Abbiamo, con questa ricerca, di poter collaborare per smitizzare alcuni pregiudizi riferentesi al lessico erotico-osceno, al suo uso e alla sua creazione, e stimolare delle riflessioni sulle metafore e sugli eufemismi, il cui esame ci permette di confermare la ricchezza linguistica di una lingua, dimostrando quale sia il suo concetto riguardo il “linguaggio proibito”, notevolmente adoperato, però, allo stesso tempo, molto screditato.

Parole-chiavi: metafora; semantica; sema; lessico erotico-osceno; lessicografia; lessicologia.

chiappepauoxotapottacazzopompe
merolodefumonascondigliofavipopô
vergabalagandãsnatichebustoxererec

atroiapi
onecule
ofognar
ccherac
rifiziopi
talibunc
nhaastu
biosque



uccell
etagli
osgna
gaglio
ogeni
ombi
itora
stãoc

entrocroacamarteloballebucetaantro
melanciascubernardasederependenti
cabeludaculobisaccebagosfedegosofe
dorentoscrotolenhatopacadeirasforn
ochiappepauoxotapottacazzopompe
lmerolodefumonascondigliofavipopô

Este trabalho centra sua atenção num léxico especial, especificamente nas unidades lexicais que nominam os órgãos das zonas erógenas, em língua italiana e em língua portuguesa, na variante brasileira. Nesse sentido, avançamos nossa pesquisa realizada no Mestrado, com a dissertação *Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano*.

Em nossa dissertação nos dedicamos ao estudo dos itens lexicais referentes aos órgãos sexuais masculino e feminino (pênis e vulva), para os quais elaboramos e apresentamos um vocabulário erótico-obsceno nas direções português-italiano e italiano-português. Constatamos que uma das razões de essa linguagem ainda ser disposta em um estudo de menor importância se deve ao fato de ser entendida como tabu linguístico, ou seja, proibida de ser expressa na grande maioria dos contextos sociais. Nesse nosso trabalho de Mestrado verificamos também a importância da análise das metáforas que atuam na composição dessas unidades lexicais atinentes ao pênis e à vulva. Inferimos, ainda, que a frequência do uso das metáforas na construção dos palavras erótico-obscenos é exacerbada, seja intensificando ou exagerando as unidades mínimas de significação de cada item léxico. Dessa forma, separamos em língua portuguesa e italiana as tipologias metafóricas mais recorrentes dentro do âmbito lexical erótico-obsceno, e ao final expusemos nosso vocabulário especial bilíngue.

Nesta tese, então, buscamos continuar esse caminho por meio da análise do *corpus* coletado e evidenciar quais são os semas presentes nas principais metáforas relativas aos órgãos em estudo, ou seja, ao pênis, à vulva, às nádegas, ao ânus, aos testículos e aos seios, procurando ressaltar que esse léxico revela a cultura do povo que o emprega e sua visão sobre a sexualidade.

O uso frequente da linguagem que se refere a unidades erógenas, por vezes erótico-obscenas, e a grande quantidade de itens lexicais existentes para referir-se aos órgãos acima citados foram nossa motivação para tentar desvendá-la, iniciando a nossa investigação pelas

bases de sua formação – as metáforas – e as limitações morais de seu emprego – os tabus e preconceitos. Para a decodificação desse tipo de léxico torna-se necessário pressupor sempre uma conotação erótica, manifestada quase sempre pelos semas de carga semântica erótico-obscena.

Nosso *corpus* foi levantado a partir das obras de Maior (1980), Almeida (1981), Preti (1984), Mattoso (1990), Vários (1990), Scerbo (1991), Bonistalli (2000), Zanni (2000), Xatara e Oliveira (2002), Bueno (2004), Vários (2005), Tartamella (2006) e de vários *sites* e *blogs* da *internet* – ambiente que constatamos ser o mais adequado para a extração desse tipo de ocorrência, especialmente dos contextos-exemplos, visto que nele prefigura a linguagem oral e descompromissada com o pudor daquele que a manifesta, assim como de quem a consulta, presente em especial nos contos eróticos, em que se usa uma linguagem mais coloquial e popular.

Consideramos importante a possibilidade de esta pesquisa vir a representar uma contribuição ao mercado das obras de referência brasileiras, uma vez que existe carência de estudos nesse formato, especialmente relacionando a língua portuguesa à língua italiana. Para Tartamella (2006, p. 84, tradução nossa)¹, “confrontar os palavrões de línguas diversas (o turpilóquio comparado) é interessante também por outro motivo: serve para compreender se de uma cultura a outra existem elementos constantes (as palavras usadas para o sexo e os excrementos são vulgares em qualquer latitude?) e quais são os modos de ver as mesmas realidades (...)”².

Nesse sentido, lembramos que se aceita consensualmente o argumento que cada sociedade recorta o mundo a sua maneira – o que se tornou evidente depois das reflexões elaboradas por Sapir-Whorf. Por isso, a hipótese que pretendemos demonstrar é de que as

¹Esta é nossa proposta de tradução, assim como todas as demais presentes nesta tese, do texto original.

²“*Confrontare le parolacce di lingue diverse (il turpilóquio comparato) è interessante anche per un altro motivo: serve a capire se da una cultura all'altra vi sono elementi costanti (le parole usate per il sesso e gli escrementi sono volgari a ogni latitudine?) e quali sono i modi di vedere le stesse realtà (...)*” (TARTAMELLA, 2006, p. 84).

metáforas relativas aos nomes dos órgãos sexuais que abordaremos serão diversas entre as sociedades italiana e brasileira, ou seja, as construções metafóricas referentes às denominações da vulva, do pênis, das nádegas, do ânus, dos testículos e dos seios será variada entre as duas sociedades devido ao modo diverso de cada uma enxergar o mundo. E, partindo do princípio de que a intensa recorrência a itens léxicos metafóricos e eufemísticos para designar os órgãos em exame indica repressão sexual – já que há pudor em se usar a terminologia oficial –, almejamos demonstrar qual das sociedades aqui abordadas será mais repressiva, procurando esclarecer o questionamento feito no parágrafo anterior por Tartamella (2006).

Nesta tese pretendemos realizar ainda as seguintes etapas:

1. explicar o que é a linguagem proibida, caracterizando-a;
2. perscrutar os tabus morais que atuam sobre essa linguagem e que ultrapassam a barreira do tempo, da raça e do nível social, examinando seu uso indistinto, com base na Sociolinguística;
3. evidenciar quais são os semas presentes nas principais metáforas relativas aos mencionados órgãos;
4. verificar, como exposto, se as linhas metafóricas referentes aos órgãos selecionados, bem como seus semas, coincidem em língua portuguesa e em língua italiana;
5. propor uma amostragem de organização lexicográfica para fins de elaboração de um dicionário bilíngue desses itens lexicais, em forma de verbetes, na direção português-italiano.

A presente tese estrutura-se como indicamos:

No capítulo primeiro versamos sobre os estudos acerca do léxico, com base nos conceitos e definições trazidos pela Lexicologia, bem como, pela Lexicografia. Oferecemos um panorama geral de ambas, enfatizando que a primeira se direciona ao estudo do que concerne às unidades lexicais e a segunda tende a esclarecer métodos para a construção de dicionários. Ao final de nosso trabalho, como será descrito adiante, oferecemos uma

amostragem do produto de nossas pesquisas: um dicionário onomasiológico bilíngue dos órgãos selecionados. Portanto, é indispensável uma reflexão sobre o que se concebe por onomasiologia, a saber, o percurso em que se apresenta um significado e, posteriormente, a busca por um significante para uma certa unidade léxica. Ainda nesta seção, abordamos temas centrais à nossa proposta de equivalentes, adentrando duas grandes correntes dos estudos de tradução. Apresentamos, ademais, os conceitos de léxico – unidade de uma língua disponível ao uso do falante e, dentro dele, abordamos o léxico especial, atentando à linguagem proibida – aquela que abarca um domínio sobre o qual se receia falar: o léxico referente às zonas erógenas. Para esse capítulo utilizamos os trabalhos de Biderman (1996; 2001), Borba (2003), Picoche (1992) e Preti (1984).

O segundo capítulo é dedicado à abordagem sociocultural desse léxico, assinalando que qualquer lexia é capaz de refletir a cultura daqueles que a usam e fazem parte da construção da cultura de um povo, atuando como mecanismos de identidade. Na primeira seção tratamos dos aspectos sociais em que atua a Sociolinguística, destacando os empregos e usos concretos da língua entre os limites desta e da sociedade. É, pois, no léxico que se manifestam, preponderantemente, as relações de ordem econômica, social e política. Em relação à linguagem proibida, é concebida pelos sociolinguistas como uma variante vulgar, delimitada por contextos informais. Dentro dos aspectos culturais, segunda parte do capítulo 2, definimos cultura como uma lente translúcida por meio da qual o homem enxerga o mundo a sua volta. Assim, para reforçar nossa hipótese, julgamos que indivíduos de culturas diferentes tendem a usar lentes diversas e, logo, apresentarão visões distintas das coisas que o cercam. No entanto, por vezes, o ser humano se depara com barreiras socioculturais que limitam o seu modo de expressão. A essa limitação podemos atribuir o nome de preconceito, ou seja, um tipo de discriminação silenciosa que é transferida de geração a geração. Dentro de nossas pesquisas vemos que o tipo de unidade lexical com o qual trabalhamos é estigmatizado

e o falante que o adota sofre preconceitos. Por isso, opta-se pela substituição e pela expressão indireta, por meio de metáforas e eufemismos. Os autores em que nos fundamentaremos são: Berruto (2005), Braga e Ribeiro (2008), Laraia (2002) e Leite (2008).

Nessa esteira, no capítulo seguinte são investigadas as mudanças lexicais, baseando-nos numa abordagem léxico-semântica. A Semântica Lexical nos auxilia a compreender melhor os dois principais processos linguísticos empregados na composição das lexis obscenas: os eufemismos e as metáforas. Sobre estas versamos nesse terceiro capítulo, nas seções 3.2. e 3.3., assinalando primeiramente que, para a denominação dos órgãos sexuais do corpo humano, tende-se a evitar a terminologia anatômica oficial e recorrer a outras unidades lexicais de base metafórica e também eufemística. Sobre as teorias das metáforas, adotamos como basilar a chamada metáfora conceitual que estabelece que vivemos cotidianamente sob influência das metáforas de nossa cultura. Na seção 3.4. são apresentadas as ponderações sobre as metáforas e eufemismos do universo erótico-obsceno, cujas motivações abordamos e reforçamos a concepção de que as unidades léxicas em estudo não são arbitrárias, o que significa que não foram estipuladas arbitrariamente: os itens de carga semântica erótico-obscena são motivados, por serem metafóricos. Findamos este capítulo com a apresentação das metáforas de cada campo lexical – parte do léxico que apresenta unidades léxicas com algum tipo de relação entre si – dos órgãos separando-as pelos semas preponderantes e explicando-os por meio de exemplos recolhidos do *corpus*. Nesse capítulo recorreremos a Berruto (1979), Guiraud (1975), Berber Sardinha (2007), Lakoff e Johnson (2004) e Scerbo (1991).

No capítulo quarto trazemos como contribuição às pesquisas na área uma amostra do produto de nossa tese: um dicionário com uma nomenclatura baseada no *corpus* a que chegamos, na direção português-italiano, e com uma microestrutura acrescida de semas

manifestados nas metáforas que se apresentam nos itens da entrada. Nossa base será Berruto (1979), Haensch *et al* (1982) e Zavaglia (2003).

A seguir, tecemos as considerações finais com comentários sobre as discussões que nortearam essa tese e esboçamos as possibilidades para trabalhos futuros.

Na seção 6 oferecemos as referências bibliográficas utilizadas nesta pesquisa para embasamento teórico e, em seguida a elas, os Anexos contendo todos os itens lexicais componentes do *corpus* levantado.

Por fim, cabe retomar a reflexão sobre os palavrões feita por Possenti (2008, s/p): “espero que ninguém imagine que propor seu estudo ou debate seja propor sua proliferação, ou impor aos alunos que os digam como lição de casa ou como forma de avaliação (quem disser os mais cabeludos tem nota mais alta...)”. Da mesma forma, não pretendemos neste trabalho fazer uma apologia à linguagem do erotismo e das obscenidades, mas sim trazer contribuições aos estudos linguísticos ao abordar um recorte lexical ainda pouco estudado – mas de acentuada riqueza vocabular e cultural – e versar sobre seu processo de criação, procurando desmistificar os preconceitos que o circundam.

CAPÍTULO 1:

ESTUDOS DO LÉXICO



1. ESTUDOS DO LÉXICO

Perpassamos nas próximas seções as reflexões sobre o léxico, sua compilação em dicionários e a delimitação das unidades lexicais que pesquisamos à linguagem proibida.

A língua é um importante símbolo de identidade de um grupo, na qual os comportamentos linguísticos se refletem, seja na busca de aprovação social ou na ênfase das diferenças. Nela, o léxico é capaz de traduzir as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais, designando o conjunto das unidades por meio das quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam entre si. Sem léxico não haveria língua. Rey (1970) e Biderman (2001) trazem a hipótese de Sapir-Whorf referente à conceituação de mundo presente em cada sociedade, especificando que cabe à língua esta função, e que se reflete notadamente no léxico. Com efeito:

o estudo das relações e das estruturas do léxico é um domínio privilegiado para descobrir as interações entre o sistema formal da língua e a atividade humana que a torna possível, a linguagem. Essa atividade é exercida dentro do tempo, do espaço e da sociedade pelo fenômeno geral que é a comunicação.³ (REY, 1970, p. 149)

Picoche (1992, p. 45) define léxico como “o conjunto de palavras que a língua põe à disposição de seus locutores”.⁴ O inventário sistemático dos itens lexicais de uma língua.

O léxico é o acervo do saber vocabular de um grupo sociolinguístico e cultural; é o lugar em que se deposita toda a informação sobre o mundo condensada em lexias, pois nele se encontram nomenclatura e a interpretação da realidade (BIDERMAN, 1996).

Ressalva-se também o fato de o léxico ser um sistema aberto, em contínua expansão condicionada pelas mudanças socioculturais, em que novas criações são cotidianamente

³“*l'étude des relations et des structures du lexique est un domaine privilégié pour découvrir les interactions entre le système formel de la langue et l'activité humaine qui la rend possible, le langage. Cette activité s'exerce dans le temps, l'espace et la société, par le phénomène général qu'est la communication*” (REY, 1970, p. 149).

⁴“*l'ensemble des mots qu'une langue met à la disposition des locuteurs*” (PICOCHÉ, 1992, p. 45).

adicionadas a ele, outras esquecidas e ainda, aos poucos, marginalizadas. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados outros itens lexicais, que voltam à circulação. “Enfim, novos vocábulos ou novas significações de vocábulos já existentes surgem para enriquecer o Léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 179).

Como a língua está em perpétuo movimento, seu caráter de inacabado e de devir está sempre presente, sobretudo no léxico, visto que essa é a parte do sistema linguístico mais suscetível a mudanças por constituir um conjunto aberto. As combinatórias lexicais discursivas podem deixar de ser meras combinatórias frequentes de unidades léxicas para se converterem em novas unidades do léxico da língua. Assim, tudo se passa na língua e no vocabulário como numa pista de corrida – muitos corredores já ultrapassaram a barreira de chegada, outros estão se aproximando dela e outros vêm chegando de mais longe (BIDERMAN, 1999, p. 96).

No tocante à estruturação do léxico, expomos o que nos apresenta Borba:

Do ponto de vista da estrutura mórfica, há lexias simples e complexas. São lexias simples as lexias formadas por uma única forma livre [cara, porto, vento] e complexas as que combinam mais de uma forma livre [porta-luvas, mal-me-quer, joão-de-barro] ou uma forma livre e uma ou mais de uma forma presa [desconsolo, incontrolável]. (BORBA, 2003, p. 22)

Desse modo, os lexemas que aparecem no discurso são denominados de lexias. As simples são unidades grafadas com um único segmento, as complexas, ao contrário, realizam-se em mais de um segmento.

As reflexões sobre a linguagem e sobre as línguas, desde o século XIX, segundo Rey (1970), são fundamentalmente lexicológicas, ou seja, abrangem os questionamentos acerca do léxico.

A Lexicologia atenta-se à totalidade do signo linguístico proveniente das reflexões de Saussure (2006), ou seja, ocupa-se do estudo do significante e do significado conjuntamente. Rey (1970) resgata que a Linguística Clássica confundia os estudos lexicológicos com os semânticos. A Linguística Moderna, ao contrário, traz como ensinamento fundamental, além

da consideração da língua como sendo um sistema, o de que a Lexicologia compõe o plano funcional da língua, destacando que a significação, objeto da Semântica, não é característica exclusiva do léxico.

O estudo lexicológico assim como o lexicográfico – a ser perscrutado adiante –, interessam-se, dessa maneira, pelo estudo do que concerne às palavras, numa expressão mais popular e leiga.

Mister se faz lembrar a problemática teórica existente sobre como definir “palavra”. A noção de palavra para os linguistas ainda não se fixou, o que parece estranho a um falante, visto que desde criança já sabe isolá-la e identificá-la. Isto é, o falante já dispõe, dentro de sua consciência linguística, de um conceito, para si, do que seja uma palavra. Conforme Picoche (1992), a palavra se caracteriza por ser uma abstração, sem a qual a linguagem não retrata seu todo. Haensch *et al* (1982) afirmam que já há algum tempo procuram-se definições distintas para “palavra”, mas que nenhuma se mostrou ainda eficaz e satisfatória. Recuperamos de Rey (1970) a distinção entre vocábulo e palavra, muito pertinente a nosso trabalho. O primeiro seria uma unidade do léxico, e palavra, uma unidade do texto. Logo, no dicionário o que se encontra é um vocábulo. Entretanto, ambos ainda não dispõem de uma definição bem fundamentada, como visto anteriormente.

Comumente, no lugar de palavra usa-se “lexema” para fazer referência à unidade léxica abstrata de uma língua, que aparece no discurso de forma fixa ou variável, sem existência real (PICOCHÉ, 1992). De acordo com Coseriu (1967 *apud* GECKELER, 1976), “lexema” é qualquer unidade de uma certa língua em que se leva em consideração o conteúdo. Desse modo, nesta tese usaremos “item léxico”, “item lexical”, “unidade lexical”, “unidade léxica”, “lexia” e “lexema” como sinônimos, apenas com o propósito de não sermos demasiadamente repetitivos, sabendo da dificuldade e da imprecisão de algumas de suas significações.

Ressalta-se, oportunamente, a diferença entre Lexicologia e Terminologia. A primeira – elucidada acima – dedica-se ao estudo do “léxico”; a segunda, por sua vez, ocupa-se dos “termos”, unidades léxicas próprias de um campo de especialidade (como a física, química, antropologia etc.) ou de uma área profissional. Termos são o conjunto de signos linguísticos que compõe uma linguagem especializada, ou seja, restrita a alguns falantes (CABRÉ, 1999). A Terminologia não almeja oferecer explicações dos conhecimentos que os especialistas possuem sobre determinado signo, mas apenas identificar aqueles que são empregados em uma atividade profissional especializada, visando exclusivamente a sua denominação e prescindindo de considerações acerca de questões morfológicas e sintáticas, como ocorre na Lexicologia. Na Terminologia, o termo pode ser abordado independente de sua expressão, privilegiando-se o estudo do conceito. Em Lexicologia, significado (conceito) e significante (expressão) são indissociáveis, seguindo, então, o modelo de signo proposto por Saussure (2006). Com base na pregressa explanação, o léxico erótico-obsceno ao qual nos dedicamos nesta investigação não se insere, em hipótese alguma, dentro dos limites terminológicos, pois não é adotado por uma área de especialidade técnica, própria de uma profissão ou ciência. Salientamos que em nosso trabalho divergimos de todos os usos de “termo” que possam, por ventura, aparecer em citações de alguns autores.

Convém notar, ademais, que dentro do campo dos estudos do léxico, representando uma outra área de estudo da Lexicologia, situa-se a Fraseologia. Os fraseologismos são combinações de unidades léxicas constituídas por mais de dois lexemas, grafados ou não com hífen (BIDERMAN, 2001). A Fraseologia estuda a diversidade de combinações de unidades lexicais, simples ou complexas, que podem ser realizadas também como expressões idiomáticas: combinatórias de unidades léxicas indecomponíveis e cristalizadas em um idioma pela tradição cultural e cujo significado não corresponde à somatória de suas partes (XATARA; RIVA; RIOS, 2002). Dentro de nossa análise, referente à vulva, temos em língua

portuguesa, por exemplo: “fábrica de pomarola”; “porta que nunca fecha”; em língua italiana, “*bistecca col pelo*”; “*sfora creaturi*”. Para o pênis recolhemos: “instrumento de fazer nenêm”; “papaterra” – em português; e “*bastoncino di zucchero*”; “*tronchetto della felicità*”; etc. – em italiano (ZAVAGLIA; ORSI, 2008). Os fraseologismos ou locuções fraseológicas indicam uma riqueza linguística essencial.

Percorramos, nesse momento, o estudo lexicográfico, dedicado à descrição do léxico de uma ou mais línguas, com o escopo de produzir obras de referência, em especial, dicionários.

A Lexicografia originou-se da necessidade de explicar o que as palavras significam e de preservar o uso de línguas ameaçadas de extinção. Os dicionários e vocabulários especializados, abordando a agricultura, a farmácia, a arte militar, o comércio, etc., só surgiram na Idade Média e tiveram seu auge no século XIX. As tarefas atribuídas à Lexicografia se tornam mais fáceis de serem realizadas se forem considerados os aspectos lexicológicos que atuam junto dela, complementando-a. Para estudarmos a Lexicografia, portanto, não podemos perder de vista as contribuições da Lexicologia, uma vez que o dicionário é um instrumento que remete à língua e à cultura.

Para Rey (1970) é a técnica dos dicionários que tem como objeto as unidades lexicais e se destina à apresentação dos itens em uma ordem conveniente. Em síntese, esse seria o papel da Lexicografia: coletar unidades lexicais que possam formar um dicionário seguindo uma ordem pré-determinada e descrevê-las. Segundo Biderman (1984), é a ciência que descreve o léxico e é responsável por fornecer as bases para a elaboração de dicionários.

Fazemos no momento uma pequena digressão para comentar que, hodiernamente, manifesta-se entre pesquisadores e estudiosos da área o questionamento sobre a permissão ou proibição da entrada de unidades léxicas erótico-obsenas em dicionários. A ausência de tais itens é o que se tem verificado em obras publicadas em língua portuguesa. Desde o primeiro

dicionário escrito nesse idioma, publicado entre 1712 e 1728 por Rafael Bluteau, vemos definições eufemísticas para suavizar lexias consideradas obscenas e vulgares. Segundo Silvestre (2003), Bluteau classifica os referidos itens como chulos e cujo uso seria impróprio para um homem da corte, da sociedade mais abastada e culta. Acreditamos que a decisão de incluir esse tipo de unidade lexical num dicionário ou excluí-lo depende dos objetivos a que a obra se propõe. Se o dicionário é concebido como uma obra descritiva, cremos que devam ser registradas *todas* as palavras que tenham uso frequente e generalizado, ainda que existam pudor e juízos sociais contrários ao seu emprego.

1.1. DICIONÁRIO ONOMASIOLÓGICO ESPECIAL BILÍNGUE

Neste trabalho, optamos por apresentar um esboço de um possível dicionário onomasiológico especial bilíngue em que ocorrem exclusivamente unidades lexicais referentes aos nomes atribuídos à vulva, ao pênis, às nádegas, ao ânus, aos testículos e aos seios em língua portuguesa e italiana.

Em relação à arquitetura de nosso dicionário, podemos classificá-lo como onomasiológico por ser organizado por conceitos.

A definição de onomasiologia proposta por Bertoldi (1935 *apud* BABINI, 2006) é de que se refere a um aspecto específico da pesquisa linguística, partindo de uma certa ideia e analisando as formas com que encontrou expressão. Parte-se, assim, dos conceitos relativos a um determinado assunto – em nosso caso as denominações dadas aos órgãos elencados anteriormente – indicando os significantes que a eles correspondem. “A ideia fundamental da ordenação onomasiológica é a de se interessar pelas associações que existem entre conteúdos, seja do ponto de vista da língua, seja do das coisas” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 165).⁵

De acordo com Riva (2009, p. 64),

⁵“La idea fundamental de la agrupación onomasiológica es la de tener en cuenta las asociaciones que existen entre contenidos, tanto desde el punto de vista de la lengua como desde el de las cosas” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 165).

ao longo da evolução da Lexicologia e da elaboração de obras lexicográficas, a onomasiologia era comumente questionada (e muitas vezes deixada de lado) porque se supunha que os dicionários onomasiológicos (analógicos, ideológicos) não apresentavam a objetividade dos dicionários semasiológicos, organizados em uma estrutura alfabética. Defendia-se que na onomasiologia havia certa “abstração”, uma subjetividade idiossincrática, na classificação extralinguística e tais críticas negligenciavam as vantagens epistemológicas de uma obra organizada onomasiologicamente (por temas, campos semânticos, conceitos), que, de certa forma, nos incita a uma análise linguística mais profunda da língua.

Também para Vilela (1995) a lexicografia é naturalmente uma atividade semasiológica, isto é, que parte de uma palavra, para perscrutar depois seu significado. Expressar ainda que essa ciência tem como escopo mais relevante auxiliar leitores na interpretação e na produção de textos.

Acreditamos, no entanto, que a atividade lexicográfica não se restringe à semasiologia, ou seja, não se limita à indicação significante-conteúdo. Ela pode também adotar a onomasiologia, a qual traz vantagens porque permite que se agrupem unidades lexicais que compartilham a mesma base metafórica e que se referem a um mesmo campo semântico.

Conforme Babini (2006, p. 39),

o problema que um dicionário onomasiológico deve resolver é exatamente o inverso daquele de um dicionário semasiológico: dada uma ideia (noção ou conceito), deve-se encontrar a unidade lexical ou o termo que a exprima. Em um dicionário semasiológico, o ponto de partida é o significante de um termo ou palavra; em um dicionário onomasiológico o ponto de partida é o significado.

Dentre as diversas reflexões que abarcaram a onomasiologia, resgatamos a que se baseia no triângulo de Ogden e Richards (1972), cuja teoria nos permite compreender a interdependência entre a semasiologia e a onomasiologia: a primeira realiza um percurso que principia no símbolo (significante) e alcança o pensamento (significado), já a segunda, parte do pensamento (significado) para chegar ao símbolo (significante).

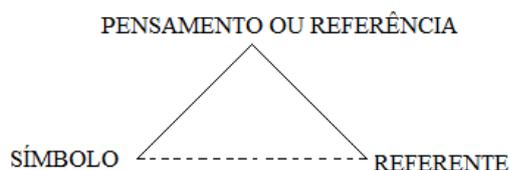


Fig. 1 – Triângulo de Ogden e Richards (OGDEN; RICHARDS, 1972, p. 32).

Consideramos outrossim, em consoância com Riva (2009, p. 62), que,

para nós, a teoria dos triângulos é pertinente porque nos permite compreender, principalmente, a interdependência existente entre a semasiologia e a onomasiologia: a significação, que parte da “forma” (“nome”) para chegar ao “conceito”, e à “designação”, que parte do “conceito” para chegar à “forma” (“nome”).

Além disso, a estrutura onomasiológica, ao contrário da semasiológica, que se funda na polissemia, baseia-se preponderantemente nas relações sinonímicas, pois assume o ponto de vista de quem fala. A semasiologia, por outra senda, dá primazia à perspectiva do ouvinte, do interlocutor, o qual deve discriminar, diante de todas as significações possíveis que se apresentam de uma unidade lexical, aquela que responde à sua dúvida.

Em nossa tese, portanto, a amostragem dos verbetes se estrutura onomasiologicamente porque, em primeiro lugar, apresentamos o campo semântico dos nomes oficiais dos órgãos das zonas erógenas, o que equivale ao pensamento (significado), e, em segundo lugar, oferecemos os diversos itens léxicos que podem fazer referência ao nome do órgão em destaque, o que vem a ser o símbolo (significante).

Já em relação à adoção do nome “especial” em nosso dicionário, deve-se à concepção de que, conforme Boutin-Quesnel *et al* (1985 *apud* ZAVAGLIA, 2006), é aquele que descreve itens léxicos selecionados por suas características.

Segundo Xatara (2001), entende-se por “dicionários especiais” as obras de referência cujas unidades lexicais descritas são selecionadas com base em suas características específicas e provindas de todo o repertório lexical de uma língua. Neles recorre-se a uma sinonímia interlinguística e, dessa forma, cria-se um material lexicográfico rico e pormenorizado, por ser mais preciso que um dicionário da língua geral.

O que equivale a dizer que é especial o dicionário que apresenta um recorte dos lexemas de uma língua, ou seja, unidades lexicais específicas de um campo – que em nossa pesquisa se referem ao universo lexical da nomeação dos órgãos atinentes às zonas erógenas.

Acrescentamos que alguns dos itens lexicais do italiano presentes no *corpus* provêm de dialetos da península itálica, variedades linguísticas que convivem com a italiana no mesmo território e que se alteram regionalmente. No mais, notamos que em nosso *corpus* de língua portuguesa aparecem unidades lexicais provenientes de outras línguas, como do inglês e do próprio italiano, os chamados estrangeirismos. “Os estrangeirismos penetram na língua em ondas, cuja intensidade varia no tempo e em grau, segundo os tipos de contato que uma comunidade tem com outra” (BORBA, 2003, p. 121). Vejamos alguns exemplos desses estrangeirismos presentes em nossos palavrões recolhidos em língua portuguesa: “*braciola*” e “*cazzo*”, para o órgão masculino; “*black hole*” e “*fica*” para o feminino.

Além do tipo de organização de uma obra lexicográfica, podemos elencar outras etapas para elaboração de um dicionário: i) a seleção e escolha das entradas, tentando recolher o máximo de unidades possíveis e que ocorrem efetivamente nos discursos; ii) o público a quem se direciona, se para um especialista da área, para um consultor leigo, ou para ambos, e iii) a extensão do dicionário, o qual deve formar sempre um conjunto equilibrado e em conformidade com os objetivos a que se propõe.

Num dicionário bilíngue usual, o escopo preliminar é o de auxiliar os consultores a entender um enunciado ou ajudá-lo a produzir um outro. Em nosso modelo de dicionário, no

entanto, não consideramos profícuo dar indicações sobre a pronúncia, restringindo-nos ao oferecimento de uma acepção, exemplos e à classe gramatical a que pertence tal unidade do léxico, com o intuito de auxiliar nos processos tradutórios. Destarte, a Lexicografia Bilíngue deve buscar todos os equivalentes possíveis de uma unidade da língua de destino, com suas acepções, usos e colocações que a eles corresponde a unidade na língua de partida.

1.2. TEORIA DA TRADUÇÃO E PROPOSTA DE EQUIVALENTES

“Os dicionários dão definições através de palavras ou frases que, segundo nos é dado a entender, têm um significado ‘idêntico’, se bem que o problema da identidade seja um ponto a que não poderemos fugir” (PALMER, 1979, p. 14). Com base nessa declaração – de que não se pode fugir do problema das correspondências entre unidades léxicas de línguas distintas – iniciamos nosso estudo acerca das possibilidades de tradução dentro de nosso dicionário.

Para a presente pesquisa, baseamo-nos em duas correntes dos estudos em tradução: a abordagem da modernidade e a da pós-modernidade. Destarte, faremos, a seguir, uma sucinta apresentação de alguns dos principais conceitos das duas orientações, atendo-nos, mais especificamente, às noções de equivalência.

Começamos com a vertente da *modernidade*, na qual se crê em significados estáveis e na possibilidade de poder serem transportáveis de uma língua à outra. “A meta é evitar que ocorram perdas, danos, e estragos ao conteúdo transportado. O transporte [...] tem de ser conduzido de forma suave, carinhosa e sem violência” (RAJAGOPALAN, 2000, p. 124). O tradutor é um transportador de significados, neutro. A tradução é tanto melhor quanto menos se percebe a presença do tradutor. Nessa vertente, não há grandes teorizações sobre o processo tradutório, acreditando-se que todos os tipos de textos poderiam ser traduzidos. A tradução é uma tentativa de se igualar ao texto de partida, é reprodução, espelhamento de significados equivalentes aos do texto original. Segundo Rodrigues (2000a), a noção clássica

de equivalência pressupõe a preservação de conteúdos ainda que em contextos diversos e a existência de dois sistemas linguísticos diferentes que conservam elementos aos quais se podem conferir os mesmos valores. A crença na possibilidade de equivalência provém da concepção de língua como sistema de regras objetivas, em que os signos e os valores já estão determinados. Pensa-se num significado fixo, na simetria entre línguas.

Nessa antiga tradição, um significado está embutido na consciência do ouvinte e do falante, motivo pelo qual poderia ser resgatado sem dificuldades. E ainda:

Tradicionalmente concebe-se a tradução como a transmissão do mesmo sentido ou da mesma forma de um original em uma outra língua. Espera-se que uma tradução reproduza os valores do original em uma troca com equilíbrio, ou seja, que traga em uma segunda língua, equivalentes em sentido ou em forma dos presentes em uma primeira língua. (RODRIGUES, 2000b, p. 91)

E é essa a noção de equivalência que prevalece nos estudos da modernidade.

A tradição da pós-modernidade, no entanto, descarta todas as possibilidades acima elencadas sobre a tradução. Refuta-se a concepção de intercâmbio perfeito, equilibrado, entre uma língua e sua tradução. É nesse momento em que se instaura a *desconstrução*, proposta por Derrida (1998). Ele realiza, entre outras inúmeras elucubrações, a desconstrução do signo saussuriano. Em poucas palavras, o filósofo francês considera que Saussure se contradiz ao instituir a separação entre significante e significado, mas, ao mesmo tempo, alega que são duas faces de uma mesma moeda. Assim, ambos seriam igualmente importantes. Contudo, ao distanciá-los, Saussure acaba por privilegiar a fala, o significante, relegando o estudo do significado. Entre outras críticas, Derrida observa que essa posição de Saussure levaria a um “significado transcendental”, que poderia ser compreendido independentemente da língua – o que permitiria a equivalência entre palavras de várias línguas. Derrida observa que é a união entre significado e significante que produz sentido.

Ao contrário da modernidade, que busca a perfeita equivalência entre o original e a tradução, na concepção desconstrutivista da pós-modernidade repensa-se essa procura, almejando abordar também o papel do tradutor.

Lima e Siscar (2000) elucidam que a desconstrução não é a lógica da inversão, a negação de uma ordem. Nessa corrente, o tradutor é visto como aquele que reescreve o que traduz. Arrojo (1995, p. 31) reforça que “tradução é, na verdade, uma forma de produção de sentido”.⁶ Isto é, o tradutor deve determinar o significado na relação entre leitor e texto traduzido. A reflexão da pós-modernidade tolhe do tradutor a responsabilidade de transportar significados ou de encontrar correspondentes simétricos entre duas línguas.

Mister se faz ressaltar que, apesar de o tradutor ser mais livre para realizar sua função, não significa que ele tenha plena liberdade para agir, para fornecer qualquer interpretação, nem para se apresentar como autor de um texto. Os significados selecionados pelo tradutor devem se encaixar necessariamente nas convenções de seu tempo e de sua comunidade.

Nessa esteira, é válida a reflexão sobre os valores transmitidos no processo de tradução na pós-modernidade: “o signo não reflete uma cultura, uma sociedade, mas garante seus valores e seus significados” (RODRIGUES, 2000a, p.193).

Enfim, a partir de uma

dessacralização do chamado ‘original’ e dos conceitos tradicionais de autoria e leitura, e da conseqüente aceitação de que traduzir é inevitavelmente interferir e produzir significados, num contexto em que se começam a reavaliar as relações tradicionalmente estabelecidas entre teoria e prática [...] a reflexão sobre tradução sai das margens dos estudos linguísticos, literários e filosóficos [...] e assume um lugar de destaque no pensamento contemporâneo filiado à pós-modernidade. (ARROJO, 1996, p. 62)

Em nossa tese, a tradução está envolvida na apresentação da amostragem dos verbetes de unidades lexicais referentes ao universo erógeno, propondo equivalentes para as unidades

⁶“*translation is in fact a form of meaning production*” (ARROJO, 1995, p. 31).

escolhidas. Diante dessa proposição, temos de assumir uma das correntes acima comentadas. Optamos por fazer uma união de ambas, se assim pudermos considerar. Isso porque acreditamos que adotar apenas uma visão sobre a tradução seria menosprezar o que cada uma tem a oferecer ao nosso entendimento. Ao selecionar as possíveis traduções das unidades lexicais encontradas, mantemos em mente que um dicionário não é capaz de abarcar todo o tema que se propõe suprir e que os significados que possa trazer não são estáveis nem fixos. Xatara, Riva e Rios (2002) relatam que não é possível definir, ao certo, um equivalente em língua estrangeira e nem afirmar que seu uso é idêntico nas línguas estudadas, porém, pode-se estabelecer alguma correspondência entre eles e dicionarizá-los.

As unidades lexicais representam diferentes culturas, assim, o contexto cultural de duas línguas deve ser conhecido no momento da tradução e é necessário empregar equivalentes que sejam os mais próximos possíveis da cultura em questão. “A esfera semântica de uma palavra numa língua não é nunca completamente idêntica à esfera semântica de uma palavra similar em uma outra língua”⁷ (NIDA, 1945 *apud* REY, 1970, p. 266).

Cumprido comentar que as denominações de uma língua frequentemente não dispõem de equivalência exata em outras línguas devido ao fato de se basearem em maneiras distintas de estruturar a experiência do mundo, ou seja, realidades extralinguísticas também interferem na realização de uma tradução.

Defronte ao exposto, acreditamos que “é verdade que não é possível determinar com exatidão qual o significado único e preciso de um determinado texto, nem tampouco identificar um tal significado com a intenção consciente do autor” (BRITTO, 2003, p. 45), assumindo, assim, uma das afirmações da pós-modernidade. Biderman (2001) reforça que não existem unidades léxicas que possam ser consideradas equivalentes totais, isto devido à

⁷“*La sphère sémantique d'un mot dans une langue n'est jamais complètement identique à la sphère sémantique d'un mot similaire dans une autre langue*” (NIDA, 1945, p.194-208 *apud* REY, 1970, p. 266).

riqueza e flexibilidade da língua nos variados usos, sejam eles afetivos, sociais, gíricos ou vulgares, sobretudo traduzindo itens linguísticos com valor conotativo alto, como no caso dos palavrões. Deve-se considerar impossível uma tradução totalmente equivalente. Segundo Fo (2007) a utilização e o peso das vulgaridades mudam de valor e de significado quando se alteram as fronteiras das províncias italianas. Tudo depende das origens culturais e históricas da comunidade envolvida, dos diferentes hábitos, das tradições morais e religiosas. Desta feita, o tradutor precisa estar consciente das perdas que comportará o processo tradutório e deve, por isso, fazer uma análise profunda dos conteúdos para poder escolher o que deverá ser sacrificado.

Sustentamos, contudo, que para a tradução de alguns textos, para fins práticos, só se pode oferecer resultados se forem adotados alguns pressupostos (como o uso ponderado de noções de equivalência), que embora possam não pertencer à realidade, são fundamentais. Ao descrever uma unidade lexical em um dicionário, então, almejamos uma pretensa estabilidade e fixidez de significado, agindo como se as traduções sugeridas fossem equivalentes do original e pudessem substituí-lo.

Afirmamos com Britto (2003, p. 48) que a crítica desconstrutivista nos leva a repensar vários conceitos. Todavia, não se pode descartar alguns deles, por exemplo, os conceitos de significado, de original e de equivalência, que são pressupostos da prática de inúmeras áreas, ainda que sejam problemáticos.

Biderman (2001) confere exatidão ao conceito de tradução que adotamos, constatando que no discurso dos dicionários, caso não existisse essa fictícia possibilidade de equivalência, eles não existiriam.

É com este embasamento acerca da possibilidade de tradução dos itens lexicais erógenos, na passagem da língua italiana para a portuguesa que realizamos nossa pesquisa e a amostragem de nosso dicionário.

CAPÍTULO 2:

ABORDAGEM SOCIOCULTURAL DO LÉXICO ERÓTICO- OBSCENO



2. ABORDAGEM SOCIOCULTURAL DO LÉXICO ERÓTICO-OBSCENO

Para principiarmos nosso estudo a respeito dos aspectos socioculturais do emprego do léxico referente às zonas erógenas, enfatizamos que as línguas humanas são mais do que simples instrumentos de comunicação. Elas são capazes de refletir a cultura daqueles que a usam, mas, além disso, compõem a cultura de um povo: são mecanismos de identidade. “Um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua” (SCHERRE, 2005, p. 10). A língua é, pois, um fenômeno social: pode ser considerada *produto* de uma cultura e também uma *parte* dessa cultura. Ressaltamos que é, outrossim, por meio da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de sua comunidade; ele consegue com ela instruir-se, educar-se e lisonjear. Dentro do âmbito de nossa pesquisa podemos acrescentar que a língua é usada para insultar e para expressar as atitudes, as concepções sexuais e os valores morais de uma determinada sociedade. É oportuno esclarecer que concebemos por comunidade linguística um grupo social que compartilha determinadas características linguísticas (BERRUTO, 2005).

2.1. ASPECTOS SOCIAIS

A linguagem é, segundo Coseriu (1977), um fenômeno social, pois é produzida em sociedade e é determinada socialmente. A língua é, desse modo, um importante símbolo da identidade de um grupo, e no comportamento linguístico dessa comunidade se reflete a busca de aprovação social por parte de outros grupos ou a acentuação de diferenças.

Em virtude dessa ponderação, neste capítulo entraremos em contato com a Sociolinguística um campo das ciências da linguagem que se dedica às dimensões sociais da língua e do comportamento linguístico, ou seja, os fenômenos linguísticos que têm relevância ou significado social. A Sociolinguística atua entre os limites da língua e da sociedade, ressaltando os empregos e usos concretos da língua (MOLLICA, 1992). Seu foco compreende os fenômenos linguísticos vistos sob a ótica da dimensão social (BERRUTO, 2005), mas vai

mais adiante: “A Sociolinguística focaliza como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal das línguas, passível de ser descrita e analisada” (MOLLICA, 1992, p. 13-14).

Nas mensagens transmitidas, a língua desempenha um papel preponderante por ser através dela que o contato com o mundo é atualizado, funcionando como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que se insere. Para Leite (2003, p. 28):

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. (...) O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. (LEITE, 2003, p. 28)

Na língua o léxico é o item por excelência capaz de manifestar as relações de ordem econômica, social e política que existem entre as diversas classes sociais, designando o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística se comunicam entre si. Conforme Ortíz Alvarez (2004), o léxico “é reflexo da vida sócio-econômico-cultural desse povo, é resultado da sua história, de seus contatos, da correlação de forças entre os diferentes países numa dada época e, portanto, contém a cristalização de sua vida material e espiritual”. Com efeito:

o estudo das relações e das estruturas do léxico é um domínio privilegiado para descobrir as interações entre o sistema formal da língua e a atividade humana que a torna possível, a linguagem. Essa atividade é exercida dentro do tempo, do espaço e da sociedade pelo fenômeno geral que é a comunicação.⁸ (REY, 1970, p. 149)

⁸*“l'étude des relations et des structures du lexique est un domaine privilégié pour découvrir les interactions entre le système formel de la langue et l'activité humaine qui la rend possible, le langage. Cette activité s'exerce dans le temps, l'espace et la société, par le phénomène général qu'est la communication”* (REY, 1970, p. 149).

O léxico é então um fato social, submetido à sociedade. Desta feita, é mutante, dúctil e está em contínua evolução. O léxico erótico-obsceno relativo aos nomes atribuídos à vulva, ao pênis, às nádegas, ao ânus, aos testículos e aos seios que abordamos aqui se define tanto por seu uso quanto por seu conteúdo, visto que apresenta uma duplicidade de sentidos fornecida pelas metáforas – a serem perscrutadas adiante.

De acordo com alguns estudos sociolinguísticos, esse tipo de item lexical é concebido como uma variante popular, ou melhor, vulgar. Sucintamente, podemos dizer que as variações linguísticas estão divididas entre a *norma culta* e a *norma popular* – culta é aquela de maior prestígio social, isto é, a que se impõe como marca dos falantes com maior grau de escolaridade, e a popular e vulgar, seu inverso. Embora tal afirmação seja de grande valia e ainda muito pertinente, o prestígio das variantes linguísticas depende também do contexto em que são empregadas. Pode-se dizer que “o contrário de prestígio é o estigma, quer dizer, a marca social que pode alcançar as características ou propriedades desagradáveis, não aceitas socialmente e, portanto, submetidas à sanção negativa”⁹ (BERRUTO, 2005, p. 89).

Conforme visto, o léxico é o componente linguístico mais suscetível a variações e transformações, no qual surgem novas palavras a todo momento e outras podem se tornar obsoletas. Nesse processo, em consonância com Preti (2003, p. 55), “(...) vocábulos que se ligam a certos grupos ou atividades específicos, passam a se vulgarizar, entrando para a linguagem comum”. Com efeito, notamos a vulgarização de certos itens léxicos considerados de baixo prestígio social, como as gírias – das quais surgem os mais atualizados palavrões (TARTAMELLA, 2006) – e o léxico obsceno, que podem adentrar na linguagem dos falantes em geral, encaixando-se em outros níveis de prestígio social. Concernente a este último, entendemos uma valoração social positiva, ou seja, a propriedade de ser digna de imitação, por ser positivamente avaliada, na base da alta escala social. O prestígio ou o estigma não são,

⁹“il contrario di prestigio è lo stigma, vale a dire il marchio sociale che può colpire caratteristiche o proprietà sfavorevoli, non accettate socialmente e quindi sottoposte a sanzione negativa” (BERRUTO, 2005, p. 89).

portanto, propriedades objetivas, mas dependem da avaliação de certas características sociais ou pessoais que membros de uma comunidade consideram particularmente desejáveis ou indesejáveis em termos de sucesso, riqueza, imagem ou estilo de vida. Por isso podem ser criadas outras normas linguísticas subjetivas, por meio das quais se estabelecem critérios de aceitabilidade social da linguagem (BERRUTO, 2005).

Nessa esteira, concordamos com o fato de que em certos casos, como o da linguagem proibida, as perspectivas têm-se alterado tão rapidamente que a nossa própria atitude de pesquisador e de falante deve estar preparada para vencer os preconceitos contra os antivalores culturais que esse tipo de unidade lexical representa, devendo admitir uma profunda alteração de seu prestígio e uso nas situações linguísticas da vida contemporânea.

A desmistificação do sexo, ainda que parcial e lenta, refletiu-se no maior emprego da linguagem obscena, em que lexias de baixo prestígio social foram absorvidas, de certa maneira, ao discurso culto e prestigiado, via oral ou escrita pelos meios de comunicação de massa, renunciando que o léxico erótico e os palavrões em geral estão cada dia mais presentes nos recursos afetivos da língua. Eles dispõem hoje de um trânsito relativamente normal e com aceitabilidade social em diálogos do cinema, em filmes e conversas informais.

Deve-se atentar não somente para o contexto histórico-social, que percorre a vida das palavras, mas igualmente à expectativa do falante em relação ao que diz, assim como à do ouvinte.

Vemos, então, que, em certas *situações de comunicação*, vocábulos cultos (ou seja, pertencentes à variante de maior prestígio social) revelam-se de baixo prestígio, são confundidos até com injúrias; enquanto em outras situações, palavras de fundo injurioso são consideradas absolutamente necessárias para a interação e, portanto, revelam-se de maior prestígio na prática social. (PRETI, 2003, p. 66, grifos do autor)

Acerca do afrouxamento das questões morais tem-se que “as diversas aberturas do comportamento social, sobretudo o relaxamento de normas de conduta moral, favorecem a expansão dos chulismos”, como atesta Borba (2003, p. 138).

O item lexical de carga semântica erótico-obscena ou palavrão também é associado a uma afronta, desacato ou ultraje. “O grau de ofensa expresso pelo insulto depende da intimidade das pessoas implicadas, do nível de educação e traquejo social, das circunstâncias em que se dá o discurso” (BORBA, 2003, p. 32). A utilização de palavras obscenas depende do grau de emotividade que se quer comunicar. Para muitos, alguns itens desse léxico perderam a carga semântica insultante que possuíam; constata-se que ainda há preconceito em relação ao emprego do palavrão, contudo, a cada dia em menor escala.

(...) os meios de comunicação de massa (em especial, os jornais) têm rompido com os critérios de aceitabilidade social da linguagem, começando pela própria gíria (presente até nas manchetes) e pelos termos chulos (aliviados de sua carga semântica obscena pela repetição diária na língua oral), o que vem revelar que os redatores de jornal já se afastaram, sob muitos aspectos, das formas puristas que se defasaram e, hoje constituem índice inequívoco de intolerância e reação à liberdade de expressão. (PRETI, 2004, p. 19)

Muitos dos palavrões ou de qualquer item ligado às zonas erógenas não são aceitos em todos os contextos, mas entre amigos, familiares e em relacionamentos amorosos, encontra-se um emprego que assinala intimidade e familiaridade. Ou melhor, em meio à própria família não se adotaria palavrões sem restrições morais se os pais não o permitissem, mas sim entre amigos. Ademais, quando em ambientes íntimos, segundo Tartamella (2006), não há referência, na verdade, a um conteúdo ofensivo de insulto, o palavrão é simplesmente um registro que marca liberdade, além de ser um meio eficaz de despertar a atenção do receptor. O palavrão tende, em função do uso indiscriminado, a perder sua força enfática (PAES, 1996). Por ser o palavrão socialmente condenado, muitos se unem para denunciá-lo, porém,

na vida privada têm uma visão muito diferente de seu uso, ocultando que o empregam em situação de choque físico, por exemplo, quando se bate um dos dedos do pé, segundo Montagu (2001, p. 73). De fato:

O aspecto agressivo e, por consequência, frequentemente ‘purgativo’ da gíria e também da linguagem obscena pode, no entanto, perder-se pelo emprego abusivo. Nesse sentido, certos vocábulos empregados apenas em registro coloquial acabam em determinadas situações por ganhar coloração afetiva e carinhosa. (PRETI, 1984, p. 5)

Para considerarmos um item léxico que aborda as zonas erógenas como sendo um palavrão, isto é, para se estabelecer uma expressão como insulto ou chulismo, devemos refletir, primeiramente, se há ou não a vontade de se constranger alguém e o tipo de entonação empregado, ou seja, com qual inflexão de voz é (ou foi) dita, ou se há (ou houve) simplesmente o desabafo de uma emoção naquela comunicação. São unidades que deixam ruborizadas, escandalizadas ou exaltadas as pessoas que as proferem ou a quem são dirigidas. Os palavrões podem ser definidos também como injúrias, que são, por definição, um atentado a outrem, uma ofensa. Vale frisar que “aquele que lançou uma palavra de injúria em lugar de flechas contra o inimigo foi o fundador da civilização; a palavra é então o substituto do ato e, sob certas condições, o substituto único” (FREUD, 1971, p. 22 *apud* OLIVEIRA, 2002, p. 24).

Concernente à classe social que usa esse léxico, pode-se dizer que o alívio que propicia a verbalização de insatisfações sociais para alguns falantes permite que sejam extrapolados os limites da classe baixa. De acordo com Preti (2003), é fantasioso creditar esse uso às classes econômicas mais baixas. De fato, a apreciação da obscenidade e do erotismo já foi objeto de classes nobres, desde a época dos romanos, com os poetas eróticos latinos. Nos

dias de hoje, a sociedade moderna, com a rápida transformação dos costumes, tem sido mais generosa à liberação desse tipo de unidade léxica.

A linguagem obscena

tornou-se, dentro do novo contexto, um índice relevante da tensão social, dos conflitos de classe. (...) Aliás, a ligação que sempre se fez entre as classes 'baixas' e a linguagem 'baixa' começa hoje a sofrer certas restrições, pois em certos grupos cultos da sociedade moderna esse tipo de linguagem chega a ter prestígio, revelando atitude informal, até certo ponto desejada em determinadas *situações*. (PRETI, 1984, p. 28, grifos do autor).

Concernente à escolaridade, o ambiente em que o falante vive é condição fundamental para a aquisição de novos hábitos linguísticos, independente do grau de aprendizagem. Portanto, ainda que seja intensa a influência do nível de escolaridade, acreditamos, com base em nossas leituras, que há, na verdade, maior predomínio do meio do que dos anos passados diante dos livros e dentro das instituições escolares.

Sobre a faixa etária que faz uso do léxico erógeno podemos ressaltar que há certas preferências pelo emprego de determinadas unidades lexicais pelas crianças, pelos jovens e pelos adultos. Destarte, na conversa de um adulto com uma criança tende a recorrer a determinadas lexicais, menos obscenas; na conversa entre crianças há outras escolhas, também mais pudicas. Em relação às crianças, ressaltamos que há maior pudor concernente ao sexo e a repressão se revela mais claramente, isto pois, de acordo com Foucault (1988, p. 10), “as crianças, sabe-se muito bem, não têm sexo: boa razão para interdité-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado”.

Já entre jovens adolescentes de idades coincidentes prefere-se usar unidades mais obscenas, assim como entre os adultos. “Para os adolescentes ao contrário, os palavrões são um instrumento importante de auto-afirmação, uma maneira de dizer: ‘eu sou diferente de

todos vocês”¹⁰ (TARTAMELLA, 2008, s/p.). O que ocorre é que aprendemos quando se é criança que certas unidades são feias, sujas, de uso indevido.

Em relação ao sexo dos falantes, Paiva (1992, p. 72) apresenta que “a interação entre sexo e idade revela que as diferenças linguísticas entre homens e mulheres são maiores nas faixas etárias mais avançadas. Nas faixas etárias mais jovens, essas diferenças são menos evidentes ou, mesmo, inexistentes”. Há uma maior sensibilidade das mulheres ao emprego de formas de prestígio. Elas são mais conservadoras, enquanto os homens tendem a usar variantes menos valorizadas (BERRUTO, 2005).

Diante disso, saber uma língua, do ponto de vista sociolinguístico, significa não só ter a capacidade de produzir frases gramaticalmente bem formadas, mas também ter condições de usá-las de maneira apropriada às situações; e é claro que usar apropriadamente uma língua é uma habilidade muito complexa, que requer a ativação de muitos complementos (BERRUTO, 2005).

Conforme Gnerre (1985, p. 4), “todo ser humano tem que agir verbalmente de acordo com tais regras, isto é, tem que ‘saber’: a) quando pode falar e quando não pode, b) que tipo de conteúdos referenciais lhe são consentidos, c) que tipo de variante linguística é oportuno que seja usada”. Saber falar ou escrever uma língua implica não só conhecer seu léxico e sua gramática, mas também saber escolher e usar a variedade mais adequada a uma situação específica – a prestigiada ou a estigmatizada –, conhecer as regras de interação, saber quais são as normas da sociedade e da cultura em que se encaixa um certo discurso.

A assertiva acima nos impulsiona a examinar com mais detalhes o que são as normas culturais de uma sociedade. Singremos esse argumento nas reflexões a seguir.

¹⁰“*Per gli adolescenti, invece, le parolacce sono uno strumento importante di autoaffermazione, un modo per dire: ‘Io sono diverso da tutti quanti voi’*” (TARTAMELLA, 2008 s/p.).

2.2. ASPECTOS CULTURAIS

Introduzimos nossos pensamentos acerca do aspecto cultural do emprego de itens léxicos de carga semântica erótico-obscena com a seguinte ponderação:

Mesmo nos situando num ponto de vista teórico, podemos, me parece, afirmar que deve existir qualquer relação entre linguagem e cultura. Ambas levaram milênios para se desenvolver, e esta evolução se desenrolou paralelamente nos espíritos dos homens. [...] No ponto em que nos encontramos, podemos nos limitar aos casos privilegiados nos quais a língua e a cultura evoluíram concomitantemente durante certo tempo, sem intervenção acentuada de fatores externos. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 89)

Segundo Carvalho (2007), conhecer uma cultura seria precisamente conhecer uma língua e descrever uma cultura seria a descrição de uma língua, mas não se pode ao certo precisar se a cultura determina a língua ou se é a língua que determina a cultura. Segundo a tese de Sapir-Whorf há uma existência simultânea entre ambas, de modo que se condicionam mutuamente. Desse modo, a língua seria entendida por sua relação com as práticas discursivas que formam a cultura e cujas práticas, por sua vez, ocorreriam por meio da interação entre indivíduos. A língua projeta sobre o mundo uma sombra, à qual se atribui o nome de *visão de mundo* (BIZZOCCHI, 2007). Em virtude disso, pode-se aferir que cada língua representa uma cultura e, portanto, uma visão particular de mundo.

O mesmo se daria com o processo de socialização: “que só pode ser entendido como fruto da cultura e de sua história, o que significa que varia historicamente dentro da mesma cultura e em culturas diferentes” (CROCHÍK, 2006, p. 13). Isso porque a língua é a expressão da natureza humana, o que equivale a dizer que o homem, ao contrário de outras espécies do planeta, é um ser cultural. “A cultura, a principal característica humana, desenvolveu-se simultaneamente com o equipamento fisiológico do homem” (LARAIA, 2002, p. 66). O

homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. É o herdeiro de um longo processo acumulativo, que exterioriza o conhecimento e a experiência adquiridos por seus antepassados. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Percebe-se que

toda a experiência de um indivíduo é transmitida aos demais, criando assim um interminável processo de acumulação. Assim sendo, a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. (LARAIA, 2002, p. 52)

A noção de cultura suscita abundantes trabalhos, designando as maneiras de viver, sentir e pensar próprias de um grupo social (MATTELART; NEVEU, 2004) ou, por outro lado, num sentido mais estrito, indicando as atividades específicas do ser humano que pressupõem um aprendizado específico e que produzem um acervo de conhecimentos transmissíveis entre gerações (BIZZOCCHI, 1996). A cultura pode ser vista como uma lente através da qual o homem enxerga o mundo. Homens de culturas diferentes tendem a usar lentes diversas e, assim, têm visões distintas das coisas.

Logo, pensamos e compreendemos o mundo segundo as categorias de nossa própria língua. “Pode-se entender o fato de que indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, vestir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças linguísticas, o fato de mais imediata observação empírica” (LARAIA, 2002, p. 68).

O contratempo que surge dessa forma de o homem se estruturar socialmente é o fato de que ele pode se fechar em sua própria visão de mundo e não saber tolerar outras línguas e, conseqüentemente, outras culturas. Ademais, “o costume de discriminar os que são diferentes,

porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade” (LARAIA, 2002, p. 74).

Lane afirma que: “as palavras, através dos significados atribuídos por um grupo social, por uma cultura, determinam uma visão de mundo, um sistema de valores e, conseqüentemente, ações, sentimentos e emoções decorrentes” (LANE, 1985, p. 9). No léxico, esse modo de o homem enxergar o mundo a sua volta é mais evidente. Aclara-se, pois, que léxico e cultura estão intimamente ligados.

As atitudes e os comportamentos sexuais são igualmente representados por certas lexias ou, mais especificamente, pelos sinônimos proferidos. A sexualidade é uma preocupação individual, uma questão que merece uma investigação histórica e sociológica. O sexo, assim como a sexualidade são socialmente construídos e organizados por uma variedade de linguagem que busca dizer o que pode e o que não deve ser expresso, a que chamamos de linguagem proibida. A sexualidade é, pois, produto da linguagem e de um processo cultural.

De acordo com a pesquisa de Braga e Ribeiro (2008) na área de educação sexual – que enriquece e se coaduna perfeitamente com os objetivos de nossa tese –, a relação da linguagem com as atitudes e os comportamentos sexuais na cultura brasileira se verifica pela expressão por meio de unidades lexicais, as quais, por sua vez, poderiam representar a intensidade da repressão sexual nas regiões brasileiras. Os referidos autores fazem uma análise das atitudes e dos comportamentos sexuais a partir dos sinônimos dados à genitália masculina e à feminina.

Braga e Ribeiro (2008) se indagam como se apresenta essa verbalização a partir da revolução sexual dos anos 60 do século XX, procurando decifrar como os itens léxicos empregados como sinônimos dos órgãos em análise expressavam a sexualidade ou as práticas e atitudes sexuais. E questionam o motivo de ser adotado um grande número de sinônimos.

Outro item importante ao qual se atêm os pesquisadores é a percepção do aspecto de irreverência inserido nos sinônimos expressos, marcando uma contradição em relação ao que é considerado oficial.

Também é importante pontuar que não existem sinônimos perfeitos, mas que os sentidos apenas se aproximam, dentro de determinados contextos, ainda mais em se tratando de buscar equivalência entre um vocábulo formal da língua e seus correspondentes na linguagem informal. A sexualidade e o sexo, que tanto foram e ainda são reprimidos, mostram-se, então, também a partir das palavras. Palavras que usamos para designar objetos, ações, pessoas, expressões diversas e, entre elas, as denominações daquilo que consideramos as partes genitais do corpo e algumas práticas sexuais. (BRAGA; RIBEIRO, p. 3, 2008)

Para os autores supracitados, as unidades léxicas atualmente atestam uma forma de comportamento, o qual, em conjunto com a língua, são produtos da educação numa certa cultura. Logo, o uso de lexias diversas para os nomes dados a algumas atitudes e partes do corpo com conotação sexual sempre foi motivo de controvérsias, não somente em relação ao pênis e à vulva estudados pelos autores comentados, mas também aqueles referentes às nádegas, ao ânus, aos testículos e aos seios, examinados por nós nesta tese. A partir do momento em que nascemos, recebemos uma influência social que assinalará nossa maneira de ver o mundo e de estar nele. Com a linguagem aprendemos a dividir o universo em que nos inserimos em categorias. As unidades léxicas denominam as coisas, mas também fazem com que as agrupemos de uma determinada maneira em nosso pensamento. Elas classificam o nosso universo. Entretanto, tal fato depende dos interesses de cada sociedade, que diferem entre si, seja em determinados momentos históricos, contextos sociais, econômicos e culturais.

De fato, as pessoas abandonam um certo tipo de linguagem e escolhem outra, não pelo fato de a primeira soar falsa e a segunda, verdadeira, mas pelo motivo de a primeira parecer inadequada e a segunda mais conveniente, dependendo de sua valoração, que é moldada socialmente. É o que se confirma com os inúmeros sinônimos presentes neste trabalho e na

pesquisa de Braga e Ribeiro (2008): alguns são adequados para certas pessoas e situações, porém, outros inoportunos, ora aceitos publicamente, ora evitados. Sublinhamos que diversas unidades lexicais carregam consigo um juízo de valor concernente a seu uso.

Usar expressões simbólicas, ou melhor, itens lexicais erótico-obscenos para assuntos ou práticas ligadas à sexualidade tende a desordenar e incomodar o que é socialmente desejável, porque ameaçam as normas estabelecidas por uma certa ordem cultural (BRAGA; RIBEIRO, 2008), e dela precisam ser excluídos.

Em conformidade com o que descrevemos em outros momentos deste trabalho, na verdade, existe um temor veemente de adotar certas lexias, seja pelo que possam atrair na memória ou pelo medo da imitação, seja pelo pudor social. Por essa razão, parece haver a necessidade de ser mais prudente e de modificar a linguagem, como garantia de proteção psíquica e até social, para que possa ser mais bem aceita socialmente, como também para interiorizar uma maior tranquilidade. Proferir uma obscenidade pode ser censurado por apresentar algo não recomendável. Em contextos sociais públicos, nem tudo pode ser proferido. Logo, empregar diversos sinônimos referentes aos órgãos que examinamos, torna-se indispensável na proporção em que as pessoas precisam adotar expressões verbais para se manifestarem sobre o tema.

Segundo Ussel (1980 *apud* BRAGA; RIBEIRO, 2008) a presença de diversos sinônimos para nomear as partes genitais ocorria desde a Antiguidade, época em que não seria adequado o emprego da terminologia científica (pênis, glândula, vulva, útero), porém, simplesmente a expressão “órgão da procriação” para os homens e mulheres, o que evidencia a repressão sexual desde os mais remotos períodos.

Hodiernamente, um indício da ainda presente repressão sexual – apesar da revolução ocorrida no século XX e do maior abrandamento das censuras – é especificamente a permanência dos tabus atinentes aos nomes dos órgãos sexuais, mencionados em diversas

seções desta tese. A relutância que incontáveis falantes demonstram em verbalizar itens de caráter sexual, com resistências e desinformação, denotam assim uma repressão sexual.

Embora a sexualidade esteja presente em todas as etapas do desenvolvimento humano, é um argumento quase sempre silenciado. Por um lado, é fonte de prazer e, por outra senda, vem a ser o alvo preponderante de ataques e censuras: “O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como *o segredo*” (FOUCAULT, 1988, p. 36, grifo do autor). A essa necessidade de ocultação e às investidas contra tudo o que se refere à sexualidade atribui-se o nome de repressão sexual. Esse mecanismo é tão antigo quanto a vida humana, mas o estudo do seu sentido, de suas variações no tempo e no espaço é um estudo relativamente novo. De acordo com Chauí (1984), pode-se asseverar que a repressão sexual se vincula a um conjunto de valores, regras estabelecidas histórico-culturalmente para conter a prática da sexualidade, visto que o sexo é concebido pela sociedade ocidental como algo impregnado de perigos. Quanto mais se conseguir ocultar, dissimular e disfarçar o caráter sexual do que está sendo reprimido, mais eficaz é a repressão.

Verifica-se, consoante com o apresentado acima, que uma das características do ser humano é a possibilidade de utilizar-se da linguagem para expressar e comunicar seus pensamentos e suas emoções. No entanto, por vezes, o ser humano esbarra em preconceitos e tabus que limitam ou modificam a sua linguagem. Um argumento recorrente entre os tabus é o sexo. “Parte daquilo que falamos no dia-a-dia é expressão de juízos sexuais e da forma como dada cultura encara a sexualidade” (PEREIRA JR., 2006, p. 4). O estudo da linguagem proibida – nosso objeto – não só permite uma análise da relação entre a língua e o falante, mas também um aprofundamento de ordem sociológica. O seguinte pensamento revela a repressão em relação ao sexo e à sua nomeação: “No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao

que sobra só resta encobrir-se, o decoro das atitudes esconde os corpos, *a decência das palavras limpa os discursos*” (FOUCAULT, 1988, p. 10, grifos nossos).

Diante da citação acima, vemos que entre as lexias tabuizadas encontramos não só o sexo, como também os nomes referentes aos órgãos envolvidos nele. Para desviar-se da unidade condenável torna-se mais fácil substituí-la, expressá-la de forma indireta e metafórica, conforme Coseriu (1977, p. 90). É nessa esteira em que o léxico concernente à vulva, ao pênis, às nádegas, ao ânus, aos testículos e aos seios aparece como manifestação sociocultural em diversas situações. Vulva, por exemplo, é a unidade léxica precisa para nomear o órgão sexual feminino, mas muitos se escandalizam com sua menção pública. Para um linguista não há itens tabus, mas, do ponto de vista sociolinguístico, deve-se admitir que indicam um certo grau de informalidade, como já exposto. Todavia, como pesquisadores da linguagem humana, cremos que deva haver um movimento em nossa cultura de combater o medo ao desconhecido, um esforço contra o preconceito.

Vejamos a seguir a concepção de preconceito e qual sua relação com nosso tema de estudo.

2.3. PRECONCEITO

Conforme se nota do que até agora postulamos, o item lexical é um meio privilegiado de expressão dos seres humanos, na medida em que, por seu intermédio, os impulsos que atravessam o sujeito podem adquirir uma dimensão de civilização (OLIVEIRA, 2002). Dentre os impulsos presentes no homem há dois com os quais também podemos nos defrontar quando examinamos o léxico, em particular o das zonas erógenas: são eles o preconceito e a intolerância, que permeiam quase toda fala e manifestação em que se emprega esse tipo de item lexical e que são, ao mesmo tempo, reflexos sociais e culturais. Vejamos o que está oculto a esse posicionamento.

O preconceito e a intolerância linguísticos revelam o comportamento de um falante diante da linguagem de outro e é, pois, um fato de *atitude linguística*. Como tudo o que diz respeito à linguagem, a atitude linguística não pode apenas ser interpretada como um assunto puramente pertinente ao domínio da língua. Antes de tudo, como sabemos muito bem, a linguagem é social, plena de valores, é axiológica e, por meio dela, consciente ou inconscientemente, o falante mostra a sua ideologia. Por isso, é preciso deixar claro que estudar o preconceito e a intolerância é ir além de fatos e opiniões que dizem respeito à língua e sua realização. (LEITE, 2008, p. 13-14, grifos do autor)

Compreendemos por preconceito a ideia, a opinião ou o sentimento que pode influenciar e levar o indivíduo à intolerância, à atitude de não reconhecer e admitir uma opinião diversa da sua e, por isso, pode vir a reagir com violência ou agressividade em certas situações. A linguagem, por ser um fenômeno multifacetado e, ao mesmo tempo, singular, é expressa de maneira diversa de usuário a usuário e entre circunstâncias diferentes. Não obstante, a atitude dos preconceituosos e dos intolerantes é semelhante e homogênea e desponta para impor o cumprimento de padrões uniformizadores de uma sociedade em detrimento de variáveis importantes, como o respeito pela individualidade de um sujeito. Sua história se resume da seguinte maneira, segundo Crochík:

O preconceito é um fenômeno conhecido há muito tempo, embora seu objeto e o seu conceito tenham variado historicamente. Assim, no passado significava o juízo fundado em experiências e em decisões anteriores, mais à frente coincidia com as verdades inatas ou com a percepção preordenada aos fatos, que possibilitavam o saber. Com o primado da razão e da experiência em conflito com os dogmas religiosos da Idade Média, os preconceitos foram adversários do conhecimento quer científico, quer filosófico, quer moral, sem que a necessidade de pré-conceitos pudesse ser eliminada da busca do conhecimento ou da orientação na vida cotidiana, pois os hábitos são fundamentais para se manter a vida e se adaptar às normas de convívio social. (CROCHÍK, 2006, p. 30-31)

O preconceito é um tipo de discriminação silenciosa e velada que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do outro: “é um *não-gostar*, um achar-feio ou achar-errado um *uso*

(ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou correto”, segundo Leite (2008, p. 24, grifos do autor). O preconceito é, ademais, fruto da ignorância (BAGNO, 2007) pois é um “não-gostar” sem uma explicação convincente e clara do fato rejeitado. A intolerância, por outra vereda, é explícita pois se manifesta por um “*discurso metalinguístico* calcado em dicotomias, em contrários, como, por exemplo, *tradição x modernidade, saber x não-saber* e outras congêneres” (LEITE, 2008, p. 25, grifos do autor).

Para se estudar e entender o preconceito é necessário em alguns momentos recorrer a mais de uma área do saber. Ainda que esse seja um fenômeno também psicológico, o que conduz o indivíduo a ser ou não ser preconceituoso pode estar em seu processo de socialização, em que se baseia sua formação como indivíduo. Assim, o processo de constituição da personalidade de um sujeito está assentado no meio em que vive, ou seja, na sociedade que lhe impõe determinados preceitos. E é a forma como o meio lhe influenciará que será responsável por ele desenvolver ou não preconceitos. “Como o preconceito não é inato, nele está presente a interferência dos processos de socialização, que, como foi dito, obrigam o indivíduo a se modificar para se adaptar” (CROCHÍK, 2006, p. 18).

Portanto, na transmissão da cultura a outras gerações mais jovens, já estão inseridos vários preconceitos: as ideias transmitidas devem ser assumidas como próprias sem que haja disponibilidade de reflexão e sem oportunidade de escolha entre a adesão ou não do que referenciam e criticam. São conjuntos de opiniões e atitudes que vêm afixados a toda mente nascida em sociedade.

Um tipo de preconceito muito comum nas sociedades é o preconceito linguístico, alimentado diariamente em programas televisivos e radiofônicos, em jornais, revistas, livros e manuais que pretendem instituir o que é certo e errado e no qual se inclui o léxico obscuro que pesquisamos.

As variações dentro de uma mesma língua ocorrem com frequência e são para a Sociolinguística fatos normais, mas os preconceitos, como se atesta, infundem-se de forma tão intensa na mentalidade das pessoas, que as atitudes preconceituosas se transformam em complemento do próprio modo de ser e de ver no mundo. Alguns falantes têm a ilusão de que a língua praticada é estável. “Mas são naturais, a todas as línguas, os fenômenos da variação e da mudança, e *as línguas variam e mudam assim como varia e muda a vida do homem na sociedade*”, de acordo com Leite (2008, p. 57). É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. Ocorre quando, por exemplo,

as características da pessoa são estendidas a seus atos ou discurso, mesmo quando a pessoa ou os atos não forem legítimos. Se a pessoa é elegante, bonita ou ‘fala bem’, isto é, de acordo com a norma culta, seus atos e discurso (forma ou conteúdo) podem ser julgados *a priori* como legítimos, bons e verdadeiros, mesmo não o sendo. E, ao contrário, se for deselegante, feia e não dominar a norma culta, tudo o que disser pode ser *a priori* desqualificado, considerado errado e falso, mesmo não o sendo. (LEITE, 2008, p. 27-28)

Em nome da “boa língua” age-se com injustiça social, muitas vezes humilhando um indivíduo pela não aceitação de seu pleno domínio de um sistema de comunicação imposto pela comunidade ao seu redor. A escola e a sociedade comumente fazem associações perversas entre o domínio de determinadas formas linguísticas e elegância ou deselegância; entre domínio de determinadas formas linguísticas e competência ou incompetência; entre domínio de determinadas formas linguísticas e inteligência ou burrice.

Para exemplificar, Leite (2008) sugere algumas situações em que o preconceito linguístico se faz entrever: quando alguém inteligente é considerado “desinteligente” por usar linguagem mais popular ou vulgar; quando se concebe que pessoas pobres não têm assuntos relevantes a tratar ou que elas só o fazem recorrendo a unidades léxicas inapropriadas e que,

ao contrário, pessoas ricas têm o que dizer e nunca fazem uso de itens inadequados. Aquele que usa unidades léxicas erótico-obscuras e palavrões está, quase sempre, inserido entre aqueles que se expressam com léxicas inadequadas, isto é, na norma vulgar. Para Leite (2008, p. 44): “Como é evidente, não são somente as pessoas menos favorecidas economicamente e que exercem profissões menos prestigiadas socialmente que dizem bobagens e coisas engraçadas”.

Não queremos dizer que qualquer manifestação deva ser aceita incondicionalmente. Pensamos como Bagno (2007, p. 129-130, grifos do autor): “Então vale tudo? Não é bem assim. Na verdade, em termos de língua, *tudo vale* alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale? Claro que vale: no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas. E usar palavrão? A mesma coisa”.

Usar bem a língua, seja na modalidade oral ou na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre a *adequabilidade* e a *aceitabilidade*, como é dito a seguir:

É totalmente inadequado, por exemplo, fazer uma palestra num congresso científico usando gíria, expressões marcadamente regionais, palavrões etc. A plateia dificilmente aceitará isso. É claro que se o objetivo do palestrante for precisamente chocar seus ouvintes, aquela linguagem será muito adequada... Não é adequado que um agrônomo se dirija a um lavrador analfabeto usando uma terminologia altamente técnica e especializada, a menos que queira não se fazer entender. Como sempre, tudo vai depender de quem diz o quê, a quem, como, quando, onde, por quê e visando que efeito... (BAGNO, 2007, p. 130-131)

Levar à reflexão é uma das ações contra o preconceito e é o que pretendemos com este trabalho.

Para desviar-se da unidade léxica estigmatizada, relativa aos nomes da vulva, do pênis, das nádegas, do ânus, dos testículos e dos seios, condenáveis em determinados contextos e objeto de preconceito, o falante opta por substituí-la e expressá-la indiretamente por meio de metáforas e eufemismos. Há, assim, a alteração do significado de alguns itens antes usados

sem qualquer caráter sexual. Averiguemos no próximo capítulo como ocorrem essas mudanças e como se formam as metáforas e os eufemismos do tipo de unidade lexical em estudo.

2.4. LINGUAGEM PROIBIDA

O tipo de unidade lexical que selecionamos como objeto de estudo – aquele referente às zonas erógenas – é considerado uma linguagem proibida por abranger um domínio sobre o qual se receia falar e que expressa formas estigmatizadas e de baixo prestígio social.

Abordar um tema tão relegado como o sexo e as unidades lexicais que atuam na nomeação da vulva, do pênis, das nádegas, do ânus, dos testículos e dos seios é, primeiramente um desafio pela ausência de obras que versem sobre esse tipo de linguagem e, em segundo lugar, por conta da sua má reputação social. Entretanto, é um tema interessante e de acentuada riqueza lexical e cultural. O sexo consome a humanidade há milhares de anos, todavia não se sabe ao certo qual é o seu impacto num idioma (PEREIRA JR., 2006).

A sexualidade apresenta um ponto de contato importante com a linguagem: em ambas há a ênfase na relação com o outro. Ela se caracteriza por ser um meio de diálogo, uma linguagem que expressa sentimentos e ações. Resgatemos a visão que se tinha sobre o sexo no mundo antigo:

Os habitantes de Atenas, há cerca de 2500 anos, adoravam ver representações de sexo e nudez. As ruas eram decoradas com estátuas de corpos bem definidos. Nas casas, cenas eróticas enfeitavam vasos. Em procissões, famílias erguiam peças fálicas como se fossem imagens sagradas, cantando hinos recheados de palavrões cabeludos. (LOPES, 2005, p. 73)

Assim apresenta-se o passado ocidental em relação ao tema; era constante no cotidiano das antigas civilizações o assunto *sexo*, sem pudores ou vergonhas. Faziam-se, inclusive, juramentos com as mãos sobre os órgãos genitais – o que assinala o apreço e relevância com

que eram vistos, de acordo com Montagu (2001). Com o passar do tempo, o tema deixou de compor as conversas e manifestações populares, abandonando os diálogos familiares e eruditos. A Idade Média, com a Inquisição, marcou um período de proibições e de abstenções referentes ao sexo. Não se aceitava que fosse abordado tal objeto com naturalidade e sem punições, além de ser considerado pelos médicos maléfico para o organismo (FOUCAULT, 1985).

Devido às interdições em se reportar explicitamente ao sexo e aos órgãos a ele relacionados, recorreu-se à adoção de outros nomes que pudessem disfarçar esse tipo de conteúdos em conversas. Segundo Houaiss (2004), o universo verbal das unidades erógenas, sejam elas eróticas e obscenas ou não, passou a funcionar, desse modo, dentro de certas pressuposições, contextos e direcionamentos específicos dos interlocutores. As lexias recolhidas nessa tese dependem, na maior parte dos casos, exclusivamente dessa pressuposição erótica indicada muitas vezes pela metáfora – abordada adiante – para serem compreendidas. É o que se nota no item “mamões”, o qual, descontextualizado e desprovido de qualquer conjectura sexual, pode indicar apenas um fruto ou, por outra senda, referir-se aos seios. De fato, quando

a pressuposição não é erótica, “máquina-de-fazer-menino” pode nada mais significar do que isso mesmo, máquina que faz bonecos. Quando a pressuposição entre os interlocutores é erótica ou afim, é inequívoca a proposta “quero brincar com a sua ‘máquina-de-fazer-menino’, minha flor” – tudo aí é metáfora, “quero”, “brincar”, “máquina”, “boneco”, “flor” e mesmo “minha”. Rigorosamente falando, para designar o que eruditamente é dito pelo complexo vulva x vagina, só há uma palavra, que tem raízes populares remotas: é *cono*; seu uso se atesta, também, nas origens do francês, *con*, masculino como em português. É a palavra própria em italiano, *conno*. Não sendo de emprego “decente”, desde cedo duas palavras substituíram-nas, são elas vulva e vagina. Vulva ocorre em latim de forma anterior *volva*, presuntivamente conexas com o verbo *volvere*, por isso, “voltada para dentro de si mesma” – o que já era metafórico, embora em português ninguém dê à palavra outro sentido que o de designativo do sexo feminino na sua parte mais ostensiva. (HOUAISS, 2004, s/p)

Não se pode descuidar, no entanto, das circunstâncias contextuais, extralinguísticas, que particularizam o sentido dessas unidades lexicais. Para compreender as prováveis intenções do falante em manifestar determinado significado subentendido, oculto, é necessário que ele e o destinatário compartilhem de pressupostos comuns atinentes ao conteúdo do enunciado. O leitor/ouvinte do discurso erótico-obscoeno – este que expressa, veladamente, uma informação – tem de intervir para entender o significado, preenchendo essa comunicação lacunar. O significado latente é marcado pelo sema do erotismo. Sema é a unidade mínima de significação, concretizada em um semema – ou seja, um feixe de traços semânticos, que são os semas (apresentados nesta tese entre /barras/).

É profícuo evidenciar que se faz comumente a associação do uso da linguagem proibida a falantes menos cultos e com menor grau de estudo. Haensch *et al* (1982) atestam que a classe social mais elevada não usava expressões populares ou vulgares, ficando tal emprego exclusivo à população menos abastada. Todavia, percebe-se atualmente que vocábulos e expressões de baixo prestígio social têm sido absorvidos, de certa maneira, pelo discurso culto e prestigiado, via oral ou escrita pelos meios de comunicação de massa, fato que prenuncia que o léxico relativo às zonas erógenas e os palavrões em geral estão cada dia mais presentes nos recursos afetivos da língua. Tartamella (2006, p. 277) acrescenta que:

os palavrões servem para combater o incômodo dos discursos formais ou a monotonia de posteriores elaborações. Mas refletem também as relações de poder: quem tem poder pode dizer palavrões, porque não corre risco de consequências sociais; e quem não tem poder também, porque não há nada a perder se o fizer.¹¹

Enfatizamos que dentro de nosso corpus encontramos itens que se reportam ora ao aspecto erógeno, porque provoca ou estimula a associação ao sexo; ora ao erótico, ou seja, ao

¹¹“*Le parolacce servono a combattere il disagio dei discorsi formali o la noia di ulteriori elaborazioni. Ma riflettono anche i rapporti di poter: chi ha potere può dire parolacce, perché non rischia conseguenze sociali; e chi non ha potere pure, perché non ha nulla da perdere se lo fa*” (TARTAMELLA, 2006 p. 277).

sexo em si, e ora ao obsceno, que se refere ao que é considerado indecente, imoral, grosseiro ou chulo.

Quando se usa esse léxico, provocam-se, de imediato, duas reações diferentes na sociedade: uma de crítica porque infringe os padrões linguísticos; e outra de curiosidade, visto que qualquer reação às regras sociais em vigor causa surpresa. Em geral, a lexia erógena, ou palavrão, é utilizada pelos falantes para expressar insulto ou para mascarar o nome de algum órgão sexual a fim de evitar a terminologia anatômica oficial. Os palavrões são unidades léxicas disparadas, carregadas de potência proibida, repletas de explosivos: projéteis verbais, de acordo com Montagu (1942 *apud* Tartamella, 2006). Por isso mesmo deixa de ser exclusivo de uma classe social somente. Esse tipo de emprego vocabular é visto também como elemento catártico para aliviar a tensão social, abarcando todos os níveis da comunidade. Hoje, portanto, são menos intensas essas diferenciações entre uso e classe social, mas não ausentes.

Salientamos que em nosso trabalho “palavrão” é aquele item que ultrapassa o limite da considerada boa decência e da moralidade, por isso algumas das lexias referentes ao sexo que pesquisamos também podem ser classificadas como palavrões. De acordo com Bona (2008, p. 21), “podemos, então, definir como palavrão um item que não é aceito pelas convenções sociais, cuja utilização em público é sancionável”.¹² Para Calvino (2009, p. 366), “nos discursos que são feitos atualmente sobre as palavras obscenas, parece-me que se esquece de uma coisa: a tradição de desprezo pelo sexo que expressões populares carregam, por isso as denominações dos órgãos sexuais são usados como insulto”.¹³

No entanto, vemos que essa rejeição aos palavrões não se harmoniza com o seu intenso uso. Em seu dicionário, Maior (1980, p. XIII, grifo do autor) atesta que “o mundo

¹²“Possiamo allora definire come parolaccia un termine che non sia accettato dalle convenienze sociali, il cui utilizzo in pubblico sia socialmente sanzionabile” (BONA, 2008, p. 21).

¹³“nei discorsi sulle parole oscene che si fanno in questi giorni, mi pare che si dimentichi una cosa: la tradizione di disprezzo per il sesso che le espressioni popolari si portano dietro, per cui le denominazioni degli organi genitali sono usate come insulto (...)” (CALVINO, 2009, p. 366).

inteiro diz *palavrão*: homens, mulheres, velhos, moços, crianças, ricos, pobres, em russo, em chinês, em croata, em todos os idiomas”. Assim com o empregava Shakespeare no século XVI, como atesta Fo (2007, s/p.), numa fala de Hamlet sobre o órgão feminino: “dialogando com Ofélia, deitado com ela no palco dos atores, pergunta-lhe: ‘Eu poderia me deitar com o rosto sobre o floresta che você tem no ventre... ou já está reservada?’”.¹⁴

Ademais, segundo Calvino (2009), os palavrões carregam consigo três valores classificados em relação a seu uso. Primeiramente, os palavrões têm força expressiva, dada pela carga semântica que lhes é atribuída. Assim, usados no momento certo são como uma nota musical para criar um determinado efeito na partitura, que é o discurso. Por esta razão, devem ser protegidos, para que numa dada situação eles não corram o risco de perder essa gama expressiva. A segunda classificação engloba o valor denotativo direto, ou melhor, o uso da unidade léxica mais simples para designar um órgão ou um ato quando se pretende falar abertamente sobre aquele mesmo órgão ou sobre aquele mesmo ato, fazendo uso tanto do eufemismo quanto das metáforas. A escolha de uma ou de outra forma, mais ou menos obscena, como se verá mais adiante neste trabalho, depende do ambiente cultural em que o falante e seu interlocutor se inserem. Essa seleção considera principalmente o contexto para intensificar ao máximo o significado, que pode ser conseguida por meio do eufemismo ou do uso do termo científico ou ainda daquele mais popular. O terceiro item da classificação é o valor da situação do discurso no mapa social. Por exemplo, o emprego de um item obsceno em um discurso político indica que não se aceita uma divisão entre linguagem pública e privada, popular e culta, respectivamente.

Um dos motivos de os palavrões ainda serem inseridos num estudo secundário, prescindível e vulgar, como dito acima, deve-se ao fato de serem concebidos como tabus

¹⁴“*Dialogando con Ofelia, sdraiato con lei presso il palco degli attori, le chiede: ‘Potrei distendermi col viso sul boschetto che tieni in grembo... o è già prenotato?’*” (FO, 2007, s/p).

linguísticos. Em consonância com Arango (1991), podemos afirmar que a lexia erógena, além de retratar uma cultura, revela a essência do ser humano. De fato, “nela se expressa, na sua forma mais pura e transparente, sem véus e sem pudores, o misterioso instinto que existe desde a origem da vida” (ARANGO, 1991, p. 162).

Admitimos, portanto, que às palavras atribuem-se valores éticos, os quais só se alteram, no decorrer dos anos, com a mudança de costume da sociedade, e, de certo modo, com a sua evolução. Na linguagem erótico-obscena encontram-se formas que exigem de quem as profere um certo distanciamento, revelando uma visão depreciativa que a concebe como inferior a outras (CALVINO, 2009). Nela avultam unidades léxicas censuradas e condenadas pela sociedade, razão pela qual se transformaram em tabus linguísticos. Sobre esse tema evidenciamos que não estamos habituados à manifestação de sentimentos obscenos, ainda menos, a falar deles usando palavras encaradas como perturbadoras: “Aprendemos que o erotismo pode insinuar-se na linguagem mas não declarar-se abertamente” (ARANGO, 1991, p. 11).

Recordamos que, segundo Augras (1989), o nome “tabu” foi criado pelo navegante inglês James Cook (1728-1779) que, em um relato de viagem à Oceania, registrou o comportamento chamado *Tapu* dos nativos das ilhas Tonga, cuja expressão era empregada para referir-se ao que era sagrado e proibido, ao mesmo tempo. A autora ainda assinala que *Tapu* – que se tornou posteriormente *taboo* em língua inglesa – não designava apenas o aspecto sagrado daquilo a que referia, mas, outrossim, aos dispositivos criados para lidar com esses itens. Vemos, então, que em variados grupos humanos tudo o que se refere à sexualidade é objeto de proibições. O tabu que delimita e determina essa tipologia de unidade lexical caracteriza-se por ser, então, um sistema de superstições relacionado a valores morais. Assim, é algo fruto de proibição e, ao mesmo tempo e por esse motivo, objeto de desejo, ou

seja, é sinônimo de transgressão; estipula o que é autorizado e o que não se permite em determinada sociedade.

O tabu linguístico é decorrente das sanções, restrições e escrúpulos sociais; atua na não permissão ou na interdição de se pronunciar ou dizer certos itens lexicais aos quais se atribui algum poder e que, se violados, poderão trazer perseguições e castigos para quem os emprega. E, por estar em si também o impulso por ultrapassá-los, o homem reverte as imposições e usa os palavrões e outras construções lexicais como forma de expressão de seus sentimentos e meio de subversão das proibições. De acordo com Vaneigem (2004, p. 32), “a proibição incita à transgressão. O que é recalcado suscita o furor da catarse e as astúcias do ressentimento”.

Augras (1989) também destaca que a relação dessas palavras proibidas com a linguagem erótico-obscena está no fato de que,

em todo grupo cultural, há partes do corpo que não se devem sequer nomear. É o caso, entre nós, dos órgãos sexuais, que são designados, ou por jargão médico-científico, ou por palavrões. É que os órgãos sexuais servem para lidar diretamente com o outro, estabelecendo a ligação entre opostos e, por conseguinte, têm de ser objeto de tabus, como tudo aquilo que fomenta um duplo domínio. (AUGRAS, 1989, p. 41)

É notável que nossa cultura ocidental, distanciada do que se considera primitivo e atrasado, mantém essas interdições, seja velada ou declaradamente. Trata-se de proibições atribuídas somente aos povos considerados menos desenvolvidos e ignaros: “Existem, portanto, palavras interditas; sabemos da existência de vocábulos condenados. Descobrimos, assim, nada mais, nada menos que... palavras-tabu no nosso mundo civilizado!” (ARANGO, 1991, p. 12). Há uma suposta intuição liberal relativa ao sexo, atualmente, mas que se debate com a contraditória postura conservadora relativa ao emprego do léxico erótico-obsceno. O seguinte autor justifica nosso objeto de estudo refletindo que, se

é vedado pronunciar uma palavra, se esta é tabu, então qual é o recurso ou processo de que se lança mão para exteriorizar a ideia expressa por ela, uma vez que se faz mister exprimi-la? O recurso empregado são meios indiretos e meios diretos dissimulados, i.e, substitutos que velem de qualquer modo o ser sagrado-proibido. (GUÉRIOS, 1956, p. 20)

Por este motivo recorre-se ao emprego dos itens léxicos presentes, por exemplo, em nosso *corpus*: “A aura de aparente mistério que, para o vulgo, cerca a linguagem sexual culta, no caso da língua portuguesa, consiste, na maioria das vezes, em buscar, no latim inacessível às massas, raramente no grego, a terminologia a partir da qual foram denominados, no geral, os órgãos e as ações humanas” (ARARIPE, 1999, p. 159). Todavia, as classes mais baixas, menos habituadas aos conhecimentos de latim, não se acostumaram aos nomes oferecidos para os órgãos sexuais e usaram de sua criatividade natural para recriá-los. Em função de esses “novos” nomes terem alcançado grande popularidade, o uso se estendeu a outras classes socioeconômicas.

E são a esses substitutos que dedicamos o nosso estudo.

CAPÍTULO 3:

SEMÂNTICA, METÁFORA E EUFEMISMO



3. SEMÂNTICA, METÁFORA E EUFEMISMO

Neste capítulo, selecionamos como primeira reflexão a base semântica de nosso estudo, seguida pela explanação da teoria da metáfora e do eufemismo presentes em nosso *corpus*, cuja análise apresentamos derradeiramente.

3.1. SEMÂNTICA

Para iniciar nosso estudo acerca da Semântica, relembramos, do primeiro capítulo desta tese, algumas breves reflexões sobre a Lexicologia, com base em Berruto (1979), para o qual esta ciência estuda as unidades lexicais de uma língua ou de várias, seja no que tange ao significado ou ao significante, ou seja, o léxico em todos os seus aspectos. Já no que concerne à Lexicografia, quando se deseja conhecer o significado de uma lexia recorre-se, habitualmente, ao dicionário. Para o falante comum, o dicionário é o livro onde se consultam os significados das unidades lexicais que procura. Desse modo, a Lexicografia

é um ponto de partida fundamental para a semântica. Por outro lado, a lexicografia é, também, um ponto de chegada da semântica: para saber o que querem dizer as palavras é preciso do dicionário, porém para elaborar um dicionário que explique bem o significado das palavras deve-se saber como é este significado e como descrevê-lo.¹⁵ (BERRUTO, 1979, p. 80).

Dentro de nossa pesquisa, como já esclarecido, optamos por elaborar um dicionário onomasiológico, ou seja, “que parte do sentido e procura identificar o nome ou nomes que lhe estão ligados” (ULLMANN, 1964, p.133). O mencionado autor relata que, no passado, se tentou separar a Onomasiologia da Semântica e concebê-las como ciências paralelas. Contudo, para Ullmann, tal afastamento:

¹⁵“es un punto fundamental de partida para la semántica. Por otra parte, la lexicografía es, también, un punto de llegada de la semántica: para saber qué quieren decir las palabras necesito el diccionario, pero para elaborar un diccionario que explique bien el significado de las palabras debo saber cómo es ese significado y cómo describirlo” (BERRUTO, 1979, p. 80).

torna-se absolutamente desnecessário se se adotar uma definição referencial do significado: ver-se-ão então as duas tendências não como duas disciplinas distintas, mas como métodos paralelos que partem de extremos opostos. Os dois métodos são complementares, e, em certos tipos de investigação, podem mesmo combinar-se com resultados de interesse. (ULLMANN, 1964, p. 133)

Para Geckeler (1976), Semântica é a disciplina científica dos conteúdos linguísticos que inclui a onomasiologia e a semasiologia e é com base nele que atestamos, assim, que a onomasiologia é um dos ramos da Semântica e que, portanto, a completa.

Tendo anteriormente feito a exposição relativa às áreas sobre as quais versa esse trabalho, vejamos a seguir a definição concernente ao significado, o estudo semântico:

Semântica, palavra formada do grego 'sêmainô' (significar), este, por sua vez, derivado de 'sêma' (sinal), é, em sua origem, o adjetivo correspondente a 'sentido': uma mutação semântica é uma mutação de sentido. [...] É semântica tudo o que se refere ao sentido de um sinal de comunicação e, principalmente, tudo o que se refere às palavras. (GUIRAUD, 1975, p. 8)

A Semântica é, essencialmente, o estudo do significado das unidades lexicais. Ela é empregada pela Psicologia, pela Lógica, pela Linguística, entre outras, que estudam diversamente o problema da significação. Para nossa investigação embasamo-nos na semântica direcionada à Linguística e ao léxico, a chamada Semântica Lexical. Investiga-se o que é uma unidade lexical e quais são as relações entre a forma e seu sentido. Assim, para Guiraud:

As palavras têm uma função semântica; elas significam conceitos autônomos, dos quais evocam a imagem memorial. Designam seres, objetos, processos, noções abstratas, por uma associação direta e recíproca do significante e do significado: a palavra 'cavalo' evoca a imagem do animal e um cavalo evoca a imagem da palavra. (GUIRAUD, 1975, p. 123)

Para Berruto (1979), significado é algo que se comunica por meio da transmissão de uma mensagem a um intérprete, é o valor que adquire uma lexia dentro da língua. Já o sentido, seria o valor que possui o item lexical em cada contexto particular, na *parole*, quer dizer, no discurso. Entretanto, muitos linguistas consideram que não há uma definição única e fixa de uma unidade lexical – denominado o problema do significado. Para tanto, evidenciamos a posição de Ullmann atinente à definição de significado, que, ainda que não precisa, leva a um estudo da Semântica mais profundo.

Escreveu-se muito nos últimos anos acerca do significado das palavras, e embora não estejamos mais perto de uma resposta – de facto, não pode haver uma resposta única e definitiva para tal questão – estamos, pelo menos, a começar a ver mais claramente as linhas principais do pensamento contemporâneo em torno deste problema. (ULLMANN, 1964, p. 115)

Ressalva-se oportunamente que, por conta da carência de precisão na diferenciação entre sentido e significado, por vezes, usaremos tais itens como sinônimos, apenas com o escopo de não nos repetirmos em demasia.

Reforçando o que foi posto anteriormente, cada unidade lexical, ou melhor, cada significante dispõe de um ou de mais significados. Assim, a significação seria o processo de associação de um objeto, uma noção ou um acontecimento a algum significante capaz de evocá-lo. Segundo Berruto,

pode-se dizer que o significado é algo manifestado e/ou comunicado (se consideramos existente ou não a intenção de transmitir a informação por parte do falante) mediante um significante, escolhido dentro de um repertório de ‘coisas potencialmente comunicáveis’ e usável/usado em situações, como sentido referido a um estado de experiência.¹⁶ (BERRUTO, 1979, p. 78)

¹⁶“se puede decir que el significado es algo manifestado y/o comunicado (según consideremos que exista o no, la intención de transmitir información por parte del hablante) mediante un significante, escogido dentro de un

Ainda nessa esteira, é preciso considerar também a ponderação de Guiraud (1975) para o qual as unidades léxicas não têm um significado fixo dentro delas, somente empregos diversos. O sentido dependeria das relações entre elas em um contexto. O significado seria, então, definido por essas relações.

Uma distinção que se deve recordar é entre a Estilística e a Semântica. Para Guiraud (1975), é a Estilística que estuda os valores extranocionais de origem afetiva ou sociocontextual que modificam o sentido de uma unidade lexical. É o estudo da função expressiva da linguagem, em contraposição à sua função semântica. No entanto, há dificuldade em se delimitar a Semântica e a Estilística, pois ambas estão estreitamente associadas. “O estudo desses valores expressivos, considerados em si mesmos, relaciona-se com a estilística; mas a semântica não poderia entretanto ignorá-los(…)” (GUIRAUD, 1975, p. 64).

Para Berruto (1979), a diferença entre Semântica e Estilística está no fato de que a segunda se dedica à língua individual, ao uso pessoal, para exprimir sentimentos e emoções. Depreende-se que a separação entre ambas é difícil e poderíamos ousar colocar a Estilística dentro de um dos ramos da Semântica, o que mereceria análises e reflexões mais profundas e críticas, mas que, neste momento, escapa de nosso escopo principal. Dessarte, preferimos nos posicionar somente nos moldes mais abrangentes da Semântica Lexical e incluímos nela os aspectos estilísticos de nosso léxico.

Ullmann (1964) propõe que a Semântica moderna também começou a perceber a importância do contexto sobre o significado dos itens lexicais. Constata-se, sem dúvida, que o contexto é de grande importância para se compreender o sentido de uma lexia. E ele será imprescindível para a legitimação de qual é um item léxico erótico-obsceno ou qual não o é. “É a situação (condições extraverbais que cercam o ato de fala) que nos permitirá distinguir o

repertorio de ‘cosas potencialmente comunicables’ y usable/usado en situaciones, como sentido referido a un estado de experiencia” (BERRUTO, 1979, p. 78).

que vulgarmente costuma chamar-se de ‘palavrão’” (PRETI, 1984, p. 65). Para Tartamella (2006, p. 274), “nenhuma outra categoria do discurso é sensível ao contexto quanto o turpilóquio. Os palavrões em si não são nem bons nem ruins: podem ser somente apropriados, ou ainda inofensivos com base no modo, no lugar e na cultura em que são empregados”.¹⁷ E é nesse sentido em que são empregados os nomes dos órgãos que recolhemos e que representam os campos semânticos desta pesquisa – pênis, vulva, nádegas, ânus, testículos e seios.

Cabe recordar que em nossa pesquisa nos restringimos a um grande campo semântico: o dos diversos nomes dados aos órgãos acima elencados. Mas o que seriam campos semânticos?

Para Berruto, campos semânticos são zonas do léxico formadas por unidades léxicas que têm algum tipo de relação (BERRUTO, 1979, p. 103). Geckeler (1976, p. 104) propõe um nome diverso para a expressão campo semântico, que seria muito ampla. Por isso, ele emprega *campo léxico* para indicar itens que expressam ideias parecidas dentro de uma língua e se limitam reciprocamente. A definição, apesar do novo nome, assemelha-se à de Berruto.

Ainda com Geckeler (1976), fundamentado em Trier e Weisgerber, o uso dos campos engloba a ordenação do material da língua em grupos linguísticos ou matérias, exatamente como se faz num processo onomasiológico, o qual adotamos aqui ao separar os inúmeros sinônimos que são atribuídos aos órgãos relatados anteriormente, pensando antes no conceito a que se referem e depois no item léxico empregado para se referir a esse significado.

Observa-se, nessa esteira, que outros elementos importantes para a abordagem do léxico erótico-obsceno em campos lexicais são: arquilexema, lexema e sema – sobre os dois últimos já fizemos uma explanação. Sobre o primeiro, o arquilexema, podemos expor que é a unidade que corresponde ao conteúdo de um campo lexical, em nossa pesquisa corresponde aos nomes dos órgãos. Lexema é a unidade expressa no sistema da língua e ocupa uma parte

¹⁷“Nessun'altra categoria di discorso è sensibile al contesto quanto il turpiloquio. Le parolacce in sé non sono né buone né cattive: possono essere solo appropriate, oppure offensive o inoffensive in base al modo, al luogo e alla cultura in cui sono usate.” (TARTAMELLA, 2006, p. 274)

do campo lexical. Os semas são as unidades menores constituídas por traços distintivos de conteúdo e que compõem os lexemas. Têm-se, assim, os semas como unidades constitutivas das oposições mínimas no campo; os lexemas, formados pelos semas; e o arquilexema que compreende vários lexemas. Nesta pesquisa, averiguamos o conteúdo semântico das unidades lexicais e exibimos os significados, reunindo as lexias selecionadas em um arquilexema ou um campo lexical.

Complementamos que o uso da língua no interior de uma comunidade social age de duas formas relativamente ao significado dos itens lexicais: primeiramente, impõe a especialização de determinadas unidades lexicais, sugerindo o âmbito em que são utilizadas, e, em segundo, torna variável o significado, dependendo da situação comunicativa em que as unidades são empregadas, situação que engloba o falante, o receptor, o espaço físico, entre outros, e também o contexto linguístico em que se encontra tal lexema (BERRUTO, 1979).

Para o entendimento da intenção de um falante que deseja transmitir um significado “oculto”, é necessário que haja pressupostos comuns entre ele e o ouvinte. No âmbito de nosso trabalho, o pressuposto que o falante e o ouvinte devem compartilhar é o erótico-obsceno, referido no capítulo 1 desta tese. O significado dos itens de nosso *corpus* será compreendido, então, a partir do momento em que o receptor da mensagem conseguir associá-los aos órgãos sexuais – o referente, o que acontece quando se dispõe de uma pressuposição erótico-obscena. É a substituição de um símbolo ou símbolos por outro que se chama definição. “Essa substituição é a Definição. Envolve a seleção de referentes conhecidos, como pontos de partida, e a identificação do *definiendum* por sua ligação com aqueles” (OGDEN; RICHARDS, 1972, p. 248).

Segundo a hipótese de Sapir-Whorf, fica evidente que a estrutura social da comunidade que utiliza uma língua influencia, de certo modo, no estabelecimento e na

estruturação do significado. Essa influência se mostra mais forte nos setores do léxico que estão diretamente ligados a práticas, usos e hábitos característicos de uma sociedade.

Sabe-se que algumas unidades léxicas podem, além do sentido primeiro, trazer a ideia de comicidade, de obscenidade, de vulgaridade, entre outras, ou seja, são acrescentados outros significados a certos itens. Nessas alterações de sentido, argumento de estudo desde a antiguidade, atuam preponderantemente as metáforas. E é a elas que nos dedicamos na próxima seção.

3.2. METÁFORAS

Para iniciarmos este subitem que discorrerá acerca das metáforas, reiteramos que a linguagem é usada também para expressar as atitudes, os valores e as concepções sexuais de uma determinada sociedade, conforme exposto precedentemente. De fato, homens e mulheres usam essa linguagem específica de carga semântica erótico-obscena para denominar os órgãos sexuais. A adoção desse uso, embora possa parecer normal, para a maioria dos falantes, é considerada ainda proibida por situar-se no campo dos tabus linguísticos morais e de baixo prestígio social, podendo exprimir afronta, falta de cortesia, de decoro e desrespeito. Equivale a dizer, dessa forma, que os tabus linguísticos aparecem como decorrência dos tabus sociais. Ressalvamos que, conforme Ortíz Alvarez (2007), o que representa uma ofensa e despudor para alguns, não o são para outros, ou seja, cada indivíduo interpreta diversamente o que é desagradável ou admirável, dependendo de sua maneira de enxergar o mundo que o cerca.

Nessa pesquisa intencionamos mostrar que para a denominação dos órgãos sexuais do corpo humano tende-se a evitar a terminologia anatômica oficial – relegada a contextos de grande formalidade – e adotar outros itens lexicais em ambientes e situações informais, que possam denominar as designadas partes do corpo com conotação sexual. Tal fato se atestaria pela enorme quantidade de sinônimos empregados para a referida nomeação.

Para consolidar nosso intento, partimos de um *corpus* formado por lexias de carga semântica erótico-obscena, extraídas de dicionários monolíngues e bilíngues em língua portuguesa (variante brasileira) e em língua italiana, além da *Internet* e de diversos *blogs* em ambas as línguas. Para examinar a seleção dessas unidades lexicais recorreremos à teoria da metáfora conceitual, pois muitos dos itens empregados têm base metafórica e também eufemística.

Assim sendo, este trabalho tem como base os estudos da metáfora. Mas, assim como o autor abaixo mencionado, interrogamo-nos: “O que mantém vivo o interesse pela metáfora? Em primeiro lugar, sua presença em todo tipo de discursos, escritos e orais, desde os mais antigos da humanidade aos mais variados discursos sociais atuais”¹⁸ (DI STEFANO, 2006, p. 9). Isto se verifica pelo fato de a unidade lexical dispor de dois tipos de significados diversos, o literal e o figurado. O primeiro seria o habitual de um item e o segundo, aquele que provém do uso metafórico.

Dessarte, sucintamente, descreve Berber Sardinha (2007, p. 20): “A noção mais antiga de metáfora no Ocidente vem de Aristóteles, do século IV a.C. Segundo ele, uma metáfora é o uso do nome de uma coisa para designar outra”. De acordo com o autor grego, a metáfora permitiria a expressão de uma ideia nova que, sendo nova, exigiria do ouvinte ou leitor um esforço mental para encontrar o ponto em contato entre as identidades presentes na metáfora:

Metáfora vem do grego ‘*metapherein*’, que significa ‘transferência’ ou ‘transporte’. Etimologicamente, é formada por ‘*meta*’, que quer dizer ‘mudança’ e por ‘*pherein*’ que significa ‘carregar’. Assim, metáfora seria uma transferência de sentido de uma coisa para outra. Em uma frase como ‘*Julietta é o sol*’, o sentido de ‘*sol*’ foi transferido para o de ‘*Julietta*’. (BERBER SARDINHA, 2007, p. 21-22)

¹⁸“¿Qué es lo que mantiene vivo el interés por la metáfora? En primer lugar, su presencia en todo tipo de discursos escritos e orales, desde los más antiguos de la humanidad hasta los más variados discursos sociales actuales” (DI STEFANO, 2006, p. 9).

Para Aristóteles, o dom de elaborar boas metáforas dependeria da capacidade de ponderar semelhanças (RICOEUR, 1992).

No início do século XX o interesse pela metáfora diminuiu devido ao surgimento de uma corrente filosófica austríaca (lógico-positivismo) que se tornou o modelo dominante para a ciência por décadas. Essa corrente ocupava-se de questões como a verdade, a falsidade e a objetividade. Nessa visão a metáfora foi descartada por ser considerada um desvio ou uma manipulação da verdade. Após esse período, a metáfora readquiriu importância. Entre os vários estudiosos que se debruçaram sobre o assunto estão Ricoeur, Cassirer, Le Guern, Lakoff e Johnson.

Percorramos as reflexões de alguns desses estudiosos concernentes à metáfora.

Para Ricoeur, o significado metafórico não consistiria em um choque semântico, mas num *novo* significado, surgido a partir do colapso do significado que se obtém se confiarmos apenas nos valores lexicais usuais ou comuns dos itens léxicos. “A metáfora não é o enigma, mas a solução do enigma” (RICOEUR, 1992, p. 148). Sua visão era de que em vez de atribuir a uma coisa sua denominação usual, ela passaria a ser designada por meio de uma unidade lexical emprestada, cabendo a esse empréstimo, o preenchimento de uma lacuna lexical e ao princípio de economia linguística. “A *nova* pertinência ou congruência adequada a um enunciado metafórico significativo decorre de uma espécie de proximidade semântica que de repente se obtém entre termos apesar de seu distanciamento” (RICOEUR, 1992, p. 148). Assim, itens que estavam remotos parecem próximos.

Le Guern (1976) concebe a metáfora como uma figura por meio da qual se transportaria o significado de uma unidade léxica a outro significado, em virtude de uma comparação presente na mente. Na metáfora, seria estabelecida uma combinação entre uma entidade linguística e uma realidade extralinguística. Para esse autor, o emprego metafórico também indicaria economia linguística.

Cassirer (1972) considera a metáfora a substituição da denotação por um conteúdo de representação, utilizando-se um conteúdo análogo:

Neste caso, ocorreria na metáfora uma genuína ‘transposição’; os dois conteúdos, entre os quais ela vai e vem, apresentam-se com significados por si determinados e independentes, e entre ambos, considerados como pontos estáveis de partida e chegada, como *terminus a quo* e *terminus ad quem* já dados, há lugar agora para o movimento da representação, que leva a transladar de um para outro e a substituir, conforme a expressão, um pelo outro (CASSIRER, 1972, p. 104-105, grifos do autor).

Acreditamos que adotar apenas uma visão sobre as metáforas como a correta seria empobrecer nosso entendimento sobre elas. Por isso, não adotamos apenas uma definição de metáfora, mas recorremos às várias teorias apresentadas acima, tendo, porém, como basilar, a teoria da metáfora conceitual, conceptual, experiencialista ou cognitivista, formulada por Lakoff e Johnson, no começo dos anos 80 e divulgada pela primeira vez na obra intitulada originalmente **Metaphors we live by**. O título evidencia o argumento principal da teoria: vivemos constantemente sob influência das metáforas presentes em nossa cultura. Para se fazer pertencer à sociedade e compreender o mundo que nos cerca é preciso ceder às metáforas que o ambiente em que vivemos nos coloca à disposição. Os mesmos autores sustentam que a questão da metáfora não pode ser tratada como marginal pelos estudos linguísticos, pois a língua que empregamos cotidianamente se baseia nas metáforas, as quais, por serem tão comuns, podem passar despercebidas.

É nesse sentido que se postula que as metáforas criam realidades, já que as similaridades que estabelecem se tornam reais para a cultura que as adota. “As metáforas convencionais estruturam nossa realidade atual. Novas metáforas têm o poder de criar novas realidades. Quando uma nova metáfora é acolhida no nosso sistema conceitual, ela modifica esse sistema e, por esse mesmo fato, o que é real para nós” (KNEIPP, 1990, p. 57).

Podemos resumir que uma metáfora é conceitual quando conceitualiza um domínio de experiência em termos de outro, geralmente de forma inconsciente. Ela é uma representação mental e cognitiva porque existe na mente e atua no pensamento.

O cognitivismo não analisa somente as metáforas originais, únicas, poéticas, individuais, como sempre o fez a retórica clássica, que buscava na poesia, como expressão mais elaborada da linguagem, as metáforas e outras figuras retóricas. O cognitivismo analisa sobretudo as metáforas na linguagem cotidiana, e essa é sua principal contribuição à reelaboração teórica da metáfora.¹⁹ (DÍAZ, 2006, p. 41)

Fazemos a ressalva de que a categoria de metáfora inicial pensada por Aristóteles foi desmembrada com o decorrer dos anos em figuras de linguagem ou figuras retóricas, como por exemplo, a comparação, a catacrese, a sinestesia, a metonímia, a antonomásia, a sinédoque, a alegoria, e a própria metáfora, entre outras. Essa divisão em categorias e esquemas está preponderantemente associada a uma visão prescritiva de língua. Devido a essa consideração não as trataremos aqui, além de estarem apartadas do nosso objetivo precípuo que é o de examinar socioculturalmente as metáforas do universo lexical erótico-obsceno.

Prosseguindo, de acordo com a teoria conceitual, as atividades experienciadas por um falante se convertem em metáforas que lhe permitem dar forma e organizar certas experiências humanas. A metáfora, portanto, permite que se entrevejam aspectos cognitivos, culturais e ideológicos (CALABRESE, 2006). Nas palavras dos fundadores da teoria:

Sustentamos que, ao contrário, os processos do pensamento humano são em grande parte metafóricos. Isto é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceitual humano está estruturado e se define de maneira metafórica. As metáforas como expressões linguísticas

¹⁹“El cognitivismo no analiza sólo las metáforas originales, únicas, poéticas, individuales, como hizo siempre la retórica clásica, que buscaba en la poesía, como expresión más elaborada del lenguaje, las metáforas y las otras figuras retóricas. El cognitivismo analiza sobre todo las metáforas en el lenguaje cotidiano, y ése es su principal aporte para la reelaboración teórica de la metáfora” (DÍAZ, 2006, p. 41).

são possíveis, precisamente, porque são metáforas no sistema conceitual de uma pessoa.²⁰ (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 42).

Todavia, por vezes, os itens léxicos que encontramos não são somente metafóricos, mas também eufemísticos. Vejamos, a seguir, qual é o nosso entendimento acerca dessa figura de linguagem.

3.3. EUFEMISMOS

Eufemismo, “do grego *euphemismos* (bem dizer), alude à dissimulação de raciocínios cruéis, sentimentos incômodos ou termo tabu” (PEREIRA JR., 2009, p. 20). Para estudar o eufemismo é conveniente resgatarmos o que se define por tabu linguístico, ou seja, unidades léxicas proibidas de serem pronunciadas em alguns contextos. Por essa razão os tabus comumente são substituídos por eufemismos – os quais têm a capacidade de neutralizar uma unidade tabuística (MORALES, 2006). “Isto acarretará muitas vezes um ajustamento no significado do substituto, e, deste modo, o tabu é uma causa importante de mudanças semânticas” (ULLMANN, 1964, p.427). Em síntese,

Hoje, a hesitação do sujeito que dispara eufemismos não vem mais da sensação de que, ao enunciar certas palavras, será tragado pelo furor divino. Nem ocorre só por refinamento. Nas sociedades globais e fragmentadas, outros fatores pesam na comunicação interpessoal. Como a correção social. Há sempre quem retome um discurso politicamente correto, em que palavras atenuadoras ditam a ordem privada da vida urbana, com termos marginalizados por uma quase sempre indevida, mas obsessiva, adequação enunciativa. (PEREIRA JR., 2009, p. 20)

O eufemismo é o ato de suavizar a expressão de uma ideia, substituindo um item lexical por outro mais agradável, suave e polido para os padrões sociais em que se insere o

²⁰“Sostenemos que, por el contrario, los procesos del pensamiento humano son en gran medida metafóricos. Esto es lo que queremos decir cuando afirmamos que el sistema conceptual humano está estructurado y se define de una manera metafórica. Las metáforas como expresiones lingüísticas son posibles, precisamente, porque son metáforas en el sistema conceptual de una persona” (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p.42).

discurso. É um tipo de linguagem que atenua uma afirmação para não chocar o ouvinte ou o leitor. A eufemia tenta mascarar o tom eufórico (positivo) de se comunicar algo disfórico (negativo), buscando maior neutralidade.

A substituição de certa unidade tabu por outra eufemística supõe uma crença no poder da unidade léxica, demonstrando que, ao se anular o sentido, se altera a realidade a que esse sentido remete. Com base nisso ocorrem certamente os tabus já que o pronunciar de um certo nome provoca o medo de recuperá-lo, como se houvesse uma relação mística entre o item léxico e o que ele designa (ORTÍZ ALVAREZ, 2007). Assim, deduz-se que, dentro da Semântica, a significação é um processo psíquico. Em suma, a língua “é um sistema de signos que nos serve para a comunicação das ideias, evocando no espírito de outrem as imagens conceituais das coisas que se formam em nosso próprio espírito. A palavra não transmite a coisa, mas a imagem da coisa” (GUIRAUD, 1975, p. 32). É por esse motivo que aparecem os tabus linguísticos: os usuários de uma língua acreditam que ao pronunciar uma determinada palavra evocam, além da imagem, a própria coisa. Para Guiraud (1975, p. 65), as palavras exprimem não apenas “nossas emoções, mas também obsessões difusas, indeterminadas, ou, mais frequentemente, inconscientes, ou mesmo recalcadas por proibições individuais ou sociais”.

Poderíamos pensar que há um certo grau de erotismo e de obscenidade nos itens léxicos usados para referenciar os órgãos que pesquisamos. Por exemplo, se tomarmos o órgão sexual masculino, teríamos “pênis” como a unidade mais neutra e oficial, que poderia ser adotada em qualquer contexto e com qualquer interlocutor. “Pipi”, por outro lado, seria o item mais eufêmico, usado em situações que exigiriam maior pudor e recato linguístico. No entanto, “caralho” poderia ser classificado como o mais erótico-obsceno e cuja adoção seria mais refletida e cuidadosa. Fazemos uma ressalva de que o peso de um palavrão quando pronunciado em língua materna é muito maior de quando usado seu equivalente em língua

estrangeira. Assim, dizer “caralho” em língua portuguesa parecerá muito mais ofensivo, do que, por outro lado, na mesma situação, utilizarmos “cazzo”, em italiano, que soará menos insultuoso.

Falar abertamente em pênis, vulva, nádegas, ânus, testículos e seios pode despertar vergonha e ansiedade ao evocar a própria função sexual em que estão envolvidos, considerada como socialmente imoral. Desse modo, os mencionados órgãos recebem as mais variadas denominações em função do que representam, simbolizam e do que podem despertar em cada ouvinte. O eufemismo ocorre, por exemplo, quando se tenta mascarar o nome técnico da genitália feminina e adota-se “pombinha”, que de forma branda e eufemística ajusta-se à nomeação do mesmo. Assim como em “*cuscini*” (almofadas ou travesseiros, em italiano) para fazer menção aos seios; “*fave*” (favas, em língua italiana) para os testículos ou ainda “rosquinha” para o ânus.

Do mesmo modo acima citado, Tartamella (2006) concebe o eufemismo como um *dribbling*, ou seja, uma tentativa de se esquivar de expressar algum item léxico que possa soar ofensivo ou grosseiro. De fato, em nossa pesquisa percebemos que, ainda que possam ser usadas unidades léxicas julgadas de baixo prestígio, o falante escolhe aquela que soe menos ofensiva ou que tenha maior carga erótico-obscena, dependendo do destinatário de seu discurso. E é o que acontece na escolha de “pipi” ou “caralho”, em que, dependendo do receptor do discurso e da situação em que este se insere, adota-se um em detrimento do outro.

De acordo com Galli de’ Paratesi (1973 *apud* TARTAMELLA, 2006, p. 69), o homem encontrou soluções linguísticas muito fantasiosas para criar os eufemismos. A primeira identificada é a inefabilidade, em que o item proibido é suprimido: em nosso *corpus* encontramos, por exemplo, “*lo*” (o), em língua italiana para referenciar o pênis e “*ela*”, em português, referindo-se à vulva. A segunda solução proposta pela autora é a alteração fonética, em que a unidade léxica vetada é transformada em um item inócuo ou fantasioso:

“*cavolo*” (couve), para o pênis, em língua italiana – alteração de “*cazzo*” – e “*ulo*”, aludindo à “*culo*” (cu), em língua italiana. A terceira proposição de criação eufemística é o uso de estrangeirismos, presentes também em nosso *corpus*, conforme comentado no início deste trabalho. Entre eles destacamos: “*bumper*”, que em inglês indica o para-choque de veículos, e na língua italiana faz referência aos seios, ou “*stick*”, também proveniente do inglês, indicando vara ou graveto, aludindo ao pênis, em língua italiana.

Muitas das lexias recolhidas não são aceitas em todos os contextos, mas entre conhecidos, conforme comentado, encontra-se um emprego recorrente. Em adendo, “esses itens são usados em relações de casais como forma de intimidade, como linguagem secreta e para marcar a singularidade da relação com itens inéditos” (TARTAMELLA, 2006, p. 275).²¹ Por essa razão usam-se inúmeros sinônimos que servem para abrandar uma determinada unidade lexical, na tentativa de mascarar preconceitos sociais. Enfatizamos que o valor semântico dos itens léxicos não é estático: certas evoluções históricas, regionais, sociais, políticas e culturais podem influenciar a sua mudança ou acrescentar uma pluralidade de outros significados.

O exame das metáforas e dos eufemismos que atuam sobre esses itens nos permite confirmar a riqueza linguística das línguas, demonstrando qual o seu posicionamento diante da “linguagem proibida”, tão corriqueira, porém tão desprestigiada.

3.4. METÁFORAS E EUFEMISMOS: olhar sobre o universo lexical erótico-obsceno

Principiamos esta seção com a seguinte colocação, capaz de sintetizar o que será exposto a seguir: a metáfora sob o olhar conceitual não é meramente uma questão de linguagem, não é um adorno, não é uma questão estética, mas demonstra a nossa compreensão de mundo.

²¹“*Questi termini sono usati nelle relazioni di coppia come forma di intimità, come linguaggio segreto e per marcare l'unicità della relazione con termini inediti*” (TARTAMELLA, 2006, p. 275).

As metáforas conceituais, consonante com o disposto acima, são culturais. Elas refletem a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas. “Vimos que nosso sistema conceitual se baseia em nossas experiências no mundo”²² (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 160). As metáforas se baseiam em nossa constante interação com o ambiente físico e cultural em que nos inserimos.

Para acessá-las, normalmente, não se exige esforço, pois elas acionam a metáfora conceitual correspondente em nossa mente. Assim acontece quando empregamos uma metáfora relativa ao universo erótico-obsceno, em nosso caso, referente aos itens léxicos usados como substitutos dos nomes oficiais vulva, pênis, nádegas, ânus, testículos e seios. Lakoff e Johnson (2004) afirmam que, de fato, há inúmeros itens que não se podem dizer a não ser por meio de metáforas – é o que acontece com os nomes dos órgãos a que nos dedicamos nesta pesquisa. Muitas dessas unidades léxicas de nosso *corpus* não são obscenas: passam a ser consideradas assim quando veiculam um valor ofensivo, uma emoção incontrolável ou um valor que deve ser abordado com cuidado. Para compreendê-las basta haver a pressuposição erótica, em outras palavras, o significado implícito de um lexema precisa ser conhecido e compartilhado entre os interlocutores e deve estar inserido em um contexto erótico-obsceno – o qual desempenha um papel importantíssimo para a definição das metáforas. Lakoff e Johnson (2004) atestam que o contexto tem importância fundamental na determinação do significado de uma unidade léxica.

A dimensão ideológica da metáfora, sua relação com os valores e as crenças dos grupos sociais são elaborados histórica e culturalmente (DI STEFANO, 2006). Para Lakoff e Johnson (2004), o significado que uma metáfora tem para o falante está determinado culturalmente e está parcialmente ligado a experiências passadas. Por isso, entre culturas as diferenças podem ser enormes, visto que os conceitos presentes em cada metáfora podem ter

²²“Hemos visto que nuestro sistema conceptual se basa en nuestras experiencias en el mundo” (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 160).

variações interculturais. Assim ocorre com nosso estudo, em que temos duas culturas diferentes, a brasileira e a italiana, e sobre as quais verificaremos se usarão conceitualizações metafóricas diversas.

O tipo de metáfora conceitual que abordamos é a denominada por Lakoff e Johnson (2004), primária: presente em muitas culturas e motivada por aspectos físicos do corpo humano – este é a origem de muitas das metáforas conceituais, às quais se diz que são de base corpórea. As metáforas primárias compõem o inconsciente cognitivo, o que equivale dizer que o homem as adquire de forma automática e inconsciente.

Salientamos que durante todo o percurso humano dentro da história, o sexo sempre foi um grande tabu para o homem, salvo no período clássico, quando era tratado com menos pudores, conforme explicitado no capítulo 1. Desde então, quando se tornou um tabu abordá-lo e a tudo que se referisse a ele, recorre-se a formas indiretas para tratá-lo. “É uma tendência humana geral o evitar a referência directa a assuntos desagradáveis” (ULLMANN, 1964, p.429).

Nesse contexto, a genitália masculina e feminina, as nádegas, o ânus, os testículos e os seios são campos férteis para a invenção, para a construção do novo. Por vezes, surgem itens curiosos, engraçados, provenientes da imaginação humana e criados a partir de metáforas, que tentam reduzir seu impacto ou esconder o sentido do nome real por soar rude, grosseiro ou imoral. Evidencia-se que várias das lexias referentes à nomeação dos órgãos a que dedicamos nossa pesquisa dependem, em muitos casos, exclusivamente da pressuposição erótico-obscena indicada pela metáfora – comentada acima – para serem compreendidas. É o que se nota no item “linguiça”, o qual, descontextualizado e desprovido de qualquer conjetura sexual, pode indicar apenas alimento feito de carne e embutido em tripa de animal ou, por outra senda, referir-se ao órgão sexual masculino. Ou faz-se uso dos eufemismos, por exemplo, para o órgão sexual feminino “margarida”, “flor” e para o aparelho genital masculino, por exemplo,

“piu-piu”, “pintinho” etc. Ou ainda, lança-se a esse uso para expressar, qualificar ou ressaltar características, como o tamanho dos seios: “melancias”; ou “furico”, para indicar o formato do ânus. Assim, sem notar, criam-se novos nomes para se desviar dos tabus e preconceitos sociais.

Segundo Scerbo (1991, p.7), “o estudo sistemático e comparado dos nomes, apelidos e eufemismos relativos aos órgãos sexuais ainda representa um campo quase totalmente inexplorado. Não houve, de fato, publicações de obras de caráter linguístico dedicadas exclusivamente a tal argumento”.²³

Almejando preencher esse hiato dentro dos estudos linguísticos, propusemo-nos a fazer este trabalho, cujas reflexões sobre os nomes populares do pênis, da vulva, das nádegas, do ânus, dos testículos e dos seios apresentamos doravante, com base no *corpus* levantado a partir das obras de Maior (1980), Almeida (1981), Preti (1984b), Mattoso (1990), Vários (1990), Scerbo (1991), Bonistalli (2000), Zanni (2000), Xatara e Oliveira (2002), Bueno (2004), Vários (2005), Tartamella (2006) e de inúmeros *blogs* e *sites* da Internet. Ao todo recolhemos 8.713 ocorrências dos mesmos, sendo 770 relativas ao órgão masculino em língua portuguesa e 645 em língua italiana. Para a genitália feminina encontramos 5.255 unidades lexicais em português e 656 em italiano.²⁴ O número referente aos testículos foi de 59 em português e 176 em italiano. Para os seios, em língua portuguesa coletamos 47 e em língua italiana, 165. Já para o ânus temos 233 em português e 145 em italiano; finalizando com 114 e 449, em língua portuguesa e italiana respectivamente, para as nádegas.

A motivação da metáfora popular é, quase sempre, a intensificação do significado, seja de sua forma, cor, cheiro ou som que possa emitir. Com o tempo, os eufemismos na expressão

²³“*Lo studio sistematico e comparato dei nomi, nomignoli ed eufemismi relativi agli organi sessuali rappresenta ancora un campo quasi del tutto inesplorato. Non risulta infatti che siano state pubblicate opere di carattere linguistico dedicate esclusivamente a tale argomento*” (SCERBO, 1991, p. 7).

²⁴Salientamos que a grande diferença entre o número de ocorrências relativa à nomeação da vulva em língua portuguesa e italiana pode ser justificada, preponderantemente, pela dificuldade em se encontrar bibliografia italiana que trouxesse os nomes metafóricos dados a esse órgão, apesar de nossa busca intensa em bibliotecas, livrarias e bancas na Itália.

da linguagem erótica podem adquirir o mesmo significado da unidade lexical que substituem, devido à evolução semântica. Dessa forma, as unidades lexicais estigmatizadas têm a necessidade de serem substituídas por outros eufemismos, negligenciando semas e acrescentando outros. Em decorrência de tal fato, há uma contínua criação de unidades, por meio de metáforas e eufemismos que possam assumir o sentido pretendido no momento.

Relembramos que o signo linguístico é considerado por Saussure (2006) arbitrário quando a união do significante ao significado é convencionada, não motivada. Portanto, o que as palavras significariam é algo que compõe a língua e que foi estipulado arbitrariamente. Como nos revela Guiraud (1975, p. 27): “Um dos postulados da linguística moderna é o de que a língua é um sistema de símbolos arbitrários e não motivados; é também o de que não existe qualquer ligação natural entre o nome e a coisa denominada (...)”.

No entanto, pode-se perceber que os nomes dos órgãos que examinamos têm certa motivação, seja pela forma que possuem, pela textura ou pelo cheiro. Dentro dos usos erótico-obscenos convém mencionar que

a palavra é sempre motivada, seja porque exista uma relação natural entre a forma acústica e a coisa significada (onomatopéias, exclamações), ou seja porque haja uma relação intralinguística entre as palavras no interior da língua, relação que pode ser de ordem morfológica (derivação, composição), ou semântica (mudanças de sentido). (GUIRAUD, 1975, p. 33)

Complementamos que, concernente ao nosso léxico em estudo, por ser em grande parte metafórico, uma grande porção das lexias empregadas é efetivamente motivada, e essa motivação estipula seu emprego e sua evolução. Em segundo lugar, “(...) qualquer nova criação verbal é necessariamente motivada; toda palavra é sempre motivada em sua origem, e ela conserva tal motivação, por maior ou menor tempo, segundo os casos, até ao momento em que acaba por cair no arbitrário, quando a motivação deixa de ser percebida” (GUIRAUD,

1975, p. 28). Enfatizamos que esse arbitrário comporta graus e que o signo pode ser relativamente motivado.

Concernente à vulva, destacamos que há o emprego de adjetivos femininos com a elipse do substantivo subentendido. Eis alguns exemplos: “larga”, “aguada”, “apertada”, “arrombada”, “bela”, “crespa”, “preta”, “gostosa”, “bochechuda”, “papuda” e “suada”. Há, também, o emprego de estruturas fonético-fonológicas motivadas entre si, como em “pichita”, “pililio”, “pitio”, “pixana”, “pixéu”/“pichéu”, “prexeta”, “prexexa”; e, pelo motivador “xi”, “xe”, “xo”, apresentamos “xereca”, “xereia”, “xeréia”, “xexeca”, “xexéu”, “xiba”, “xibio”, “xinxá”, “xinim”, “xirinha”, “xiri”, “xota”, “xoxota”, “bioxota”, “pachecha”, “pachuda” e “pachucha”, que alternam a ortografia em “x” ou “ch”.

Inferimos que a linguagem proibida possui um processo metafórico que reflete uma tendência popular, e, geralmente, baseia-se numa relação física. A maioria das metáforas que se referem às partes anais põe em evidência os semas /forma/, /volume/, /exibição/ e constituem imagens muito banais, de rápida compreensão. As palavras podem ser motivadas por fatores semânticos, influenciados pela semelhança, segundo Ullmann (1964).

Scerbo (1991) lembra que os nomes dos órgãos sexuais, muitas vezes, possuem conotações depreciativas em função de terem recebido, por milênios, pela tradição e pela religião, valores abjetos, reduzidos à micção e à reprodução. Por isso permanece ainda o uso de “vergonha” ou “vergonhas” para se referir a eles, tanto na língua italiana quanto na portuguesa do Brasil.

Presentemente, o que se verifica são unidades léxicas específicas para cada um dos órgãos que formam as zonas erógenas aqui estudadas, com inúmeros sinônimos e variações – fato que nos leva a atestar que houve mudanças sociais acerca da sexualidade e de seu relativo léxico. A quantidade de sinônimos de uma unidade léxica de conotação sexual manifesta as prioridades de uma dada cultura.

Essa grande quantidade de sinônimos pode indicar, então, a valorização de uma unidade por uma comunidade ou o receio que se tem em pronunciá-la numa sociedade reprimida – se se encontram vários nomes, significa que falar o oficial ou terminologicamente correto causa mal estar. Em síntese, a linguagem revela as escolhas de uma cultura. Desse modo, a quantidade de sinônimos atribuídos aos órgãos selecionados nesta pesquisa indica que uma entidade é valorizada por uma comunidade, mas igualmente o medo que o uso desses itens provoca em uma sociedade reprimida.

3.4.1. ANÁLISE DAS METÁFORAS E EUFEMISMOS

Em consonância ao apresentado até o momento sobre as metáforas, dedicamos as próximas páginas ao exame específico daquelas que recobrem os itens lexicais relativos à vulva, ao pênis, às nádegas, ao ânus, aos testículos e aos seios em língua portuguesa e italiana.

Partimos da hipótese de que falantes de línguas diferentes não compartilham das mesmas experiências. Em cada língua está refletido o pensamento daqueles que a falam, representando assim sua cultura e, portanto, sua visão de mundo, que será diversa entre sociedades diferentes. Logo, entre a cultura brasileira e a italiana teremos metáforas diversas.

Apreciemos, a seguir, os semas com exemplos das respectivas metáforas, separados por campos semânticos. Optamos por fazer essa separação para compreender melhor o processo metafórico dessas unidades lexicais de valor obsceno e para poder atestar se entre as línguas estudadas nossa hipótese acima se confirma. Não exporemos exaustivamente todos os itens do *corpus* dado que muitos são sinônimos e provêm da mesma construção metafórica. Para consultá-los por completo oferecemos o *corpus* nos Anexos.

Podemos depreender que no uso de metáforas na construção dos itens léxicos que se referem às zonas erógenas é comum o exagero de alguns semas: “As metáforas habituais da

linguagem popular são, não raro, de natureza hiperbólica, isto é, acusam modificação nos semas intensivos” (PRETI, 1984, p. 125).

Para cada sema predominante, trazemos as metáforas selecionadas, exemplos e sua definição dicionarizada, quando houver. A apresentação das definições dos itens principais presente nas metáforas tem como objetivo exclusivamente o resgate de seu sentido original, desprovido de qualquer pressuposição erótica; com isso pretendemos tornar mais claro o motivo da criação metafórica. Em língua portuguesa usaremos como referência o dicionário **Aurélio** (2004) e para a língua italiana, **Lo Zingarelli** (2006).

CAMPO SEMÂNTICO: Pênis

Verifiquemos adiante quais são as metáforas e eufemismos das unidades lexicais presentes no *corpus* mais presentes em relação ao pênis em língua portuguesa, enfatizando que o sema /forma/ perpassa quase todos os outros selecionados.

1) Aquecimento

Nesse tipo metafórico com o sema do /aquecimento/, o pênis é associado a algum objeto capaz de se aquecer ao ser estimulado e quando envolvido em relações sexuais. “Naturalmente, em todo este fogo que envolve os sexos é excluído o assim dito frio, que, ao contrário, tem caráter excepcional e patológico”²⁵ (SCERBO, 1991, p. 22).

Em língua portuguesa temos, por exemplo:

bico de candeeiro: “aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável”, metáfora que remete ao bico – cabeça do pênis – que se acende, ou seja, que se excita;

binga: “isqueiro”, objeto que, pela função de proporcionar calor, é associado ao pênis em estado de excitação;

²⁵“Naturalmente in tutto questo fuoco che avviluppa i sessi viene escluso il cosiddetto feticismo del freddo, che ha invece carattere eccezionale e patologico” (SCERBO, 1991, p. 22).

charuto: “rolo de folhas secas de fumo, preparado para fumar-se”, a forma longa e cilíndrica remete ao pênis e, com maior ênfase, lembra algo que pode ser acendido/excitado quando estimulado sexualmente;

estopim: “acessório de explosivo destinado a transmitir a chama para ignição de uma espoleta ou de outro dispositivo congêneres”, o pênis é associado à capacidade de acendimento, agora do órgão feminino – que seria a espoleta, durante a relação sexual;

fósforo / palito de fósforo: “pequena haste de madeira ou cartão provida de uma cabeça impregnada de substâncias que se inflamam quando atritadas com uma superfície áspera”, metáfora que remete à cabeça do pênis – que se acende, ou seja, que se excita quando estimulada;

fumo / rolo de fumo: “grande erva” enrolada de forma cilíndrica que remete ao pênis associado a algo que pode ser acendido/excitado quando estimulado, conforme a metáfora do charuto acima;

maçarico: “aparelho que permite obter chama a uma temperatura muito elevada, por combustão do hidrogênio (ou do acetileno) com o oxigênio”. O pênis é associado à capacidade de acendimento, durante a relação sexual, por meio do calor (chama), que é liberado durante o sexo;

petardo: “pequena peça de fogo de artifício que rebenta com estampido, o fogo lembra a capacidade de produzir calor e excitação, cujo resultado seria o estouro de um estampido, ou seja, a expulsão do esperma;

pito: “aparelho para fumar, composto de um forninho, onde se põe o tabaco, e de um tubo, por onde se aspira o fumo”, é associado a algo que pode ser acendido/excitado quando estimulado;

tocha: “grande vela de cera, essa metáfora remete a algo que pode produzir calor quando estimulado;

vela: “peça cilíndrica, de substância gordurosa e combustível, com um pavio no centro a todo o comprimento”, aqui se repete a metáfora descrita acima.

Em língua italiana destacamos:

candela (vela): “cilindro di cera, de várias dimensões que se acende para iluminar”, cujo calor remete ao pênis quando excitado;

fiammifero (isqueiro): “haste de madeira com uma cabeça impregnada de substâncias que se inflamam quando atritadas”, em que se associam a forma, o calor e a masturbação ao pênis;

sigaretta (cigarro): “porção de fumo picado, enrolado em papel que serve para se fumar”, remetendo à genitália masculina em excitação;

sigaro (charuto): “rolo de variadas formas, espessura e comprimento constituído por uma ou mais folhas de tabaco, que se acende em uma extremidade”, e que remete ao calor do pênis em estado de excitação.

2) Dureza

Aqui, o órgão sexual masculino é associado a objetos de madeira, em que se evidencia o sema /dureza/. Associa-se à dureza o órgão sexual masculino e, com base nisso, criam-se inúmeras metáforas. Além das possíveis semelhanças visuais, também é relacionado a ele o símbolo de poder, concedido sempre ao homem.

Eis alguns exemplos em língua portuguesa:

alavanca-de-arquimedes: “barra de ferro ou de madeira, bem rígida, que se emprega para mover ou levantar objetos pesados”, o que lembra a rigidez do aparelho genital masculino em estado de grande excitação;

báculo: “bastão com a extremidade superior arqueada”, remete à rigidez do pênis estimulado;

barrote: “peça de madeira”, o tamanho e a dureza remetem ao órgão sexual masculino e a seu comprimento quando estimulado;

bastão: “pedaço de madeira longo, de forma aproximadamente cilíndrica, que se pode segurar com a mão, e que tem diferentes usos”; remete à rigidez do pênis, a possibilidade de ser segurado com a mão; associa-se à masturbação;

cacete: “pedaço de pau com uma das pontas mais grossa que a outra”, aqui, além da forma, se remete à rigidez do órgão, como a madeira;

caibro: “peça de madeira”, a madeira está associada à dureza do órgão;

cajado: “pau grosso”, o pau lembra a dureza do pênis e a sua grossura quando excitado;

cambo: “vara com um gancho na extremidade”, lembra a rigidez da genitália masculina e sua extremidade, a cabeça ou glândula;

cetro: “bastão de apoio usado outrora pelos reis e generais”, analogia à dureza da genitália masculina e a seu poder, pois é próprio dos monarcas e chefes;

chibata: “vara delgada para fustiga”, que devido à rigidez lembra o pênis, além da capacidade de provocar maltrato àquilo que penetra;

jacarandá: “árvore que fornece madeira de lei”, esta é uma madeira muito prestigiada e rija, assim como o seria o pênis;

jequitibá: “designação comum a duas árvores de tronco muito grosso e alto”, associação ao pênis e à sua dureza, além do volume que adquire quando excitado;

lápiz: “qualquer objeto com o feitio de cilindro longo e fino”, que recorda o pênis;

lenha: “porção de ramos, achas ou fragmentos de troncos de árvores”, remetendo ao órgão sexual masculino;

maçaranduba: “designação comum a diversas árvores da família das sapotáceas, que fornece madeira de lei”. Aqui se repete a metáfora do jacarandá, explicitada acima;

mangueira: “árvore da família das anacardiáceas”, cujo tronco recorda o órgão genital masculino;

maniçoba: “arvoreta da família das euforbiáceas”, associada ao pênis;

marreta: “pedaço de pau com uma das pontas mais grossa que a outra”, aqui forma e rigidez remetem ao órgão masculino;

mastro: “longa peça de madeira”, recordando a dureza e o comprimento do pênis;

muleta: “bastão de braço curvo”, remete à rigidez do pênis e a curvatura que pode adquirir quando excitado;

pau: “qualquer pedaço de madeira”, remete à rigidez do pênis

pau-de-sebo: “arvoreta lactescente”, remete à rigidez do pênis e é, ademais, associada à madeira que deve ser escalada, podendo fazer referência à felação ou à masturbação;

peroba: “designação comum a muitas árvores que têm madeiras de boa qualidade”, madeira muito prestigiada e dura, assim como o pênis quando em estado de excitação;

ponteiro: “pequena haste com que se aponta em livros, quadros, etc.”: referência ao próprio pênis e a ponta à sua cabeça;

porrete: “pedaço de pau com uma das pontas mais grossa que a outra”, forma e rigidez que se referem ao órgão masculino;

ripa: “pedaço de madeira comprido e estreito”, aqui há a associação à forma e também à dureza do pênis;

sarrafo: “pedaço de pau”, que remete à genitália do homem;

taco: “pau roliço, comprido”, recorda o formato do pênis, assim como sua dureza;

talo: “fuste ou tronco”, cuja direza lembra a do pênis quando estimulado;

tora: “grande tronco de madeira”, o adjetivo grande remete ao comprimento e a madeira, à dureza;

teca: “árvore de grande porte”, lembrando o pênis;

tronco: “ramo grosso de árvore”, referenciado-se ao comprimento e à dureza do órgão;

vara: “ramo fino e flexível”, que devido à rigidez lembra o pênis;

verga: “vara flexível”, associada ao órgão sexual masculino.

Para a língua italiana apresentamos:

bastone (bastão): “ramo de árvore arredondado”, que remete à dureza da genitália masculina;

bacchetta (baqueta): “bastão de madeira”, associado à dureza do órgão;

clava (clava): “grosso bastão”, assim como o pênis;

ferro (ferro): “metal”, associado à rigidez do pênis;

legno (madeira): “a parte sólida e compacta do tronco”, que remete à dureza do órgão masculino;

mangano (catapulta): “espécie de grande mó”, que referencia o pênis e sua força ao penetrar o órgão feminino;

mazza (marreta): “bastão curto e robusto”, associado ao pênis,

verga (vara): “pedaço de metal de forma alongada”, que se refere ao pênis.

3) Penetração

Entre essas metáforas também se entrevê o sema da /penetração/, indicando que o objeto pontiagudo, cortante ou que é capaz de ferir é o pênis quando introduzido em orifícios durante a relação sexual; “sugere algo agressivo, que pode ser empregado para matar, machucar, inerente às estimulações dadas aos meninos, desde pequenos, tais como jogos, brinquedos e brincadeiras considerados mais violentos” (BRAGA; RIBEIRO, 2008, p. 11). Para Scerbo (1991, p. 37), “a fantasia popular tem adotado com frequência alguns nomes de objetos pênseis ou, de qualquer maneira, destinados a serem introduzidos em algo, como uma expressão metafórica do órgão sexual masculino”.²⁶ O mesmo autor comenta ainda que já no

²⁶“*La fantasia popolare ha spesso scelto alcuni nomi di oggetti pendenti o comunque destinati a introdursi in qualche cosa come voci metaforiche dell'organo sessuale maschile*” (SCERBO, 1991, p. 37).

século XVI atestou-se a metáfora do prego (*chiodo*) para o membro viril devido à dureza e à sua capacidade de penetração.

Em língua portuguesa destacamos:

arame: “fio mais ou menos delgado”, capaz de lembrar o pênis;

arma: “instrumento ou engenho de ataque ou de defesa”, cuja potência e capacidade de penetração remetem ao pênis;

bacamarte: “arma de fogo de cano curto e largo, reforçada na coronha”, assim como a metáfora acima, recorda o pênis pela penetração e pela forma;

bibico: “fio mais ou menos delgado”, associado ao pênis;

bisarma: “arma antiga, constituída de uma longa haste de madeira rematada em ferro largo e pontiagudo, atravessado por outro em forma de meia-lua”, que se refere ao pênis e à sua dureza;

canivete: “pequena faca de lâmina movediça e que fecha sobre o cabo, para diversos fins”, lembra o pênis quando introduzido em algum orifício;

carabina: “espingarda estriada; fuzil”, assim como a bacamarte, recorda o pênis pela penetração e pela forma;

catatau: “espada velha”, referencia à penetração, lembrando o pênis quando introduzido em algum orifício;

chave: “artefato de metal que movimenta a lingueta das fechaduras”, penetração lembra o pênis quando introduzido em algum órgão;

chicote: “cordel entrançado ou correia de couro ligada ou não a um cabo de madeira, e comumente usado para castigar animais”, a forma e a capacidade de penetração e também da dor que pode provocar àquilo que penetra faz referência ao pênis;

cúspide: “extremidade aguda; ponta, vértice”, a ponta remete à cabeça do órgão e à sua capacidade de penetração;

cutelo: “instrumento cortante, semicircular, de ferro”, o aspecto cortante lembra a penetração do órgão;

dardo: “pequena lança”, aqui se repete a metáfora acima;

escopeta: “espingarda de repetição, leve, de cano curto”, cuja forma lembra a do pênis, além da possibilidade de introdução em algum orifício;

espada: “arma branca, formada de uma lâmina comprida e pontiaguda, de um ou dois gumes”, remete à cabeça do órgão e à sua capacidade de penetração;

espeto: “utensílio de ferro ou de pau com que se espetam carne, peixe, etc. para assá-los”, esta metáfora também remete à cabeça do órgão e à sua introdução;

estaca: “peça estrutural alongada, de madeira, aço ou concreto, que se crava no solo”, o pênis é associado ao formato desse objeto que é introduzido no solo, assim como o órgão se introduz em orifícios;

estrovenga: “pequena foice de dois gumes”, remete à cabeça do órgão e à sua capacidade de penetração;

faca: “instrumento cortante, constituído de lâmina e cabo”, recorda a capacidade de penetração do órgão genital masculino;

ferrão: “ponta de ferro”, o objeto é associado à penetração do pênis;

fuso: “parafuso de madeira”, recorda a dureza do órgão e a capacidade de penetração;

garrocha: “pau com ferro farpado numa extremidade”, remete à cabeça do órgão e à sua capacidade de penetração;

haste: “pau ou ferro, direito, longo e levantado, no qual se encrava alguma coisa”, referencia a introdução do pênis em outro órgão;

lança / lanceta: “arma ofensiva ou de arremesso”, lembra o pênis e sua capacidade de penetração;

manzape: “pau ou chicote com que se castiga alguém”, a forma e a capacidade de penetração e também da dor que pode provocar àquilo que penetra – castigo;

martelo: “instrumento de ferro, em geral com cabo de pau, destinado a bater, quebrar e, esp., cravar pregos na madeira”, a forma e a capacidade de penetração relembram o pênis;

pajeú: “faca de ponta”, recorda o pênis e sua capacidade de penetração;

pica: “lança antiga”, associado ao pênis e à sua capacidade de penetração;

picão: “espécie de escopro com ponta, para lavrar pedra”, que lembra o pênis e sua capacidade de introdução;

pino: “peça, em geral cilíndrica e alongada, que se introduz em orifícios de duas ou mais peças para estabelecer entre elas uma união fixa ou articulada”, a forma referencia o pênis, além da penetração em orifícios;

pistola: “arma de fogo portátil, leve, de cano muito curto, e que se maneja com uma só mão”, recorda o pênis pela penetração e pela forma;

prego: “haste de metal, pontiaguda de um lado e com cabeça de outro, destinada a cravar-se em um ponto ou objeto que se quer segurar ou fixar”, remete ao pênis pela penetração e pela forma. A cabeça faz referência à glândula do órgão masculino;

sarabatana: “espécie de arma rudimentar, que consiste num tubo comprido”, que recorda o pênis pela penetração e pela forma;

seringa: “instrumento portátil, de material plástico ou de vidro, que serve para aplicar ou para retirar líquidos do organismo ou para introduzir uma substância em cavidade ou em órgão oco do corpo”, remete ao pênis pela penetração, pela forma e pela expulsão de líquidos – assim como a urina e o esperma;

trabuco: “espécie de bacamarte [arma de fogo]”, que recorda o pênis pela penetração e pela forma;

virote: “seta curta”, cuja capacidade de penetração é associada ao órgão sexual masculino.

Em italiano, tem-se:

ago (agulha): “haste pontiaguda e aberta em uma extremidade usada para costurar”, cuja forma e utilidade remetem à penetração;

asta (haste): “bastão ou barra de material e dimensões variáveis”, cuja forma lembra a do pênis;

battaglio (badalo): “a parte móvel do interior dos sinos”, que se refere o fato do pênis estar no meio do sino, assim como fica no interior da vulva;

canuccia (canudo): “tubo de palha, de vidro ou de plástico para sorver líquidos”, associado ao pênis e à penetração;

chiave (chave): “instrumento de metal usado em fechaduras”, objeto que quando introduzido remete ao pênis em processo de penetração na vulva;

chiodo (prego) “barra de ferro com uma extremidade pontiaguda”, associado à penetração do pênis;

coltello (faca): “instrumento formado por uma lâmina afiada afixada a um cabo”, que referencia o pênis e a penetração;

dardo (dardo): “haste de madeira com ponta de ferro”, que remete ao pênis;

freccia (flecha): “pequena haste provida, na extremidade, de uma ponta”, associada à capacidade de introdução na vulva pelo pênis;

lancia (lança): “arma constituída por uma haste provida, na extremidade, de um ponta de metal”, cuja ponta estreita e possibilidade de penetração remetem ao pênis;

spada (espada): “arma branca com lâmina comprida, chata e pontiaguda”, que lembra o pênis e seu poder de penetração;

spiedo (espeto): “haste de ferro, em que se espetam carnes”, remete à penetração do pênis;

trapano (broca): “utensílio que serve para efetuar furos, por meio de uma ponta metálica”, que referencia o pênis.

4) Alimento

Ao órgão sexual masculino são associados alguns alimentos que recordem sua forma ou por ser associado à felação, em que o pênis é sugado. Segundo Scerbo (1991, p. 86), “os vegetais, pela sua forma ou por alguma outra simbologia, incitaram a linguagem popular a formar não poucos eufemismos e apelidos do aparelho genital masculino. A civilização camponesa, que por tantos séculos precedeu a industrial, enriqueceu o vocabulário erótico com muitas denominações de inspiração rural”.²⁷

Concernente ao português:

banana / pacova: “fruto de qualquer espécie do gênero *musa*”, pela forma do fruto remete-se ao formato do órgão masculino;

chouriça/ chouriço / chourição: “enchido de porco, cujo recheio é misturado com sangue e curado ao fumo”, cujo formato lembra o do órgão masculino;

espiga: “tipo de inflorescência”, comprida e relativamente cilíndrica que remete ao pênis;

legume: “designação vulgar de plantas leguminosas ou de plantas herbáceas, comestíveis”, cujo formato, em geral longo e cilíndrico, lembra o pênis;

linguiça: “enchido de carne de porco em tripa delgada”, cuja forma lembra a do órgão masculino;

inhame: “tubérculos nutritivos e saborosos”, cujo caule curto e grosso é associado ao órgão genital masculino;

macaxeira/ mandioca / maniva: “planta leitosa cujos grossos tubérculos radiculares, ricos em amido, são de largo emprego na alimentação”, remetem ao pênis;

nabo: “herbácea cultivada por suas raízes comestíveis, arredondadas ou pontiagudas, roxas ou brancas, conforme a variedade”, a forma dessa raiz lembra a do próprio órgão masculino;

²⁷“*Alcuni vegetali, per la loro forma o per qualche loro simbologia, hanno indotto il linguaggio popolare a formare non pochi eufemismi e nomignoli del genitale maschile. La civiltà contadina, che per tanti secoli ha preceduto quella industriale, ha arricchito il vocabolario erotico con molte denominazioni d’ispirazione agreste*” (SCERBO, 1991, p. 86).

paio: “carne de porco ensacada em tripa de intestino grosso”, metáfora que salienta a forma parecida do alimento com a do pênis;

pepino: “fruto do pepineiro”, “que são alongados e crassos, ricos em água, e se comem em salada e conserva”, em que a forma é associada a do órgão masculino;

picolé: “sorvete solidificado em uma das extremidades dum pauzinho, e que se toma segurando-o pela outra extremidade”, aqui, tanto pelo formato quanto pelo ato da felação remete-se ao pênis;

pirulito: “cone de mel escuro e solidificado preso na extremidade de um palito, por onde se pega para consumi-lo”, assim como o picolé, o pirulito é associado à forma e à felação do órgão sexual masculino;

quiabo: “fruto capsular cônico, verde e peludo, produzido pelo quiabeiro comum”, cuja forma lembra a da genitália masculina;

salsicha: “enchido feito de carne de porco moída, com sal e diversos temperos, de aspecto e sabor característicos, e no qual se utilizam tripas de pequeno diâmetro”, a forma desse alimento remete ao formato do órgão masculino;

salame: “enchido de origem italiana feito de carne de porco picada, pequenos cubos de toucinho e pimenta em grãos, e que se come frio”, assim como a metáfora acima, lembra a forma do pênis;

tripa: “parte do intestino do boi usada na alimentação”, que, pela possibilidade de ser preenchida e e adquirir forma cilíndrica, remete ao aparelho genital masculino;

vagem: “legume” cilíndrico e comprido, associado ao órgão sexual masculino.

Para a língua italiana selecionamos:

biscotto (biscoito): “pequeno doce de variada forma, a base de farinha e outros ingredientes”, associado ao pênis;

babà (doce): “doce típico napoletano de farinha, muito delicado e embebido em rum”, que tem um formato que recorda o membro masculino;

carne senz’osso / pezzo-di-carne (carne sem osso / pedaço de carne): “massa muscular do homem e dos animais”, associado ao pênis devido à ausência de ossos;

fagiolo (feijão): “semente comestível”, possibilidade de fecundação remete ao pênis,

fava (fava): “semente comestível”, remete à metáfora anterior;

pannocchia (espiga): “inflorescência formada por uma parte principal que carrega as flores”, que remete ao pênis;

pisello (ervilha): “semente comestível”, cuja possibilidade de fecundação remete ao pênis,

salame (salame): “embutido de forma alongada, feito com carne”, cuja forma lembra a do órgão genital masculino;

salsiccia (linguiça): “embutido de carne suína”, cujo formato é associado ao órgão genital masculino;

würstel (salsicha): “embutido de carne suína”, que lembra o pênis

5) Antroponímia

É comum, em língua portuguesa e em língua italiana, atribuir ao pênis nomes próprios, o que remete à importância do órgão para o homem. A ideia base é que, sendo dotado de manifestações próprias como o inchaço, a excitação etc., tem vida independente, autônoma. O tema em destaque é /antroponímia/. Dessa forma, não há uma definição para cada um dos nomes dados. Podemos apenas comentar que todos se relacionam a nomes de pessoas do sexo masculino. Ademais, alguns nomes funcionam como idioletos, ou seja, são criações individuais e únicas, para as quais qualquer nome pode ser utilizado a fim de substituir a lexia oficial.

Ei-los em português:

bráulio;
caetano;
chico;
gaspar;
gregório;
jerônimo;
joaquim-madrugada;

judas;
mané-souza;
tinoco;
zé;
zeca;
zezinho.

Em italiano:

adamo;
adolf;
bernardo;

fra bernardo;
pasquale.

6) Utilidade

Esse tipo metafórico apresenta um significado genérico de equipamentos que têm determinada finalidade ou objetos acessórios, já que o órgão sexual masculino é por vezes considerado um anexo ao corpo, explorando o sema /utilidade/.

Na língua portuguesa:

aparelho: “máquina, instrumento, objeto, ou utensílio para um determinado uso”, o pênis é associado a uma finalidade principal, o sexo;

berimbau: “instrumento de percussão, de origem africana, com o qual se acompanha a capoeira, e que é uma haste de madeira arqueada por um fio de arame, com uma cabaça presa ao dorso da extremidade inferior”, cuja possibilidade de ser tocado e a forma, lembram o órgão masculino;

borracha: “substância elástica feita do látex coagulado de várias plantas”, cuja elasticidade lembra o pênis;

clarineta: “instrumento de sopro, cujo tubo, parcialmente cilíndrico, é dotado de uma palheta simples”. Assim como a metáfora do berimbau, o fato de poder ser tocado e da forma parecida referencia a genitália masculina;

carimbo: “instrumento de metal, madeira ou borracha, com que se marcam papéis”, assim como o pênis marcaria o órgão sexual feminino;

catoco: “pequeno pedaço de alguma coisa”, remete à forma do pênis;

contrapino: “pequena cavilha de ferro, de duas pernas, que se atravessa na ponta de um eixo, parafuso ou cavilha, para manter no lugar porcas, arruelas, etc.”, assim como o pênis, localiza-se entre duas pernas e tem uma ponta, que seria a cabeça do órgão;

engate: “aparelho com que se ligam entre si os carros ou as parelhas de tiro”, cuja metáfora lembra o pênis que, pela penetração, faz ligação entre dois corpos durante o ato sexual;

ferragem: “conjunto ou porção de peças de ferro necessárias para edificação, artefatos, etc.”, associada ao órgão sexual masculino;

ferramenta: “qualquer utensílio empregado nas artes e ofícios”, o pênis é associado a sua finalidade sexual;

flauta: “instrumento musical de sopro, de tubo aberto, e dotado de orifícios”, forma que remete ao órgão masculino;

gaita: “instrumento de sopro, com vários orifícios”, cuja possibilidade de ser tocado, lembra o órgão masculino;

lambaio: “vassoura, presa à extremidade de uma vara”, essa metáfora se associa à forma do pênis;

mala: “saco de couro ou pano, ordinariamente fechado com cadeado”, que remete à genitália masculina;

malotão: “pacote ou trouxa grande”, com essa metáfora refere-se não só ao pênis mas ao conjunto dos órgãos genitais masculinos;

máquina-de-fazer-menino: “aparelho ou instrumento próprio para comunicar movimento ou para aproveitar, pôr em ação, ou transformar uma energia ou um agente natural”, assim como uma máquina, o pênis pode estar envolvido no ato sexual e é capaz de produzir meninos, ou seja, de fecundar;

peça: “parte ou pedaço de um todo indiviso”, que remete ao que o órgão representa para o corpo, assim como uma peça é usado em relações sexuais;

pilão: “designação comum a diversos instrumentos que servem para bater, triturar, calcar”, assim como o pênis durante a penetração;

pincel: “objeto constituído de um tufo de pelos ou de fibras, fixado na extremidade dum cabo, e que se usa para espalhar tintas, verniz, cola, etc.”, remetendo ao pênis;

puxador: “peça de madeira, metal, etc., por onde se puxa para abrir portas, gavetas, portinholas”, que é associado ao órgão por conta da masturbação;

rédea: “correia para guiar as cavalgadas”, parte acessória que remete ao pênis. O ato sexual muitas vezes é associado ao ato de cavalgar;

trouxa: “grande pacote” com essa metáfora refere-se não só ao pênis mas ao conjunto dos órgãos genitais masculino.

Em língua italiana apresentamos:

aggeggio (treco): “objeto sem valor”, associado ao pênis por ser algo acessório, sem relevância;

arnese (utensílio): “instrumento de trabalho”, que remete ao esforço do pênis durante a relação sexual;

martello (martelo): “instrumento constituído por uma pequena clava metálica e cabo de madeira usado par bater ou romper”, assim como pênis irrompe a cavidade da vulva durante o ato sexual;

ordigno (instrumento): “instrumento de trabalho”, que remete à função do pênis durante a penetração;

pacco (pacote): “conjunto de objetos destinados a um uso particular”, que remete ao pênis durante a relação sexual;

patacca (medalha): “chapa metálica”, elemento acessório, que remete ao órgão sexual masculino;

tappo (tampa): “objeto de forma cilíndrica que aplica pressão a um recipiente”, em que o membro masculino funciona como uma tampa e fecha um orifício, que seria, como veremos adiante, o órgão sexual feminino.

7) Animal

Em função do corpo ou de alguma parte em formato mais alongado de alguns animais, foram criadas metáforas ligando-os ao órgão sexual masculino, em que se evidenciam a forma e a textura lisa, como no caso dos peixes e cobras. Os pássaros foram também intensamente ligados às metáforas do pênis em língua italiana, pois a criatividade popular italiana visionou no pássaro a semelhança ao pênis e aos testículos: associa-se o pescoço alongado do animal ao próprio órgão viril e o formato arredondado da parte restante do corpo, aos testículos.

O português apresenta:

bagre: espécie de peixe, associado ao pênis pela lisura;

basilisco: “réptil fantástico, de oito pernas, segundo alguns em forma de serpente”, também associado pela lisura ao aparelho genital masculino;

bicho: “qualquer dos animais terrestres”, associado à potência do órgão;

cobra: “designação popular dos ofídios venenosos ou não”, remete ao pênis pela forma e pela lisura;

gambá: “designação comum aos mamíferos marsupiais”, remete ao odor do órgão masculino;

ganso: “ave de pescoço longo e bico achatado”, cujo formato é associado ao órgão sexual masculino”;

jiboia: “réptil de grande comprimento”, que lembra a genitália masculina pela forma e textura lisa;

lombriga: “designação comum aos animais asquelmintos, de grande comprimento”, em que seu formato liso e escorregadio se associa ao pênis;

manjuba: espécie de peixe, cuja metáfora remete à lisura do pênis;

minhoca: “designação geral dos animais anelídeos”, o formato liso e escorregadio referencia o pênis;

miraguaia: espécie de peixe, metáfora que remete à lisura do pênis;

minhocão: “animal fantástico que, segundo a credence popular, tem a forma de verme gigantesco, vive nos açudes ou banhados”. Assim como a metáfora minhoca, remete ao formato e à lisura do aparelho genital;

muçu: espécie de peixe, cuja lisura lembra a do pênis;

ocapi: “mamífero girafídeo de tipo intermediário entre as girafas e os antílopes, que tem pescoço relativamente curto”, cujo pescoço é associado ao comprimento do pênis;

passarinho: “pássaro; pequena ave”, metáfora que lembra o formato do órgão masculino;

peru: “grande ave galinácea doméstica, de pescoço e cabeça nus”, que remete ao comprimento e à forma do pênis;

piaba: espécie de peixe, cuja lisura lembra a do pênis;

pinto / pintinho: “filhote da galinha ainda novo”, que lembra o pênis;

robalo: espécie de peixe, cuja lisura que recorda a do pênis;

rola / rolinha: “designação comum a várias aves columbiformes”, em que o formato alongado do pescoço recorda o pênis;

sardão: “espécie de lagarto escuro”, associado pela lisura ao órgão genital masculino;

sapo: “designação comum aos anfíbios anuros”, cuja pele lisa e escorregadia lembra a do pênis;

traíra: espécie de peixe, cuja lisura recorda a do pênis;

Para o italiano sugerimos:

boa (jiboia): “gande serpente”, cujo formato lembra o do órgão masculino;

colombino (pombo): “nome comum de muitos pássaros”, cujo pescoço alongado remete ao pênis;

passerino (passarinho): “pequeno pássaro”, que recupera a metáfora acima;

pesce (peixe): “animal vertebrado que vive e respira sob a água”, que remete ao pênis devido ao fato de ser escorregadio e liso, como o órgão;

piccione (pombo): “pássaro doméstico de tamanho médio”, que recorda a forma do pênis.

pitone (pítton): “serpente”, que referencia a forma do pênis;

serpente (serpente): “réptil venenoso de corpo longo”, cujo corpo lembra a forma do órgão sexual masculino;

verme (verme): “pequeno animal invertebrado, sem patas, com corpo de forma alongada”, que recupera a metáfora pela forma similar ao pênis.

8) Secreção

A genitália masculina é também associada diretamente ao ato da ejaculação e de urinar, cujo sema é a /secreção/.

Em português:

cano: “designação genérica de toda a espécie de tubo que permita escoamento de líquidos ou gases”, o escoamento é associado diretamente à secreção liberada pelo pênis;

chupeta: “tubo ou orifício por onde se absorve ou chupa um líquido”, além de remeter à secreção é também metáfora da felação;

esguicho: “jacto ou repuxo de um líquido”, que além do formato referencia a expulsão de líquidos;

lança-perfume: “recipiente cilíndrico, de vidro ou de metal, que contém cloreto de etila perfumado mantido sob pressão e lançado em jacto”, cuja liberação de líquido permite associação ao pênis;

mijão: “que ou aquele que mijá com frequência”, lembra a expulsão da urina ou a ejaculação do pênis;

torneirinha: diminutivo de “tubo com uma espécie de chave, usado para reter ou deixar sair um fluido contido em vaso”, cuja forma e expulsão de líquidos recorda a genitália masculina.

Em italiano:

ciuccio (chupeta): “mamilo de borracha para crianças”, de onde jorram líquidos, assim como a secreção expelida pelo pênis;

pistola (pistola): “arma de fogo”, associada ao pênis por expelir algo, no caso, as balas referenciam o sêmem ou a urina;

pisciolo (mijo): “urina”, em associação ao ato de urinar realizado por meio da genitália masculina.

9) Órgão

Há nomes para os quais não encontramos uma referência metafórica explícita. Justificamos esta lacuna confirmando que, apesar “da simplicidade de que se reveste o metaforismo erótico, nem sempre é fácil distinguir o sentido preciso de algumas metáforas, seja pela sua origem que se perde no tempo, seja pela multiplicidade de fatores que intervêm na semântica dos termos populares (...)” (PRETI, 1984, p. 126). Pode ter havido no ato da criação alguma referência metafórica que, todavia, se esvaiu com o passar dos anos.

Os casos como o acima descrito, para os quais não encontramos uma metáfora evidente, enquadramos no grupo ao qual nomeamos *membro*, cujo sema é /*órgão*/. Escolhemos esta metáfora ampla, cuja definição seria: um dos quatro apêndices do tronco, ligados a ele por meio de articulações (FERREIRA, 2004), por nos remeter ao órgão sexual masculino – dado que é considerado um apêndice, algo agregado ao corpo do homem.

Uma das nomeações mais populares na Itália para referenciar o órgão sexual masculino é “*cazzo*”, e suas variações “*cacchio*”, “*cavolo*”, “*capperi*”, em italiano. Nesta metáfora, de acordo com o autor, os principais nomes iniciados por *ca-* são suas variantes; mas sua etimologia não é clara. Em uso desde o século XVI, teve grande difusão no tempo e

no espaço. “A palavra ‘caralho’ atualmente é facilmente dita por inúmeras pessoas de todos os níveis sociais”²⁸ (SCERBO, 1991, p. 73).

As unidades que aparecem em nosso *corpus* relativas a essa metáfora e que apreciaremos doravante não dispõem de uma definição dicionarizada à qual poderíamos associá-las. Por esta razão, são seguidos por nenhuma definição.

Para o português destacamos:

cachaporra;
caralhaz;
caralho;
carulho;
catano;
chechoca;
documentos;
encomenda(s);
genitália;
moca;
falo;

jeba;
jebão;
mangalho;
mango;
membro;
negócio;
pila;
pilha;
pimba;
pimbau;
pingola;

pinguelo;
piroca;
porra;
porraz;
sarrafo;
totinha;
troços;
trolha;
trolho;
troçulho;
xereca.

Em língua italiana encontramos no *corpus*:

bambino;
cazzo;
cacchio;
cazzaccio;
cazzata;
cazzo del gallo;

cazzone;
pipì;
pipinna;
pipo;
supercazzo

10) Pelagem

O pênis também é associado diretamente a sua extremidade, nomeada tecnicamente de glândula, em que sobressai a falta de pelagem. Em língua italiana, porém, esta metáfora não é recorrente, segundo nosso *corpus*.

No português temos:

²⁸“La parola ‘cazzo’ tuttora viene facilmente pronunciata da molte persone di tutti i livelli sociali” (SCERBO, 1991, p. 73).

cabeça calva: “extremidade” desprovida de pelagem;

cabeça de frade: “extremidade”. A adição de frade nos remete à cabeça raspada, ou seja, sem cabelos de algumas ordens religiosas.

cabeça-lisa: “extremidade”. O adjetivo *lisa* referencia a falta de pelos;

cabeça-pelada: “extremidade”. O adjetivo *pelada* remete à ausência de pelos;

calvo: “que não tem cabelo”, ou seja, o pênis é desprovido de pelagem;

careca: “que não tem cabelo”, metáfora que recorda a anterior;

kojac: nome de um personagem do homônimo seriado norte-americano, produzido no final dos anos setenta, de muito sucesso no mundo todo, tanto no Brasil quanto na Itália. Em função de o ator ser calvo, foi associado ao órgão sexual masculino.

pelada: “que não tem pelo”, relacionada à falta de pelos no órgão.

CAMPO SEMÂNTICO: Vulva

A respeito do órgão sexual feminino, podemos destacar em línguas portuguesa as metáforas:

1) Forma

A vulva é associada, por sua forma, a um corte, um rasgo ou um orifício, em que o sema prevalente é /forma/. Sobre o formato que se associa comumente ao órgão sexual feminino, Scerbo comenta: “Uma das primeiras imagens que sugerem a genitália feminina é a da fissura. Trata-se do elemento oposto em relação à protuberância da genitália masculina destinada, por lei da natureza, a encontrar hospitalidade em tal abertura”²⁹ (SCERBO, 1991, p. 140). Outras metáforas se baseiam no formato anelar do órgão sexual feminino. Os exemplos mais comuns, em língua portuguesa, são:

²⁹“Una delle prime immagini che suggerisce il genitale femminile è quella di una fessura. Trattasi dell’elemento opposto rispetto alla protuberanza di cui consta il genitale maschile destinato, per legge di natura, a trovare ospitalità in tale fessura” (SCERBO, 1991, p. 140).

anel: “pequena tira circular”, que remete ao orifício da vulva;

brecha: “fenda ou abertura em alguma coisa”, que recorda a forma de vulva;

corte de navalha / corte profundo: “abertura da pele ou de parte(s) mole(s)”, que remete à forma externa do órgão genital feminino, que inclui grandes e pequenos lábios, vestibulo vaginal;

ferida: ulceração resultado de incisão, que recorda a forma da vulva;

fenda / fendinha: “abertura de maior ou menor extensão na superfície de um corpo”, cuja forma lembra a vulva;

lasca/ lascadeira/ lascadinha/ lascado / lascão: “porção que se corta de certos corpos”, assim como as duas partes (lábios) em que se divide a vulva;

racha: “abertura de coisa rachada”, metáfora que referencia a vulva;

rego: “sulco natural ou artificial”, que recorda a vulva;

talho: “abertura da pele ou de parte(s) mole(s)” forma que remete à vulva.

Em língua italiana destacamos:

anello / umido anello (anel / anel úmido): “objeto, elemento ou estrutura circular” que remete à forma da vulva. A segunda metáfora referencia ainda a secreção do órgão;

ferita (ferida): “abertura lesionada da pele”, que recupera a forma da vulva;

fessa / fessura (fissura): “abertura longa”, que remete à forma da vulva;

taglio (corte): “abertura”, que recorda a vulva.

2) Abertura

Esta é uma das metáforas mais produtivas, pelo que percebemos no exame do *corpus*. O formato da genitália feminina, com a cavidade por onde entra o pênis na relação sexual, por onde se dá à luz, ou onde se poderia armazenar qualquer objeto – como um receptáculo – é motivo de várias criações metafóricas, cujo sema evidente é /abertura/. Um dos exemplos merece atenção especial. É sabido que *boceta*, antes uma caixa redonda de pequeno tamanho para guardar objetos, hoje é um tabuísmo referente à vulva. “Os vocábulos pica e boceta

reproduzem, com grande fidelidade e impacto visual, os órgãos genésicos. Sua figura, seu tamanho, sua cor e, às vezes, até seu cheiro. Nós os vemos com todo seu encanto e esplendor” (ARANGO, 1991, p. 113). Segundo Arango, boceta é a unidade lexical mais condenada, cujo uso recebe condenação até mesmo num prostíbulo. Convém notar que se encontra uma variação ortográfica nesta unidade, qual seja, a troca de o por u: buceta. Conforme o dicionário **Aurélio** (FERREIRA, 2004), a forma adequada seria aquela grafada com o e não u. Todavia, recolhemos em nosso *corpus* também a segunda forma de uso muito frequente.

De acordo com Scerbo (1991), os objetos domésticos, em contato com os homens há milênios, não deixaram de influenciar a criação popular, retomando o mesmo sema da /abertura/. Em relação a um dos exemplos, “*forno*”, verifica-se que é metáfora atestada na Itália desde o século XVI. Todos os alimentos que são introduzidos nesse interior fazem referência à penetração do membro masculino na vulva.

Em língua portuguesa destacamos:

acesso ao útero: “entrada”, recordando por onde entraria o pênis;

boca: “cavidade”, em que penetraria o pênis;

boceta / buceta: caixinha redonda, oval ou oblonga, cuja forma, como visto acima referencia a vulva;

bueiro/ bueiro onde desce o careca/ bueiro quente: “abertura, natural ou construída, por onde escoam águas”, que retoma a abertura da vulva;

buraco: “abertura de certa extensão feita numa superfície”, assim como a abertura que se encontra na vulva;

cabaça/ cabação / cabacinha / cabacinho / cabaço: “vaso”, cujo orifício lembra o da vulva;

caixa / caixinha: “recipiente ou receptáculo”, que como a boceta lembra a vulva;

caneco-de-ouro: “vaso pequeno”, receptáculo em que penetraria o pênis;

casa / casinha: “abertura por onde passa o botão” ou “moradia”, cuja abertura lembra a da vulva;

caverna: “grande cavidade” que referencia a abertura do órgão genital feminino;

cavidade: “espaço cavado de um corpo sólido”, que metaforiza a vulva;

concha: “parte côncava”, cuja abertura e forma remetem ao órgão feminino;

cova: “buraco onde se escondem certos animais”, em que a abertura lembra a da vulva;

cuia: “vaso”, metáfora cujo orifício lembra o da vulva;

depósito: “reservatório”, assim como um receptáculo, a vulva reservaria o pênis;

forno: “construção (...) com uma só abertura, capaz de produzir e armazenar o calor necessário a certos processos”, cujo calor e abertura recorda o próprio aparelho genital feminino;

furna: “caverna ou gruta”, metáfora que recorda a abertura da vulva e passagem do pênis;

furo: “abertura artificial”, em que se evidencia o orifício da vulva;

garagem: “abrigo para veículos automóveis”, a abertura e passagem lembram a vulva e o automóvel seria o pênis;

gaveta: “caixa sem tampa”, cuja abertura remete à vulva;

grota: “abertura produzida pelas enchentes na ribanceira ou na margem de um rio”, que lembra a vulva;

grotão/ gruta / gruta-do-amor: “caverna natural ou artificial”, em que a abertura referencia o órgão feminino;

loca: “gruta pequena”, que lembra a vulva;

ninho de piroca: “toca, covil” da piroca, ou seja, receptáculo do pênis;

ninho de rola: “toca, covil” da rola, recupera a metáfora acima;

pito: “vaso grande de cerâmica grosseira para guardar vinho ou cereais”, metáfora cujo orifício lembra o da vulva;

poço: “cavidade funda”, em que a abertura e forma recuperam a vulva;

tigela-com-pelos: “vaso” complementado pela indicação de pelagem, metaforizando a vulva;

túnel: “caminho ou passagem subterrânea”, que é associado à vulva;

vasilhame: “vaso para líquidos”, metáfora cujo orifício lembra o da vulva;

vaso: “qualquer objeto côncavo próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas”, o orifício recorda o da vulva.

Em italiano selecionamos:

astuccio (estojo): “invólucro de pequenos objetos”, que remete à abertura e capacidade de guardar dentro de si o pênis;

barattolo (pote): “pequeno recipiente”, que recorda a vulva e a metáfora acima explicada;

bicchiere (copo): “pequeno recipiente pelo qual se bebe”, associado à vulva;

bocca (boca): “cavidade que constitui a primeira parte do aparato digestório”, cuja abertura lembra a da genitália feminina;

buco (buraco): “abertura mais ou menos profunda”, que remete à vulva;

ciotola (tigela): “recipiente de forma semiesférica sem cabo”, que recorda a abertura e a capacidade de receber o pênis no ato sexual;

forno (forno): “construção com abertura semicircular ou retangular”, cuja metáfora é explanada acima;

grotta (gruta): “cavidade natural subterrânea”, cuja abertura remete à vulva;

nido (ninho): “estrutura de forma e material variados construída por pássaros para seu próprio abrigo”, assim como a vulva seria o lugar onde se manteria o pênis durante o sexo;

scatola (caixa): “receptáculo de forma e material variados”, que remete à vulva;

tazza (xícara): “pequeno recipiente com cabo”, associado à vulva;

vaso (vaso): “recipiente de forma e material variados”, associado à abertura da vulva.

3) Pelagem

A presença de pelos na vulva impele a criação de metáforas que a associem a objetos, lugares, ou ainda alimentos que sejam recobertos por algum tipo de pelame ou por vegetação, o que equivaleria aos pelos. Apesar de aparecer em alguns dos nossos exemplos itens que poderiam também prefigurar em outras metáforas, achamos por bem apresentar aqui aqueles que oferecem algum ponto de contato com o sema /pelagem/.

Em língua portuguesa destacamos:

bigode: “pelos que nascem sobre o lábio superior”, assim como recobrem os lábios da vulva;

cabeluda: “que tem muito cabelo”, assim como a vulva;

charuto de pelo: “rolo de folhas secas de fumo, preparado para fumar-se” coberto de pelos, cuja pelagem é associada à da vulva;

crespo: “cabelos anelados”, assim como os que recobrem a vulva;

gramado: “terreno coberto de grama”, neste caso, de pelos da vulva;

mata: “cobertura vegetal” que remete aos pelos da vulva;

peladinha: “que não tem pelo”, recorda a vulva;

pelera: popularmente, grande quantidade de pelos num mesmo espaço, metáfora que lembra a pelagem da vulva;

pelozinha: “que tem pelos”, assim como a vulva;

pelúcia / pelucinha: “conjunto de pelos”, que lembra a vulva;

peluda: “que tem muito pelo”, assim como a vulva;

pudim de pelo: alimento recoberto de pelos, assim como a vulva;

rocinha: “terreno onde se roça mato”, o mato é metáfora da pelagem presente na vulva;

tigela com pelos: “recipiente” coberto de pelos, assim como a abertura e a pelagem do órgão genital feminino.

Para a língua italiana recolhemos:

boschetto (bosque): “terreno coberto de árvores”, cujas árvores são associadas aos pelos;

cespuglio (moita): “conjunto de plantas”, cuja vegetação remete aos pelos da vulva;

foresta (floresta): “grande extensão de terra recoberta de plantas”, metáfora que recupera aquela explanada acima

orto d'amore (horto/horta): “jardim”, em que a presença de vegetação recorda a pelagem da vulva;

pelliccia (pelagem): “revestimento de vários mamíferos de pelagem macia e longa, usado também para fazer casacos”, que remete aos pelos da vulva;

pelosa (peluda): “pessoa ou animal que tem muitos pelos”, adjetivo associado à vulva e a seus pelos;

ragna (aranha): “invertebrado”, que, pela presença de pelos em algumas espécies, lembra a pelagem da vulva;

selva / selva nera (selva / selva negra): “floresta”, em que as plantas lembram os pelos, intensificados pelo adjetivo negro da segunda metáfora – que recorda a cor da pelagem.

4) Animal

As metáforas que fazem menção aos animais, sejam eles de penas ou pelos, lembram especialmente o pelame da genitália. Optamos por separá-las da seção acima porque não se referem a objetos e sim, a seres. Ainda podemos destacar a referência ao cheiro de alguns animais. Dispensamos as definições dicionarizadas e apresentamos as nossas próprias, com o intuito de esclarecer melhor o que são e a que se referem os itens de cada metáfora, refutando os termos técnicos da zoologia.

Para o português selecionamos:

aranha: inseto cuja presença de pelos lembra a vulva;

arraia-preta: tipo de peixe que remete à forma da vulva;

bacalhau: tipo de peixe associado à vulva pelo cheiro;

bacorinha: pequena leitoa, associada à vulva;

baratinha: inseto cuja forma lembra a da vulva;

bicho-preto: designação geral dos animais, cuja cor e a possível presença de pelos lembram a vulva;

bichana / chana / xana / gato (as duas intermediárias são formas reduzidas da primeira): mamífero coberto de pelos, assim como a genitália feminina;

cachorro: mamífero coberto de pelagem, que recupera a metáfora acima;

caranguejo: tipo de crustáceo que é associado à forma da vulva;

lacrãia: inseto associado ao órgão sexual feminino;

marisco-de-barra: animal marinho que, pela forma, é associado à vulva;

marmota: roedor, cuja presença de pelos lembra a vulva;

pássara / passarinha: ave cuja presença de penas lembra a pelagem da vulva;

perereca: anfíbio cuja forma é associada ao aparelho genital feminino;

periquita / piriquita: ave cuja presença de penas lembra a pelagem da vulva;

pomba / pombinha: metáfora que recupera a acima descrita;

rata: roedor associado à pelagem do órgão;

sapo: anfíbio cujo formato é associado ao órgão genital feminino;;

tamatiá: ave cuja presença de penas lembra a pelagem da vulva;

tatu: mamífero cuja forma é associada à vulva;

ursa: mamífero cujos pelos são associados à vulva.

Para a língua italiana destacamos:

anitra (pato): “ave plumada”, cuja plumagem lembra os pelos da vulva;

conchiglia (concha): “invólucro calcáreo que recobre o corpo de muitos moluscos”, que lembra a forma da vulva;

fagiana (faisão): “ave com plumagem de cores variadas”, associada à vulva;

gatto (gato): “felino doméstico”, cuja pelagem remete a da vulva;

marmotta (marmota): “mamífero roedor de pelagem macia”, em que a pelagem recorda a vulva;

passera / passerina (pássara / passarinha): “pássaro”, que lembra a forma da vulva e as penas, os pelos,

topa (rata): “pequeno roedor de pelo curto”, pelagem associada à vulva;

uccello (pássaro): “pássaro”, uma vez mais, a pelagem é a base da metáfora;

vongola (mexilhão): “molusco de concha oval”, cuja forma é associada à vulva.

5) Beleza

Esta metáfora ressalta a beleza do órgão, seja se referindo a flores ou com adjetivos.

Optamos por não apresentar as definições de cada uma delas por pensar ser desnecessário a

explicitação em demasia de algo que nos parece evidente: em todas as metáforas o sema evidente é a /beleza/. Para a genitália feminina em italiano usam-se também metáforas do reino vegetal. A base delas é a antiga simbologia da fecundidade das árvores. De modo particular,

a figueira, cujo fruto maduro, abrindo-se, fornece a imagem da vulva. De fato, o nome de tal fruto, que popularmente foi feminilizado e transformado em ‘fica’ [que traduzimos aqui por *boceta*], representa até agora a mais difundida metáfora da mulher. Na base de sua motivação estão muito provavelmente também a cor, a maciez e a viscosidade do fruto já mencionado.³⁰ (SCERBO, 1991, p. 185, comentário nosso)

Na tradução para a língua portuguesa, essa etimologia se perde. Contudo, a maçã cortada ao meio faz alusão à vulva, na cultura brasileira.

Em língua portuguesa apresentamos:

flor;
margarida;
papoula;
rosa/ rosinha;
bela;
fofa;
gostosa;
tesouros.

Para a língua italiana recolhemos:

gioiello (joias);
orchidea (orquídea);
rosa (rosa);
tesoro (tesouro).

³⁰“*l’albero del fico, il cui frutto maturo aprendosi dà l’immagine della vulva. Infatti il nome di tale frutto, che popolarmente è stato femminilizzato e trasformato in ‘fica’, rappresenta tuttora la più diffusa metafora della natura della donna. Alla base della sua motivazione stanno molto probabilmente anche il colore, la mollezza e l’appiccicosità del frutto anzidetto*” (SCERBO, 1991, p. 185).

6) Antroponímia

Assim como ocorre com o pênis, também se atribui à vulva nomes próprios, o que remete à importância do órgão. A ideia principal é que tem vida independente. O sema em destaque é /antroponímia/. Como explicitado no mesmo item referente ao órgão genital masculino, também aqui as escolhas são aleatórias e idiossincráticas.

Não apresentamos uma definição para cada um dos nomes dados, pois remetem a nomes de pessoas.

Em língua portuguesa temos:

bráulia;
caetana;
chiquitita;
maroquinha;
ofélia;
paloma;
ritinha;
rô;
teca;

teia;
teresuda;
tieta;
tonha;
totonha;
vanderléia;
vandinha;
xuxa;
zezinha.

Em língua italiana destacamos:

berta;
filiberta;
filippa;
filippina;
lucia;
mona;
mona bernarda;
mona lisa.

7) Fechamento

O aprisionamento do pênis no órgão sexual feminino, devido à contração da vagina durante o coito, provocou a metáfora da armadilha ou de uma fechadura, explorando o sema /fechamento/.

arapuca de caçar pinto: armadilha para apanhar pássaros pequenos, cuja metáfora associa a vulva sendo penetrada pelo pênis;

alçapão: “armadilha para apanhar pássaros”, que remete ao fechamento da vulva;

caičara: “armadilha para apanhar peixes, feita com ramos de árvores”, metáfora que recupera aquela explanada acima;

cambão: “peça de madeira com que se prende por correias um ou mais bois a um carro”, cujo fato de prender remete ao ato sexual em que o pênis é absorvido pela vulva.

cofre do meu pau: “caixa onde se guarda dinheiro, jóias, documentos e outros objetos de valor”, assim como a vulva fecha dentro de si o pênis;

Para o italiano citamos:

gabbia (gaiola): “estrutura usada para guardar ou transportare pássaros”, assim como a vulva retém o pênis dentro dela;

serratura (fechadura): “peça mecânica para fechar à chave portas”, assim como a vulva segura o pênis;

trappola (armadilha): “engenho de forma variada usado para capturar animais”, que remete especificamente ao apresionamento do pênis durante o sexo.

8) Órgão

Também para a vulva há nomes para os quais não pudemos referenciar uma metáfora.

Os casos como o comentado, em que não encontramos uma metáfora evidente, enquadramos no grupo metáforas desconhecidas. Por esta razão, não sugerimos nenhuma definição em seguida dos itens.

babaca;
bimba grande;
chinha / xinxá;
chirinha;
chiri;
chochota;
chota;
fanico;
nhonha;
nica;

papuda;
pichoca;
pichita;
picheu;
pichuleta;
pipita;
pipiu;
pixana;
popoca;
precheca;

prexeca;
prexela;
prexeta;
quirica;
rodete;
tabaca;
tambarerê;
xarife;
xavasca;
xereba;

xereca;
xerereca;
xexeca;
xiba;

xiri;
xiranha;
xixim;
xixita;

xoxota;
xota.

Em língua italiana não encontramos unidades léxicas que se relacionassem a esse mesmo sema

9) Alimento

Ao órgão sexual feminino também se associam alimentos que recordem, em especial, seu formato ou sua pelagem, algo que se pode comer.

Em português:

muqueca de pelo: alimento recoberto de pelos assim como a vulva;

hamburger de pelo / filé de pelo: carne recoberta de pelos que lembra a pelagem da vulva;

esfiha de pelo: alimento recoberto de pelos, que recupera a presença de pelos na genitália feminina;

pastel de pelo: alimento recoberto de pelos, associado à pelagem da vulva;

Para a língua italiana, mostramos o que se segue.

albicocca: “damasco”, que referencia a vulva;

bistecca col pelo (bisteca com pelo): “fatia de carne”, recoberta de pelos, assim como a vulva;

braciola (bife): “fatia de carne”, que remete à vulva;

bresaola / bresaolona (embutido): “carne salgada”, relacionada ao órgão genital feminino;

brioche (*croissant*): “tipo de massa doce à base de farinha, manteiga, fermento e ovos”, associada à vulva;

castagna: “castanha”, que referencia a vulva;

ciambella (bolo): “doce de forma circular com uma abertura ao meio”, que recorda o orifício da vulva;

frutto: “fruto”, assim como seria a vulva;

meringa alla fragola (suspiro com morango): “doce feito de suspiros”, ao qual se adicionam, nesta metáfora, os morangos, metáfora que associa a vulva algo apetitoso;

noce: “noz”, associado à vulva;

pesca: “pêssego”, que referencia a vulva;

prugna / susina: “ameixa”, que remete à vulva;

CAMPO SEMÂNTICO: Seios

Para os seios, em língua portuguesa podemos salientarmos as seguintes tipologias metafóricas:

1) Alimento

Os seios, por seu formato ou pelo fato de ser sugado, seja pelo recém-nascido ou durante o ato sexual, são comumente associados a alimentos e, portanto, suas metáforas estão quase sempre no plural para indicar as duas mamas.

Em língua portuguesa recolhemos do nosso *corpus*:

abóboras: “fruto” arredondado, associado aos seios;

cuscuz: “bolinho de farinha de milho”, que recorda a forma dos seios;

limões: “fruto” arredondado, cujo formato remete aos seios;

maçãs: “fruto” arredondado, associado aos seios

mamões: “fruto do mamoeiro, de feitio semelhante ao da mama, cor amarela, e polpa espessa e succulenta”, que remete aos seios;

marmelos: “frutos grandes, carnosos”, que referenciam os seios;

melancias: “frutos [de] enormes bagas uniloculares e polispermicas, muito sucosas”, que remetem aos seios;

pomos: “fruto complexo, carnoso e indeiscente”, que lembra os seios;

pudim: “iguaria de consistência cremosa e composição variada”, cuja maciez recorda os seios;

recheios: “preparado culinário destinado a rechear”, que recorda os seios, como se fossem o recheio do corpo, dado o seu volume.

Em língua italiana destacamos:

brioche: pão de massa folhada, cuja maciez lembra a dos seios;

budino (pudim): doce de consistência cremosa, cuja metáfora que recupera a explanada acima;

caciotta: tipo de queijo de forma pequena e achatada, típico da Itália central, cuja maciez recorda a dos seios;

cocomere / cocomeri: melancias, fruto cuja forma que lembra a dos seios;

ghiande: fruto seco do carvalho, que remete ao formato dos seios;

melanzane: berinjelas, fruta cuja forma é associada a dos seios;

meloni: melões, fruta cuja metáfora que recupera as metáforas anteriores;

mozzarella: queijo fresco típico da região da Campania, macia, que referencia os seios;

noci di cocco: coco, fruta cuja forma lembra a dos seios;

pere: pêras, fruta cujo formato lembra a de alguns seios;

pigna: pinhas, fruto cuja metáfora recorda a forma dos seios;

pompelme: toranja, fruta cuja forma lembra os seios;

poponi: melão, assim como a metáfora acima, lembra a forma dos seios;

provole: queijo cuja maciez lembra a dos seios;

provoloni: queijo, aqui tem-se a mesma metáfora acima;

susine: ameixas, fruta cuja metáfora remete aos seios;

zucche: abóboras, frutos que são associados aos seios.

2) Posição

Os seios são associados ao sema /posição/, por indicar algum lugar a eles relacionados.

Em português tem-se:

leiteria: “lugar destinado a receber e tratar o leite”, que pela amamentação é associada aos seios;

prateleiras: “tábua, ou espécie de estante, onde se colocam pratos”, associadas aos seios por ficarem no alto do corpo;

regaço: “lugar de repouso ou abrigo”, remete aos seios por servir de recosto;

Já para o italiano citamos:

crystalliere (cristaleiras): armário envidraçado onde se guardam objetos de cristal, associado aos seios por ficarem no alto do corpo;

davanzale (parapeito): muro ou parede que se eleva à altura do peito, associado aos seios por ser o lugar onde ficam quando o corpo nele se apoia;

latterie (leiteria): casa comercial especializada na venda de leite e laticínios, pelo fato de servirem à função de amamentação é associada aos seios;

vette (cume): o ponto mais alto de um monte, associado aos seios por ficarem no alto do corpo;

3) Forma

Os seios são lembrados nas metáforas também por seu formato, representado aqui pelo sema /forma/.

Para o português selecionamos:

montes: “qualquer amontoado de coisas em forma de monte”, cuja forma remete aos seios;

pães de açúcar: “monte presente na cidade do Rio de Janeiro”, que referenciam o formato dos seios;

Para a língua italiana apresentamos:

- alpi** (alpes): cadeia de montanhas, cuja forma que lembra os seios;
- ande** (andes): cadeia de montanhas, cuja forma que lembra os seios;
- appennini** (apeninos): cadeia de montanhas, cuja forma que lembra os seios;
- boccia** (bola): esfera de madeira usada em alguns jogos, forma que lembra os seios;
- bombe** (bombas): projétil que recupera a forma dos seios;
- bombole** (cilindro): recipiente cilíndrico, que lembra o formato dos seios;
- borchie**: rosca, item de ferramenta associado à forma dos seios;
- camere d'aria**: câmara de ar, que lembra os seios pelo formato;
- clacson**: buzina, a qual, antigamente era arredondada e macia para ser apertada a fim de produzir o som, assim como os seios e o fato de serem apalpados;
- coni**: cones, que lembra a forma dos seios;
- coppe di champagne**: taças de champagne, recuperam o formato dos seios;
- dune**: monte de areia formado pela ação do vento, cuja forma lembra os seios;
- globi**: globos, cuja forma arredondada recorda os seios;
- padelle**: frigideiras, associada à forma dos seios;
- palle da bowling**: bolas de boliche, recupera as metáforas acima;
- sfere**: corpo ou objeto de forma esférica, aqui também se repete a metáfora anteriormente explicada;
- tazze**: xícaras, que lembram a forma dos seios;
- vulcani**: montanha que expele ou já expeliu material magmático, forma que lembra os seios.

4) Órgão

Conforme ocorreu com outras metáforas comentadas anteriormente, para os seios encontramos algumas que não se associam de forma direta a nenhuma metáfora conhecida.

Uma vez mais, muitas dessas relações se esvaneceram no tempo. Como não dispõem de definição precisa, optamos por não apresentar nenhuma.

Em português apresentamos:

busto;
lolôs;
malacas;
tetas;
tetês.

Em língua italiana sugerimos:

pocce;
tetta / tettine / tettoni;
zinne;
zizze.

5) Maciez

Nessa tipologia metafórica encontramos apenas em língua portuguesa a associação dos seios a objetos moles, macios ou que inflam.

airbag: “saco fixo que infla automaticamente à frente dos passageiros de um veículo automóvel”, que recorda os seios;

buzinas: “aparelho de veículos que produz sons, os quais, antigamente eram arredondados e macios para serem apertados para produzir o som”, associadas aos seios e ao fato de serem apalpadados;

colchão: “grande almofada basteada, estofada com alguma substância flexível”, cuja maciez lembra a dos seios;

mochilas: “saco de viagem”, associadas ao seios;

travesseiro: “espécie de saco estofado para encosto, assento, ou ornato”, que referenciam o fato de os seios serem macios;

odrezinhos: “saco feito de pele e destinado ao transporte de líquidos”, cuja maciez remete aos seios.

6) Secreção

Em língua italiana aos seios faz-se a analogia de recipientes que contém ou secretam algum líquido ou ao ato de sugar.

biberon: mamadeira, cujo leite remete ao que os seios secretam;

borrace: cantil, que é associada à vulva como na anterior;

bottiglie: garrafas, associadas à vulva recuperam a metáfora acima;

poppe/ puppe: alteração de *poppatoio*, mamadeira em dialeto fiorentino.

CAMPO SEMÂNTICO: Ânus

Para o ânus, em língua portuguesa, podemos assinalar as seguintes tipologias metafóricas:

1) Forma

Nessas metáforas o ânus é associado a anéis e argolas que remetem ao sema /forma/.

Para a língua portuguesa destacamos:

anelão / anel: “pequena tira circular”, que recorda o orifício do ânus;

argola: “anel metálico para prender”, cuja formato circular referencia o ânus;

aro: “pequeno círculo”, cuja forma lembra a do ânus;

botão: “pequena peça, quase sempre arredondada”, associada ao formato do ânus;

bozó: “cilindro usado em jogo de dados”, forma que lembra o ânus;

disco: “objeto chato e circular”, que referencia o ânus e sua forma;

girassol: flor cuja forma lembra a de um disco e é, por isso, associada ao ânus;

roda: “peça ou máquina simples, de formato circular”, que remete ao ânus;

rosquinha: diminutivo de “pão, bolo ou biscoito retorcido ou em forma de argola”, cuja forma recorda o ânus;

Em língua italiana:

bicchiere: copo, cuja abertura remete à forma do ânus;

coffa: cesto, cuja forma arredondada lembra o ânus;

liuto (alaúde): instrumento musical de caixa ovóide, que referencia, pela forma, o ânus;

nocchia: avelã, associado ao formato do órgão;

nocciola: avelã, cuja forma remete ao ânus;

tamburo (tambor): instrumento musical de forma redonda, associado ao ânus.

2) Abertura

Esta metáfora recorda o formato arredondado do ânus, com a cavidade por onde entra o pênis na relação sexual ou por onde se expõem os excrementos.

Para o português apresentamos:

boca de caçapa / boca de velha: “cavidade na parte inferior da face”, que remete à abertura da cavidade do ânus;

buraco: “pequena abertura artificial, ordinariamente de forma arredondada” que remete tanto à forma quanto à abertura do ânus;

canal: “cavidade ou tubo que dá passagem a gases ou líquidos”, assim como o ânus, cuja abertura serve, conforme explicado anteriormente, para a penetração ou para a expulsão de excrementos;

caneco: “qualquer objeto côncavo próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas”, que recupera a metáfora acima;

cano: “designação genérica de toda a espécie de tubo que permita escoamento de líquidos ou gases”, cuja abertura remete ao ânus;

forno: “construção com uma só abertura, capaz de produzir e armazenar o calor necessário a certos processos”, cujo calor e abertura recordam o ânus;

furo: “abertura artificial”, que referencia o ânus;

urna: “vaso”, cuja abertura lembra a do ânus;

vaso preto / vaso traseiro: “qualquer objeto côncavo próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas”, que recupera a metáfora acima.

Para o italiano recolhemos:

buchetto (buraquinho): cavidade, que remete ao orifício de abertura do ânus;

bucio / buco buio / buco del sedere / buco oscuro (buraco / buraco escuro / buraco do bumbum / buraco escuro): cavidade, que lembra o ânus;

obice (canhão): arma cuja capacidade de expulsar balas é associada ao ânus por ser do qual se expõem excrementos – os tiros da metáfora;

orifizio (orifício): abertura de uma cavidade, remete à abertura do órgão;

pozzo: poço, associado ao ânus;

secchio: balde, cuja forma cilíndrica lembra o ânus;

tombino (esgoto): canal subterrâneo, que lembra a abertura e a posição do ânus.

3) Posição

O ânus também é metaforizado, em língua portuguesa, a lugares, refletindo o lugar onde se localiza.

entrada de serviço: “ingresso”, remete à penetração no ânus;

fim do espinhaço: “extremidade”, que remete ao lugar onde se localiza o ânus, ao final da coluna vertebral;

fundo: “a parte mais baixa ou mais interior de um lugar”, que remete ao ânus;

lugar onde o sol não bate / lugar que não vê o sol: espaço que, como se metaforiza, não se vê a luz do sol, ou seja, permanece recoberto e escondido;

meio: “posição intermediária entre dois seres ou objetos”, assim como a localização do ânus;

porta de serviço / porta dos fundos / porta errada: “meio de acesso”, que remete ao ânus. O item “serviço” recorda a função de excreção do ânus, por onde se realiza a limpeza do

corpo. “Fundos” referencia a posição em que se localiza o órgão e “errada”, porque, no ato sexual, é um orifício secundário para a penetração, em relação à vulva;

quiosque: “pequeno pavilhão”, em geral de formato circular, que remete ao ânus.

4) Órgão

Já explicitamos antes que há metáforas que se perderam no tempo e cujas associações não são mais evidentes e por isso não apresentamos definições. O sema que sugerimos é /órgão/. Relacionadas ao ânus, em língua portuguesa encontramos em nosso *corpus*:

berba;	cu;	podex;
besbelho;	culiceu;	sedal;
biu biu;	foba;	sundo;
boga;	fonoro;	tarraqueta;
brioco;	fosquete;	toba;
brizu;	fiofó;	tobi;
bubu;	fufu;	tusta;
bugueiro;	fute;	zinquerônio.
buzeco;	futrico;	

CAMPO SEMÂNTICO: Nádegas

Para as nádegas, em língua portuguesa sugerimos as seguintes tipologias metafóricas:

1) Forma

As nádegas são associadas metaforicamente a objetos arredondados e esféricos, cujo sema evidente é /forma/.

Para o português recolhemos:

balaió: “cesto de palha”, cuja circularidade lembra a das nádegas;

banjo: “instrumento musical de quatro, cinco ou seis cordas, com caixa de tambor”, que remete às nádegas;

canastro: “cesta larga e pouco alta”, cuja forma remete às nádegas;

gomos: “divisão natural da polpa de certos frutos”, que são associados às nádegas;

hemisférios: “metade duma esfera”, cuja forma remete às nádegas;

mapa-mundi: “mapa que representa toda a superfície da terra, em dois hemisférios”, em que a forma lembra a das nádegas;

pandeiro: “instrumento de percussão, composto de um aro circular”, cuja circularidade remete às nádegas;

quiosque: “pequeno pavilhão de forma circular”, associado às nádegas;

relógio: “instrumentos ou mecanismos arredondados para medir intervalos de tempo”, que lembra a forma das nádegas quando são circulares;

tambor: “designação comum aos instrumentos de percussão que constam de uma caixa cilíndrica”, associado às nádegas.

Em língua italiana apresentamos:

chiappe / chiappette / chiappona / chiappone: pedra ou rocha, que lembra a forma das nádegas;

culate: corte feito na parte superior da coxa dos bovinos, associado à fenda presente nas nádegas;

foro: cavidade, que remete às nádegas;

mandolino (bandolim): instrumento de corda, cuja forma arredondada recorda as nádegas;

mappamondo (mapamundi): representação gráfica da superfície terrestre dividida em dois hemisférios, cuja forma lembra as nádegas;

nocchia (avelã): fruto da avelãzeira, associado à forma das nádegas;

pertugio (furo): pequena abertura, que remete ao recorte das nádegas;

vulcano (vulcão): relevo ou monte em forma de cone, cujo formato remete diretamente às nádegas;

2) Posição

As nádegas, pela localização em que se encontram no corpo, são objetos de associação a espaços ou localidades que ficam em posição posterior.

Eis as seguintes metáforas em língua portuguesa:

atrás: “na parte posterior; na retaguarda, detrás”, remete à posição das nádegas no corpo humano;

bagageiro: “aquele que carrega a bagagem, na parte posterior”, assim como o corpo carrega as nádegas;

carroceria: “nos utilitários com boléia independente, e nos caminhões, a parte traseira, geralmente aberta, destinada à carga”, associada à localização das nádegas;

culatra: “a parte posterior do canhão”, recupera a posição das nádegas no corpo;

garupa: “parte superior do corpo das cavalgaduras que se estende do lombo aos quartos traseiros”, posição que remete às nádegas;

popa: “parte posterior da embarcação”, recorda a localização das nádegas;

porta-malas: “porta-objetos localizado na parte traseira de automóveis”, que metaforiza as nádegas;

posterior: “situado atrás”, assim como as nádegas em relação ao corpo;

rabada / rabadela: “a parte posterior do corpo de animais”, que remete às nádegas;

rabiosque / rabioste / rabisteco / rabo: “a parte posterior ou o prolongamento de certas coisas”, associados à localização das nádegas;

recavém: “parte traseira do leito de carro ou de carroça”, cuja posição recupera a das nádegas;

retaguarda: “a parte traseira, em relação à frente ou dianteira”, metáfora da localização das nádegas;

sedenho: “a cauda das reses”, ou seja, a parte posterior de alguns animais, assim como o do corpo humano, referenciando as nádegas;

traseiro: “situado detrás; que fica na parte posterior”, assim como as nádegas.

Para a língua italiana destacamos:

cofano: capô, remete às nádegas pela localização;

colle: colina, cuja forma lembra a das nádegas;

deretano: parte traseira, assim como a posição das nádegas;

didietro: a parte posterior, que remete à posição das nádegas;

discarica: lugar onde se descartam detritos, relacionado à expulsão dos excrementos;

fogna: esgoto, metáfora que recupera a explicação acima;

fondello / fondoschiene (fundinho / fundo das costas): parte que constitui o fundo, assim como as nádegas que ficam no final da coluna;

galleria: túnel, que remete à fenda presente nas nádegas;

là dove no batte il sole: lá onde o sol não bate, remete à posição posterior que, ficando recoberta, não recebe a luz do sol;

portabagagli posteriore: portabagagens, lugar onde se armazena algo, assim como o acúmulo de gordura nas nádegas;

posteriore: aquilo que está atrás, cuja posição lembra a das nádegas;

sedere / sederone: parte posterior do corpo, que remete à metáfora explanada acima;

3) Volume

As nádegas, por serem de proporção sobressalente em relação a outras partes do corpo, são associadas a objetos ou seres de proporções significativas, remetendo ao sema /volume/.

Porém, somente no *corpus* em língua portuguesa encontramos as referidas metáforas:

cardã: “sistema de suspensão em que o corpo suspenso mantém sua posição invariável, apesar das oscilações de seu suporte”, cujo volume e possibilidade de conter impactos lembra as nádegas;

icá: “formiga cuja parte posterior é bem desenvolvida”, remetendo às nádegas;

jaca: “fruto de grandes proporções”, que lembra o volume das nádegas;

lombo: “parte carnosa localizada aos lados da espinha dorsal” que remete à parte carnosa e volumosa das nádegas;

pneu: “aro de borracha, inflado por ar comprimido”, cuja presença de ar remete ao volume das nádegas;

polpas: “carne musculosa, sem ossos nem gorduras”, assim como as nádegas;

poupança: “parte acumulada”, no caso, refere-se ao acúmulo de gordura nessa parte do corpo;

supino: “aquilo que se encontra em alto grau; demasiado, excessivo”, que remete ao grande volume, às vezes excessivo, de carne e gordura nas nádegas;

tanajura: “formiga cuja parte posterior é bem desenvolvida”, que remete a essa parte do corpo, pelo seu volume;

trouxa: “grande pacote”, que referencia as nádegas;

tundá: “inchação nas costas”, que remete ao aumento do volume das nádegas.

4) Órgão

Já salientamos anteriormente que há metáforas que foram se apagando com o passar dos anos e suas associações não são mais evidentes e para as quais não se dispõe de definições dicionarizadas. O sema aparente é /órgão/. Relacionadas às nádegas, somente em língua portuguesa as encontramos. Ei-las:

bumbum / bumbunzão;

bunda / bunda de tico-tico/ bundaça/

bundão / bundeta;

lândrias;

mataco;

mucumbu;

pódice;

popo;

popô;

taioba;

tralalá.

5) Alimento

As nádegas, em língua italiana, são relacionadas também a alimentos que lembram sua forma arredondada. Em português essa construção metafórica, de acordo com nosso *corpus*, não se verifica.

albicocche: damascos, que recordam a forma e, às vezes, a textura da pele que recobre as nádegas;

cocomero / cocomerone: melancias, associado às nádegas;

culatello: alimento embutido italiano, que remete às nádegas;

panettone: pão doce de forma arredondada, cuja maciez e forma recordam as nádegas;

popone: melões, que referenciam as nádegas.

CAMPO SEMÂNTICO: Testículos

Para os testículos, nosso último campo semântico, em língua portuguesa podemos evidenciar as seguintes tipologias metafóricas:

1) Pendente

Pela posição adjacente ao pênis, muitas vezes os testículos são associados a objetos suspensos que servem de enfeite. O sema é /pendente/.

Em língua portuguesa encontramos:

accessório: “aquilo que se junta ao objeto principal, ou é dependente dele”, cuja metáfora é associada aos testículos;

adorno: “aquilo que serve de ornamento, enfeite ou atavio; adorno”, assim como os testículos adornariam o pênis;

balagandãs: “ornamento ou amuleto”, que recordam a pendência dos testículos;

bolotas: “qualquer penduricalho”, que recorda a metáfora explanada acima;

brincos: “adorno”, associados aos testículos.

Para a língua italiana destacamos:

ciondoloni: objeto de adorno pênsil, cujo pêndulo lembra os testículos;

cordoni: ornamento, associado aos testículos;

contrappesi (contrapesos): peso adicional que se equilibra com outro, remetendo aos testículos;

pendagli (pingente): objeto ornamental pendente, que recorda os testículos;

pendenti (pingente): objeto ornamental pendente ou algo que pende, assim como os testículos pendem do pênis.

2) Forma

Por seu formato arredondado, os testículos são relacionados a objetos de mesma aparência, cujo sema em destaque é /forma/.

Em português recolhemos:

bolas: “qualquer corpo esférico”, cuja forma remete aos testículos;

guizos: “pequena esfera oca de metal”, associados aos testículos;

mochilas: “espécie de saco, onde se armazena algo”, assim como os testículos guardam em si os espermas;

pelota: “bola de metal”, cuja forma lembra a dos testículos;

saco: “receptáculo de papel, pano, couro, ou material plástico”, associado à metáfora do armazenamento dentro dos testículos e à sua forma;

timbales: “fôrma semi-esférica”, que referencia os testículos;

trouxas: “grande pacote, assim como as metáforas mochilas e saco”, remete à forma e ao armazenamento pelos testículos;

vasos: “qualquer objeto côncavo próprio para conter substâncias líquidas ou sólidas”, indicando que os testículos também contêm líquidos, o plasma seminal.

Para a língua italiana selecionamos:

corbello /corbelloni: cesto de vime, cuja forma recorda os testículos;

gemelli (gêmeos): o que é idêntico, igual, assim como as duas partes dos testículos;

palla / palle: bolas, cujo formato remete aos testículos;

pesi: pesos, que são associados aos testículos;

picolla borsa: pequena bolsa que serve de receptáculo, e que referencia fato de os testículos, armazenarem o sêmem;

rognoni: formação rochosa arredondada, cuja forma lembra os testículos;

scatole: caixas, que referenciam o fato de os testículos conterem o líquido seminal;

sonagli (chocalhos): pequenas esferas de metal, cuja forma remete aos testículos;

tasca: bolso, possui a função de armazenamento, da mesma forma que os testículos armazenam o sêmem.

3) Alimento

Os testículos são metaforizados também a alimentos de formato arredondado, cujo sema evidente é /alimento/.

Para o português destacamos:

bagos: “cada fruto do cacho”, que lembram os testículos;

cachos / cacho-de-coco / cacho-de-uva: “conjunto de flores ou frutos pedunculados e dispostos num eixo comum”, associados aos testículos;

cocos: “ruto arredondado, que recordam os testículos;

fava: “planta que contém grãos arredondados”, assim como o pênis contém os testículos – os grãos que remetem à fecundidade por serem eles os responsáveis pela inseminação na mulher;

gamboa: “ruto arredondado”, que remete à forma dos testículos;

grãos: “pequeno corpo arredondado”, que lembra os testículos e remete à metáfora da fecundidade explicitada anteriormente;

marmelos: “fruto arredondado”, cujo formato lembra o dos testículos;

maxixes: “frutos, comestíveis de bagas carnosas”, associados aos testículos;

ovo: “célula resultante da fecundação de óvulo, de forma arredondada”, cujo formato remete aos testículos;

pêras: “frutos que são uma espécie de baga múltipla”, que recordam os testículos;

tomates: “fruto alimentar de baga vermelha carnosa”, cuja forma e talvez a cor referenciem os testículos;

trapiá: “fruto de baga globosa”, associado aos testículos.

Em língua italiana selecionamos:

didimo: qualquer fruto constituído por duas partes arredondadas, cuja forma remete aos testículos;

fagioli / fagiolone: feijões, associados aos testículos;

fave: favas, cujos grãos recordam a fecundidade dos testículos, onde se armazena o líquido seminal;

gnocchi (nhoques): tipo de massa de forma arredondada e macia, cuja forma referencia os testículos;

granelli: grãos, que recordam os testículos;

marrone / marroni: castanhas, são associadas aos testículos;

prugne: ameixas, que lembram os testículos;

uova: ovos, remetem à metáfora da fecundidade dos testículos, quando excretam o sêmem pelo pênis na genitália feminina.

Considerando as principais metáforas relativas aos campos semânticos selecionados que acabamos de apresentar, percebemos que nossa hipótese de haver um recorte bastante distinto entre os dois idiomas não se confirmou, pois, apesar de serem sociedades diferentes, a metáforas revelaram-se muito próximas ou mesmo idênticas.

Como vimos, as metáforas, a sua relação com os valores e as crenças dos grupos sociais são elaboradas histórico-culturalmente. No entanto, algumas delas são potencialmente universais. Assim, entre culturas que têm algum tipo de contato, as diferenças podem ser pequenas, visto que os conceitos presentes em cada metáfora podem não ter variações entre essas comunidades, como se pode observar entre a italiana e a brasileira. Quando as

experiências corpóreas no mundo são universais, as metáforas primárias – às quais nos dedicamos nesta tese – referentes a vivências com o corpo podem ser adquiridas universalmente, o que explicaria o grande número dessas mesmas metáforas em diversas línguas (LAKOFF, 1987).

Kovecses (2005 *apud* CARVALHO, 2009) argumenta que o pensamento metafórico se assenta na experiência corpórea e em atividades neurológicas no cérebro. Destarte, tendo a metáfora conceitual seu alicerce no funcionamento do corpo humano e do cérebro, e considerando que os seres humanos são iguais, pode-se concluir que boa parte das metáforas conceituais é universal, assim como os semas. Por exemplo, aqueles que indicam secreção e expulsão de líquidos dos órgãos sexuais, que constam de nosso *corpus*. Ou melhor, as metáforas e os semas têm grande probabilidade de serem universais, mas a escolha lexical, nem sempre.

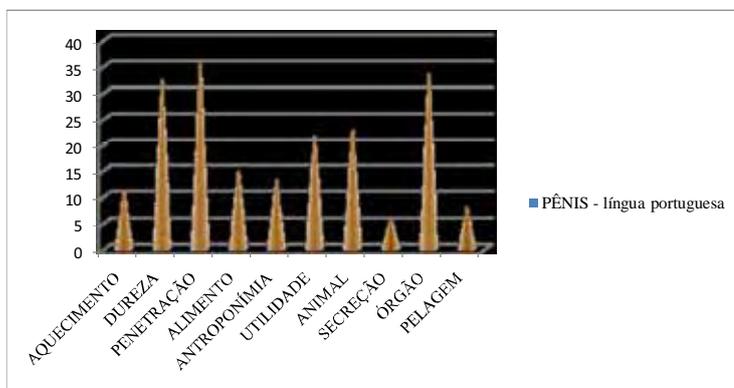
Portanto, podemos inferir, a partir do exame de nosso *corpus*, que ainda que pouco extenso, é representativo, que essa similaridade se deu em função da mesma origem de ambas as línguas, provindas do latim. Além da proximidade iniciada entre as duas sociedades, especialmente no período de imigração, ocorrido entre os anos de 1870 e 1900, quando vieram para o Brasil cerca de um milhão e quinhentos mil italianos (BERTONHA, 2005), o que propiciou, desde então, maior contato e trocas culturais entre os dois povos.

Ademais, hoje, pela globalização o contato pode ser mantido e intensificado. Ressaltamos que por globalização compreendemos o processo de integração econômica, social, cultural e política, possibilitada pela baixa nos custos dos meios de transporte e facilidade de comunicação dos países do mundo, que teve início no final do século XX e começo do XXI. Esse processo se refere à integração de países e à aproximação de pessoas, possibilitando transações financeiras e, em especial, intercâmbios culturais. Esse foi também

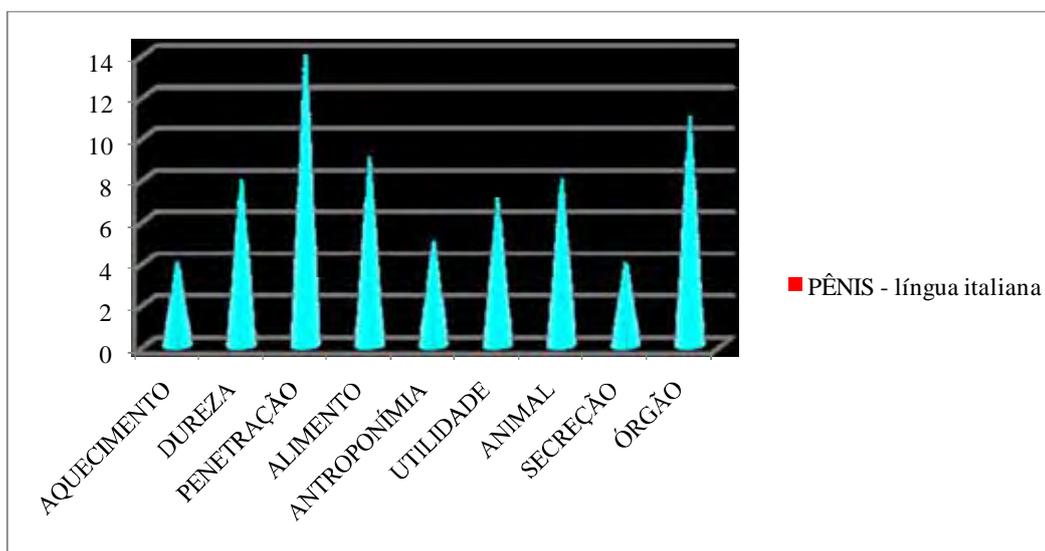
um dos fatos que propiciou a similaridade entre as metáforas das línguas italiana e portuguesa brasileira.

Além disso, o referente extralinguístico, isto é, os órgãos sexuais de que tratamos, é o mesmo em todas as partes do mundo e assemelham-se às mesmas formas, objetos, animais, etc.

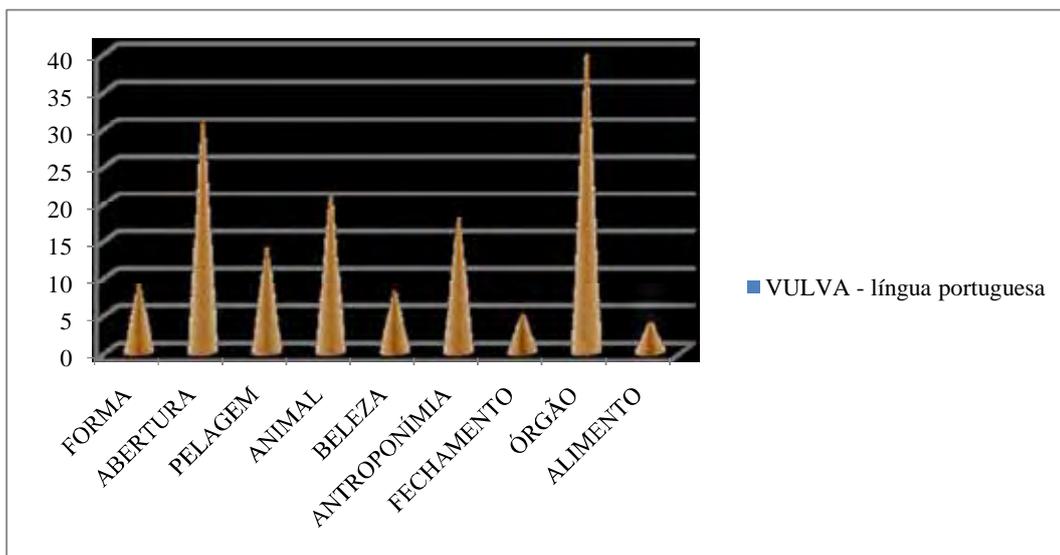
Concernente aos semas, praticamente todos coincidiram. Vejamos esquematizados nas próximas páginas quais foram os sememas coincidentes de cada órgão em ambas as línguas, quantificados em gráficos (o valor que aparece na lateral esquerda de cada um deles se refere ao número de ocorrências):



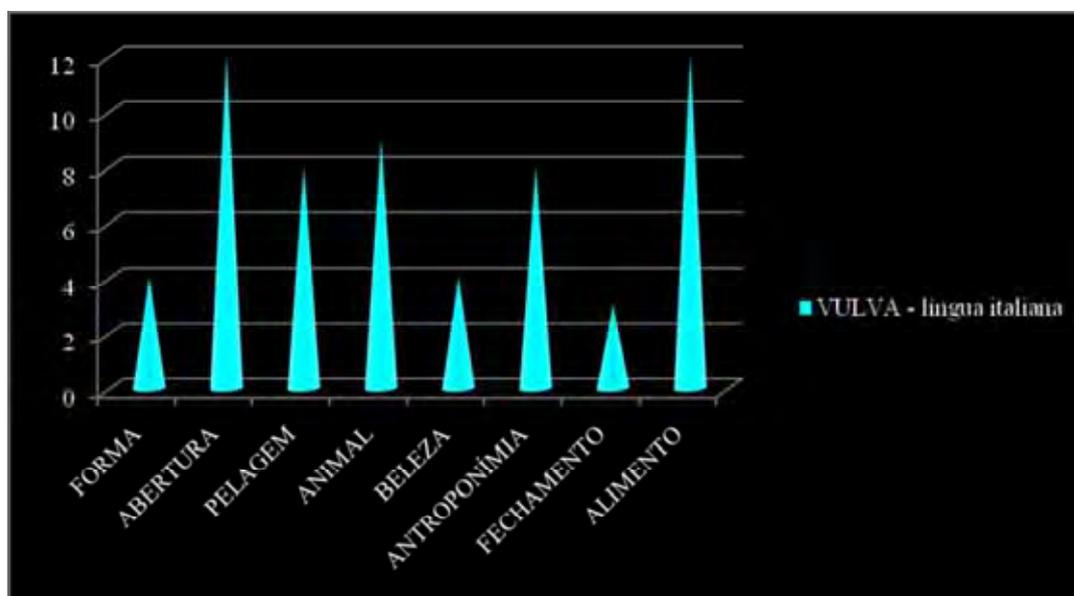
Gráf. 1 – Sememas relativos ao pênis em língua portuguesa



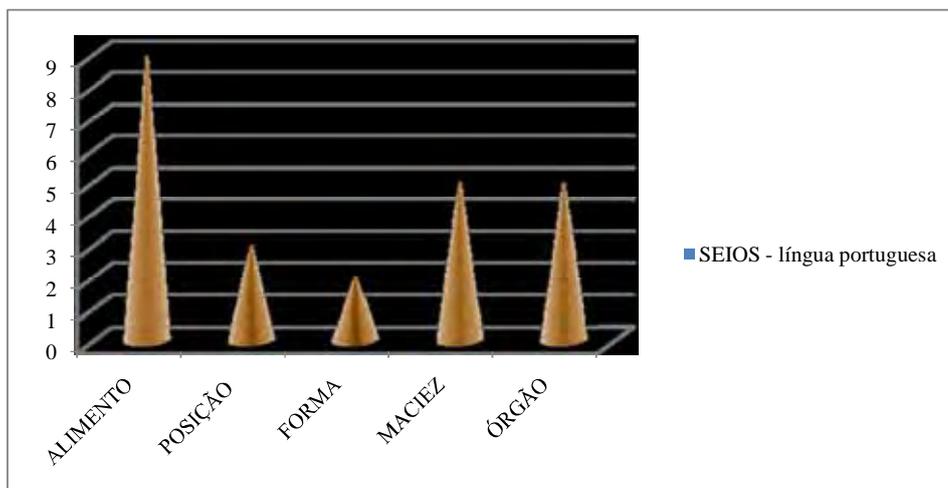
Gráf. 2 – Sememas relativos ao pênis em língua italiana



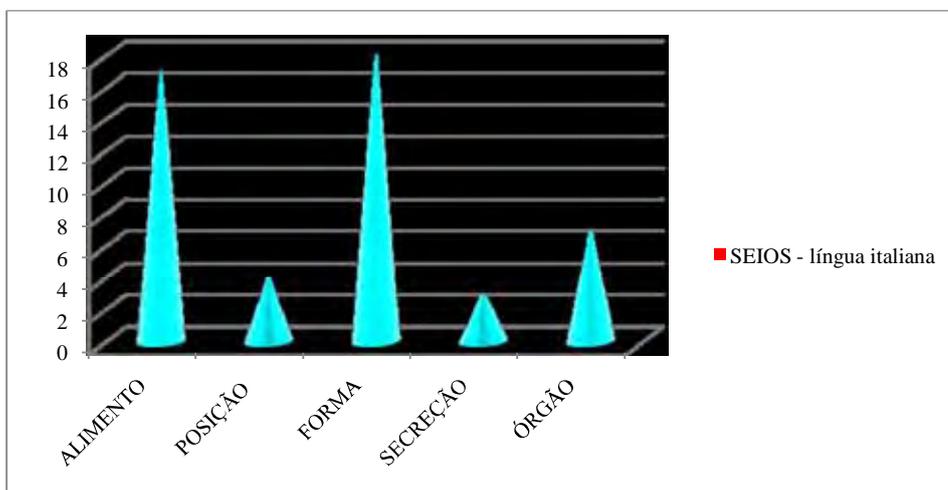
Gráf. 3 – Sememas relativos à vulva em língua portuguesa



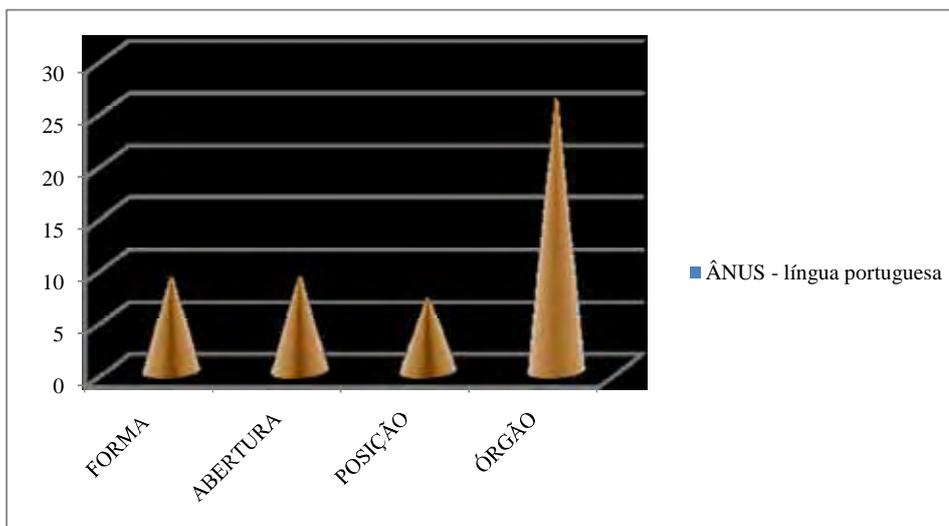
Gráf. 4 – Sememas relativos à vulva em língua italiana



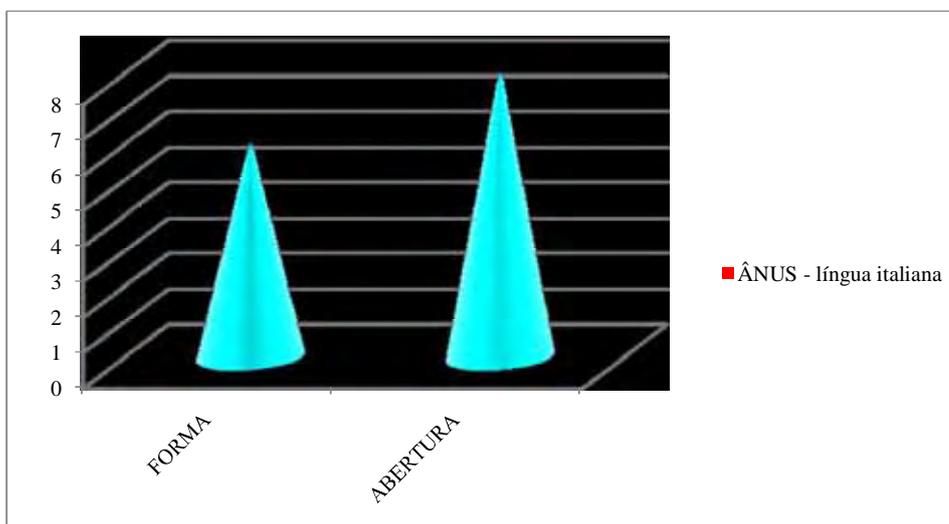
Gráf. 5 – Sememas relativos aos seios em língua portuguesa



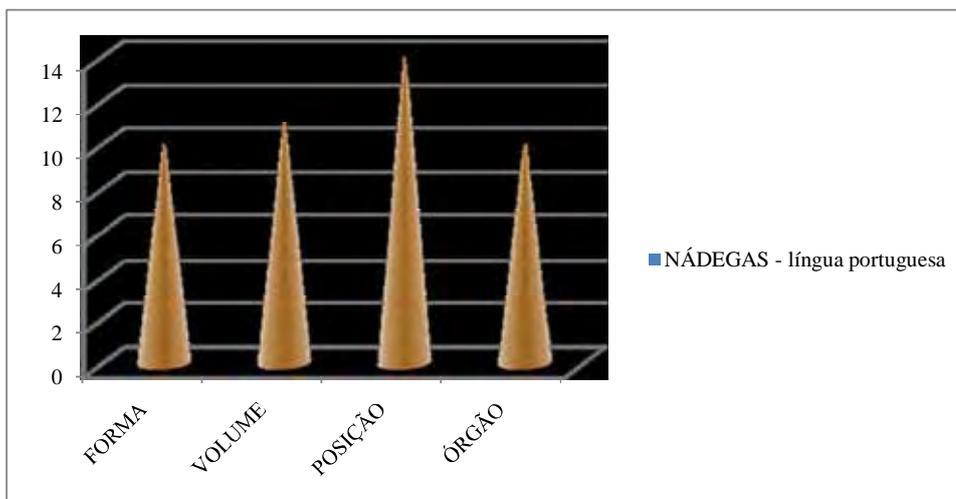
Gráf. 6 – Sememas relativos aos seios em língua italiana



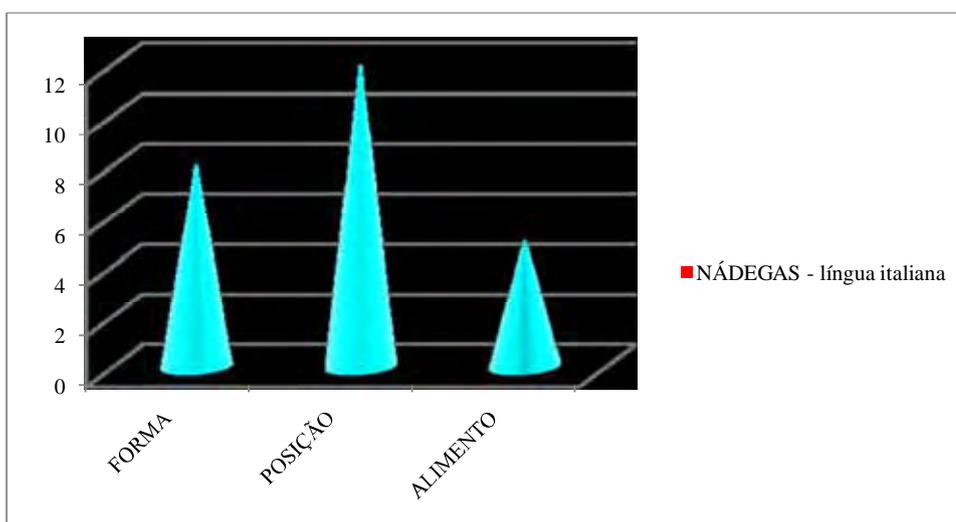
Gráf. 7 – Sememas relativos ao ânus em língua portuguesa



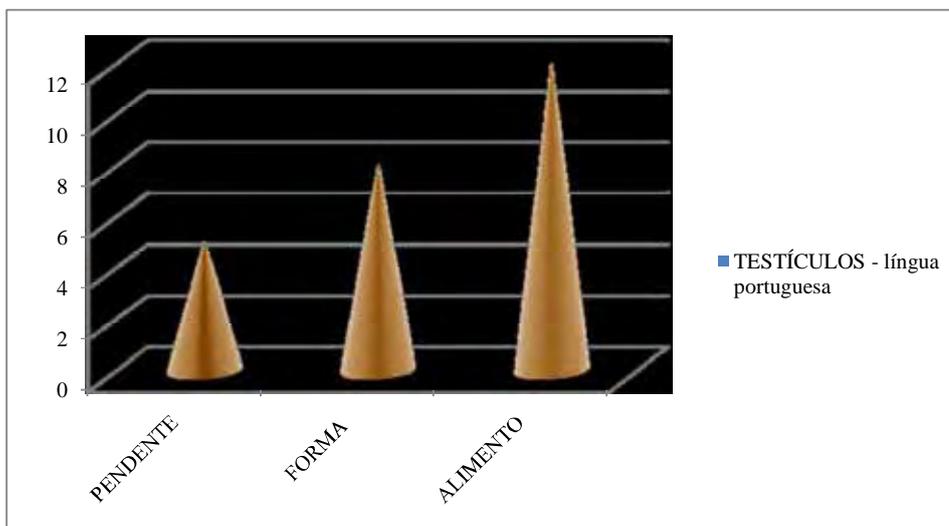
Gráf. 8 – Sememas relativos ao ânus em língua italiana



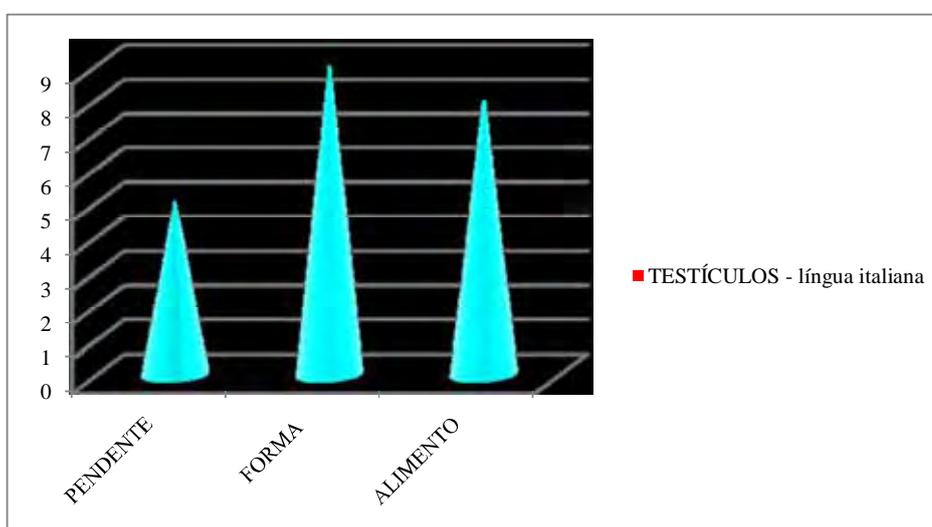
Gráf. 9 – Sememas relativos às nádegas em língua portuguesa



Gráf. 10 – Sememas relativos às nádegas em língua italiana



Gráf. 11 – Sememas relativos aos testículos em língua portuguesa



Gráf. 11 – Sememas relativos os testículos em língua portuguesa

Conforme os gráficos, salientamos que os sememas mais recorrentes entre as duas línguas são, de acordo com nosso *corpus*:

pênis: /forma/, /alimento/, /dureza/ e /aquecimento/;

vulva: /abertura/, /pelagem/, /beleza/ e /alimento/;

seios: /alimento/, /forma/ e /posição/;

ânus: /forma/ e /abertura/;

nádegas: /forma/;

testículos: /pendente/, /forma/ e /alimento/.

Sobre uma das metáforas mais recorrentes entre todos os campos, a associação dos órgãos a alimentos, vemos que hoje o sexo é considerado popularmente uma refeição – o ato de comer. Os órgãos envolvidos passam a ser, então, os alimentos. Assim, justifica-se o emprego metafórico de nomes de alimentos pelos dos órgãos aqui estudados. O que se confirma com a citação abaixo:

Ora, essas aproximações nada mais fazem do que ilustrar, em casos particulares, a analogia profunda que, em todo o mundo, o pensamento humano parece fazer entre o ato de copular e o de comer, a tal ponto que um grande número de línguas os denominam com a mesma palavra. (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 122)

A relação sexual e a relação alimentar são pensadas em similitude, ligadas de maneira metafórica. Dessa forma,

Se a equivalência mais familiar para nós e sem dúvida também a mais difundida no mundo coloca o macho como o que come e a mulher como a que é comida, não se pode esquecer que a fórmula inversa se dá, muitas vezes, no plano mítico, no tema da vagina dentada que, de modo significativo, é 'codificada' em termos de alimentação (...). (LÉVI-STRAUSS, 1997, p. 123)

Concluimos, assim, que, frequentemente, são estabelecidas analogias entre as relações sexuais e a alimentação.

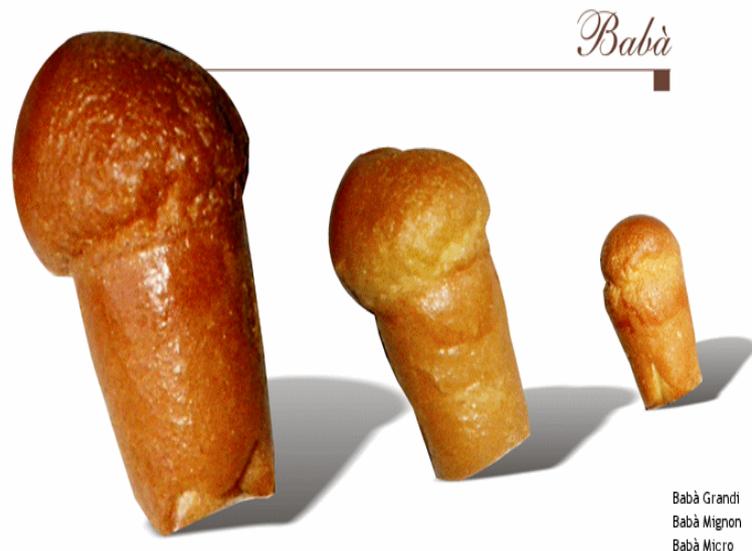
Em relação à repressão sexual que conjecturamos, partindo do princípio de que a elevada recorrência a itens léxicos metafóricos para designar os órgãos em exame seria seu indício, atestamos que, a partir da análise de nosso *corpus* e das metáforas, nas duas sociedades ainda persiste forte repressão sexual, visto que ainda se conservam o receio e o pudor em empregar a terminologia oficial. Caso uma sociedade fosse menos repressiva, talvez menos sinônimos de pênis, vulva, seios, nádegas, ânus e testículos utilizaria.

Sobreviu em nossa pesquisa, portanto, o que comenta Bréal (1992, p. 96): “As metáforas não ficam presas à língua que nascem. Quando são justas e surpreendentes, elas viajam de idioma a idioma e se tornam patrimônio do gênero humano”.

chiappepau xotapottacazzopompe
merolodefumonascodiglofavepopô
vergabalagandãsnatichebustoxererec
atroiapi
onecule
ofognar
ccherac
rifiziopi
talibunc
nhaastu
biosque
entrocr
melanci
cabeluda
dorentoscrotolenhatopacadeirasforn
ochiappepau xotapottacazzopompe
lmerolodefumonascodiglofavepopô

CAPÍTULO 4:

DICIONÁRIO DAS ZONAS ERÓGENAS



4. DICIONÁRIO DAS ZONAS ERÓGENAS

Dedicamos este capítulo à apresentação do produto de nossas pesquisas: uma amostragem do nosso dicionário das zonas erógenas em que constam os campos lexicais relacionados ao pênis, à vulva, ao ânus, às nádegas, aos testículos e aos seios na direção português-italiano.

4.1. ESTRUTURAÇÃO LEXICOGRÁFICA

Para pensarmos na confecção de um dicionário nos defrontamos com os problemas da homonímia, da sinonímia e da polissemia. Os fenômenos mencionados contrariam o que seria desejável na língua, isto é, que a cada significante correspondesse simplesmente um significado, considerando que:

As ideias do autor sobre homonímia e polissemia não só influenciam na estrutura da parte definitória das entradas do dicionário, mas também na decisão de se as indicações sobre conteúdos ou equivalentes de tradução que podem corresponder a um significante léxico podem ocorrer em uma só entrada [...] ou se é preciso fornecer outras entradas.³¹ (HAENSCH *et al*, 1982, p. 297-298)

Estabelecemos a homonímia como sendo a igualdade de significantes de duas ou mais palavras, de cujo significado difere. Dentro de nossa recolha vocabular isso acontece, por exemplo, com “bimba” e “coisa”, unidades lexicais que se referem tanto ao órgão masculino quanto ao feminino; “airbag” (item proveniente da língua inglesa que serve para nomear a bolsa de ar presente em certos automóveis com intuito de proteger o condutor ou o passageiro em caso de colisão) indica as nádegas em língua italiana, assim como os seios em língua portuguesa e também na italiana. Dois outros exemplos são “*buco*” (buraco), do *corpus*

³¹“Las ideas del autor sobre homonimia y polisemia no sólo influyen en la estructura de la parte definitoria de los artículos del diccionario, sino también en la decisión de si las indicaciones sobre contenidos o equivalentes de traducción que pueden corresponder a un significante léxico se pueden dar en solo un artículo [...] o si se han de repartir en varios artículos” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 297-29).

italiano, designador da vulva e do ânus, assim como “chocolateira”, em língua portuguesa, que se refere concomitantemente aos mesmos órgãos citados antes. Todas essas ocorrências serão consideradas homônimas, dado que desfrutam de um mesmo significante, porém com diversos significados, aparecendo cada uma delas em entradas distintas, já que são unidades lexicais diversas. Berruto (1979) confere que a homonímia é uma unidade que apresenta significados variados, ou seja, inúmeros significados distintos correspondem a um mesmo significante.

Para Berruto (1979) devem-se analisar dois casos acerca desse fenômeno: o primeiro é quando se têm palavras distintas, seja em função de pertencerem a classes gramaticais diferentes ou por diversa etimologia ou por semas diversos.

O outro caso a ser examinado é quando se tem a mesma palavra com significados distintos, o que seria a polissemia. Sinteticamente, esta seria a reunião de vários significados aparentados em um único significante, ou seja, está-se diante de uma única unidade lexical. De acordo com Barbosa (1996, p. 245), “a mesma forma significante [...] ligada a vários feixes de sema ou sememas, diversificados pelas combinações diferentes de semas” define a polissemia.

Para Zavaglia,

A polissemia é um fenômeno que está naturalmente presente em uma língua natural; é um fator de economia e de flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema linguístico. Não importa quantos significados tenha um dado item lexical: dada a influência do contexto, não haverá confusão entre eles se a um certo significado for dado um determinado sentido somente numa situação precisa. (ZAVAGLIA, 2003, p. 244)

Este fato se verifica com frequência dentro de nosso dicionário, visto que para um mesmo órgão genital se atribuem facilmente vários significantes próximos, aparentados. Basta atentar que somente para o órgão sexual feminino, em língua portuguesa, coletamos mais de

três mil itens lexicais, o que só pode se justificar pela imensa variação que uma mesma palavra pode ter, como por exemplo, “boca”, realizada também como “boca cabeluda”; “boca da loba”; “boca da onça”; “boca da vovó”; “boca de baixo”; “boca de bicho”; “boca de cabelo”; “boca de caçapa”; “boca de camelo”; “boca de capim”; “boca de encrenca”; “boca de garrafa”; “boca de jacaré”; “boca de macaco”; “boca de mina”; “boca de mochila”; “boca de pacu”; “boca de pele”; “boca de pelo”; “boca de sacola”; “boca de sapo”; “boca de vampiro”; “boca de veludo”. Lembramos que priorizamos apenas o sema principal em cada verbete, ou seja, o mais aparente e explícito – no caso acima mencionado destacamos o sema /abertura/. Ademais, a separação por campos léxicos nos auxilia na constituição do dicionário, uma vez que entre os órgãos não haverá os possíveis embustes que a tênue distinção entre esses conceitos poderia causar.

Na tradução, a polissemia faz com que a uma unidade léxica de uma certa língua correspondam duas ou mais unidades de outra língua, com diferentes significados relacionados entre si. Dessa maneira, as unidades polissêmicas são catalogadas em uma única entrada, cada qual examinada com zelo para evitar a simplificação indicada acima.

Dentro do dicionário aqui proposto comprovamos que

(...) normalmente o que provoca armadilhas ao tradutor é o fato de a polissemia não ocorrer com os mesmos vocábulos e com os mesmos sentidos em diferentes línguas, de modo que uma palavra pode abranger significados em uma língua que seu correspondente direto na outra não possui. Em alguns casos, verificamos que um item polissêmico pode ter um sentido quando empregado sozinho e outro quando pertence a uma locução, por exemplo. (FRANCISCO; ZAVAGLIA, 2008, p. 117)

Resgatamos que, “no que concerne à homonímia, os significados que são expressos por um mesmo significante são totalmente estranhos um ao outro” (ZAVAGLIA, 2003, p.

249). Portanto, em nossos verbetes, casos considerados homônimos aparecem em entradas diferentes, já os polissêmicos, na mesma entrada.

No que tange à sinonímia, de acordo com Berruto (1979), é o fato de palavras distintas dentro de uma língua terem o mesmo significado. Ela ocorre quando significantes distintos correspondem a um único significado.

Ainda para esse autor, uma forma de se testar ou provar a sinonímia é a possibilidade de comutação em um mesmo contexto. Haverá referido fenômeno se na substituição de uma unidade léxica por outra na mesma situação, conservando inalterado o restante do contexto, o significado da expressão não sofrer mudança.

Como adverte Berruto (1979), na realidade, é difícil estabelecer uma identidade de significado entre duas unidades léxicas diversas. A troca perfeita dentro de um mesmo contexto ocorre apenas teoricamente. Logo, a sinonímia não existe, visto que existem valores estilísticos, emotivos e sociais que distinguem os itens de significado aparentemente similares. Por esse motivo, o autor emprega o nome “sinonímia em sentido amplo” para tais casos.

Com efeito, a partir dessas considerações inferimos que os itens de nosso repertório são sinônimos quando puderem ocorrer no mesmo contexto, sem que haja nenhuma perda de sentido.

Para a definição das unidades dentro dos verbetes recorreremos aos sinônimos e, se não houver outra possibilidade, à paráfrase, definida como a re-escritura do conteúdo de um segmento utilizando significantes diversos. Haensch *et al* (1982, p. 276) atentam que, “junto à definição por meio de paráfrases, aparece com frequência a explicação mediante sinônimos”.³²

³²“*Junto a la definición mediante paráfrasis, aparece con frecuencia la explicación mediante sinónimos*” (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 276).

É com esse embasamento acerca das possibilidades da polissemia, da homonímia, da sinonímia e de tradução dos verbetes na passagem da língua portuguesa para a italiana, que realizamos nossa pesquisa e a elaboração parcial do dicionário.

No interior de cada verbete não consideramos profícuo dar indicações sobre a pronúncia, mas sim apenas a classe gramatical a que pertence a unidade léxica, a acepção de caráter erótico-obseno que conduziu à criação metafórica, exemplos de tal unidade do léxico e o sema predominante. O verbete-modelo com tais paradigmas possui a seguinte configuração:

DIREÇÃO PORTUGUÊS-ITALIANO:

unidade lexical erótico-obsena em português (informação morfossintática): *equivalente tradutório em italiano* (informação morfossintática): *contextualização em italiano* (fonte) // contextualização em português (fonte). **Sinônimo da entrada**

Sin.: *sinônimo do equivalente tradutório*

► sema: definição referencial da entrada em língua portuguesa que conduz à metáfora

Como se vê, incluímos nos verbetes a unidade lexical contemplada como entrada, a informação morfossintática indicativa da classe gramatical a que se refere, o equivalente na outra língua, exemplos que possam contextualizar a unidade nas duas línguas e suas fontes, o sema e a definição que levou à metáfora. O acréscimo do sema se mostra uma novidade em meio às ainda raras pesquisas que tratam do argumento das zonas erógenas. Optamos por apresentá-los com o escopo de levar ao conhecimento do leitor qual é o sema atualizado em cada item sugerido para compor a entrada do verbete. Procuramos evidenciar, outrossim, com as contextualizações apresentadas, o item lexical metaforizado associado a um dos órgãos em estudo e sua acepção erótica.

As entradas escolhidas para compor os verbetes provêm dos levantamentos oriundos de dicionários e de itens lexicais que ao longo de nossa pesquisa foram recolhidos. Vale ressaltar que fizemos as coletas especialmente de sites da *internet* direcionados a contos eróticos e de *blogs* juvenis. Isso equivale a dizer que, em nosso *corpus*, figuram unidades lexicais provenientes da fala, da linguagem oral, visto que mesmo nos contos eróticos usa-se uma linguagem mais coloquial e popular – a preferida para o emprego de palavrões. Advertimos que a escolha dessas entradas se deu exclusivamente em função da contextualização, ou seja, sugerimos como entrada para cada verbete a unidade lexical para a qual encontramos um exemplo possível de contextualizá-la, sem contabilizar o número de ocorrências de cada item léxico. Sabemos que algumas das unidades correm o risco de terem sido empregadas uma só vez e por uma só pessoa, ou seja, como idioletos e usos regionais – o que poderia também indicar a diferença entre o número de ocorrências relativas à vulva em língua portuguesa e italiana, pois em português podemos ter nos defrontado mais facilmente com unidades como as acima descritas e, assim, termos obtido uma quantidade maior de registros. Contudo, ainda assim, optamos por apresentá-las com sua frequência única – as *hapax legomena* – já que a sua contextualização nos revela seu uso real e efetivo. Por essa razão, registramos, por vezes, entradas de baixa ocorrência que podem parecer estranhas a falantes que empregam usualmente palavrões. Um exemplo retirado de nosso *corpus* usado para nomear o órgão sexual feminino é “fedegosa”. Nesse caso, o sinônimo “bacalhau” parece ter uso frequente; o mesmo se percebe com “pomos” e “melões” relativos aos seios: ambos compartilham do mesmo sema /alimento/, mas o segundo tem uso mais assíduo que o primeiro. O mesmo acontece com a atribuição dos equivalentes, escolhidos também exclusivamente em função da contextualização.

Concernente aos verbetes que se referem ao órgão sexual masculino, conforme comentado no capítulo anterior, o sema /forma/ perpassa todas as unidades que atuam como

sinônimos de pênis. Por isso, apresentamos outros semas, diferentes deste, que também podem ser encontrados no interior de cada item da entrada. O mesmo ocorre com muitos dos itens relacionados aos seios, em que o sema /forma/ é evidente, mas igualmente entre eles podemos visualizar ainda outros semas.

Ademais, no interior dos verbetes, os itens léxicos arrolados podem sofrer variação ortográfica, como por exemplo, (i) a alteração de ch por x, como em “chana” e “xana” que indicam o órgão sexual feminino em língua portuguesa e (ii) a variação quanto ao gênero da entrada como “banano” ou “banana”, os quais em italiano fazem referência ao órgão genital masculino.

Relativo à ilustração, isto é, à apresentação de um item inserido num contexto selecionado, ela ocorre, como explicitado, por meio de exemplos recolhidos de obras erótico-obscenas, tais como revistas pornográficas e de sites da *Internet* de mesmo teor, especialmente referentes a contos eróticos.

Tomamos tais indicações como suficientes para sanar possíveis dúvidas ou curiosidades do consultor. Como visto na configuração dos verbetes, com todas as entradas em mãos, em português, propomos a tradução para o italiano de cada uma delas.

Observa-se, uma vez mais, que em nosso esboço de dicionário bilíngue privilegiamos o uso de sinônimos da palavra-entrada, partindo do pressuposto que um item lexical de uma língua pode ser definido e compreendido por um equivalente na língua de chegada.

4.2. VERBETES

Apresentamos a seguir uma amostragem dos verbetes de nosso dicionário das zonas erógenas, cujos semas selecionados situam-se entre os mais frequentes segundo nossa pesquisa. Elegemos a ordem alfabética para apresentá-los e, desse modo, começamos por

aqueles atinentes ao campo semântico do ânus (4.2.1.), na direção português-italiano; a seguir, 4.2.2. é dedicado à exposição do campo semântico relativo às nádegas; em 4.2.3., trazemos os itens relacionados ao pênis; logo adiante, em 4.2.4., os verbetes referentes aos seios. Por fim, os testículos e a vulva são apresentados em 4.2.5. e 4.2.6., respectivamente.

4.2.1. Campo semântico: ÂNUS

anel-de-carne (s.m.s.): **anello** (s.m.s.): (...) *sento l'anello che mi stringe il pene e allora spingo sempre più a fondo mantenendo il movimento: fuori dentro, fuoridentro.* (http://www.popkorn.it/racconti/index.php?news_id=26&start=4&category_id=2&parent_id=2&arcyear=&arcmonth) // "Adoro." Ele disse encontrando o **anel de carne** que ele tanto desejava. Aquele canal delicado e enlouquecedoramente prazeroso. Continuando a movimentação na ereção de Aya, Youji começou a provocar o anus do outro com seu dedo médio. Sua boca sufocou a de Aya numa chuva de sensações. (http://br.geocities.com/the_dark_moonlight/amanha.htm). **Anel; anelão; anel de couro**

Sin.: *umido anello*

► forma: circularidade do ânus

buraco (s.m.s.): **buchetto** (s.m.s.dim.): (...) *chiudete la mano sull'uccello poggiandolo sul buchetto, in modo da non farlo deviare di lato (che fa un male boia) decidete di fermarvi ad un centimetro di "penetrazione".* (www.isd.olografix.org/faq/faq_anal.htm) // Júlio tirou o dedo, encheu o meu cu de cuspe e começou a enfiar dois dedos no meu **buraco**. Nossa, com um cacete na boca e dois dedos no cu eu quase fui à loucura. (www.sexyhot.com.br/shot/0,,occ1512-4552,00.html)

Sin.: *buco buio; buco del sedere; buco oscuro*

► abertura: orifício ânus

cu (s.m.s.): **culo** (s.m.s.): (...) *basta l'odore di sesso riempia la stanza e le narici, mentre lo sperma riempie la mia fica vogliosa, a mio culo morbido e pronto ad aprirsi sotto i tuoi colpi mi scuotono le viscere e il cervello.* (www.diarioqualunque.blogspot.com/2005/12/tanto-sesso.html) // Eu era bem novinha e por força do horário do meu pai, era obrigada a esperar depois o que estava sendo chupado também comeu meu **cu** (<http://www.cido.com.br/contos.asp?id=1255>). **Culeiro; culiceu; culo**

Sin.: *culetto*

► órgão: nome popular de ânus

pregas (s.f.p.): **pieghe** (s.f.p.): (...) *era un attimo e sentii puntare quel grosso cazzo tra le mie pieghe che istintivamente contrassi le chiappe* (www.clubclassic.net/racconti) // Meu pau ia e voltava, estourando as **pregas**, até eu gozar (<http://www.cido.com.br/contos.asp?id=1296>).

Pregueado

► forma: dobras da pele presentes no ânus

rabo (s.m.s.): **sedere** (s.m.s.): (...) *ha scoperto quanto è bello essere penetrata nel **sedere**, sentirsi lo sperma spruzzare dentro, bere lo sperma e farselo spalmare sulla pancia.* (http://forum.alfemminile.com/forum/f257/_f479_f257-sesso-con-donna-incinta.html) // Ele enfiou o pau inteiro, com violência, meteu aquele cacete enorme de uma vez no meu **rabo**, e nem sequer me deu tempo de me acostumar com aquele volume (<http://www.cido.com.br/contos.asp?id=1214>). **Rabada; rabicho**
 ► posição: localização ao final da coluna vertebral

4.2.2. Campo semântico: NÁDEGAS

bunda (s.f.s.): **chiappe** (s.f.p.): (...) *la mia testa è completamente confusa le mie mani tremano ma nonostante tutto riesco ad afferrare ancora le sue mutande, le abbasso di nuovo, e con un respiro affannoso diedi un colpo secco da strappare le sue mutande e lasciare scoperto le sue **chiappe**.* (<http://www.clubclassic.net/racconti/story454.html>) // Adoro enlouquecer os homens com minha **bunda** redondinha e meus peitinhos durinhos. (<http://www.sexyhot.com.br/shot/0,,ttr0-4549,00.html>).
 ► órgão: nome popular das nádegas

pandeiro (s.m.s.): **mandolino** (s.m.s.): *Sexy con un culetto che e' un **mandolino*** (<http://pavia.bakeca.it/incontri-0>) // (...) gozamos juntos, com a bichana macia rebolando o **pandeiro** conspícuo em meu cacete rijo. (www.relatoseroticos.com.br/new_a/102/500).
 ► forma: nádegas arredondadas

poupança (s.f.s.): **pacco** (s.m.s.): *Porto jeans a vita bassa, quindi non mostro le chiappe. Il **pacco** nei miei jeans passa abbastanza inosservato, mi farei schifo se avessi una visibile protuberanza proprio lì.* (<http://multiplayer.it/forum/open-space/232011-jeans-antiform.html>)/ (...) dormimos, quando deu 11:hs e alguma coisa, acordei com um liquido quente na minha **poupança** e fiquei na duvida se era xixi ou se era a bolsa, na duvida fomos para o hospital, ao chegar lá eles fizeram um exame para saber se realmente era a bolsa, e era a bolsa mesmo, fiquei no quarto deitada monitorando o bebe e as contrações. (<http://www.e-familynet.com/phpbb/chegada-da-gabrielle-vt98982.html>).
 ► volume: nádegas volumosas e grandes

posterior: s.m.s.: **posteriore** (s.m.s.): *La donna è in piedi, in mezzo ai due uomini, piegata su se stessa e in posizione oltremodo lasciva: offre il suo **posteriore** all'uno e nel contempo pratica una fellatio all'altro.* (www.canino.info/inserti/monografie/etruschi/eros_etruschi/eros_etruschi_3.htm) // Gozamos juntos, com a bichana macia rebolando o pandeiro conspícuo em meu cacete rijo... ai... paizinho ...lambisca meu **posterior** rotundo com teu cajado... (www.relatoseroticos.com.br/new_a/102/500).
 ► posição: parte que se situa atrás, assim como as nádegas em relação ao corpo.

traseiro (s.m.s.): **deretano** (s.m.s.): (...) *così facendo, ella mostrava il deretano sodo e prosperoso, le gambe carnose e lunghissime, scalze, lasciate scoperte da una gonna attillata che le arrivava soltanto a metà coscia.* (<http://www.ewriters.it/leggi.asp?w=27138>) // (...) ajudo ele a abrir os botões e ele arranca o jeans. Dói. Ele passa manteiga no meu **traseiro**. É muito sexy – gordurosa e oleosa e escorregadia. Isso é bom, porque estou ficando nervosa só de pensar no que vem em seguida. Ele tira o short e tenta entrar por trás. (<http://nikita.rio.vila.bol.com.br/h13.html>).

► posição: localização ao final da coluna vertebral

4.2.3. Campo semântico: PÊNIS

banana (s.f.s.): **banana** (s.f.s.): *Mi guardava sorridente e invitante mentre lo accarezzavo sui fianchi e appoggiavo la mia banana nel solco delle sue chiappe.* (www.clubclassic.net/racconti/story353.html) // (...) **mama na minha banana vai!** isso putinha, chupa! aaaahhhh... que delícia de boquinha! (www.contoerotico.com.br/princ.htm). **Mangará; manguito; pacova; penca**

Sin.: *banano; bananone*

► alimento: genitália masculina envolvida na feleção.

charuto (s.m.s.): **pipa** (s.f.s) [cachimbo]: *Capì al volo la mia eccitazione ed infilò la pipa nella mia vagina facendola muovere su e giù e con la lingua giocava sul mio orecchio provocandomi brividi continui...* (<http://tamara61.blog.tiscali.it/cx1847599/cx1847599>) // Comecei a chupar aquele **charuto** preto com muita vontade... (<http://www.swingclubne.com/wmnews/wmview.php?artid=287>). **Pito**

Sin.: *sigaro [charuto] ; sigaro col pelo [charuto com pelo]*

► aquecimento: pênis em estado de excitação.

espada (s.f.s.): **spada** (s.f.s.): (...) *la figa di marta sembra nata per accogliere il suo cazzo, e il suo bollore è sconvolgente, sì, sì, è la fodera della mia spada, pensa claudio con un guizzo di virilità in salsa crociata.* (www.spulp.com/racconti_erotici/le-blatte_kamicina.php) // (...) segurando a grossa rola, ele pincela a racha da xaninha antes de penetrá-la vagarosamente!-oh, deus! ele me fere agora...com sua **espada!!** (www.dicasdesexo.com.br/padrao3.asp?codigo=1025). **Catatau; estoque**

Sin.: *daga; spadone; stocco*

► penetração: capacidade que dispõe o órgão sexual masculino de se introduzir em outro corpo durante a relação sexual

ganso (s.m.s.): **oca** (s.f.s.): *Qual'è la differenza tra erotismo e perversione?erotismo è quando porti una donna all'orgasmo usando una piuma. perversione è quando alla piuma è ancora attaccata l'oca.* (<http://www.eruxe.it/modules.php?name=news&file=article&sid=368>) // (...) de pau em riste/o anão cidão/vivia triste./além do chato de ser anão/nunca podia/meter o **ganso** na tia/nem na rodela do negrão. (http://dhuvi.blogspot.com/2004_09_12_dhuvi_archive.html).

► animal: forma alongada pescoço do animal que remete à forma do órgão viril

pau (s.m.s.): **legno** (s.m.s.): (...) *il legno sulla pelle fa uno strano effetto e i bordi della gonna in alcuni punti non arrivano a toccare la panchina...credo che si veda tutto. provo ad accavallare le gambe per coprimi davanti ma mi scopro troppo di fianco...opto per tenere le gambe più strette possibile.* (www.spulp.com/racconti_erotici/un-pomeriggio-diverso.php) // Meu **pau** pulsava na calça, insuportavelmente duro e me deixava... (www.casadoscontos.com.br/texto.pl?texto=20051255). **Estadulho; garrocha; maçaranduba; madeira; madeirame; moca; pau barbado; pau barbudo; pau bordado; pau de cabeleira; pau de cavalo; pau de fumo; pau de mijar; pau duro; pau penca; pau seco; pauzinho do matrimônio; picota; pinho; ripa; sarrafo; tarolo; tronco**

Sin.: *tronchetto della felicità; tronco*

► dureza: órgão sexual masculino excitado e enrijecido.

4.2.4. Campo semântico: SEIOS

airbag (s.m.s.): **airbag** (s.m.s.): (...) *ho notato sul mio centro-sinistra una leggiadra fanciulla, che relegata in un umido e buio sottoscala cercava disperatamente di attirare la mia attenzione abbarbicandosi con la schiena su di una colonna. Nel fare questo spingeva in avanti i suoi due **airbag** anteriori in maniera leggermente vistosa.* (<http://aiciciu.splinder.com/archive/2007-03>) // (...) eu acho q o super **airbag** e a traseira não são tudo isso, mas um rosto é o que vc mais vai querer lembrar naquela pessoa especial. (<http://www.ligamagic.com.br/index.php?view=forum/mensagem&local=3&id=1431&s=1&c=1102124744>).

► maciez: saco afofado

melancias (s.f.p.): **cocomeri** (s.m.p.): *Manila Nazzaro, ex miss italia, con due **cocomeri** invece di normali tette, è sconsolata: l'hanno bocciata al provino per un film di Costanzo "troppo belli". È comunque contenta di mostrare i suoi cocomeri che sono senz'altro migliori dei meloncini di Shannon Malone e di Janet Jackson attualmente due celebrities dell'osè americano, due sex-girl che mostrano il corporeo per alimentarsi.* (<http://www.alexismagazine.it/news/08-02-05.html>) // *Ela tem duas **melancias** que nem sei como ela foi conseguir aqueles peitões se nem tinha dinheiro pra pagar um implante de silicone.* (<http://www.clubedoscontos.com.br/contos/index/conto/21>).

► alimento: seios grandes como a fruta

montes (s.m.p.): **dune** (s.f.p.): *Mi staccai da lei e spingendola un po' più su, infilai la testa tra le sue **dune**. La sua cavalcata da lieve si fece più intensa. Assaporavo i suoi seni e lei si beava della mia erezione, ancora celata dai boxer.* (<http://dandyhot.splinder.com/tag/greta>) // (...) abocanhei gulosamente seus **montes** afrodisíacos, para em seguida começar a mordê-los com força e sem piedade. (www.casadoscontos.com.br/texto.pl?texto=200506121).

► forma: corpo arredondado como os seios.

regaço (s.m.s.): **davanzale** (s.m.s.): (...) *uno strip in piena regola che è girato in rete per la gioia dei suoi fan. Da allora rosy non perde occasione per sfoggiare il suo **davanzale**, tanto che le colleghe sono furiose: "non c'è verso di farle mettere il reggiseno. Ha sempre le tette fuori", protestano...* (<http://freeforumzone.leonardo.it/lofi/d6630444.html>) // (...) Examinou rapidamente o isqueiro cromado. — É do quê? Sua indústria. — Frigoríficos — murmurou ele e brecou abrupto diante do sinal vermelho. — Está vendo? É o cúmulo, passou da luz verde para a vermelha. E a amarela? Bateu a cabecinha? Ela procurou no **regaço** o cigarro aceso que lhe caíra da mão. (...) Ela desceu o vidro da janela e atirou fora a ponta do cigarro. Dobrou o corpo para frente e apertou contra o peito as mãos fechadas. (<http://www.scribd.com/doc/6873810/Lygia-Fagundes-Telles-As-Meninas-pdfrev>) .

► posição: lugar confortável para o recosto, como os seios

tetas (s.f.p.): **tette** (s.f.p.): (...) *lo tirò su e le sue grandi e bianche **tette** sgusciarono fuori dal reggiseno.* (http://www.raccontiincestuosi.it/madre_figlio/0003_tette_tette.htm) // Comecei a chupar aquelas **tetas** cheia de leite, e ela adorou, estava gemendo de prazer. (<http://contos-eroticos.marcelinha.com/?act=ler&iditem=125>).

► órgão: nome popular da glândula mamária

travesseiros (s.m.p.): **cuscini** (s.m.p.): *Quelle tue tette attirano come una calamita! Sono una tentazione per tutti, figurati per zio tommaso! Pensa qualche volta persino a me viene la tentazione di appoggiarmi su quei bei **cuscini** rispose ridendo cesira.* (<http://www.iomilu.com/viewstory.php?sid=1754>) // (...) respondi sem conseguir tirar os olhos daqueles seios que eram **travesseiros**. (www.casadoscontos.com.br/texto/200510305).

► maciez: saco afofado para o recosto

4.2.5. Campo semântico: TESTÍCULOS

balagandãs (s.m.p.): **pendenti** (s.m.p.): *Insieme, con la rivista, ci chiudiamo nella microscopica toilette e in un istante di riposo ci osserviamo allo specchio i testicoli grossi, i **pendenti** arrossati; ci sentiamo maschi come mai prima e ci disponiamo per il momento dell'orgasmo.* (www.climaxfilm.it/blog/2006/01/index.html) // Tô tão acostumada a ver o cara pelado, balançando os **balagandãs** nos filmes, que se o visse nu por aí ia achar completamente normal. (<http://www.interney.net/blogs/enloucrescendo/2007/03/>).

Dependureza; penduricalho

► pendente: corpo pênsil por carregar externamente à genitália, dentro dos escrotos, as glândulas seminais masculinas

bolas (s.f.p.): **palle** (s.f.p.): *Il mio cazzo sta perdendosi dentro la magnificenza di quella vagina. Le spinte sono sempre più decise, fino a sentire le mie **palle** toccare il suo inguine.* (<http://playstation3.forumcommunity.net/?t=25233529>) // Se eu puser minha mão dentro de suas calças e brincar com suas **bolas** por dez minutos, serei capaz de dizer sua idade exata. (http://www.piadasdodia.com.br/mostrapiada.asp?id_piada=229). **Bolotas; pelota**

Sin.: *palla*

► forma: esfericidade dos testículos

grãos (s.m.p.): **granelli** (s.m.p.): (...) *insaziabili ingoiano i suoi granelli: è un orgasmo* (<http://erreeffelle.splinder.com/tag/repetita+iuvant>) // Por favor, continuem a trepar estou com os **grãos** doendo de tanto tesão (<http://www.contosfemininos.com.br/contos/4711.html>).
Sin.: *fagioli; fagiolone*

► alimento: sementes arredondadas como as duas glândulas seminais, chamadas testículos

ovo (s.m.s.): **uova** (s.m.p.): *Sentivo i peli sfregarmi sulla lingua, assaggiai la consistenza delle sue palle pesanti e spesse, due uova dure nella mia bocca.* (<http://www.clubclassic.net/racconti/story335.html>) // Dentro da boca de Carmela, o ovo de Bene leva lapadas da língua dela, ao mesmo tempo em que é chupado! (<http://www.mrmalas.com/contoseroticos/view.asp?id=129>). **Oveiro**

► alimento: órgãos arredondados e parecidos com o alimento

saco (s.m.s.): **balle** (s.f.p.): *Sentii anche il suo membro alzarsi e diventare duro. Toccava il mio e si introdusse fra le mie balle e la mia gamba. Era una sensazione bellissima; sembrava mi penetrasse dalla parte sbagliata.* (http://www.annunci69.it/racconti_pagina.php?idracc=12317&voto=y) // Ao mesmo tempo ela abocanhava meu pau, que a esta altura já estava enorme. Cada vez com mais virulência ela acariciava meu **saco** com as pontas dos dedos. (<http://www.cido.com.br/contos.asp?id=1831>).

Trouxas

Sin.: *balla; piccola borsa; tasche*

► forma: recipiente que abriga as glândulas seminais

4.2.6. Campo semântico: VULVA

boca sem dente: s.f.s.: **bocca** (s.f.s.): *Dopo aver selo aggiustato tra le grandi labbra, e dopo che la mia Lorena gli avesse inondata quella bocca di saliva, se lo fece sparire tutto in figa.* (http://www.spulp.com/racconti_erotici/le-avventure-di-una-coppia) // (...) e começamos uma “luta”: ela querendo me fazer gozar, apertando a buceta como se fosse uma **boca sem dente**, mas muito quente. Eu socando, metendo o máximo que podia... (www.casadoscontos.com.br/texto.pl?texto=20031222). **Boca babona; boca banguela; boca cabeluda; boca da loba; boca da onça; boca da vovó; boca de baixo; boca de bicho; boca de cabelo; boca de caçapa; boca de camelo; boca de capim; boca de encrenca; boca de garrafa; boca de jacaré; boca de macaco; boca de mina; boca de mochila; boca de pacu; boca de pele; boca de pelo; boca de sacola; boca de sapo; boca de vampiro; boca de veludo; boca de violão; boca do bin laden; boca do corpo; boca do enéas; boca do homer; boca do inferno; boca do jô; boca do lula; boca do mato; boca do mundo; boca do povo; boca em convulsão; boca em pé; boca funda; bocal; boca-loca; boca melosa; boca mucha; bocão; boca peluda; boca preta; boca que baba; boca quente; bocarra; boca vertical; boqueteira desdentada; boquinha bonita; boquinha de lontra; boquinha melada; boquinha molhada; boquinha rosada; boquinha sem dente; bocuda; lábios de fêmea; lábios de mel; lábios que babam**

► abertura: cavidade por onde entra o pênis na relação sexual, aludindo à vagina.

cona (s.f.s.): **conno** (s.m.s.): *Giusy venne penetrata, di schianto, per tutta la lunghezza del duro randello, che sprofondò con estrema facilità dentro il dolcissimo, ben lubrificato, conno della ragazza, così duramente violato, per la prima volta, da un uomo diverso dal suo fidanzato.* (www.erositalia.net/testi/015/testo3723.htm) // Senti o seu cacete crescer, bem debaixo da minha **cona**. (www.4-paredes.blogspot.com/). **Conaça; conana; conão; conas; conassa; conha; conhuda; cono**

Sin.: *conno petulante; connu; cunno; cunnu*

► órgão: nome popular da genitália feminina.

frutinha (s.f.s.dim.): **pesca pelosa** (s.f.s.): (...) *la misi a pecorina e vidi la sua pesca pelosa grondare di piacere* (www.nutilla.com/raccontierotici/raccontoerotico.asp?id=104) // (...) o suco da **frutinha** madura recém descascada escorria pelo meu pau. (www.megasex.com.br/contos/artigotemplate.php?id=646). **Caju; carambola; fruta; fruta; fruta mijona; frutilly; fruto; fruto do meu esparro; fruto especial; fruto proibido; jaca; jaquinha; kiwi; maçã; maçã do amor; maçãzinha; manga do fiapo preto; manga rosa; moranguinho**

Sin.: *albicocca; frutto; pesca; prugna; susina*

► alimento: órgão sexual feminino envolvido no sexo

greta (s.f.s.): **bernarda** (s.f.s.): *“Se lecchi la mia “bernarda”, io leccherò il tuo fallo!* (http://lnx.dittaferrara.it/epress/index.php?option=com_content&task=view&id=555&lang=it&Itemid=6) // (...) enquanto manuseava a minha **greta** numa siririca cadenciada, ia também amassando coma outra mão as minhas tetinhas firmes e excitadas, cujos bicos pareciam mais espetados do que nunca. (www.casadoscontos.com.br/texto.pl?texto=200605247). **Abigail; astrid; aletéia; bastiana; berenice; bethânia; bráulia; brigite; bruninha; caetana; carlota; carlota joaquina; carolzinha; catarina; catiana; cicinha; cíntia; chica; chiquita; chiquitita; cissinha; cléó; cris; crisinha; dalila do meu sansão; daniela; denise; dirce; djana; dona anja; dona pepa; dorinha; dorotéia; douglita; duda; edéia; elenilda; emengarda; emília; esmeralda; fernandinha; fefezinha; felizbina; fifilda; filó; filomena; flávia; genoveva; gertrudes; gislene; godofreda; guida; guilhermita; iaiá; irmã maria; joaquina; josefa; jurema; katiuscia; laurinha; leandrinha; léia; leka; leleca; lila; lilibeth; lilica; lilizinha; lilly; liloca; lolita; lulu; luluzinha; maria cabeluda; maria caqui; maria eugênia; maria francisca; maria goretí; maria joaquina; mariana; mariarosca; maricota; marieta; marilula; maristela; maroquinha; marta; matilde; mirella; miuxa; mona; nica; nikka; nikkita; nina; ofélia; paloma; penélope charmosa; ritinha; rô; rogeca; rogequinha; rogerzita; samara; sandy; sara irmã do eliseu; sharon; sheila; sheilinha; teca; téia; teresa; teresa batista; teresuda; thayná; thequinha; tibúrcia; tieta; tonha; totonha; vanderléia; vandinha; vavá; verusca; virgília; virgina; virginha; virgínia; xuxa; zezinha**

Sin.: *berta; filiberta; filippa; filippina; lucia; mona; mona bernarda; mona lisa*

► antroponímia: nome afetuosos da genitália feminina

passarinha (s.f.s.dim.): **passerina** (s.f.s.dim.): (...) *tirò la mia mano sopra la sua passerina e qui la trovai già completamente bagnata, iniziai subito ad accarezzarla con tutta la mano e intanto le succhiavo e leccavo i capezzoli.* (www.annunci69.it/racconti/lesbo/2275la_scrittice_di_racconti_erotici.html) // (...) assim, e

dominando perfeitamente todas as operações, como um verdadeiro “gigolô”, aos poucos foi parando, para finalmente mudar de posição, colocando-se no meio das pernas da mulher, apontando-lhe o “míssil” diretamente à “passarinha”. (www.megasex.com.br/contos/artigotemplate.php?id=11003). **Araponga; canarina; pássara; pássaro; periquita; periquita devassa; periquita d’oro; periquitinha; periquito; piriquita; piriquita azeda; piriquita de ouro; piroquita**

Sin.: *passera*

► animal: vulva possuidora de pelos

Essa amostragem de verbetes pretende ilustrar como contribuiremos para a pesquisa lexicográfica bilíngue e, futuramente, com a apresentação do dicionário completo, como colaboraremos para o preenchimento do hiato existente no mercado lexicográfico brasileiro, relativo à confecção de obras bilíngues especiais na direção português-italiano, principalmente sobre esse tema – ao qual ainda se atribui pouco valor, mas que goza de uma riqueza cultural e lexical significativas. Esperamos também que os verbetes mostrados tenham revelado a carga metafórica presente nos itens léxicos selecionados, explicitando o que os impulsiona a adicionar a suas acepções corriqueiras novos valores eróticos.

Considerações finais



As razões que nos impeliram a estudar o léxico referente às zonas erógenas foram a intensidade de uso presente na sociedade atual e a abundância de unidades lexicais existentes, referentes a essa linguagem especial. Como foi possível observar, o trabalho mostra-se importante pelo estudo no âmbito léxico-semântico e social. Recordemos a trajetória de reflexão percorrida nesta tese.

O capítulo I versou sobre as duas principais ciências voltadas ao léxico, a Lexicologia e a Lexicografia. Vimos que a primeira é direcionada ao estudo das unidades léxicas (as palavras), abordando as relações entre seus significantes e significados. A Lexicografia, por sua vez, ocupa-se da descrição do léxico e fornece as bases para a compilação de dicionários. Conforme esta última, estruturamos nossa recolha lexical segundo os preceitos da onomasiologia – o enfoque que parte do conceito e de certas matérias ou assuntos e aponta os significantes correspondentes, dos quais selecionamos aqueles que abarcam os campos semânticos da vulva, do pênis, das nádegas, do ânus, dos seios e dos testículos. Para embasarmos melhor nossa apresentação de equivalentes, fizemos elucubrações sobre as teorias que regem o processo tradutório.

Foi imprescindível também refletirmos sobre o léxico, que se define como um conjunto de unidades lexicais disponíveis na língua aos falantes, passível de sofrer expansões decorrentes de mudanças socioculturais. Dentro dele, elegemos a linguagem especial que pareceu merecedora de atenção dada sua alta frequência inversalmente proporcional aos estudos que lhe foram dedicados. Nessa linguagem proibida agem os tabus linguísticos – proibições morais de se dizer certo nome ou certa palavra, sobre os quais afirmamos não serem exclusivos de povos ignaros e atuarem ainda hoje em nossa sociedade.

O capítulo seguinte dedicamos à abordagem sociocultural desse léxico erógeno, enfatizando que toda lexia está apta a refletir a cultura daqueles que a usam. Abordamos os aspectos sociais, nos quais atua a Sociolinguística, assinalando os empregos e usos concretos

da língua. Concernente aos aspectos culturais, concebemos cultura como uma lente por meio da qual o ser humano enxerga o mundo que o cerca. Salientando que o homem esbarra, por vezes, em preconceitos e tabus transferidos entre gerações que limitam sua expressão. Em nossa pesquisa pudemos observar que o tipo de item lexical com o qual trabalhamos é estigmatizado e o falante que o emprega padece de preconceitos. Desta feita, opta-se pela substituição, por meio de metáforas e eufemismos, dos itens lexicais obscenos.

Com base nas ponderações feitas, investigamos as mudanças lexicais, baseando-nos numa abordagem léxico-semântica. Fundamentados na Semântica Lexical pudemos compreender melhor os dois principais processos linguísticos empregados na composição dos itens léxicos obscenos: os eufemismos e as metáforas. Enfatizamos que para a denominação dos órgãos sexuais do corpo humano há uma preocupação por parte dos falantes em recusar a terminologia anatômica oficial e recorrer a outras lexias de base metafórica e também eufemística, que recubram a mesma área. Esse trabalho destacou que a maioria das unidades léxicas relacionadas às zonas erógenas são formadas por meio de metáforas, analisadas sob a luz dos princípios teóricos da metáfora conceitual, buscando servir como apoio em futuros estudos dessa figura, analisada como recurso linguístico expressivo e natural, inerente ao pensamento, o que equivale a dizer que nossa vida é cotidianamente influenciada pelas metáforas de nossa cultura. Dentre os itens léxicos recolhidos no *corpus* verificamos também a presença do eufemismo, que indica uma atenuação de uma lexia ou de uma ideia que possa chocar o ouvinte. Apresentamos as ponderações sobre as metáforas e eufemismos do universo erótico-obsceno, abordando suas motivações e salientando que as unidades léxicas em estudo não são arbitrárias, e sim, motivadas. Ao final do capítulo oferecemos uma análise das principais metáforas que recobrem cada campo lexical, sugerindo separações por semas, com exemplos.

Concebemos em todo nosso trabalho que cada sociedade visualiza o mundo à sua maneira (Hipótese Sapir-Whorf). Por isso oferecemos a suposição de que as metáforas relativas aos nomes dos órgãos sexuais em exame seriam diversas entre as sociedades italiana e brasileira, ou seja, as construções metafóricas referentes às denominações da vulva, do pênis, das nádegas, do ânus, dos testículos e dos seios se diversificariam entre as duas sociedades em função de o modo de enxergar o mundo ser diversa. Contudo, ao analisar as metáforas e dividi-las em sememas recorrentes, notamos que, ao contrário do que havíamos imaginado, os processos metafóricos foram similares. Para compreender o motivo de nossa crença ter sido dissipada, foi forçoso revisar a bibliografia selecionada e buscar outras que pudessem justificar tal fato. Concluímos, então, que há algumas metáforas universais, especialmente referentes a vivências com o corpo. Ademais, podemos legitimar a similitude pela mesma origem de ambas as línguas; pelo contato intenso entre os dois povos, propiciado pela imigração dos italianos no território brasileiro; pela integração econômica e pelas trocas culturais mantidas com o processo de globalização, e ainda pelo fato de os referentes extralinguísticos – os órgãos – serem os mesmos no mundo e referirem-se às mesmas formas, animais, objetos etc. Uma vez mais, pudemos cooperar com estudos nesse campo trazendo elucubrações sobre a semelhança de pensamento dos italianos e dos brasileiros, à sombra das criações metafóricas relativas aos nomes dos órgãos em estudo. Em relação à repressão sexual que supomos, partindo do pressuposto de que a alta recorrência a itens léxicos metafóricos para nomear as zonas erógenas em exame seria seu indício, sustentamos que, a partir da análise de nosso *corpus* e das metáforas, nas duas sociedades ainda é contumaz a repressão sexual, já que permanecem o receio e o pudor em adotar a terminologia oficial. Caso uma sociedade fosse menos repressiva, talvez um menor número de sinônimos de pênis, vulva, seios, nádegas, ânus e testículos empregaria.

Como produto final de nossa tese oferecemos um esboço de um dicionário das zonas erógenas baseado em nosso *corpus*, na direção português-italiano. Nos verbetes apresentados acrescentamos os semas que se manifestam nas metáforas de cada item da entrada – modelo de verbete inédito em pesquisas com esse tipo de unidade lexical e nossa possível contribuição às pesquisas na área.

Esforçamo-nos para que as nossas reflexões e a amostragem do dicionário se adequassem não só a um nosso interesse particular, como também a um interesse social coletivo, da comunidade e da academia, visando à possibilidade de preenchimento da lacuna existente no mercado lexicográfico de obras bilíngues especiais. Acreditamos, portanto, ter colaborado para desmistificar alguns preconceitos relacionados ao léxico erótico-obsceno, seu uso e sua criação e estimular reflexões sobre o mesmo. Os palavrões são unidades léxicas essenciais para a linguagem. Para Tartamella (2006, p. 335), “se o homem não fosse um animal emotivo, provavelmente não precisaria de palavrões. (...) Aliás, graças aos palavrões o homem pode fazer um salto evolutivo, substituindo a agressão física pela verbal”.³³

Em acréscimo, o conhecimento dos palavrões de outras línguas, segundo Tartamella (2006, p. 83), “além de estimular a fantasia, saber os palavrões estrangeiros é útil: podem-se reconhecer os insultos (para defender-se) e as palavras que não devem ser ditas em contextos formais. E também para evitar desagradáveis equívocos (...)”.³⁴

Justamente por ser uma linguagem à qual ainda se dedicam poucos estudiosos, entusiasmo-nos com as possibilidades de trabalhos futuros. Entre eles podemos destacar a confecção por completo do dicionário, do qual só apresentamos uma pequena parte. Poderiam ser pesquisados ainda, por exemplo, os fraseologismos desse tipo de unidade lexical – aos

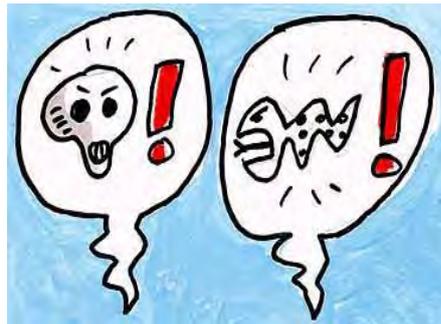
³³“*Le parolacce sono essenziali per il linguaggio. “Se l’uomo non fosse un animale emotivo, probabilmente non avrebbe bisogno delle parolacce. (...) Anzi, grazie alle parolacce l’uomo ha potuto fare un salto evolutivo, sostituendo l’aggressione fisica con quella verbale”.* (TARTAMELLA, 2006, p. 335).

³⁴“*Oltre a stimolare la fantasia, sapere le parolacce straniere è utile: si possono riconoscere gli insulti (per difendersi) e le parole da non dire nei contesti formali. Anche per evitare spiacevoli equivoci (...).*” (TARTAMELLA, 2006, p. 83).

quais não nos destinamos por exceder as propostas dessa tese. Seria igualmente interessante e inédito o estudo comparativo das metáforas dos nomes atribuídos ao campo léxico das relações sexuais ou a outras práticas sexuais (masturbação, feação, entre outras) ou ao campo da prostituição, englobando as línguas italiana e portuguesa.

Em suma, pretendemos dar continuidade a esse empreendimento que nos fez adotar uma postura ao mesmo tempo ousada e não preconceituosa para estudar algo sobre o que até mesmo muitos linguistas se calam e, conforme sugere Bueno (2004, p. 15), para abrir “a porta para a despudorada verve do nosso idioma”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, H. **Dicionário de termos eróticos e afins**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- ARANGO, A. C. **Os palavrões**. (Trad. de Jasper Lopes Bastos). São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ARARIPE, M. **Linguagem sobre sexo no Brasil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- ARROJO, R. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. **Cadernos de tradução**. Florianópolis: NUT, v. 1, p. 53-69, 1996.
- _____. The death of the author and the limits of the translator visibility. In: SNELL-HORNBY, M. **Translation as intercultural communication**. Amsterdam: John Benjamins, p. 21-32, 1995.
- AUGRAS, M. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. **Ciência e cultura**. São Paulo: v. 58, n. 2, p. 38-41, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2009.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. São Paulo: Plêiade, 1996.
- BERBER SARDINHA, T. **Metáfora**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BERRUTO, G. **Fondamenti di sociolinguistica**. Bari: Laterza, 2005.
- _____. **La semántica**. México: Nueva Imagen, 1979.
- BERTONHA, J. F. **Os italianos**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BIDERMAN, M. T. C. Conceito linguístico de palavra. **Palavra**. Rio de Janeiro: v. 5, p. 81-97, 1999.
- _____. Glossário. **Alfa**. São Paulo: v. 28, p. 135-144, 1984a.
- _____. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**. São Paulo: v. 40, p. 27-46, 1996.
- _____. **Teoria linguística**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BIZZOCCHI, A. L. Cultura e prazer: o lugar da ciência. **Cultura Vozes**. São Paulo: Editora Vozes, v. 90, n.º 3, 1996, p. 95-111.
- _____. O recorte do real. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: Segmento, v. 24, p. 52-54, 2007.

BONA, A. F. **Il turpiloquio nel serial**: approccio alla traduzione. Milano: 2008, 54f. Tesi di laurea. (Laurea in Mediazione Linguistica e Culturale), Università degli Studi di Milano. Disponível em: <http://www.focus.it/Community/cs/blogs/vito_dixit/default.aspx>. Acesso em: 09 fev. 2009.

BONISTALLI, R. **Classiche posizioni dell'amore**. Per coppie novizie, riciclate o svogliate. Colognola ai Colli: Demetra, 2000.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BRAGA, E. R. M.; RIBEIRO, P. R. M. Palavras, “palavrões”: um estudo sobre a repressão sexual a partir da linguagem empregada para designar a genitália e práticas sexuais, na cultura brasileira. **Anais da 31ª Reunião Anual da ANPED**. Caxambu, MG: ANPED, 2008. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT23-4982-Int.pdf>>. Acesso em: 07 jan. 2009.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.

BRITTO, P. H. Desconstruir para quê?. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: NUT, v. 8, p. 41-50, 2003.

BUENO, A. **Antologia pornográfica**: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CABRÉ, M. T. Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. In: _____. **La terminología**: representación y comunicación. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, p. 109-127, 1999.

CALABRESE, P. El poema como cuerpo. In: DI STEFANO, M. (org.) **Metáforas en uso**. Buenos Aires: Biblos, p. 87-104, 2006.

CALVINO, I. **Una pietra sopra**. Milano: Mondadori, 2009.

CARVALHO, S. N. Metáfora e Cultura: uma abordagem sócio-cognitiva. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro: v. 39, p. 106-120, 2007. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/>>. Acesso em: 02 fev. 2009.

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. (Trad. de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman). São Paulo: Perspectiva, 1972.

CHAUÍ, M. S. **Repressão sexual**, essa nossa (des)conhecida. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSERIU, E. **El hombre y su lenguaje**. Estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito, indivíduo e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. (Trad. De Érica Lima). In: OTTONI, P. (org.). **Tradução: a prática da diferença**. Campinas: Ed. Unicamp/Fapesp, 1998.

DÍAZ, H. La perspectiva cognitivista. In: DI STEFANO, M. (org.) **Metáforas en uso**. Buenos Aires: Biblos, p. 41-62, 2006.

DI STEFANO, M. Introducción. In: _____. (org.) **Metáforas en uso**. Buenos Aires: Biblos, 2006.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio**. O Dicionário da Língua Portuguesa com cd rom. 3°. Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FO, D. **Le parolacce autobiografia di una nazione**. La scienza e la cultura degli insulti. **La Stampa**. Milano: 2007, s/p. Disponível em: <<http://www.lastampa.it/redazione/cmsSezioni/cultura/200712articoli/28790girata.asp>>. Acesso em: 5 nov. 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. (Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. (Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

FRANCISCO, R; ZAVAGLIA, C. **Parece mas não é: as armadilhas na tradução do italiano para o português**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

GECKELER, H. **Semántica estructural y teoría del campo léxico**. (Trad. de Marcos Martínez Hernández). Madrid: Editorial Gredos, 1976.

GNERRE, M. Linguagem, poder e discriminação. In: _____. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985, p. 3-24.

GUÉRIOS, R. F. **Tabus linguísticos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1956.

GUIRAUD, P. **A semântica** (Trad. de Maria Elisa Mascarenhas). 2ª. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.

HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía**. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HOUAISS, A. **Os nomes do prazer**. Disponível em: <http://www.achetudoeregiao.com.br/ATR/os_nomes_do_prazer.htm>. Acesso em: 11 out. 2004.

KNEIPP, M. A. R. Era uma vez um cruzado... In: PONTES, E (org.). **A metáfora**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago, 1987.

- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Madrid: Cátedra, 2004.
- LANE, S. T. M. **O que é psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- LE GUERN, M. **La metáfora y la metonímia**. Madrid: Cátedra, 1976.
- LEITE, M. Q. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. In: PRETI, D. (org.) **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 17-45, 2003.
- _____. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. (Trad. de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____. **O pensamento selvagem**. (Trad. de Tânia Pellegrini). Campinas: Papirus, 1997.
- LIMA, E.; SISCAR, M. O decálogo da desconstrução: tradução e desconstrução na obra de Jacques Derrida. **Alfa**. São Paulo: v. 44, p. 99-112, 2000.
- LOPES, M. A. A (indiscreta) história da pornografia. **Superinteressante**. São Paulo: n. 212, p. 73-77, 2005.
- MAIOR, M. S. **Dicionário de palavrão e termos afins**. 2. Ed. Recife: Guararapes, 1980.
- MATTELART, A.; NEVEU, E. **Introdução aos estudos culturais**. (Trad. de M. Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2004.
- MATTOSO, G. **Dicionário do palavrão e correlatos**. Inglês-português/ português-inglês. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- MOLLICA, M. C. Sociolinguística: conceituação e delimitação. In: _____. (org.) **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, p. 13-15, 1992.
- MONTAGU, A. **The anatomy of swearing**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 2001. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=QERsPn0nNYC&dq=psychology+of+swearing+montagu&source=gbs_summary_s&cad=0>. Acesso em: 10 jun. 2009.
- MORALES, H. L. **Sociolinguística del tabú**. Disponível em: <http://www.usal.es/gabinete/comunicacion/conferencia_humberto.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2006.
- OLIVEIRA, L. F. L. **Injúria**. A pulsão na ponta da língua. Ijuí: Editora Ijuí, 2002.
- OGDEN, C. K.; RICHARDS, I. A. **O significado de significado**. (Trad. de Álvaro Cabral). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. O léxico como expressão de identidade cultural. **Anais do 52 GEL**. Campinas: Mercado de Letras/IEL, p. 246, 2004.

_____. Tabus linguísticos e expressões cristalizadas. **Acta Semiótica et Linguística**. São Paulo: v. 12, p. 115-125, 2007.

PAES, J. P. Propaganda e palavras. **Comunicação e Educação**. São Paulo: Ed. Moderna/USP, n. 6, p. 69-70, maio/ago. 1996.

PAIVA, M. C. Sexo. In: MOLLICA, M. C. (org.). **Introdução à sociolinguística variacionista**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1992, p. 69-73.

PALMER, F. R. **A semântica**. Lisboa: Edições 70, 1979.

PEREIRA JR., L. C. Amor e ódio na mesma frase. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: especial Sexo e Linguagem, p. 6-9, 2006.

_____. Tempos de eufemismo. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo : p. 18-23, jan. 2009.

PICOCHÉ, J. **Précis de lexicologie française**. Paris: Nathan Université, 1992.

POSSENTI, S. O tabu da linguagem escolar. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: n. 37. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11636>>. Acesso em: 13 nov. 2008.

PRETI, D. **A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica**. São Paulo: Quiróz, 1984.

_____. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. (org.) **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Traição *versus* transgressão: reflexões acerca da tradução e pós-modernidade. **Alfa**. São Paulo, n. 44, p. 123-130, 2000.

REY, A. **La lexicologie**. Paris: Klincksieck, 1970.

RICOEUR, P. O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento. In: SACKS, S (org.). **Da metáfora**. (tradução de Leila Cristina M. Darin *et al*). São Paulo: EDUC/Pontes, 1992, p. 145-160.

RIVA, H. C. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa no Brasil**. São José do Rio Preto: 2009, 311 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000^a.

_____. Tradução: a questão da equivalência. **Alfa**. São Paulo: n. 44, p. 89-98, 2000b.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. (Trad. De Antonio Chellini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARDOVELLI, E. O amor à perversão. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: especial Sexo e Linguagem, p. 42-46, 2006.

SCERBO, E. **Il nome della cosa**. Nomi e nomignoli degli organi sessuali. Milano: Mondadori, 1991.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVESTRE, J. P. Palavras tabu e eufemismos nos dicionários de Bento Pereira e Rafael Bluteau. In: FERREIRA, A. M. (coord.). **Percursos de Eros. Representações do erotismo**. Aveiro: Associação Labor de Estudos Portugueses, 2003, p. 223-229. Disponível em: <http://clp.dlc.ua.pt/Publicacoes/palavras_tabu_dicionarios.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2009.

TARTAMELLA, V. **Parolacce**. Perché le diciamo, che cosa significano, quali effetti hanno. Milano: BUR, 2006.

_____. **Parolacce. Il blog di Vito Tartamella**. Disponível em: <http://www.focus.it/Community/cs/blogs/vito_dixit/default.aspx>. Acesso em: 10 out. 2008.

ULLMANN, S. **Semântica**. Uma introdução à ciência do significado. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1964.

VANEIGEM, R. **Nada é sagrado, tudo pode ser dito**: reflexões sobre a liberdade de expressão. (Trad. de Marcos Marcionilo). São Paulo: Parábola, 2004.

VÁRIOS. **2500 Palavrões**. São Paulo: Flash, 1990.

VÁRIOS. **Svergognate**. Roma: Edizioni Ariete, 2005.

VILELA, M. **Léxico e gramática**. Coimbra: Almedina, 1995.

XATARA, C. M. Dicionário de expressões idiomáticas. **Idioma**. Rio de Janeiro: UERJ, v. 21, p. 19-22, 2001.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. As dificuldades na tradução de idiomatismos. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: NUT, v. 8, p. 183-194, 2002.

XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. L. de. **Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões**: francês-português / português-francês. São Paulo: Cultura, 2002.

ZANNI, M. **Ditelo con gli insulti** (e non accontentatevi di un semplice vaffanculo). Dizionario completo degli insulti italiano-inglese. Milano: Baldini&Castoldi, 2000.

ZAVAGLIA, C. Ambiguidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. **Delta**. São Paulo: v. 1, n. 19, p. 337-266, 2003.

_____. Dicionários e cores. **Alfa**. São Paulo: v. 50, p. 25-41, 2006.

ZAVAGLIA, C.; ORSI, V. Idiomatismos proibidos: algumas considerações metafóricas. **Anais do XV Congresso Internacional da Alfa**. Montevideu: vol. 1, p. 1-11, ago. 2008.

ZINGARELLI, N. **Vocabolario della lingua italiana**. Bologna: Zanichelli, 2006.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ANDRADE, M. M. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; IZQUIERDO, A. N. (org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, p. 191-200, 1998.

ARANHA, A. J. **Dicionário brasileiro de insultos**. Cotia: Ateliê, 2002.

BASÍLIO, M. O conceito de vocábulo em Mattoso Câmara. **Delta**. São Paulo: v. 20, n. especial, 2004, p. 71-84. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=44502004000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 set. 2006.

_____. (org.). **Palavra**. Rio de Janeiro: v. 5, 1999.

_____. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 2000.

BESSA DA SILVA, P. **Linguagem obscena**. Disponível em: <http://www.metodista.br/correlatio/num_02/a_silva.htm>. Acesso em: 11 out. 2004.

BENEDETTI, I. C. **Dicionário Martins Fontes italiano/português**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. **Alfa**. São Paulo: v. 28, p. 27-43, 1984.

BRYAN, G. Gíria gay reflete a desigualdade. **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo: especial Sexo e Linguagem, p. 30-31, 2006.

CABRÉ, M. T. Una nueva teoría de la terminología: de la denominación a la comunicación. In: _____. **La terminología: representación y comunicación**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, p. 109-127, 1999.

CASTELLO BRANCO, L. **O que é erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COULTHARD, M. **Linguagem e sexo**. (Trad. De Carmen Rosa Caldas-Coulthard). São Paulo: Ática, 2001.

FISH, S. Is there a text in this class? **The authority of interpretative communities**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, p. 303-321, 1980.

FREUD, S. **Totem e tabu e outros trabalhos**. (Trad. de Órizon Carneiro Muniz). Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GANEM, M. A **ciência do palavrão**. Grupo internacional investiga insultos sob a ótica da linguística, etnologia e pragmática. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/2950>>. Acesso em: 24 jun. 2006.

GOMES, L. L. **Inglês proibido: dicionário do sexo vulgar**. São Paulo: Pioneira/ Thomson Learning, 2002.

GUIRAUD, P. **A linguagem do corpo**. (Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira). São Paulo: Ática, 1991.

GRANZOTTO, P. **Il piacere dell'italiano**. L'avventura delle parole. Dizionario etimologico. Ronciglione: Scipioni, 2001.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2001.

JOHNSON, B. A fidelidade considerada filosoficamente. In: OTTONI, P. (org.). **Tradução: a prática da diferença**. São Paulo: FAPESP/Editora da UNICAMP, p. 27-32, 1998.

JOHNSON, M. **The body in the mind**. Chicago/London: The University Press of Chicago, 1987.

ILARI, R; GERALDI, J. W. **Semântica**. São Paulo: Ática, 1985.

LOPES, E. **Metáfora**. Da Retórica à Semiótica. São Paulo: Atual, 1986.

MARÇALO, M. J. **Fraseologia**. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/F/fraseologia.htm>>. Acesso em : 25 set. 2006.

NEGRI, L; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. (org.) **Sentido e significação**: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo : Contexto, 2004.

NUNES, J. H. Lexique et langue nationale : éléments d'histoire de la lexicographie au Brésil. **Langage**. Paris: v.130, p. 28-41, 1998.

PEREIRA JR., L. C. **Com a língua de fora**. A obscenidade por trás de palavras insuspeitas e a história inocente de termos cabeludos. São Paulo: Angra, 2002.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. (Trad. de Clóvis Barleta de Moraes). **Alfa**. São Paulo: v. 28, p. 45-69, 1984.

SAPIR, E. **Selected writings in language, culture, and personality**. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1984.

SPECIA, L.; NUNES, M. G. V. A ambiguidade lexical de sentido na tradução do inglês para o português – um recorte de verbos problemáticos. In: **Série de Relatórios do Núcleo**

Interinstitucional de Linguística Computacional NILC – ICMC-USP. 2004. Disponível em: <<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/download/TR0401-SpeciaNunes.pdf>>. Acesso em: 8 ago. 2006.

VENUTI, L. The translator invisibility. **Criticism.** V. 28, n. 2, p. 179-213, 1986.

VILELA, M. **Estruturas léxicas do português.** Coimbra: Almedina, 1979.

XATARA, C. M.; RIOS, T. H. C. Os domínios do léxico. **Revista de Estudos Linguísticos e Literários.** Salvador: p. 1-18, 2004.

WÜSTER, E. **Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica.** Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998.

chiappepau xotapottacazzopompe
merolodefumonascindiglio favepopô
vergabalagandãsnatichebustoxererec
atroiapin
oneculet
ofognara
ccheraca
rifiziopis
talibunda
nhaastuc
biosquemamõesbuchettocegobastãoc
entrocroacamarteloballebucetaantro
melanciascubernardasederependenti
cabeludaculobisaccebagosfedegosofe
dorentoscrotolenhatopacadeirasforn
ochiappepau xotapottacazzopompe
lmerolodefumonascindiglio favepopô

ANEXOS:



ANEXO I

CORPUS RELATIVO AO PÊNIS EM LÍNGUA PORTUGUESA

aço
alavanca de arquimedes
alegria das meninas
aparelho
aquilo
aramanho
armanho
arame
arma
armar
arouca
arraia
bacalhau
acamarte
báculo
badalhão
badalhoca
badalhoco
badalo
bage
bagé
bagre
bálano
bambu
banana
bandeira a meio pau
barba roxa
barbarroxa
barrote
basculho
basilisco
bastelo
basto
bastão
bate estaca
belo
benga
bengala
berimbau

besugo
bibico
bibirito
bibiu
bicho
bichoca
bico de candeeiro
bico de chaleira
bico de lamparina
bicuda
bigorna
bilau
biloca
bilola
bilunga
bimba
bimbinha
bimbo
binga
birote
birro
birunga
bisarma
biscoito
bisnaga
bitoca
bizegre
blica
boa
bodelos
bola
bolso
boneca
bordo
borracha
brachola
braciola
braulho
bráulio

breba
bregueço
brisdá
broxa
bucha
burel
cabeça
cabeça calva
cabeça de frade
cabeça do pênis
cabeça lisa
cabeça pelada
cabeço
cabeçote
cabo
cabo de relho
cabo pedrez
cabresto
caceta
cacete
cacete homem
cachaporra
cachupeleta
cacilda
caetano
caiado
caibro
cajado
calabrote
calcete
calháu
calvo
camandro
cambanga
cambange
cambanje
cambo
cambo deslonhada
cana

canhangulo
canivete
cano
cano de escape
canto escuro
canudo
capa de guarda-chuva
capote
carabina
caralhaz
caralho
careca
carimbo
carimbo do icó
carne
carne quente
carro
cársis
carso
carulho
catano
catatau
cátis
catoco
catrino
catso
cazzo
cebola
cebola quente
cebolinha
cegonha
ceguim
ceguinho
cetro
chá de besta
chá de homem
chamboco
chapeleta
chapéu
chapoleta
chapeleta
charuto
chave de mulher

chave para o paraíso
chechoca
chibata
chicha
chico
chicote
chicote de barriga
chinha
chonga
choriça
choriço
chorumela
chouriça
chouriço
chuço
chui
chuí
chumarra
chupeta
chupica
chupiça
churumela
cilindro
cipa
cipó
cipó cabeludo
cipó cravo
circo armado
clarineta
clarinete de capa
cobra
cobra zarolha
coca-cola de dois litros
coisa
coisa feia
coisinha
coluna do meio
consolador
consolo
consolo de mulher
consolo de viúva
contrapino
cordovo

corona
corpo
cravo
crescedor de barriga
crecer
curto
cúspide
cutelo
dardo
dedo sem unha
descanso de carroça
deslombada
dildo
documento
documentos
doido
doutor alisando cresce
dura
durex
dureza
eixo
elevação
embira
embuá
encomenda
encomendas
engate
enguia
entrepernas
envernizado
escobeta
escopeta
esguicho
espada
espadarte
espeto
espiga
esporo
estaca
estadulho
estardante
estopim
estoque

estrovenga
estufador de cu
extenso
faca
facho
falo
fálus
farfalho
farfanho
fariseu
fartura
ferragem
ferramenta
ferramentas de trabalho
ferrão
ferro
figa
flauta
flauta lisa
flautim
flautim de capa
flecha
florete
fósforo
frangalho
fruta
fumo
fumo de rolo
furabilhas
furada
furo
fuso
gaita
gambá
gambé
gamboa
gano
ganso
garoto
garrocha
gaspar
gato
genitália

geringonça
gogo
gogolina
golfinho
goma
gorro
grande
grego
gregório
grimpa
gro
grude
guasca
gunga
haste
histeria coletiva
homeopatia
inchar
inerme
inflamação
ingula
inhame
injeção
insatisfatório
insignificante
insinuante
instrumento
instrumento de fazer nenê
instrumento de trabalho
instrumento do fazer nenê
instrumento penetrante
instrumento pontudo
instrumentos
inteireza
inteiriço
intumescência
invejável
invertebrado
irrefreável
isca
jacarandá
jacó
jamanta

jeba
jebo
jegue
jequitibá
jereba
jeribaita
jerônimo
jibóia
jiribaita
joaquim madrugada
joo
josé
judas
jurumba
kojac
lacrau
lagarto
lambaio
lampreo
lança
lança-perfume
lanceta
langanho
lango
lango-lango
lango-tango
lapa
lápiz
lasco
lastimável
láteo
legume
lei
leite
lenha
linga
linguiça
líquido
loló
lombriga
lubrificar
maçaranduba
maçarico

maçaroca
macaxeira
macaxeira de homem
madeira
madeirame
maísso
maíúsculo
majestoso
mala
malfeitor
malho
maloto
mamadeira
mandioca
mandrio
mané bobo
mané souza
mangalho
mangará
mangerico manjerico
mango
mangolo
mangote
manguaça
mangueira
manguito
maniçoba
bagre
manivela
manjeroba
manjuba
manto
manzape
manzapo
máquina de fazer menino
maracá
maranho
marreta
marsapa
marsapá
marsapo
marsapó
martelo

marzapo
mastro
mastruço
matolo
matutagem
mazarolho
mecha
medalho
medida
médio
me ingula
engula-me
melar
melindres
membro
membro desonesto
membro viril
membro zarolho
mero
mesa
mesquinharia
migu
mijão
mijo
mingela
mingula
minhoca
minhoco
minhocuçu
miniatura
ministro
miraguaia
moca
modevaca
mondrongo
morro
muçu
muçu cabeludo
muçu de cabelo
muleta
músculo
nabo
nagalho

nata
natureza
negócio
nervo
ocapi
óleo
olisbos
o que luzia ganhou na capoeira
o que luzia levou na horta
ordenanças
órgo
ouro
ovo
paco
pacova
paio
países baixos
pajé
pajeú
palito de fósforo
palmo
pantaleo
papaterra
parafuso
parte
parte central
partes
partes genitais
partes pudendas
partes secretas
partes vergonhosas
passarinho
pau
pau barbado
pau barbudo
pau bordado
pau de cabeleira
pau de cavalo
pau de fumo
pau de mijar
pau-de-sebo
pau duro
paulo

pau penca
pau seco
pauzinho do matrimônio
pavio
peça
pechota
pé de mesa
peia
pela
pelada
pele de pica
pemba
penacho
penca
pendo
pendureza
penduricalho
penduricalhos
pepino
peroba
peru
petardo
petrópolis
pexota
piaba
pica
piça
picaço
pica de ouro
picadura
picha
picholeta
pichuleta
picirica
picroca
pico
picolé
picolé de homem
picolé quente
picota
piegas
pila
pilha

pilo
pilota
pimba
pimbau
pimboca
pincel
pindoba
pinéu
pingola
pingoleta
pinguelo
pinho
pino
pinta
pintassilgo
pinto
pipi
pirilau
pirnbau
piroca
pirolito
pirrola
piru
pirulito
pissa
pissirica
pistola
pistolete
pistom de capa
piston de capa
pito
pitoca
pituca
pixa
pneu
pomba
pombinha
ponte de carne
ponteira
ponteiro
porange
porongo
porra

porraz
porrete
possuído
possuídos
poste
pra ti vai
preaca
prego
prendas
príapo
proaca
pua
puxador
quatro letras
quiabo
quilé
rabanete
raiz
ratinha
rédea
rédiá
repuxo
reta
ripa
robalo
rola
rolinha
rolo de fumo
sabugo
salabatana
salame
salsicha
samatra
são longuinho
solonguinho
sapo
sarabaitana
sardão
sardo
sarrafo
sarsarugo
sedal
senhor caralho

sera
seribobéia
seringa
serpente
seta
símbolo fálico
sim-sinhô
sinal
sipaóba
sipaúba
situba
soprador
subilatório
substantivo
sulambra
sulapa
surdo
taça
taco
talo
tampa de mulher
tampo
tanganho
tarolo
tarugo
teca
teça
tecaliana
teléia
tenda armada
tenteadeira
terceira perna
testa
testa furada
tetéia
ticha
tiche
tico
timba
tímbales
tinebre
tinoco
tixinga

tocha
toco
tomate
tombica
tora
torcida
torneira esportadeira
torneirinha
torniquete
torno
toro
toroca
torongo
torto
tota
totinha
totó
totoca
touro
trabuco
trado
traíra
trambulheto
tranca
trangolho
transmisso
traste
travo
treboço
treboçu
treco
três quinas
trincalho
tringalha
tripa
tripé
troço
troços
troçulho
trolha
trolhó
tromba
tromba de elefante

tronco
tronzoba
trouxa
trozoba
trussui
tubi
tubiba
tubo
tuchupa
tulambe
tutano
umbigo de boi
vagem
vai e vêm
valverde
vara
vara da felicidade
vara de diabo
vara do diabo
vara de mijo
varo
vassouro
vela
veneziana
verga
vergalho
vergonha
vergonhas
verruma
viga
vira tripa
virote
xereca
ximbório
ximboro
xixi
xoroca
xoxota rola
zarabatana
zé
zebedeu
zeca
zé cego

zé ciclope
zé fidélis
zeguedegue
zenóbio
zé tolas
zé varizes
zezinho
zimba

ANEXO II

CORPUS RELATIVO AO PÊNIS EM LÍNGUA ITALIANA

<i>abbacchio</i>
<i>acello</i>
<i>adamo</i>
<i>adolf</i>
<i>affare</i>
<i>agente principale</i>
<i>aggeggio</i>
<i>ago</i>
<i>aguglia</i>
<i>aguzzapaperi</i>
<i>alabarda</i>
<i>alberello</i>
<i>albero della cuccagna</i>
<i>albero di natale</i>
<i>alosio</i>
<i>alzabandiera</i>
<i>amichetto</i>
<i>ammennicolo</i>
<i>anaconda</i>
<i>anguilla</i>
<i>arbitrio</i>
<i>archetto</i>
<i>archibugio</i>
<i>arcolaio</i>
<i>ariete</i>
<i>arma</i>
<i>armando</i>
<i>arnese</i>
<i>articolo per signore</i>
<i>asciugamano delle serve</i>
<i>asperge</i>
<i>aspersorio</i>
<i>asso</i>
<i>asso di bastoni</i>
<i>asta</i>
<i>asta di beneficenza</i>
<i>atlascopto</i>
<i>attaccapanni</i>
<i>atresso da pisso</i>
<i>attrezzo</i>
<i>avvoltoio</i>
<i>azzitamonache</i>
<i>babá</i>
<i>babbacammello</i>
<i>babbizzo</i>
<i>babbliane</i>
<i>bacello</i>
<i>bacellone</i>
<i>bacchetta</i>
<i>bacchettono</i>
<i>bacchioloscopio</i>
<i>bacello</i>
<i>badile</i>

<i>badurlo</i>
<i>baggiuggiu</i>
<i>baldassarre</i>
<i>bajaffa</i>
<i>balestra</i>
<i>bambino</i>
<i>banana</i>
<i>banano</i>
<i>bananone</i>
<i>baobab</i>
<i>barafone</i>
<i>barbagianni</i>
<i>bartolo</i>
<i>barzellotto</i>
<i>barzo</i>
<i>barzotto</i>
<i>basano</i>
<i>bastone</i>
<i>bastoncino di zucchero</i>
<i>batacchio</i>
<i>batanga</i>
<i>battaglio</i>
<i>battitoio</i>
<i>batocco</i>
<i>batticarne</i>
<i>battocchio</i>
<i>bazzo</i>
<i>bazzotto</i>
<i>bazzuca</i>
<i>becca</i>
<i>becco</i>
<i>bega</i>
<i>bega passa</i>
<i>belin</i>
<i>belina</i>
<i>belino</i>
<i>bello</i>
<i>benben</i>
<i>bestia</i>
<i>biberon</i>
<i>bibi</i>
<i>bietolone</i>
<i>bietta</i>
<i>biff</i>
<i>bigatto</i>
<i>big bang</i>
<i>bighe</i>
<i>bighellone</i>
<i>bignamone</i>
<i>bigol</i>
<i>bigolo</i>
<i>bigul</i>
<i>billo</i>

<i>bimbin</i>
<i>birello</i>
<i>birillino</i>
<i>birillo</i>
<i>birimbo birambo</i>
<i>bisato</i>
<i>bischerero</i>
<i>bischerone</i>
<i>biscione</i>
<i>biscotto</i>
<i>biscottone</i>
<i>bisdiffo</i>
<i>bisquit</i>
<i>bissa</i>
<i>bitti</i>
<i>bitorcolo</i>
<i>blekedeker</i>
<i>boa</i>
<i>bocchettone</i>
<i>braccio</i>
<i>brando</i>
<i>branzino</i>
<i>brigghiu</i>
<i>brinca</i>
<i>brittola</i>
<i>brocca</i>
<i>brufolo</i>
<i>brustolone</i>
<i>bruzzo</i>
<i>bulino</i>
<i>busceddu</i>
<i>cacchio</i>
<i>cagnolu</i>
<i>calibro 38</i>
<i>calippo</i>
<i>calzone</i>
<i>camaci</i>
<i>campanile</i>
<i>canaletto</i>
<i>candela</i>
<i>canna</i>
<i>canna vuota</i>
<i>cannella</i>
<i>cannello</i>
<i>cannellone</i>
<i>cannetta</i>
<i>cannolo</i>
<i>cannuccia</i>
<i>capitone</i>
<i>capocchia</i>
<i>capocchione</i>
<i>cappella</i>
<i>cappellona</i>

<i>cappero</i>
<i>carciofo</i>
<i>cardellino</i>
<i>carnefice</i>
<i>carne senz'osso</i>
<i>carota</i>
<i>carruba</i>
<i>catenaccio</i>
<i>cavallo</i>
<i>cavicchio</i>
<i>caviglia</i>
<i>cavola</i>
<i>cazzaccio</i>
<i>cazzata</i>
<i>cazzo</i>
<i>cazzo del gallo</i>
<i>cazzone</i>
<i>cazzuola</i>
<i>cece</i>
<i>cedda</i>
<i>cefalo</i>
<i>cefalo sguarramazzo</i>
<i>cella</i>
<i>cero</i>
<i>cerquatto</i>
<i>ceiriolo</i>
<i>chiave</i>
<i>chiavello</i>
<i>chiavistello</i>
<i>chigno</i>
<i>chiodo</i>
<i>cianello</i>
<i>ciaramedda</i>
<i>ciave</i>
<i>ciccio</i>
<i>cicione</i>
<i>ciella</i>
<i>cillone</i>
<i>cincio</i>
<i>ciocca</i>
<i>ciola</i>
<i>ciolla</i>
<i>cippoliplo</i>
<i>cipollone</i>
<i>cippa</i>
<i>ciriolone</i>
<i>ciuccio</i>
<i>ciufolo</i>
<i>ciula</i>
<i>clava</i>
<i>coda</i>
<i>colombino</i>
<i>colonna</i>
<i>colonna di carne</i>
<i>coltello</i>
<i>colubrina</i>
<i>corda</i>
<i>cordone</i>

<i>cornetto algida da millemove</i>
<i>cosino</i>
<i>coso</i>
<i>cotale</i>
<i>creapopolo</i>
<i>crescimmanu</i>
<i>crescinmano</i>
<i>cucco</i>
<i>daga</i>
<i>dardo</i>
<i>demone dell'amore</i>
<i>dente di elefante</i>
<i>diavolo</i>
<i>dumpennente</i>
<i>duro</i>
<i>egli</i>
<i>escavatore</i>
<i>esso</i>
<i>estensibile</i>
<i>faccenda</i>
<i>fagiano</i>
<i>fagiolo</i>
<i>fallo</i>
<i>fascino</i>
<i>fava</i>
<i>favaccione</i>
<i>favaghiaccia</i>
<i>favamoscia</i>
<i>ferro</i>
<i>fesso</i>
<i>fiammifero</i>
<i>fiche</i>
<i>fiorpennello</i>
<i>first</i>
<i>fischietto</i>
<i>fischio</i>
<i>flauto</i>
<i>flauto a pelle</i>
<i>folpo</i>
<i>formaggella</i>
<i>formaggio</i>
<i>fra bernardo</i>
<i>fratino</i>
<i>fravaglio</i>
<i>freccia</i>
<i>fringuello</i>
<i>funcia</i>
<i>funghetto</i>
<i>fungia</i>
<i>fungo</i>
<i>funi</i>
<i>furgia</i>
<i>fuso</i>
<i>galletto amburghese</i>
<i>gamba</i>
<i>gavicchio</i>
<i>germoglio</i>

<i>gettata</i>
<i>ghiacciolo</i>
<i>gigio</i>
<i>giglio</i>
<i>gingillo</i>
<i>gino</i>
<i>gioiello</i>
<i>gioiello di famiglia</i>
<i>giunco</i>
<i>goditore</i>
<i>gomma</i>
<i>gondone</i>
<i>grampia</i>
<i>gran creatore</i>
<i>grillo</i>
<i>grimaldello</i>
<i>grossoarnese</i>
<i>guercio</i>
<i>hulk il perforatore</i>
<i>il</i>
<i>il mio piccolo fratello</i>
<i>incannato</i>
<i>incaponito</i>
<i>involtino</i>
<i>i ragazzi</i>
<i>kaiser</i>
<i>kojac</i>
<i>lampreda</i>
<i>lancia</i>
<i>lecca-lecca</i>
<i>legno</i>
<i>lillo</i>
<i>lima</i>
<i>liuto</i>
<i>lo</i>
<i>lombrico</i>
<i>luccio</i>
<i>lui</i>
<i>lumaca</i>
<i>lumacone</i>
<i>maccherone</i>
<i>mandorla</i>
<i>manfano</i>
<i>manganel</i>
<i>manganello</i>
<i>mangano</i>
<i>manico</i>
<i>manovella</i>
<i>maritozzo</i>
<i>martello</i>
<i>martello pneumatico</i>
<i>mascatura</i>
<i>mastellone</i>
<i>mastino</i>
<i>matterello</i>
<i>mazza</i>
<i>mazzapicchio</i>
<i>mazzariello</i>

<i>mazzone</i>
<i>mazzugoro</i>
<i>melanzana</i>
<i>mellecone</i>
<i>membro</i>
<i>menga</i>
<i>mentula</i>
<i>merlo</i>
<i>merolone</i>
<i>mestolo</i>
<i>mestolone</i>
<i>miccia</i>
<i>miccialoru</i>
<i>micciareddu</i>
<i>miccio</i>
<i>micciu</i>
<i>microfono</i>
<i>minca</i>
<i>minchia</i>
<i>minchia morta</i>
<i>minchione</i>
<i>mincra</i>
<i>minella</i>
<i>mio</i>
<i>mio duro</i>
<i>mio fratello</i>
<i>mio fratello più piccolo</i>
<i>moccolo</i>
<i>mollicone</i>
<i>muletto</i>
<i>muscolo</i>
<i>naftalina</i>
<i>nano</i>
<i>nasturzio</i>
<i>navarro</i>
<i>negro</i>
<i>nenna</i>
<i>nerbo</i>
<i>nerbu</i>
<i>nerchia</i>
<i>'ngri</i>
<i>ninno</i>
<i>obelisco</i>
<i>oca</i>
<i>ocarina</i>
<i>ordigno</i>
<i>organo virile</i>
<i>orgoglio</i>
<i>osel</i>
<i>oseo</i>
<i>pacco</i>
<i>padulo</i>
<i>pala</i>
<i>palo</i>
<i>pame</i>
<i>pan di forno</i>
<i>pane</i>
<i>pannocchia</i>

<i>papagno</i>
<i>papavero</i>
<i>paracarro</i>
<i>paradiso</i>
<i>passepertut</i>
<i>passerino</i>
<i>pasquale</i>
<i>pastorale</i>
<i>patacca</i>
<i>pate d'e' criature</i>
<i>pavone scarmato</i>
<i>pendente</i>
<i>pendolino delle 9.07</i>
<i>pendolo</i>
<i>penel</i>
<i>penero</i>
<i>penna</i>
<i>pennarello</i>
<i>pennarolo</i>
<i>pennello</i>
<i>peperone</i>
<i>perna</i>
<i>pernice</i>
<i>pernuzza</i>
<i>pertega</i>
<i>pertica</i>
<i>pesce</i>
<i>pesciolino</i>
<i>pestello</i>
<i>pettero</i>
<i>pezzo di carne</i>
<i>pianta</i>
<i>pica</i>
<i>picca</i>
<i>picchio</i>
<i>piccione</i>
<i>piceu</i>
<i>picio</i>
<i>piciollu</i>
<i>piciu</i>
<i>pidicone</i>
<i>piede</i>
<i>piede di trespolo</i>
<i>piffero</i>
<i>pillona</i>
<i>pilloni</i>
<i>pillòscia</i>
<i>pimperlo</i>
<i>pinciacchio</i>
<i>pincio</i>
<i>pinga</i>
<i>pindolo</i>
<i>pinga</i>
<i>pingone</i>
<i>pinguino</i>
<i>pinna</i>
<i>pinnazza</i>
<i>piolo</i>

<i>piombino</i>
<i>pipa</i>
<i>pipì</i>
<i>pipinna</i>
<i>pipo</i>
<i>pippo</i>
<i>pippolo</i>
<i>pirello</i>
<i>pirla</i>
<i>pischia</i>
<i>pisciolo</i>
<i>piscitta</i>
<i>pisello</i>
<i>pisellone</i>
<i>pisino</i>
<i>pìspolo</i>
<i>pistacchio</i>
<i>pistola</i>
<i>pistolino</i>
<i>pistone</i>
<i>pistulo</i>
<i>pitone</i>
<i>pitta</i>
<i>pitùlu</i>
<i>più lo butti giù e più ritorna su</i>
<i>piuolo</i>
<i>piva</i>
<i>pivellino</i>
<i>pivello</i>
<i>pivo</i>
<i>pizuocco</i>
<i>pizza</i>
<i>pompafica</i>
<i>priapo</i>
<i>prominenza</i>
<i>protuberanza</i>
<i>puca</i>
<i>pudendo</i>
<i>puga</i>
<i>punta</i>
<i>puntarolo</i>
<i>puntello</i>
<i>punzone</i>
<i>puppacarote</i>
<i>pupparuolo</i>
<i>prugnolo</i>
<i>querciotto</i>
<i>radice</i>
<i>ramaiolo</i>
<i>randa</i>
<i>randello</i>
<i>rapa</i>
<i>ravanello</i>
<i>razziatore</i>
<i>rilla</i>
<i>rocco e i suoi fratelli</i>
<i>romaiolo</i>

<i>roncone</i>
<i>salame</i>
<i>salsiccia</i>
<i>salsiccione</i>
<i>salsicciotto</i>
<i>sanguinaccio</i>
<i>sardeon</i>
<i>sasicchio</i>
<i>sbarra</i>
<i>sbarrone</i>
<i>sbasabaus</i>
<i>scaldino</i>
<i>scalpello</i>
<i>scansapelo</i>
<i>scettro</i>
<i>scialacquanguille</i>
<i>sciavarra</i>
<i>scimitarra</i>
<i>sciupavedove</i>
<i>sdeo</i>
<i>sedano</i>
<i>sega</i>
<i>sei e mezzo</i>
<i>sei e trenta</i>
<i>sei quinti</i>
<i>serpente</i>
<i>serpentello</i>
<i>serratura</i>
<i>sesso</i>
<i>sferra</i>
<i>sfilatino</i>
<i>sfollagente</i>
<i>sfonda ranocche</i>
<i>sfondasfinteri</i>
<i>sigaretta</i>
<i>sigaro</i>
<i>sigaro col peo</i>
<i>siluro</i>
<i>sisco</i>
<i>socio</i>
<i>spaccafiche</i>
<i>spaccapassere</i>
<i>spaccasfinteri</i>
<i>spaccatutto</i>
<i>spada</i>
<i>spada de foco</i>
<i>spadone</i>
<i>spaventapassere</i>
<i>spiedo</i>
<i>spiga</i>
<i>stampafanciulli</i>
<i>stanga</i>
<i>stanghena</i>
<i>stantuffo</i>
<i>stecca</i>
<i>stendardo</i>
<i>stennarello</i>
<i>stick</i>

<i>stocco</i>
<i>stroncafica</i>
<i>strozzapapere</i>
<i>strumento</i>
<i>stummu cu' n'occhiu</i>
<i>supercazzo</i>
<i>superman</i>
<i>svangafiche</i>
<i>svangapapere</i>
<i>svangapassere</i>
<i>sventrapapere</i>
<i>sventrapassere</i>
<i>tabùss</i>
<i>tacchino</i>
<i>tanganello</i>
<i>tarello</i>
<i>tega</i>
<i>tenca</i>
<i>tentacolo</i>
<i>terza gamba</i>
<i>testina</i>
<i>testolina</i>
<i>tiro</i>
<i>tol in gola</i>
<i>ton</i>
<i>topino</i>
<i>topo</i>
<i>torcia</i>
<i>torciorecchio</i>
<i>tordo</i>
<i>torre di pisa</i>
<i>torrone</i>
<i>torso</i>
<i>tortiglione</i>
<i>tortore</i>
<i>tortorino</i>
<i>toscano col ciuffo</i>
<i>trapano</i>
<i>trastullo</i>
<i>trave</i>
<i>trenó</i>
<i>triccheballacche</i>
<i>tronchetto della felicità</i>
<i>tronco</i>
<i>'tturaccio</i>
<i>tubero</i>
<i>tubo</i>
<i>turacciolo</i>
<i>uccello</i>
<i>uccellone</i>
<i>ugello</i>
<i>umanità</i>
<i>unità</i>
<i>usignolo</i>
<i>varra</i>
<i>vendicatore calvo</i>
<i>venone</i>
<i>ventrapapere</i>

<i>ventunesimo dito</i>
<i>senz'unghia</i>
<i>ventuno dita</i>
<i>verga</i>
<i>verme</i>
<i>vermetto</i>
<i>vermicello</i>
<i>vermicione</i>
<i>vertula</i>
<i>vertuluna</i>
<i>verza</i>
<i>virgola</i>
<i>virilità</i>
<i>vomere</i>
<i>wurstel</i>
<i>zaffo</i>
<i>zampone</i>
<i>zeppa</i>
<i>zimbello</i>
<i>zizi</i>
<i>zucchero ardente</i>
<i>zucchina</i>
<i>zucchine</i>
<i>zufolo</i>

ANEXO III

CORPUS RELATIVO À VULVA EM LÍNGUA PORTUGUESA

abacurel	aeroporto peludo	aliança
aba de estrelas	afia pinto	aliança de pica
abará	afilhada	alina
abaxeira	afina pica	alinha rola
abceta	afogador	ali onde eu me acabo
abençoada	afogador de ganso	alisa bengal
abigail	afoga ganso	alisadora
abocanha caralho	afoga rola	alisa pau
abraçadeira	áfrica	alisa pica
abraçando meu pinto	agasalha biscoito	almofada
abre e fecha	agasalhadora	almofada furada
abre-te sésamo	agasalhador de croquete	almofadinha
abridor de caralho	agasalha o kibe	almofadinhas do prazer
abrigo	agasalha pate	almôndega cabeluda
abrigo do bombril	agasalho de pica	alojamento
abuceta	agasalho de xonga	alpargata
acabada	agasalho do joystick	alvo
acarajé de pelo	agasalho pra pipi	alvo do caralho
acari roxo	agridoce	a mais pedida
acesso ao útero	aguardente	amansa cobra
acetona	aguenta toco	amansa corno
achô	aguilera	amansadora de bengal
acolhedora	aiai	amansadora de caralho
acolhedora dos santos	aki ke se mete	amansa jegue
aconchego	alameda	amansa macho
aconchego da piroca	alçapão	amansa pica
acrobata	alçapão da felicidade	amânsio pinto
açucareira	alçapão de jibóia	amante de grosso
adega do meu vinho	alegria	amarra macho
adenina	alegria da gurizada	amazônia
adestradora de piriquito	alegria de nós todos	amazônia genérica
a dois dedos do cu	alegria do meu pau	ambulância
aeroporto	alegria ilimitada	ameba cabeluda
aeroporto clandestino	além da linha vermelha	amenteigada
aeroporto de quibe	além do horizonte	amiga
aeroporto de rolinha	aletéia	amigosa
aeroporto do caralho	alfajor	amiguinha
aeroporto do meu bilau	algodão queimado	amolador de pica

amolecedora de pau duro
amolecedor de pica
amor
amortecedor de ovo
amostra grátis
anel
anel da frente
anel de couro
anfitriã
angiova
animal sangrento
anti-stress
aonde eu me acabo
apartheid
apertadinha
apertadinha pra cavalo
apito
apoio de cabeça
apontador
apontador de pinto
apontador de vibrador
aposentos privados
apresuntada
a própria
aputnani
aquecedora de lnguiça
aquecedora de rolas
aquela
aquela que matou o guarda
aquela que me endurece
aquilo que esfolia a cabeça
aquilo que eu gosto
arambá
aramin
aranha
aranha ferosa
aranin
araponga
arapuca de caçar pinto
arapuca de pegar pinto
aratu
arca
arca conana

ardida
área de degustação
área d elazer
área vip
areia movediça
argola
aririnha
armadilha
armadilha de cobra
aro
arraia prera
arraia preta
arranca porra
arranca toco
arranha beiço
arreganhada
arriadora de caralho
arriba
arroba
arrochadinha
arrombada
arrombadinha
asa
asas da vulva
as de espadas
asilo de pau de ouro
asilo de porra loca
aspirador de pica
aspirador de porra
aspirador de toco
assada
assadeira de croquete
assa pinto
assa rola
assassina de palhaço
assembléia
assento
assolan
astrid
atecubanos (ler de trás para frente)
atecubarba (ler de trás para frente)
ateliê de ginecologista

até suar
atiça rola
atolada
atola tora
atoleiro
aveludada
azeda
azedinha
azeiteira
baba bengal
babaca
babadeira do caralho
babadora
baba pau
baba pica
baba rola
babau
babenta
babona
bacalhau
bacalhau amigo
bacalhau assado
bacalhau mijado
bacalhoa
bacalhoada
bacalhoeta
bacalhuda
bacanal
bacia
bacorinha
bacural
bacurimba
bacurina
bacurinha
bacurix
bacurota
badalhoca
bagdá
bainha
bainha de homem
baitola
baixinha
bajalinho

baladeira
balaio de milho
balaio de rola
balseira
bananeira
banco de esperma
bandida
banguela
banguela cabeluda
banguelona
barata
baratinha
barba cerrada
barbada
barba da vó
barba do bin laden
barbado da luneta
barba negra
barbeada
barbiana
barbie
barbuceta
barbuda
barbudinha
barraca de paia
barranco do morro
barroca
barroca do amor
bartuela
bastiana
bate cartão
batedeira
bate-estaca
bate palma
batman dentro da caverna atrás dos morcegos
baú
baubau
baú da felicidade
bebas
bebedouro
bebe-porra
bebete

beco
beco úmido
bedegueba
beicinha
beicinho
beicinho rosado
beicho
beição
beicolinha
beição
beiçãozinha
beju taiado
bela
beleskinha
bem
bem-me-quer
benaita
bequinho
berbela
berbelha
berbigão
berceta
berço de pica
bereba
berenice
berimboga
berinjela
besouro
besteirinha
besugo
bethânia
bezerro
bezona
biba
bibelô do papai
bibica
bibil
bibirito
bibita
bib-sfirra
bicanal
bicha
bichana

bichinha
bichinho
bicho
bichochota
bicho-preto
bicho que mata o homem
bico
bicuda
biela
bife
bife à rolê
bife de bigode
bife de prega
bife mijado
bigaduda
bigaia
big apple
bigmac
bigode
bigode do hitler
bigoduda
bigorneira
bigucha
bijóia
bil
bilcites
bilela
bilica
bilila
bililica
bililinha
billcetess
bilola
bilongueira
biluca
biluguinha
bimba
bimbadeira
bimba grande
bimbinha
birda
birimbinha
biringonga

biringuela
bironguina
birosca
birsa
biscate
bisca véia
biscoito
biscoito da sorte
biscoito recheado
bisegre
bisteca
bisteca molhada
bitela
bitiquita
biuzi
bixana
bixiguenta
bioxota
biziu
bizorra
black hole
black power
boca
boca babona
boca banguela
boca cabeluda
boca da loba
boca da onca
boca da vovó
boca de baixo
boca de bicho
boca de bueiro
boca de cabelo
boca de caçapa
boca de camelo
boca de capim
boca de encrenca
boca de garrafa
boca de jacaré
boca de lobo
boca de macaco
boca de mina
boca de mochila

boca de pacu
boca de pele
boca de pelo
boca de sacola
boca de sapo
boca de vampiro
boca de veludo
boca de violão
boca do bin laden
boca do corpo
boca do enéas
boca do homer
boca do inferno
boca do jô
boca do lula
boca do mato
boca do mundo
boca do povo
boca em convulsão
boca em pé
boca funda
bocaiúva
bocal
boca-loca
boca melosa
boca mucha
boçanha
bocão
boca peluda
boca preta
boca que baba
boca quente
bocarra
boca sem denre
boca sem dente
boca vertical
boceta
boceta bem
bochecuda
boco de pelo
bocuda
bodoque de caralho
boga

bolacha
bolacha da nona
bolacha recheada
bolachuda
bolceta
bolsa de tacos
bolsa de valores
bolsinha
bolsinha de guardar pau
bomba atômica
bomba de encher pica
bomba de sucção
bombata
bombinha
bombril
bom demais da conta
bom queso
boné
boneca
bonitinha
bono
boqueteira desdentada
boquinha bonita
boquinha de lontra
boquinha melada
boquinha molhada
boquinha rosada
boquinha sem dente
borboceta
borboleta
borboleta molhada
borboletinha
borbulhinha
borceta
bordas
borocoto
borrachuda
borralheira
bota-charuto
bota-mangueira
botão
botãozinho
botãozinho do caralho

botãozinho mágico
botãozinho rosa
bote
box
bozinha
bozo
b(em)profunda
brabuleta
braçadeira
braguilha
branca
brasa
brasão
braseiro
bráulia
brauna
brecha
brecheca
brechecha
bregueço
brejeira
brigite
brilhantina
brinquedinho
brioco
brísda
broaca
broca
bronha
bronheira
bruculha
brunardida
bruninha
brusqueta
bruxela
bubuça
bubuta
buça
buçanga
buçanha
buçanhola
buçara
bucéfala

buceta
buceta de nós tudo
bucetalina
bucetanha
bucetão
bucetão nervoso
bucetas famintas
bucetation
bucetéia
bucetera
bucetilda
bucetilde
bucetin
bucetineia
bucetinha
bucetofolis rachadum
bucetóia
bucetorium
bucetosa
bucetoviski
bucetron
bucetum gozadex
buceuta
bucha
buchaca
buchana
buchechuda
buchinha
bucoca
bueiro
bueiro onde desce o careca
bueiro quente
bufante
bundinha da frente
buquê
buraca
buraco
buraco ardente
buraco babado
buraco cabeludo
buraco cego
buraco da bala
buraco da coruja

buraco da fechadura
buraco da michoca
buraco da serpente
buraco da vida
buraco de avestruz
buraco de cobra
buraco de mandioca
buraco de minhoca
buraco do amor
buraco do capeta
buraco do inferno
buraco do ozônio
buraco do sadan
buraco do siri
buraco escuro
buraco feio
buraco fundo
buraco liso
buraco macio
buraco molhado
buracona
buraco negro
buraco no meio da floresta
buraco quente
buraco sem fundo
buraco turbinhado
buraquinho de donut
buraquinho de pau
buraquinho do amor
buraquinho doce
buraquinho flamejante
buraquinho inflamado
bush
butina
buziu
cabaça
cabação
cabacinha
cabacinho
cabaço
cabana
cabecote
cabeleira

cabelo
cabelo partido
cabeluda
cabeludinha
cabeludinha do meio
caça-bichano
cacaca
caça-conversa
caçadora
caçapa
caça-papeluda
caceta
cacete bonito
cacete de melher
cacete-sulga
cacetilda
cacetina ambrosia
cacetódromo
cachaça de cabeça
cachanga
cachimbo
cachopa
cachorro
cachote peludo
cachuleta
cacimba
cadela
caetana
cafeteira
cafofo do osama
cafofo particular
caiaia
caixa
caixa de fósforo
caixa de gordura
caixa de moleques
caixa de pandora
caixa de papelão
caixa econômica
caixa eletrônica
caixão de salsichas
caixa registradora
caixinha

caixinha de ouro
caixinha de pelo
caixinha de segredos
caixinha de surpresas
cajada
caju
calabouço
calamidade
calígola
calzone
camarão
câmara secreta
cambão
câmbio flutuante
caminho da aventura
caminho da felicidade
caminho do mal
campinho
campinho onde a galera bate a bola
campo alagado
camurça
canal do trabalhador
canarinha
canavial
caneco
caneco de couro
caneco de ouro
canequinha
canhão
canjão
cano
canoa
canoinha
cantaroladora
cantinho do prazer
capacete de pau
capacitor de fluxo
capa do batman
capa do facão
capa do meu celular
capão
capitão caverna

capivara
capô
capô de fusca
capô de ka
caqui
cara
cara da gata
cara de sapo
cara do tadeu
caraió de asa
caraió invertido
caralho
caralholândia
caralhuda
carambola
caramujo
carancuda
caranguejeira
caranguejo
cara preta
carapuça
carcaça
cardoça
careca do giovanni
carequinha
carlota
carlota joaquina
carne
carne crua
carne de chavas
carne de rosas
carne louca
carne mijada
carne vaginosa
carnuda
carolzinha
carpete
carregada
carrinho de cachorro-quente
carteira
cartola
casa
casa da estrovença

casa da porra
casa da porra-loca
casa de bonecas
casa de carnes
casa de festas
casa de pau
casa de recepção de vara
casa de rola
casa de todos os pintos
casa do artista
casa do cacete
casa do caralho
casa do careca
casa do periquito
casa do príncipe
casa do salem
casa rosada
casca de banana
cascata
cascata dourada
casco
casco de veado
casinha
casinha de cachorro
casinha de pau
casinha de pica
casinha do amor
casinha do tatu
casquinho de veado
castanha
castelo do amor
castiçal
cata-cabeça
catarina
catedral do amor
catiana
catilanga
catota
catraia
catrana
cavala
cavalona
cavanhaque de coxa

caverna
caverna da rola quente
caverna da serpente
caverna do amor
caverna do bin laden
caverna do dragão
caverna escura
caverna leiteada
caverna melada
caverna misteriosa
caverna peluda
caverna profunda
caverninha do amor
cavernosa
cavidade
cavidade cavernosa
cavidade escorregal
cavidade mucosa
caxopa de marimbondo
cebola quente
cego
celeste
cem gramas
cemitério de espermatozóides
cemitério do cacete
cena
centro de gravidade
centro noturno de lazer
césamo
cesta
ceta
cetão
cetinha
cetona
cetondi
cetosa
chaba
chabonga
chaca
chacachaca
chá de hortela
chaga
chalana

chamelague
chamisco
chamuscada
chana
chandanga
chanha
chaninha
chanisco
chanosa
chão de barbearia
chapelaria
chapeleta vermelha
chapoca
charanga
charola
charque
charuteira
charuto de pelo
chassi de borboleta
chatinha
chavasca
chave de ouro
chaveirinho
chaveirinho de cabelo
cheboca
checheca
chechenia
cheeseburger
cheira-caralho
cheiro do queijo
cheirosa
cheirosinha
cherereca
chibiu
chica
chimbica
chimbinha
chimbocuda
chimbreca
chinha
chinela
chineluda
chinesa barbuda

chines caolho
chinoca
chip
chiquira
chiquita
chiquitita
chirinha
chiri
chiruba
chixa
chixola
choca
chocadeira do meu pinto
choca-pinto
chocha
chocho
chochota
chocolateira
chonga
choquinha
chora porra
chorona
chota
chuarana
chuchu
chuchukinha
chucrute
chuí
chula
chulapa
chuleta
chuleta salgada
chulipa
chumbeta
chupacabras
chupa-chupa
chupachups
chupa cobras
chupa pau
chupa pica
chupa pinto
chupe-chupe
chupinga

chupirinha
churanha
churrasqueira
churrasquinho
cicaralha
cicinha
ciclope
cidade dos homens
cinc à sec
cíntia
cinzeiro
cissinha
cisterna de pica
citossina
cléo
clube do bolinha
clube dos carecas
coberta do menino
cobiçada
coçadeira
coçadinha
coça pau
côco
cocodрила
cocota
cocozinho
cofre do meu pau
cofrinho de espema
cofrinho de salsicha
coi de loco
coisa
coisa boa
coisa louca
coiseta
coisica
coisinha
coitada
coito
coivara
coleguinha
coletiva
colméia que dá melzinho
comadre

comedora
comedora de pica
come-pau
come-pinto
come-todos
comissão de frente
compenetrada
compenistrada
cona
conação
conana
conão
conas
conassa
concha
conchinha
conchita
concris
condomínio privado
conduite de cacete
confusão
conha
conhecida
conhuda
cono
consolo de corno
conta no exterior
contra-filé
copão
copinho de couro
copinho de esperma
copo de fazer milkshake
copo de leite
coração
coração de mãe
coração rachado
corajosa
corça
corinho
cornitcha
corrimão
corta-charuto
corte de navalha

corte profundo
cortina de carne
coruja
corujinha
cosita
cotorra
cotota
courinho mijado
couro de buceta
couve-flor
cova
cova de quiabo
cova do bilau
cratera oculta
craveiro
creca
cremosa
crespa
crespo
criatura
críca
cris
crisinha
crista de galo
croca
cromosso
cromossomos espiralados
croquete
croquete cabeludo
croqueteira
crovis
cuca
cucaracha
cu da frente
cu do judas
cu fofinho
cu frontal
cúia
cuíca
cu larguinho
culpada
cumbuca de pobre
cunicha

cup noodles
cuquita
cura ressaca
cururu
custozinha
cutucada
dada
dadera
dalila do meu sansão
danada
danada de boa
daniboy
daniela
dapiroca
dedal
dedeira
dedicada
deflorador de pinto
degoladora de pinto
degustandi
delícia
delícia cremosa
delícia salgada
demais de bao
dengosa
denise
depósito
depósito de esperma
depósito de porra
deprimida
desabrochada
desbeijada
descabaçada
descabelada
descabela-palhaço
descansa-queixo
descascador de espiga
descendo a ribanceira
desdentada
desejada
desempregada
desentupidor de pica
desgraca de macho

despenteada
destroncadora de pica
destronca-pinto
desvirginada
deusa
devoradora
devoradora de pemba
dia e noite no lambe-lambe
diamante cor de rosa
dinda
dindinha
diocese
dirce
disco
disputada
disqueteira
distinta
distribuidora de prazer
dita cuja
djana
dobrada quente
dobradiça
dobras
doca do submarino
doce
docinha
docinho
docinho da vovó
dogão
doidinha
domadora de cobra
dominadora
dona anja
dona moita
dona pepa
dona xana
dona xoxota
dora pinto
dorinha
dorotéia
douglita
doutora
drive de cd

duda
edéia
égua alada
eguinha pocotó
ela
elástica
elazinha
elefante
elenilda
eletrizante
elevador sujo
elvis
embalagem de cabaço
embrameira
embrulho
emengarda
emília
empadinha
empório doce
empurra vento
encantadora de serpente
encaracolada
encardida
encharcada
encrenca
endereço da pica
endiabrada
enéas
enfiadora
enfia tira e põe
enforca pau
engata meu bem
engate de pinto
engenho
engenhoca
engenho d'água
engole-cobra
engole-espada
engole-pau
engole-pica
engole-pinto
engole-quiabo
engole-quiube

engole-rola
engolidora
engolidora de espada
engolidora de taco
engorda conta
engraçadinha
enroladora de croquete
ensopadinha
entrada
entrada da perdição
entrada de careca
entrada de vara
entrada do prazer
entrada principal
entrada usb
entra e sai
entre o cu e o umbigo
entreperna
entrepernas
envelope peludo
enxuga cabecinha
epicentro
erro de projeto
ervilheira
esburacada
escalpelada
escatula
escolinha do careca
esconde bago
esconde cobra
esconde nervo
esconde o feto
esconderijo
esconderijo do bin laden
esconderijo do cabral
esconderijo dos carecas
esconde salame
esconde vara
esconde varas
escondidinha
escorredor
escorregador de rola
escorregador lubrificado

escorrega lá vai um
escova
escova chapada
escova-coco
escova da maria
escova de bambu
escraviza homens
escritório do prazer
esculachada
esfiha
esfiha aberta
esfiha de carne mijada
esfiha de pelo
esfiha de rodoviária
esfoladora da cabeça do caralho
esfola-pinto
esfrega-esfrega
esfregão
esmaga-banana
esmaga-churro
esmaga-pau
esmeralda
esmeril de rola
esmiliguida
espanta-viado
especial
esperançosa
espera-porra
esperazóide
espermatogêne
esponja de aço
esponja de carrapato
esporradeira
esposado
esquecida
esquema
esquenta cabeça
esquenta língua
estacionamento de caralho
esticadora de berimbau
estilicão
estojinho
estopa

estrada do meu picasso
estranha
estrela guia
estrelinha
estrovenga
estufa barriga
eu quero é lazer
eu tô maluco
evitada
experimenta
expremedor de pica
extinta
fábrica de fazer boneco
fábrica de fazer menino
fábrica de fazer nenêm
fábrica de goma
fábrica de iogurte
fábrica de nenêm
fábrica de pimpolho
fábrica de pomarola
fábrica de requeijão
fábrica dos prazeres
faca de dois gumes
facho
fadinha
fagulheiro
faminta
fanfão
fânico
farinheira
fatal
faz-me bem
faz-me rir
fealdade
febra
fechadura
fedegosa
federal
fedida
fedidinha
fedorenta
fefeira
fefezinha

feiosa
feiticeira
felicidade
felizbina
fenda
fendinha
ferida
ferida exposta
ferida que nunca sara
ferida que nunca se fecha
fernandinha
ferramenta de puta
fessa
festa
festão
festeira
fêvera
fica
fidel castro
fifilda
figa
figurinha
filé
filé de frango
filé de pelo
filhinha
filó
filomena
fincadeira
fincão charuto
fincous tonight
fiofó
fiofó superior
fiufiu
flambinha
flávia
flor
flor da mulher
flor de maracujá
floresta
floresta amazônica
floresta da alegria
floresta negra

floresta das cobras
floricultura ambulante
florzinha
florzinha do icq
foca
fodedoura
fode-fode
fodelhona
fode-pau
fode-pica
foderosa
fodo-te sempre
fofa
fofinha
fofíssima
fofolete
fofucha
fofurinha
fogosa
fogueira
fonte
fonte da vida
fonte de gosma
fonte de ouro
formigueiro
fornalha
fornicada
forninho
forno
forno à lenha
fororó
fosquete
fossa
frajola
franga
frango
frapa
frente
frigideira
fritadeira
frita ovos
fruta
fruta

fruta mijona
frutilly
frutinha
fruto
fruto do meu esparro
fruto especial
fruto proibido
fubica
fuc fuc
fudedor da frente
fudelândia
fudida
fufu deu
fulana
fundilho
fundo
fundo do poço
furadinha
furaquinha
furico
furingo
furiquete
furna
furo
furo do miguelao
furquilha
furustreca
fuso vulvar
fuzilada
gaiola
gaiola do piupiu
gaita
galinhineiro
gambá
gamela
ganha pão
garage a bites
garagem
garagem cheia
garagem da frente
garagem de piroca
garagem de trator
garagem do cacete

garagem do caralho
garagem do meu picasso
garagem pública
garajinha
gargalinho
garganta profunda
garotinha
gato
gaveta
gavetinha
gavetona
geladeira
geladinha
gengiva
genitália
genoveva
gereca
gerimpoca
gerlândia
gertrudes
gica
gigina
gijoka
ginásio
gislene
glosa
gloss
godofreda
gogonha
goiabada cascão
gol
golden gate
goleira
goma de laranja
gominhos calientes
gomo de mexirica
gônada
gorbatchov
gorda
gordinha
gorducha
gorduchinha
gorfadora

gorgonzola
gostosa
gostosinha
goteira
goza aki
gozadinha
graças
graciosa
gramado
grampeada
grand canyon
grandes lábios
grandiosa
grandona
grela
greladinha
grelhada
grelho
grelhuda
grelinho
grelo
greta
greta barbada
greta do prazer
greta garbo
greta pachacheira
greto
grilezza
grilo
grogrota
grota
grotão
grudenta
gruta
gruta babadeira
gruta da mata funda
gruta da siririca
gruta de mel
gruta do amor
gruta do prazer
gruta ensaboada
gruta escorregadia
gruta melosa

gruta molhada
gruta úmida
grutinha
grutinha encantada
guanina
guarda hímem
guarda leitinho
guarda pau
guarda pica
guarda pingelo
guarda porra
guarda rolas
guarda volume
guardião do pau
guelão
guenta eu
guernes
guerreira
guida
guilhermita
guilhotina de caralho
gulosa
guloseima
gulosinha
guriasinha
guta
haia
hamba
hamburguer de pelo
hamburguer dobrado
hangar do meu jato
haprazer
holanda
homem-aranha
hopi hari do vizinho
horta lá de casa
hortelã
house of love
hururu
iaia
iceberg
ilha
ilha negra

ilusionista some com a linguíça
ilustrador
ímã carnal
imaculada
ímã de bengala
ímã de caralho
ímã de rola
ímã do mundo
impregnada
inchada
incho
inchu
inferno
inflamada
ingrata
inhá
inhame azedo
inhanha
inmetro de pistolas
inominável
intimidade
iogurteira
ioio
irada
irmã maria
jaca
jacinto pinto aquino jornna
jaquinha
jarra de porra
jiló
joaquina
jogo rola entrando
jóia
jose
Josefa
jujuba
juntas provisórias
jurema
jurubeba
jurupoca
kachanga
katiuscia
ki cheirinho

ki delícia
kinder ovo
kiwi
kombosa
komi eu
labareda
lábios de fêmea
lábios de mel
lábios que babam
lacilda
lacreia
lado da frente
lagoa
laguinho
laguna
lambedeira
lambedouro
lambe-lambe
lambidestra
lambisgoia
lambusada
lâmpada
lampinho
lance
landinha
lango-lango
lanho
lar doce lar
largo do caralho
larousse
lasca
lasca de cabelo
lascadeira
lascadinha
lascado
lascão
lasca pau
lasgo
lasguinho
lasquinha
lassie
laurinha
lavanderia para caralhos

lavou tá nova
lazanha
lazarenta
lazinho
leandrinha
léia
leiteria de amor
leitinho das crianças
leka
leleca
lembi-pinto
lenho
lesada
letchuga
leva bronca
levanta astral
levanta defunto
libertina
libidinosa
liboro
lila
lilibeth
lilica
lilizinha
lilly
liloca
limpa canudo
limpa dedos
limpadora de dedos
limpador de cabeçote
limpa pentelho
linda
lindinha
língua de vaca
linguaruda
linha do equador
linho frio grosso
link
lipriquidiana
lixa dedo
lixa de língua
lixa pica
lizinha

loba
lobona
loca
lodo
lodo pecaminoso
logo ali
logradouro do caralho
lolita
loló
loré
lorezinha
lugar de por meu pau
lugar do zé
lugar vago
lugarzinho do prazer
lugarzinho pra eu gozar
lula
lulu
luluzinha
luna park
lustra pinto
luva de pica
luvinha
luz no fim do mundo
maçã
macaca
macaca banguela
macaco mico meu
maçã do amor
macaquinha
maçãzinha
machadada
machucada
madre
madrinha
mãe áfrica
mãe da vida
mãe de todos
mãe joana
mãe loura
mágica
magrilinda
majestade

mal agradecida
malandrinha
mal cheirosa
maleta
mal lavada
mal passado
mama áfrica
mamãe
mamãe eu quero
mamãe eu quero mamar
mamão rachado
mancu
mandona
manga do fiapo preto
manga larga
manga rosa
manguaça
manicure
manjar dos deuses
manjubinha
manko
mansa
mansinha
mantegueira
manteigueira
manu
mapa mundi
maquiavélica
máquina de dinheiro
máquina de esfolar pica
máquina de fazer menino
maquininha
maravilha
marcineira
mardita
margarida
margosa
maria cabeluda
maria caqui
maria eugênia
maria francisca
maria goretí
maria joaquina

mariana
mariarosca
maricota
marieta
marilula
mariposa
mariscão da pedra
marisco
marisco de barra
marisco de forquilha
marisco lambe lambe
maristela
marmita
mármore do inferno
marmota
maroquinha
marota
marreca
marta
martelo prego
marvada
massa folhada
massageador de bengala
mastigadora
mata
mata atlântica
mata fechada
matagal
mata homem
mata palhaço
mata pica
mata pinto
mata porco
mata seca
mata virgem
matilde
mato
mato grosso do sul
matraca
maxambomba
me lanche feliz
mealheiro
meallheiro

me chupa
me dá mais que eu gosto
me dê rola
medidor de linguiça
medusa entre pernas
meia
meiga
meiguinha
meio
meio de vida
meio quilo de cada lado
mela cueca
meladinha
me lambe
mela pentelho
mela pinto
melequenta
melequinha
melhor da mulher
melzinho
mems
menina
menina super poderosa
menininha
meninona
menor galinheiro do mundo
menstruada
mentinha
menu
mercado livre
merenda
meridiano de greenwich
mesoca
metamorfose
metedeira
metedor
metelona
meti aí
metida
meu bibelô
meu nome é enéas
meu vinho meu queijo
mexilhão

michigan
michiguana
microfone cabeludo
microondas
mictório
migué
miguxa
mijada
mijadeira
mijador de feto
mijona
milagrosa
milindrosa
milinha
milionária
mimosa
mina
mina de gozo
mina de ouro
mina de porra
minha amiga
minha branquela
minha fabricante
minha grandona
minha irmã
mini prima
minnie
mintísica
mirella
mirindanha
miséria
mito da caverna
miúda
miudinha
miuxa
mixaria
mixibera
mixirica
mixuga
mixuruca
mocinha
mocóca
moçó de pelo

moçoila
modedora
moela
moente
moicano
moita
moleca
molhada
molhadinha
molho de vajaina
momboca
momo
momo qué faze nenê
mona
monte
monte de vênus
morada da rola
morada do pênis
morada temporária
moranguinho
morceguinho
morde pinhaba
mordequeira
moribunda de guerra
morro alegre
mortadela
mosca
motor aspirado
motor fundido
moto-serra
mrn
mudinha
mulher de colher
muqueca de pelo
muringa
musa
musculosa
mussalanga
mussaranha
mustafá
muxador de pica
muxiba
muxibenta

muxibinha
my precious
naja
naninha
nanizinha
não conta pra ninguém
na pica dura
naruska
nascedouro
nassa
natureza
navaginas
navalhada
navaska
naxa
negoça
negocin
negócio
negócio certo
negresco
nervosa
nêspira
nhaca
nhame nhame
nhanha
nhanhosa
nhonha
nhoque
nica
nikka
nikkita
nina
ninfo babe
ninho de amor
ninho de cobra
ninho de muriçoca
ninho de piroca
ninho de pomba
ninho de rola
ninho do pilar do dragão celestial
niquia
nokia

nota fiscal
novagina
novalgina
noviça rebelde
nugget de peixe
nuggets
oba
objetivo de vida
objeto de hipnose
oca de adão
oca do bojja
ociosa
oco
oculta cacete
ofélia
oficina
olha
olha o rapa
olh' eu aki
olho cego
olho d'água
olho de thundera
olho grande
olho mocho de camões
olhuda
onde o sol não bate
opa
oposto do cu
o que japonês vê mas não alcança
o que nós queremos
ordenhadeira de piroca
ordinária
oreiuda
orifício úmido
origem da vida
orradia
osama
ostra
ostra barbuda
ostra mijada
ostrinha
o trem querendo

ouriço
ovelha dolly
paca
pachacha
pachacho
pachada
pachade
pachancha
pachancho
pachequita
pachocho
pachoucho
pachucha
paçoquinha
pacotão
pacote
pacote de sorte
pacotera
pacotinho
pacu
padaria de pau
padecida
paga conta
países baixos
palhaça
palhacinho
palha de aço
paloma
pamonha
pamonha de sal
panasca
panocha
panqueca
pantuá carnudo
pantufa
pantufa de elefante
pantufinha
pão
pão com mortadela
pão crioulo
pão de cachorro-quente
pão de queijo
pão de queijo com cabelo

pão de trigo
pãozinho
papa angu
papa bengá
papa caralho
papa duro
papa ovo
papa pau
papa pica
papa pinto
papa rola
paparrucha
papa tudo
pá pica
pá pinto
papoula
papuda
paquetão
paqueta
paqueta erótica
parábola
parada obrigatória
paradinha
parafuseta
paraíso
para isso
paranho
pardala
pardeja
parede
parmesão
parque
parque de diversões
parrachita
parrameiro
parratcha
parreca
parrudinha
parte
parte central
partes
partes genitais
partes pudendas

partes secretas
partes vergonhosas
pasmadinha
passa anel
passa cartão
passada
passa gonorréia
pássara
passarinha
pássaro
passatempo
passinha
passiva
pasta para partilhar
pastel
pastel babento
pastel com pentelho
pastel de carne
pastel de carne mijada
pastel de foca
pastel de pelo
pastel de ricota
pastelícia
pastel pelado
pastel quatro queijos
pata de lagosta
pataca
patameco
patareca
patchoca
patchoquinha
patinha
pátria amada
patricinha metidinha
patroa
patrona
patuno
pau do avesso
paula
pau lá dentro
pau latejando
pavor de bicha
paxaxa

paxona
paxoxo
paxuxa
paz do passarinho
pazuzu
pecado
pecaminosa
pechereca
pecinha
peçonhenta
pé da barriga lascada
pé de barriga
pé de boi
pé de buceteiro
pé de gueba
pef pef
pega pau
pega pica
pega rapaz
peito de pomba
peixaria
pelada
peladinha
peladinho
pelancuda
péla o doidão
péla saco
pelego furado
peleiuda
pelera
pelestróika
pelozza
pelozinha
pelúcia
pelucinha
peluda
peluda do pai
peludinha
peludo
peludona
pembeca
pencha
peneira de um buraco só

penélope charmosa
pênis home sweet home
penislândia
penis pool
penteadeira
pentelheira
pentelho
pentium iv
penxa
pepeca
pepeco
pepequinha
pepequita
pepeta
pepeu
pepexa
pepita
pequeninha
pequi
pera
perdicão
perdida
perdi gueira
peregrina
perequeca
perequeta
perereca
perereção
perereca suntuosa
pererinha
perestróika
perfurada
pericletes
perigosa
perigozar
periquita
periquita devassa
periquita d'oro
periquitinha
periquito
pérola rosa
peronha
perrexil

persega
perseguerola
perseguida
perseguidora
peruca de pinto
peruca de rola
peruca do careca
peru no ponto
perva
perversa
pesseguinha
petcheca
peteca
petecão
petecuda
petequinha
petitica
petrina
petúnia
pexeca
pexereca
pexingueta
pib
picadeiro
picanha
pica pau
pichéu
pichila
pichirica
pichita
pichoca
pichuleta
picirica
pico
picoca
picoca peluda
pida
piiquita
pilão
pililiu
pimba
pimenta do reino
pimpa

pimpinha
pi mpolha
pimpolhuda
pindamonhangaba
pinguelitas
pinguelo
pinguinhonha
pinta
pintassilgo
pintinha
pintódromo
pinto invertido
pintolândia
pintópolis
pintora
pipa
pipi
pipia
pipila
pipinha
pipita
pipiu
pipiuzinha
pipoca
pirica
piriclética
piricota
pirilampa
pirimpola
piriquita
piriquita azeda
piriquita de ouro
piririca
piroquita
piscina
piscinão de ramos
piscinão do povo
piscuila
pisda
pisirica
pissota
pista de via dupla
pistoleira

pita
pitchorra
pitchulinha
pitéu
pitica
pitinha d'ouro
pitio
pitirica
pito
pitota
pitrica
pit stop
pit stop de caralho
pituxinha
piunca
piupiu
pixana
pixel
pixeu
pixilanga
pixiquita
pixirica
pixoca
pixoroça
pixorra
pixota
pixuguinha
pixula
pixuluca
pixureta
pixuruca
pizza de cabelo
placa mãe
planta carnívora
playcenter peludo
playground
playground de esperma
playground de tarado
pleura
ploncha
plug
poção
poça roxa

pochete
pochola
pocilga
pocinho de gala
poço
poço da alegria
poço de esperma
poço de gozo
poço de porra
poço do fedor eterno
poço do meu elevador
poço dos desejos
poço felpudo
poço raso
poço sem fundo
poderosa
põe porra
põe pra dentro
popfop
point dos carecas
poita
pokebola
polaca
polala
polenta
polidora de pênis
pomba
pomba lesa
pombanha
pombão
pomba rola
pombinha
pomboca
pombosa
pompom
ponta aguda
ponto de partida
popica
popoadora
popoca
popola
popota
popotinha

poçrita
porão
porca do parafuso
pornbinha
porontchesca
pororoca
porquita
porta
porta bambu
porta bandeira
porta broca
porta caralho
porta charutos
porta da esperança
porta da fábrica
porta da frente
porta da vida
porta de entrada
porta do bebê
porta do mundo
porta esperma
porta incenso
porta jeba
porta lápis de itu
portal pro céu
porta luva
porta mandorova
porta níqueis
portão de jade
portão do inferno
porta pau
porta pica
porta picolé
porta porra
porta pra vida
porta que nunca fecha
porta salsicha
porta taco
porta trecos
porta tromba
porta usb
porteira
porteira da felicidade

porteira do caralho
porteira do inferno
porteira do mundo
porteira do prazer
por trás da moita
possuídos
potichonga
potinho fedido
potranca
potrancuda
pousada de caralho
pousada do bilau
poxanga
prazerosa
precheca
precheca cabeluda
prechereca
preciosa
predadora
preferência nacional
preguicosa
prejereba
preluda
prenda
prendas
prendedor de língua
prendedor de pau
prendinha
preola
preparada
presunto
preta
pretinha
preto
preula
prexana
prexeca
prexela
prexerela
prexeta
prexexa
prexilda
prexoca

prexureca
primavera
princesa
princesinha
priquiteira
priquitita
priquito
prissiguída
prochaca
procurada
profana
professora de língua
professora do meu caralho
proibida
proibido
pronta pra meter
protetora de pinto
provadora de salame
provador de camisinha
pudding de pelo
punheta automática
purupupuca
pururuquinha
puxuroca
quadradinha
quadro
qualhada
qualhadeira
quarteirão com queijo
quase lá
quebra pinto
queca
queijinho
queijo parmesão
que lambe
quem me quer
quentinha
querida
queridinha
queridinha da mamãe
queridinha do papai
quero mais
que vara

quibane
quicas
quilha
quinta
quiquina
quiquinha
quiquiriquina
quiquita
quirica
quita
quitanda
quitinha
rabecão
rabico
rabuda
ração
racha
rachadinha
racha do papai
rachadura
rachadura peluda
rachazon
racho
rádio toca siririca
ragadinha
ragatanga
rainha da escuridão
rainha dos membros
raja
raladora do meu pinto
rala pau
rala pica
ralinha
rambóia
ranca toco
ranides
ranifrange
rapadura
rapariga
rapariga de bigode
rasgada
rasgadeira
rasgo da faca

raspadinha
raspa pênis
rastafári
rata
ratinha
ratora
raul seixas
rebimboca
rebimboca da parafuseta
rebuçetéia
recanto
recanto da chibata
receptáculo de esperma
receptora
receptora de amor
recheio de sonho
recheio do sonho
reciclador de humanos
reco-reco
recreio
redonda
reganhada do golias
rego
rego de mijar
repartição pública
repartida
repolho
requeijuda
reservatório
reservatório de esperma
retífica de caralho
riteca
ritinha
rivinha
rô
rocadora
rocambole
rocinha
rodete
rogeca
rogequina
rogerzita
rola

rolândia
rolinha
rolódromo
roma
romaria
rombo
ronaldinha
ronhonho
rorocão
roroquina
rosa
rosa escondida
rosal vagina
rosinha
rosquinha
rua sem saída
rueleira
rulinha
ruptura
saboreandi
saca rola
sacha
saco de dormir
saco de pão
sadia
safada
saída de filho da puta
saída de incêndio
saída pela frente
sala
sala de comer
sala de estar
sala de visitas
sala do puto
salamandra
salário mínimo
salgadinha
salmonella
samambaia
samara
samaritana
sandona da orgia
sanduíche

sanduíche de macho
sanduíche de mortadela
sanduíche de pão árabe
sandy
sanguessuga
sanguinária
santinha
sapão
sapeca
sapinha encantada
sapo
sapólio
sapo verde
sara irmã do eliseu
sarara crioulo
sararu cú de pau
saroca
sashimi mijado
sassá mutema
savana
scargot
schumole
seção lazer
seção privê
seção umectada
secreta
segredo
segundab oca
segunda língua
segura peão
self service
selva
sem ela eu não vivo
sem ela não precisaríamos de mulher
sem lacre
sem vergonha
senaita
senisga
senta o pau
serra pelada
serraria
seta do prazer

setenta cavalos
setor de embarque
seu fedô
sgt dorotéa
shangrilá
sharon
shawasca
sheila
sheilinha
shibiu
shiranha
shnozer
shoyu do meu yakisoba
sineta
sininho
sinistra
sino de igreja
siri
sirica
siriema
sirigaita
sisterna de porra
slot
smile
smurfete
snaita
sobrinha
soca côco
socaí
socapimcanela
soca pinto
soca rola
soca rolha
soca saco
soco do gugu
sofrida
sombrancelha dupla
some vara
sonho de travesti
sonho meu
sonho recheado
sopa de rola
só para os baixinhos

sopinha
soquete cavalari
sorca
sorriso vertical
sorvete quente
sossega rola
sovaco da perna
spazolla
spazollona
strudel
suada
suadinha
suculenta
sugadora
sugadora de pinto
suga pau
suga rola
sundo
super poderosa
super xana
supimpa
supla
suporte de caralho
suporte para pênis
suprema
surinapa
sururu
sushi
suvaco de coxa
suvaco do sul
tabaca
tabacão
tabaco
tabaqueiro
tabaquinha
tabaquira
tabernáculo das rolas
tacebu
tacha
tacho
taco de presunto
taião
taioba

taio feio
taiuda
talha leite
talhão
talho
taliba
tamancada na cachorra
tamancada na cadela
tamanduá
tamatia
tambá
tambarere
tamberere
tamharere
tampão
tanara
tandera
tangerina
tangerina do nordeste
tapioca
tapioca de pica
taquara rachada
tarântula
tarântula negra
tareco
tarolis
taroque
tarrachopau
tarraqueta
tarrota
tartaruga
tatinha
tatu
taturana
taz
tchaca
tchakinha
tchan
tchanaraina
tchanga
tchê
tcheca
tchecoslováquia

tchola
tchonga
tchurrasnas
tchutchuca
tchutchuquinha
tchutchura
teca
tefe
tega
téia
tela
telescópio de feto
temeroso
temperada
tempera pepino
tempero de bigode
tempra todos
tentação
tentação do caralho
tentação do diabo
teresa
teresa batista
teresuda
terracha
terraço das jóias
terreno suado
tesoura
tesouro
tesouro de pirata
tesouro de pobre
tesouros
testa
testa alta
testa cabeluda
testa de peba
testador de batina
testa larga
testão
testão envergado
test drive de pau
testinha cabeluda
testuda
tetê

teteco
tetéia
thayná
thelastline
thequinha
thirda
tia
tia beth
tiazona
tibúrcia
ticha
tiche
tichim
tieta
tigela
tigela com pelos
tijela com pelos
tika
tilanga
tilidinha
timbo
timida
tintim
tipa
tira leite
tirana
tira prosa
tira prova
tira prova de homem
titanic
titi
titia beicuda
titita
tititinha
tito
tobinha
tobogã de espermatozóide
toca
toca da bengala
toca da coruja
toca da manjuba
toca da moita
toca de cobra

toca de gnomo
toca de serpente
toca do caralho
toca do coelho
toca do coiote
toca do diabo
toca do palhaco
toca dos gatos
toca dos pintos
toca do tatu
toca do thyro
toca doze
toca encantada
tocha cubana
toco de amarrar bode
toco de amarrar pica
toioba
tomada
tomba macho
tonha
topa
topetuda
torneadora de pinguelo
torta
toshibinha
toskerao
totó
totoca
totoin
totonha
totosa
toucinho de segunda
trapos
tratorzão
trave
travesseirinho
travesseiro
trem da alegria
trem partido
trem que pula
trem rachado
trenzin mais delicadin
trepadeira

trepanzeira
trevo
triângulo
triângulo das bermudas
triângulo do prazer
triângulo escaleno
triângulos sem bermudas
trica
trinca
trincada
trinca ferro
trinca pau
tripa gaitera
triturador de rola
troca óleo
trocinha
troféuzinho
trololó
truta
tubaina fudida
tubaina funada
tubi
tubo
tubo de conexão
tubo de ensaio
tudo de bom
tufinho
tuíte
túnel
túnel do afogamento
túnel do amor
túnel do jegão
túnel do prazer
túnel do rossio
túnel do tempo
ubirajara
ubué
uhterere
uiui
under beijo
urinosa
urna
ursa

ursa maior
ursinho de pelúcia
usada
usb frontal
usurpadora
uva passa
vadjaina
vagabunda
vagenina
vagilene
vagina
vaginacéa
vaginalda
vaginaldo
vaginéia
vagineuda
vaginilda
vagininha
vaginona
vai que dá
vajoca
vale da aguinha
vale do eco
vale encantado
vale sagrado
valeta
valeta de corrimão
valetinha
valgina
valiosa
vanderléia
vandinha
vantajosa
vão
vão pro caralho
varejeira
vargina
vasilhame
vaso
vaso dianteiro
vavá
veado
vectra

vejudazinha
velcro
veludo
vem cá
vem pro papai
vem que eu to querendo
venta
vênus
vera cabeluda
vergonha
vergonhas
vermelhinha
verusca
vesúvio
viadinha
vias de feto
viciada
vicilda
videoin
viela funda
vira casaca
virgem se o caralho for fresco
virgília

virgina
virginha
virgínia
vitaminada
vitrine
viúva negra
viva
vizinha do cu
vombarda
vomita pra dentro
voracenta
vulva
xana
xandanga
xarifa
xarife
xavasca
xavasquinha
xerea
xereba
xereca
xerelaine
xerequinha

xerereca
xexeca
xexeu
xiba
xibilica
xibiu
xinim
xinxá
xinxim
xiranha
xiri
xirica
xiruba
xixi
xixim
xixita
xixitu
xoleira
xota
xoxota
xuxa
zé da véstia
zezinha

ANEXO IV

CORPUS RELATIVO À VULVA EM LÍNGUA ITALIANA

<i>acquasantiera</i>	<i>bigioia</i>	<i>castagna</i>
<i>afflosciapertiche</i>	<i>bignè</i>	<i>catinella</i>
<i>albicocca</i>	<i>bisaccia</i>	<i>caverna</i>
<i>america</i>	<i>bistecca col pelo</i>	<i>cavicchia</i>
<i>amichetta</i>	<i>boatta</i>	<i>cavità</i>
<i>anello</i>	<i>bocca</i>	<i>cazza</i>
<i>anitra</i>	<i>bocciolo</i>	<i>cecca</i>
<i>anonima sequestri</i>	<i>bomboniera</i>	<i>cella</i>
<i>antro tetro</i>	<i>borsa</i>	<i>centrillo</i>
<i>armadio</i>	<i>boschetto</i>	<i>centro dell'universo</i>
<i>astuccio</i>	<i>boschiva</i>	<i>cespuglio</i>
<i>azzittapreti</i>	<i>bottega</i>	<i>cesto</i>
<i>baffa</i>	<i>braciola</i>	<i>cestunia</i>
<i>bafiona</i>	<i>bresaola</i>	<i>cetra</i>
<i>bagascia</i>	<i>bresaolona</i>	<i>chiavica</i>
<i>bagasciona</i>	<i>bregna</i>	<i>chitarra</i>
<i>bagerda</i>	<i>bricia</i>	<i>chitarrina</i>
<i>bagiana</i>	<i>brigna</i>	<i>ciabatta</i>
<i>baia dei porci</i>	<i>brioche</i>	<i>ciaccara</i>
<i>balusa</i>	<i>brisca</i>	<i>ciambella</i>
<i>baratro</i>	<i>brodo</i>	<i>cianno</i>
<i>barattolo</i>	<i>brodosa</i>	<i>cicala</i>
<i>barbana</i>	<i>brugna</i>	<i>ciccia</i>
<i>barbiciola</i>	<i>buco</i>	<i>cicciabaffa</i>
<i>barbisa</i>	<i>buchino santo</i>	<i>cicedda</i>
<i>barca</i>	<i>buco</i>	<i>ciceta</i>
<i>baretta</i>	<i>buco nero</i>	<i>cicito</i>
<i>bartana</i>	<i>budello</i>	<i>cilla</i>
<i>bartòca</i>	<i>bug d'la piscia</i>	<i>cillina</i>
<i>barza</i>	<i>burrino</i>	<i>cimosa</i>
<i>barzigola</i>	<i>camino</i>	<i>ciola</i>
<i>basagna</i>	<i>campana</i>	<i>cionna</i>
<i>becchina</i>	<i>canappa</i>	<i>ciorcila</i>
<i>belàn</i>	<i>cancello di giada</i>	<i>ciorciola</i>
<i>bernarda</i>	<i>cappello russo</i>	<i>ciorgna</i>
<i>berta</i>	<i>carne</i>	<i>ciospa</i>
<i>bestia</i>	<i>casa</i>	<i>ciotola</i>
<i>bicchiere</i>	<i>casa delle delizie</i>	<i>ciprea</i>

<i>ciscia</i>
<i>ciuccia</i>
<i>ciuèta</i>
<i>ciufeca</i>
<i>ciuffola</i>
<i>ciunna</i>
<i>cocca</i>
<i>cocchia</i>
<i>concheddu</i>
<i>conchiglia</i>
<i>conno</i>
<i>conno petulante</i>
<i>connu</i>
<i>conto in banca</i>
<i>cornucopia</i>
<i>cosa</i>
<i>cosa piccola</i>
<i>cosa pelosa</i>
<i>cosettina</i>
<i>cosina</i>
<i>cotalina</i>
<i>coteca co lo pilo</i>
<i>cozza</i>
<i>cozzapesca</i>
<i>crepaccia</i>
<i>crossara</i>
<i>cudda</i>
<i>culina</i>
<i>culla</i>
<i>cunna</i>
<i>cunicolo</i>
<i>cunno</i>
<i>cunnu</i>
<i>curcio</i>
<i>delta di venere</i>
<i>dogana</i>
<i>dove che te pissi</i>
<i>effetto serra</i>
<i>el garage del me picciu</i>
<i>faccenda</i>
<i>faddacca</i>
<i>fagianana</i>
<i>fagiolina</i>

<i>falla</i>
<i>farda</i>
<i>farfalla</i>
<i>farfallina</i>
<i>farsora</i>
<i>fasulara</i>
<i>favo di miele</i>
<i>fecca</i>
<i>ferita</i>
<i>fessa</i>
<i>fessura</i>
<i>fia</i>
<i>fica</i>
<i>ficaccia</i>
<i>fica dentata</i>
<i>fiche fameliche</i>
<i>fichetta</i>
<i>ficonna</i>
<i>ficussècca</i>
<i>fidec</i>
<i>figa</i>
<i>figa smaneda</i>
<i>fighetto</i>
<i>figona</i>
<i>figone</i>
<i>filettina</i>
<i>filiberta</i>
<i>filippa</i>
<i>filippina</i>
<i>finestra</i>
<i>finestrella</i>
<i>finocchio</i>
<i>fiocca</i>
<i>fiora</i>
<i>fiore</i>
<i>fiore purpureo</i>
<i>fiorellino</i>
<i>fiorellinu</i>
<i>firillacchera</i>
<i>fisarmonica</i>
<i>fischiarola</i>
<i>fissa</i>
<i>foca</i>

<i>focolare</i>
<i>fodero</i>
<i>fogna</i>
<i>folpa</i>
<i>fontana</i>
<i>fonte</i>
<i>foresta</i>
<i>formaggiera</i>
<i>fornello</i>
<i>forno</i>
<i>fortuna</i>
<i>fosso</i>
<i>fracoscio</i>
<i>fragolina</i>
<i>fregna</i>
<i>fregno</i>
<i>fresca</i>
<i>frice</i>
<i>fritella</i>
<i>frittola</i>
<i>frize</i>
<i>fru fru</i>
<i>frutto</i>
<i>fufina</i>
<i>fuinera</i>
<i>fungia</i>
<i>gabbia</i>
<i>gabbia del pipino</i>
<i>galleria</i>
<i>gattaiuola</i>
<i>gata mora</i>
<i>gattina</i>
<i>gatto</i>
<i>giardino</i>
<i>giggia</i>
<i>gioia</i>
<i>gioiello</i>
<i>gnacchera</i>
<i>gnagna</i>
<i>gnocca</i>
<i>gnocco</i>
<i>gola profonda</i>
<i>gonza</i>

<i>gnasse</i>
<i>gneise</i>
<i>grannaio</i>
<i>grattugia</i>
<i>grotta</i>
<i>guersa</i>
<i>il davanti</i>
<i>il dinanzi</i>
<i>immortale</i>
<i>ingresso principale</i>
<i>intacca</i>
<i>intimità</i>
<i>iummenta</i>
<i>la</i>
<i>l'amica che gira in pelliccia anche in pieno agosto</i>
<i>la fammela vedere</i>
<i>la parte bassa</i>
<i>la parte dalla quale nasciamo</i>
<i>lei</i>
<i>lettera</i>
<i>le ragazze</i>
<i>lira</i>
<i>loscia</i>
<i>lucia</i>
<i>luccio passetto</i>
<i>lumachella</i>
<i>lurba</i>
<i>macchina</i>
<i>machineta</i>
<i>madre di tutte le battaglie</i>
<i>mafalda</i>
<i>marianna la va in campagna</i>
<i>matrice</i>
<i>mela cotogna</i>
<i>meringa alla fragola</i>
<i>micia</i>
<i>'mboffa</i>
<i>'mmoffa</i>
<i>molle caverna</i>
<i>mona</i>
<i>mona bernarda</i>
<i>mona lisa</i>

<i>monazza</i>
<i>monna</i>
<i>morfea</i>
<i>mortaio</i>
<i>mozza</i>
<i>musina</i>
<i>mussa</i>
<i>muzza</i>
<i>naftalina</i>
<i>narda</i>
<i>nascondiglio</i>
<i>natura</i>
<i>nicchia</i>
<i>nicchio</i>
<i>n'doddi</i>
<i>nido</i>
<i>ninfa</i>
<i>ninferno</i>
<i>nocca</i>
<i>noce</i>
<i>occhio che più piange quanto più è felice</i>
<i>orchestra</i>
<i>orchidea</i>
<i>organetto</i>
<i>orticello</i>
<i>orto d'amore</i>
<i>ovale</i>
<i>ovato</i>
<i>pacca</i>
<i>pacchiarello</i>
<i>pacchio</i>
<i>paciana</i>
<i>pacianca</i>
<i>paciocca</i>
<i>pacioccio</i>
<i>padonza</i>
<i>paffia</i>
<i>pane</i>
<i>panaro</i>
<i>pantaschella</i>
<i>paradiso</i>
<i>parpaglia</i>

<i>parpagna</i>
<i>parpagnacca</i>
<i>parrocchia</i>
<i>parrucca</i>
<i>passera</i>
<i>passerina</i>
<i>patacca</i>
<i>pataffiola</i>
<i>patagnacca</i>
<i>patagnocca</i>
<i>patana</i>
<i>patanona</i>
<i>pataracia</i>
<i>patasgionfa</i>
<i>patata</i>
<i>patatina</i>
<i>patonza</i>
<i>patonzina</i>
<i>patonzola</i>
<i>pattàle</i>
<i>pecchia</i>
<i>pecora</i>
<i>pelliccia</i>
<i>pelliccione</i>
<i>pelo</i>
<i>pelosa</i>
<i>pelotta</i>
<i>peluche</i>
<i>pennica</i>
<i>pentola</i>
<i>pepella</i>
<i>pertuso</i>
<i>pèrzeca</i>
<i>perzechèlla</i>
<i>pertescia</i>
<i>pertugio</i>
<i>pesca</i>
<i>pesca pelosa</i>
<i>pesce</i>
<i>pèschia</i>
<i>pescchia</i>
<i>petera</i>
<i>pettine</i>

<i>pettinicchia</i>
<i>picchia</i>
<i>picciacca</i>
<i>piccica</i>
<i>picciola</i>
<i>piccione</i>
<i>picciuffa</i>
<i>pillittu</i>
<i>pilu</i>
<i>pilusera</i>
<i>pinca</i>
<i>pipa</i>
<i>pisciaccia</i>
<i>pisciatoio</i>
<i>pisciòccla</i>
<i>pisciotto</i>
<i>pisella</i>
<i>pissa</i>
<i>pitaci</i>
<i>pitaffio</i>
<i>piva</i>
<i>poscia</i>
<i>porta</i>
<i>porta d'anteo</i>
<i>pota</i>
<i>potta</i>
<i>pozza</i>
<i>pozzo</i>
<i>prica</i>
<i>primo canale</i>
<i>proso</i>
<i>prugna</i>
<i>ptocca</i>
<i>pucchiacca</i>
<i>pucchiacchiera</i>
<i>pucciacca</i>
<i>pudenda</i>
<i>purtusu</i>
<i>puscio</i>
<i>pussi</i>
<i>putela</i>
<i>putturina</i>
<i>quella che guarda in terra</i>

<i>quella che non vede mai il sole</i>
<i>quella cosa</i>
<i>quella cosa là</i>
<i>ragna</i>
<i>rocca</i>
<i>rosa</i>
<i>sabongia</i>
<i>sacco a pelo</i>
<i>salata</i>
<i>salatina</i>
<i>salvadanaio</i>
<i>sancta sanctorum</i>
<i>sarchiapona</i>
<i>sartacena</i>
<i>sbarzifula</i>
<i>sbrinzia</i>
<i>sbrodèinna</i>
<i>scarafaggina</i>
<i>scarpa</i>
<i>scatola</i>
<i>scatola nera</i>
<i>scavurla</i>
<i>scedduattla</i>
<i>schiocca</i>
<i>scodella</i>
<i>scolapasta</i>
<i>seccacetrioli</i>
<i>secchio</i>
<i>sei</i>
<i>selega</i>
<i>selva</i>
<i>selva nera</i>
<i>sépa</i>
<i>sepolina</i>
<i>sepoltura</i>
<i>seppia con pelo</i>
<i>serratura</i>
<i>sfessa</i>
<i>sforna creaturi</i>
<i>sgàrzola</i>
<i>sgnacca</i>
<i>sgnacchera</i>
<i>sgnaua</i>

<i>sisca</i>
<i>sniacchera</i>
<i>solco</i>
<i>sorba</i>
<i>sorca</i>
<i>sorcona</i>
<i>sorriso verticale</i>
<i>sorgente</i>
<i>spacca</i>
<i>spaccazza</i>
<i>spacchiu</i>
<i>spacco</i>
<i>spaccozza</i>
<i>sporta</i>
<i>spremi cappella</i>
<i>sterea</i>
<i>sticchio</i>
<i>sticchiu</i>
<i>straccapipoli</i>
<i>strada</i>
<i>susina</i>
<i>tabacchèra</i>
<i>tabacchiera</i>
<i>tabernacolo</i>
<i>tacca</i>
<i>tacchina</i>
<i>tagliola</i>
<i>taglio</i>
<i>tamburella</i>
<i>tana</i>
<i>taratofola</i>
<i>tasca</i>
<i>tavola imbandita</i>
<i>tazza</i>
<i>tegame</i>
<i>tegia</i>
<i>terreno</i>
<i>tesoro</i>
<i>terzo occhio</i>
<i>testuggine</i>
<i>tipa</i>
<i>tondo</i>
<i>topa</i>

<i>topina</i>
<i>topola</i>
<i>topona</i>
<i>topone</i>
<i>toppa</i>
<i>tragica ferita</i>
<i>trappola</i>
<i>tre centesimi</i>
<i>trifola</i>
<i>troia</i>
<i>tunnel</i>
<i>udda</i>
<i>umido anello</i>
<i>urinale</i>
<i>uscio</i>
<i>vagia</i>
<i>vagina</i>
<i>valigia</i>
<i>valle delle rose</i>
<i>valpelosa</i>
<i>vallo</i>
<i>vaschetta</i>
<i>vaso</i>
<i>vello</i>
<i>venessia</i>
<i>vergogna</i>
<i>verza</i>
<i>vescicone</i>
<i>viola</i>
<i>vongola</i>
<i>zampiffera</i>
<i>ziette</i>
<i>zinne</i>
<i>zoccola</i>
<i>zucchero</i>
<i>zunno</i>

ANEXO V

CORPUS RELATIVO ÀS NÁDEGAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

ás-de-copas	fricandó	porta-malas
assento	fuleiro	posterior
atrás	fuzil	poupança
bagageiro	garupa	quijiba
balaio	gomos	quijila
banjo	guardapa	quiosque
bateria	hemisférios	rabada
beiju	holanda	rabadela
bife	içá	rabichola
brioco	jabá	rabiosque
bufarinheiro	jaca	rabioeste
bumbum	jatobá	rabiote
bumbunção	lândrias	rabisteco
bunda	loló	rabistequ
bunda de tico-tico	lombo	rabo
bundaça	lordo	rebembelas
bundão	mapa-múndi	recavem
bundeteta	marmota	relógio
cadeiras	mataco	retaguarda
canastro	mucumbu	sedém
caneco	nalgas	sedenho
cardã	onde as costas perdem o nome	sentante
carroceria	oriol	sesto
chambica	padaria	sobressalente
chandanga	panaro	supino
chicote	pandeiro	taioba
chocolateira	pebas	tambor
cola	pé-de-rabo	tanajura
cozinha-puxada-fora	plataforma	tralalá
culatra	pneu	traseiro
cuzumbu	pódice	trouxa
face-dos-quartos	polpas	tundá
fevereiro	poltronas	tutu
fiango	popa	vazios
fim-do-espinhaço	popo	xandangas
flaite	popô	

ANEXO VI

CORPUS RELATIVO ÀS NÁDEGAS EM LÍNGUA ITALIANA

<i>airbag</i>
<i>airbag passeggero</i>
<i>airbag posteriore</i>
<i>albicocche</i>
<i>ano</i>
<i>anone</i>
<i>antro</i>
<i>appennini</i>
<i>battipanni</i>
<i>baugigi</i>
<i>baule</i>
<i>bavarin</i>
<i>belvedere</i>
<i>buso</i>
<i>chiappe</i>
<i>chiappette</i>
<i>chiappona</i>
<i>chiappone</i>
<i>chiccherone</i>
<i>cocomero</i>
<i>cocomerone</i>
<i>cofano</i>
<i>coffa</i>
<i>colle</i>
<i>colle in fiore</i>
<i>cuate</i>
<i>culate</i>
<i>culatello</i>
<i>culetto</i>
<i>culigno</i>
<i>culo</i>
<i>daddo</i>
<i>deretano</i>
<i>didietro</i>
<i>discarica</i>
<i>figa del 2000</i>
<i>fischietto</i>
<i>fischio</i>
<i>fodero per cazzo</i>
<i>fodero per lingua</i>
<i>fogna</i>
<i>fognatura</i>
<i>fondello</i>
<i>fondoschiene</i>
<i>foro</i>

<i>fortuna</i>
<i>gaetano</i>
<i>galleria</i>
<i>glutei</i>
<i>là-dove-non-batte-il-sole</i>
<i>lancia fumogeni</i>
<i>lanciamerda</i>
<i>mandolino</i>
<i>mappamondo</i>
<i>mazzo</i>
<i>natiche</i>
<i>nocchia</i>
<i>obice</i>
<i>occhio cieco</i>
<i>occhiomarrone</i>
<i>occhio vento</i>
<i>oceano</i>
<i>pacco</i>
<i>panettone</i>
<i>pertugio</i>
<i>popò</i>
<i>popone</i>
<i>portabagagli posteriore</i>
<i>portaerei</i>
<i>portamerda</i>
<i>portasigari</i>
<i>portassiàbola</i>
<i>posteriore</i>
<i>retro</i>
<i>scarico</i>
<i>seconda figa</i>
<i>secondo buco</i>
<i>secondo canale</i>
<i>sedere</i>
<i>sederone</i>
<i>terzo buco</i>
<i>terzo canale</i>
<i>trono</i>
<i>ulo</i>
<i>urso</i>
<i>venticello</i>
<i>vulcano</i>
<i>zero</i>

ANEXO VII

CORPUS RELATIVO AO ÂNUS EM LÍNGUA PORTUGUESA

alvado
ananás
anel
anelão
anel-de-carne
anel-de-couro
apertante
apito
apolônio
arcabuz
argola
aro
asculhos
ás-de-copas
assobieiro
bateria
berba
besbelho
bichinho que faz fuuu
bile
biu-biu
boca-de-caçapa
boca-de-velha
bocal
boca-murcha
boga
bomba
boréu
botão
botico
bozó
brioco
brioso
brizu
broa
broca
brote
bubu
bufante
bugueiro
buraco
buzeco
buzico
buzunfã
cabo
caçapa

caixa
canal
caneco
cano-de-escape
canto escuro
carimbo-do-icó
cego
centro-do-oiti
chambica
chicote
cibazol
cifra
cola
couve
croaca
cu
culeiro
culiceu
culo
cuzumbu
dentrol
derna
disco
distinto
entrada de serviço
farinheiro
fedegoso
federal
fedorento
feijoeiro
felipe
fevereiro
fiandeiro
fiango
fiantã
ficha
figo
figueiredo
fim do espinhaço
fió
fiofó
fioto
flandre
<i>flash-light</i>
flor roxa
foba

fon-fon
fonoro
fopa
formigueiro
formiróide
forno
fosquete
franzido
frapa
freguesia-do-icó
frinfa
fufu
fundo
funil
furico
furo
fute
futrico
fuzil
ganha-pão
girassol
goiaba
gregório
heliodoro
holofote
ico
idi
jatobá
lata
loló
lugar onde o sol não bate
lugar que não vê o sol
mealheiro
meio
mosca
mosquito
mucumbuco
nó
ó
oiti
oito
olho-cego
olho-de-goiaba
olho-de-porco
olho-do-cu
olhota

oropa
panela
patrona
pé-de-boga
pelado
pevide
piscante
podex
pódice
popa
porta de serviço
porta dos fundos
porta errada
porvarino
pregas
pregueado
pretinho
puíto
quijila
quincas
quiosque
rabada
rabicho
rabo

radô
redondo
rigoleta
roda
rodinha
rosa
rosca
roscofe
roseta
rosquete
rosquinha
roxinho
sedal
sedém
sezzo
severino
sim-sinhô
soprador
subilatório
substantivo
sundo
tainho
talo
tareco

tarraqueta
tintureiro
toba
tobi
toínho
tostão
tripa-gaiteira
tubi
tusta
urna
vaso preto
vaso traseiro
verso
versúvio
vintém
zé-da-vestia
zeferino
zenóbio
zero
ziquerônio
zorobó

ANEXO VIII

CORPUS RELATIVO AO ÂNUS EM LÍNGUA ITALIANA

<i>anello</i>	<i>gnaò</i>	<i>taràl</i>
<i>bacillo</i>	<i>gnanfer</i>	<i>tártera</i>
<i>bavèl</i>	<i>ghicc</i>	<i>tombino</i>
<i>bavarìn</i>	<i>giacca</i>	<i>tondín</i>
<i>bicchiere</i>	<i>gnaf</i>	<i>tortór</i>
<i>bisinissi</i>	<i>gregorio</i>	<i>tortorìn</i>
<i>bombè</i>	<i>liuto</i>	<i>trono</i>
<i>boro</i>	<i>martin</i>	<i>umido anello</i>
<i>braso</i>	<i>mazzo</i>	<i>zezza</i>
<i>brèn</i>	<i>nasa</i>	
<i>brunàl</i>	<i>nocchia</i>	
<i>buchetto</i>	<i>nocciola frutto sferico</i>	
<i>bucio de l'allegria</i>	<i>obice</i>	
<i>buco buio</i>	<i>orifizio</i>	
<i>buco del sedere</i>	<i>orto</i>	
<i>buco oscuro</i>	<i>orto botanico</i>	
<i>budriè</i>	<i>pèrtus de j'erbètte</i>	
<i>cacapane</i>	<i>pernice</i>	
<i>canàfio</i>	<i>pesco</i>	
<i>canàppia</i>	<i>pieghe</i>	
<i>caramàl del duca</i>	<i>pitriano</i>	
<i>caretto</i>	<i>pituano</i>	
<i>chicherone</i>	<i>porta i sagristia</i>	
<i>cifunéra</i>	<i>portassiàbola</i>	
<i>coffa</i>	<i>posteriore</i>	
<i>culetto</i>	<i>pozzo</i>	
<i>culo</i>	<i>proso</i>	
<i>daddo</i>	<i>quel paese</i>	
<i>dào</i>	<i>retto</i>	
<i>daòto</i>	<i>rucca</i>	
<i>dàu</i>	<i>secchio</i>	
<i>fabbrica d'i cicculàtti</i>	<i>sedere</i>	
<i>fabria</i>	<i>sesìn</i>	
<i>fabrian</i>	<i>sior fabriàn</i>	
<i>fabriano</i>	<i>stirasicchio</i>	
<i>fischio</i>	<i>sordo</i>	
<i>fiùra i cinqu</i>	<i>stirasicchio</i>	
<i>fóff</i>	<i>tacco</i>	
<i>foveletto</i>	<i>taff</i>	
<i>furnacella</i>	<i>tàitu</i>	
<i>gabàss</i>	<i>tamburo</i>	
<i>gnàbel</i>	<i>tapéo</i>	

ANEXO IX

CORPUS RELATIVO AOS TESTÍCULOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

acessório
adorno
andujos
atributos
badameco
bagaço
bagos
balagandãs
boiotas
bolas
bolas de queixa
bolotas
brincos
cacho-de-coco
cacho-de-uva
cachos
cocos
colarinhos
colhão
coletes
cunhão
dependureza
fava
gamboa
gandolas
gorogojó
grãos
guizos
manicos
maniplo
manípulos
maracujá-de-cambada
marmelos
matutagem
maxixes
mermons
mochilas
mormões
oveiro
ovo
pacova
pelota
peras

quiiba
quilebres
quimbas
quitos
saco
timbales
tomates
tomates do padre inácio
trapiá
trouxas
vasos

ANEXO X

CORPUS RELATIVO AOS TESTÍCULOS EM LÍNGUA ITALIANA

<i>ámoli</i>
<i>badée</i>
<i>ban tiraa in pee</i>
<i>balauster</i>
<i>ball</i>
<i>balla</i>
<i>balle</i>
<i>ballottol</i>
<i>baravàj</i>
<i>barlafus</i>
<i>barolè</i>
<i>bartolamee</i>
<i>bicciolàn</i>
<i>bocette</i>
<i>bricòccalo</i>
<i>brugne</i>
<i>campée</i>
<i>carnali</i>
<i>ciondoloni</i>
<i>coglioni</i>
<i>collaterali</i>
<i>colossei</i>
<i>contrappesi</i>
<i>cood'aj</i>
<i>coràj</i>
<i>corbello corbelloni</i>
<i>cordoni</i>
<i>cugini</i>
<i>cuggini</i>
<i>didimo</i>
<i>facioli</i>
<i>fagioli</i>
<i>fagiolone</i>
<i>fazoritt</i>
<i>fave</i>
<i>fin verones</i>
<i>fratelli</i>
<i>fritto</i>
<i>fritur</i>
<i>fritura</i>
<i>gândoll</i>
<i>gemmelli</i>
<i>genitali</i>
<i>gh'ban ditt sonaj oeuv senza guss</i>

<i>giucarelli</i>
<i>ghiandolaseminale</i>
<i>ghiandolaspermatica</i>
<i>gnocchi</i>
<i>gonadi</i>
<i>granéj</i>
<i>granelli</i>
<i>guallera</i>
<i>janne</i>
<i>mànnole</i>
<i>marobèi</i>
<i>marrone</i>
<i>marroni</i>
<i>menùs</i>
<i>minchioni</i>
<i>mi stivali</i>
<i>nespole</i>
<i>ova</i>
<i>palla</i>
<i>palle</i>
<i>pendagli</i>
<i>pendenti</i>
<i>penolini</i>
<i>per nominà i cojon</i>
<i>pes</i>
<i>pesi</i>
<i>piccola borsa</i>
<i>piggionanti</i>
<i>prugne</i>
<i>quanti parentell</i>
<i>quattorde sold</i>
<i>rognoni</i>
<i>ròse</i>
<i>scatole</i>
<i>scroto</i>
<i>segond nadar</i>
<i>signori di citta</i>
<i>sold</i>
<i>sonagli</i>
<i>sonaji</i>
<i>tasche</i>
<i>tartàcole</i>
<i>testicol</i>
<i>tòdaru</i>
<i>toder</i>

<i>tòtani</i>
<i>tripé</i>
<i>uova</i>
<i>veronés</i>
<i>zabbedei</i>
<i>zanétt</i>
<i>zanón</i>
<i>zarelli</i>
<i>zéder</i>
<i>zeri</i>

ANEXO XI

CORPUS RELATIVO AOS SEIOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

abóboras
<i>air-bag</i>
bico
bitela
biteta
botão-rosa
busto
buzinas
colchão
cuscuz
dois vinténs numa meia
jeroma
leiteria
limões
lolôs
maçã
malacas
mamões
mamilos
marmelos
melancias
mochilas
montes
muxibas
odrezinhos
pães-de-açúcar
pára-quadras
peitaço
peitaria
peito
peito de pomba
pimpolhos
poma(s)
pomos
prateleiras
pudding
recheios
tetas
tetês
tetinhas
travesseiros
úbere

ANEXO XII

CORPUS RELATIVO AOS SEIOS EM LÍNGUA ITALIANA

<i>aerostati</i>	<i>cose</i>	<i>poppe</i>
<i>airbag</i>	<i>crème caramel</i>	<i>poppine</i>
<i>allattapopoli</i>	<i>cristalliere</i>	<i>poppole</i>
<i>alpi</i>	<i>cuscini</i>	<i>promontori</i>
<i>ande</i>	<i>davanzale</i>	<i>provole</i>
<i>appennini</i>	<i>dirigibili</i>	<i>provole di bufala</i>
<i>biberon</i>	<i>dune</i>	<i>provoloni</i>
<i>bicilindrica</i>	<i>fiaschi</i>	<i>puntacapezzoli</i>
<i>bisacce</i>	<i>gemelle</i>	<i>puntellone</i>
<i>bisboccia</i>	<i>gemelline</i>	<i>pupe</i>
<i>boa</i>	<i>ghiande</i>	<i>puppe</i>
<i>bobine</i>	<i>ghiandole</i>	<i>roberte</i>
<i>bocce</i>	<i>giberne</i>	<i>roberti</i>
<i>bocciofila</i>	<i>globi</i>	<i>rotoloni regina</i>
<i>bocie</i>	<i>gomitoli</i>	<i>sfere</i>
<i>boge</i>	<i>latteria</i>	<i>sgarba</i>
<i>bombarde</i>	<i>latterie riunite</i>	<i>siliconi</i>
<i>bombe</i>	<i>lecca lecca</i>	<i>sode</i>
<i>bombole</i>	<i>macchine da latte</i>	<i>sorchianti</i>
<i>borchie</i>	<i>mameli</i>	<i>sorelle bandiera</i>
<i>borracce</i>	<i>mammelle</i>	<i>sorelle mongolfier</i>
<i>borse sacca</i>	<i>melanzane</i>	<i>spagnole</i>
<i>bortelli</i>	<i>meloni</i>	<i>spagnolone</i>
<i>boschi</i>	<i>menn</i>	<i>spianate</i>
<i>bottiglie</i>	<i>menne</i>	<i>susine</i>
<i>brande</i>	<i>minna</i>	<i>tazze</i>
<i>bricòccalo</i>	<i>minnazze</i>	<i>tette</i>
<i>brioche</i>	<i>minne</i>	<i>tettine</i>
<i>brocche</i>	<i>mongolfiere</i>	<i>tettone</i>
<i>bubboni superiori</i>	<i>mozzarelle</i>	<i>tuberi</i>
<i>budino</i>	<i>mozzarelline</i>	<i>valvole</i>
<i>bufale</i>	<i>noci di cocco</i>	<i>vertole</i>
<i>burale</i>	<i>occhi</i>	<i>vette</i>
<i>caciotte</i>	<i>padelle</i>	<i>via lattea</i>
<i>camere d'aria</i>	<i>palle da bowling</i>	<i>vulcani</i>
<i>capetielle</i>	<i>paraurti</i>	<i>zampillone</i>
<i>centrale del latte</i>	<i>pere</i>	<i>zampogne</i>
<i>ciucce</i>	<i>petti</i>	<i>zezze</i>
<i>ciuce</i>	<i>piccioni</i>	<i>zie gemelle</i>
<i>clacson</i>	<i>pigna</i>	<i>zinne</i>
<i>cocomere</i>	<i>piticchi</i>	<i>zinnelle</i>
<i>cocomeri</i>	<i>pizzoccheri</i>	<i>zizza</i>
<i>collinette</i>	<i>pocce</i>	<i>zizze</i>
<i>conchetta</i>	<i>pompelme</i>	<i>zizzirinelle</i>
<i>coni</i>	<i>popi popi</i>	<i>zucche</i>
<i>coppe di champagne</i>	<i>poponi</i>	

Autorizo a reprodução xerográfica deste trabalho.

São José do Rio Preto, 13 de novembro de 2009.

Vivian Orsi